

A GUARDIÃ
DA MINHA IRMÃ

JODI
PICOULT

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES



Livro que
deu origem
ao filme
*Uma prova
de amor*



A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 1

Agradecimentos

Como mãe de uma criança que foi submetida a dez cirurgias em três anos, gostaria em primeiro lugar de agradecer aos médicos e aos enfermeiros que por rotina lidam com os piores momentos que uma família pode enfrentar e suavizam as arestas: ao Dr. Roland Eavey e aos enfermeiros pediátricos do Mass. Olhos e Ouvidos - obrigada pelo final feliz da vida real. Enquanto escrevia Para a Minha Irmã, como sempre, apercebi-me do pouco que sei, e do quanto me apoio na experiência e no intelecto de outros. Por me permitirem inspirar-me nas suas vidas, pessoal e profissionalmente, ou por sugestões de puro gênio literário: obrigada Jennifer Sternick, Sherry Fritzsche, Giancarlo Cicchetti, Greg Kachejian, Dr. Vincent Guarerra, Dr. Richard Stone, Dr. Farid Boulad, Dr. Eric Terman, Dr.

James Umlas, Wyatt Fox, Andréa Greene e Dr. Michael Goldman, Lori Thompson, Synthia Follensbee, Robin Kall, Mary Ann McKenney, Harriet St. Laurent, April Murdoch, Aidan Curran, Jane Picoult e JoAnn Mapson. Por me tornarem ajudante por uma noite, e parte de uma equipa de bombeiros voluntários: agradeço a Michael Clark, a Dave Hautanemi, a Richard "Pachorrento" Low e a Jim Belanger (que também merece uma medalha de ouro por editar os meus erros). Por me apoiarem tanto, agradeço a Carolyn Reidy, Judith Curr, Camille McDuffie, Laura Mullen, Sarah Branham, Karen Mender, Shannon McKenna, Paolo Pepe, Seale Ballenger, Anne Harris e ao indómito departamento comercial da Atria. Por ser a primeira a acreditar em mim, os meus sinceros agradecimentos a Laura Gross. Pela orientação extraordinária e por me conceder liberdade para levantar vôo, agradeço sinceramente a Emily Bestler. A Scott e Amanda MacLellan e a Dave Cranmer - que me proporcionaram uma visão dos triunfos e das tragédias de se viver o dia-a-dia com uma doença fatal - obrigada pela vossa generosidade, e desejos de um futuro longo e com saúde.

E, como sempre, agradeço ao Kyle, ao Jake, ao Sammy e sobretudo ao Tim, por serem a coisa mais importante na minha vida.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 2

Prólogo

Ninguém dá início a uma guerra - ou melhor, ninguém no seu juízo perfeito deve fazê-lo - sem que antes esteja claro na sua mente o que pretende alcançar através dessa guerra e como pretende conduzi-la.

— CARL VON CLAUSEWITZ, Vom Kriege

Nas minhas primeiras memórias, tenho três anos e estou a tentar matar a minha irmã. Por vezes a lembrança é tão viva que me consigo lembrar da comichão que a fronha da almofada fazia debaixo da minha mão, da ponta aguçada do seu nariz contra a minha palma. Ela não tinha hipóteses face a mim, é claro, mas mesmo assim não resultou. O meu pai apareceu, preparando a casa para a noite, e salvou-a. Ele levou-me para a minha cama.

— Isto-disse-me ele-nunca aconteceu.

Quando crescemos, eu parecia não existir, excepto em relação a ela. Observava-a enquanto dormia do outro lado do quarto, com uma longa sombra a unir as nossas camas, e contava as maneiras. Veneno, deitado em cima dos seus cereais. Uma corrente forte na praia. Um relâmpago.

No entanto, acabei por não chegar a matar a minha irmã. Ela fez-lo sozinha.

Ou pelo menos é isso que digo a mim mesma.

SEGUNDA-FEIRA

Irmão, sou fogo

A surgir do fundo do oceano.

Nunca irei juntar-me a ti, irmão

Pelo menos, durante anos;

Talvez milhares de anos, irmão.

Depois irei aquecer-te,

Abraçar-te, envolver-te em círculos,

Usar-te e mudar-te

Talvez milhares de anos, irmão.

— CARL SANDBURG, "Kin"

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 3

Anna

Quando era pequena, para mim o grande mistério não era como se faziam os bebês, mas porquê. A mecânica eu percebia - o meu irmão mais velho, Jesse, tinha-me informado - embora na altura eu estivesse certa de que ele tinha ouvido metade mal. Os outros miúdos da minha idade estavam ocupados a procurar as palavras pénis e vagina no dicionário da turma quando o professor estava de costas, mas eu prestava atenção a pormenores diferentes. Como por que razão algumas mães tinham apenas um filho, enquanto outras famílias pareciam multiplicar-se à frente dos nossos olhos. Ou como a rapariga nova na escola, Sedona, disse para toda a gente ouvir que o seu nome vinha do sítio onde os seus pais estavam a passar férias quando a fizeram (- Ainda bem que não estavam em Jersey City - costumava o meu pai dizer).

Agora que tenho treze anos, estas diferenças tornaram-se ainda mais complicadas: a aluna do oitavo ano que abandonou a escola porque se meteu em sarilhos; uma vizinha que ficou grávida na esperança de que isso impedisse o marido de pedir o divórcio. É o que eu digo, se os extraterrestres viessem à Terra hoje e observassem com atenção porque é que os bebês nascem, chegariam à conclusão de que a maioria das pessoas tem bebês acidentalmente, ou porque bebeu de mais numa determinada noite, ou porque os anticoncepcionais não são cem por cento eficazes, ou por milhares de outras razões que na realidade não são muito lisonjeiras.

Por outro lado, eu nasci para um fim muito específico. Não fui o resultado de uma garrafa de vinho barato, ou de uma lua cheia, ou de um entusiasmo momentâneo. Nasci porque um cientista conseguiu ligar os óvulos da minha mãe e os espermatozóides do meu pai para criar uma combinação específica de material genético precioso. De facto, quando o Jesse me contou como é que se faziam os bebês e eu, a grande céptica, decidi perguntar aos meus pais a verdade, ouvi aquilo que não queria. Eles fizeram-me sentar e contaram-me todas as coisas habituais, é claro - mas também me

explicaram que me tinham escolhido especificamente a mim quando era um pequeno embrião, porque eu poderia salvar a minha irmã Kate. A minha mãe fez questão de me dizer que ainda gostava mais de mim porque sabia exactamente o que ia esperar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 4

No entanto, fez-me pensar no que teria acontecido se a minha irmã tivesse sido saudável. Se calhar ainda estaria a flutuar no Céu ou onde quer que fosse, à espera de me ligar a um corpo para passar algum tempo na Terra. De certeza que não faria parte desta família. Vêem, ao contrário do resto do mundo livre, eu não cheguei aqui acidentalmente.

E se os nossos pais nos tiverem por uma razão, então é bom que essa razão exista. Porque assim que ela desaparecer, nós desaparecemos também.

As lojas de penhores podem estar cheias de tralha mas são também um terreno fértil para histórias, se quiserem saber a minha opinião, embora não a tenham pedido. O

que terá acontecido para que alguém negoceie um Solitário de Diamante Nunca Antes Usado? Quem precisaria tanto de dinheiro que fosse vender um ursinho de peluche sem um olho? Enquanto me dirijo ao balcão, interrogo-me se alguém irá alguma vez olhar para o medalhão do qual me estou prestes a desfazer e fará estas mesmas perguntas.

O homem que está na caixa registadora tem um nariz da forma de um nabo, e olhos tão encovados que não consigo imaginar como pode ver suficientemente bem para gerir o seu negócio.

— Deseja alguma coisa? - pergunta.

A única coisa que eu posso fazer para não dar meia volta e sair porta fora é fingir que entrei por engano. O que me mantém firme é saber que não sou a primeira pessoa a estar à frente deste balcão a segurar na única coisa no mundo da qual nunca julguei desfazer-me.

— Tenho uma coisa para vender - digo-lhe.

— Será que tenho de adivinhar o que é? - Oh - engolindo, tiro o medalhão do bolso das minhas calças de ganga; o coração cai em

cima do balcão numa poça formada pelo seu próprio fio. - É de ouro de catorze quilates - digo eu com uma voz esganiçada. -

Quase não foi usado - é mentira; até esta manhã, já não o tirava há sete anos. O meu pai deu-mo quando eu tinha seis anos, depois da colheita de medula óssea, porque ele tinha dito que alguém que desse à sua irmã um presente tão importante merecia também receber um. Ao vê-lo ali, em cima do balcão, o meu pescoço sentese arrepiado e nu.

O dono coloca uma lupa em frente ao olho, o que faz com que pareça ter um tamanho quase normal.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 5

— Dou-lhe vinte.

— Dólares? - Não, pesos. O que é que acha? - Vale cinco vezes mais! - ponho-me eu a adivinhar.

— Não sou eu quem precisa do dinheiro - diz encolhendo os ombros.

Agarro no medalhão, resignada a fechar negócio, e acontece uma coisa muito estranha - a minha mão pura e simplesmente fecha-se com força como um instrumento de desencarceramento. O meu rosto fica vermelho do esforço de abrir os dedos. Parece que demora o que parece ser uma hora para que aquele medalhão caia na mão estendida do dono. Os seus olhos fixam-se no meu rosto, mais suaves agora.

— Diga-lhes que o perdeu - sugere ele, dá o conselho de graça.

Se o Sr. Webster tivesse decidido colocar a palavra aberração no seu dicionário, Anna Fitzgerald seria a melhor definição que ele lhe poderia atribuir. Não se trata apenas da minha aparência: escanzelada como uma refugiada sem peito absolutamente nenhum, com cabelo cor de terra, sardas nas bochechas como no jogo de unir os pontos que, deixem-me que lhes diga, não se atenuam com sumo de limão nem com protector solar, nem mesmo, infelizmente, com lixa. Não, Deus estava obviamente de mau humor no dia em que nasci, porque a esta fabulosa combinação física juntou um contexto mais abrangente - a família em que nasci.

Os meus pais tentaram fazer com que tudo fosse normal, mas esse é um termo relativo. A verdade é que eu nunca cheguei a ser

uma criança. Para ser sincera, nem a Kate nem o Jesse foram. Acho que talvez o meu irmão tenha tido o seu lugar ao sol durante os quatro anos da sua vida antes de ter sido diagnosticada a doença de Kate mas, desde essa altura, temos estado demasiado ocupados a olhar para trás para correremos em frente e crescermos. Sabem, a maior parte das crianças pequenas pensa que é como os personagens dos desenhos animados - se uma bigorna lhe cair na cabeça, consegue sair do passeio e continuar a andar? bom, eu nunca acreditei nisso. Como poderia acreditar, quando praticamente pusemos um lugar na mesa de jantar para a Morte? A Kate tem leucemia promielocítica aguda. Na realidade, isso não é bem assim - neste momento ela não a tem, mas está a hibernar debaixo da sua pele como um urso, até decidir rugir de novo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 6

Foi diagnosticada quando ela tinha dois anos; agora tem dezasseis. Recaída molecular granulócito e cateter depunção venosa-estas palavras fazem parte do meu vocabulário, embora nunca as venha a encontrar em nenhum exame de admissão à universidade. Eu sou uma dadora alogeneica - uma irmã totalmente compatível. Quando a Kate necessita de leucócitos, ou de células estaminais, ou de medula óssea para enganar o seu corpo, fazendo-o pensar que é saudável, eu forneço-os. Quase sempre que a Kate é hospitalizada eu acabo por ir para o hospital também.

Nada disto quer dizer alguma coisa, excepto que não devem acreditar no que ouvem a meu respeito, muito menos no que eu própria vos conto.

Enquanto subo as escadas, a minha mãe sai do seu quarto com um novo vestido de baile.

— Ah - diz ela, virando-se de costas para mim. - Precisamente a rapariga que eu queria encontrar.

Eu corro o fecho e observo-a a rodopiar. A minha mãe poderia ser bonita, se caísse de pára-quedas na vida de outra pessoa. Tem cabelos longos e escuros, e as clavículas elegantes de uma princesa mas os cantos da sua boca estão descaídos, como se tivesse engolido notícias amargas. Ela não tem muito tempo livre, visto que um plano é algo que pode alterar-se drasticamente se a

minha irmã tiver um hematoma ou uma hemorragia nasal, mas aquele que tem gasta-o no Bluefly. encomendando vestidos de noite ridiculamente requintados para sítios aonde nunca irá.

— O que achas? - pergunta ela.

O vestido tem todas as cores do pôr do Sol, e é feito de um tecido que faz ruído quando ela se move. Não tem áleas; é o que uma estrela poderia usar bamboleando-se ao longo de uma passadeira vermelha - nada de acordo com o código de vestuário para uma casa suburbana situada em Upper Darby. RI. A minha mãe enrola o cabelo num nó e segura-o. Em cima da sua cama estão outros três vestidos - um discreto e preto, um com missangas e um que parece inacreditavelmente pequeno.

— Parece. .

Cansada. A palavra borbulha mesmo debaixo dos meus lábios.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 7

A minha mãe fica totalmente imóvel, e eu interrogo-me se a terei dito sem querer.

Levanta uma das mãos, fazendo-me calar, com a orelha virada para a porta aberta.

— Ouviste aquilo? - O quê? - A Kate.

— Não ouvi nada.

Mas ela não confia na minha palavra, porque no que diz respeito à Kate ela não confia na palavra de ninguém. Dirige-se lá para cima e abre a porta do nosso quarto, encontrando a minha irmã histérica na sua cama e, de um momento para o outro, o mundo volta a ruir. O meu pai, um astrónomo de trazer por casa, tentou explicar-me os buracos negros, como são tão pesados que absorvem tudo, até a luz, atraindo-a para o seu centro. Momentos como este são do mesmo tipo do vácuo; não importa ao que nos agarramos, acabamos sempre por ser sugados.

— Kate! - a minha mãe afunda-se em direcção ao chão, com aquela estúpida saia como uma nuvem à sua volta. - Kate, querida, o que é que te dói? A Kate agarra uma almofada contra o estômago, e as lágrimas continuam a correr-lhe pelas faces. O seu cabelo pálido está colado ao rosto em madeixas molhadas; a sua respiração está demasiado rápida. Fico paralisada à porta do meu

próprio quarto, à espera de instruções: Telefona ao Pai. Telefona para o 911. Telefona ao Dr. Chance. A minha mãe tenta arrancar uma explicação melhor à Kate.

— É o Preston - soluça ela. - Ele vai deixar a Serena de vez.

É nesta altura que reparamos na televisão. No ecrã, um borracho louro lança um olhar ansioso a uma mulher que chora quase tanto como a minha irmã, e depois bate com a porta.

— Mas o que é que te dói? - pergunta a minha mãe, certa de que tem de haver algo para além disto.

— Oh, meu Deus - diz a Kate -, fazes alguma idéia do que passaram a Serena e o Preston? Fazes? Aquele punho cerrado dentro de mim relaxa, agora que sei que está tudo bem. Normal, na nossa casa, é como um cobertor demasiado pequeno para uma cama - às vezes tapa-nos perfeitamente, e outras vezes deixa-nos com frio e a tremer; e o pior de tudo é nunca sabermos qual das duas coisas vai acontecer. Sento-me ao fundo da cama da Kate. Embora tenha apenas treze anos, sou mais alta do que ela e de vez em quando as *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 8

peessoas acham erradamente que sou a irmã mais velha. Em alturas diferentes neste Verão ela foi doida pelo Callahan, pelo Wyatt e pelo Liam, os actores principais desta novela.

Agora, acho que é a vez do Preston. - Houve aquele susto do rapto - comunico eu. Eu segui de facto aquela história; a Kate obrigou-me a gravar o programa durante as suas sessões de diálise.

— E aquela vez em que ela quase se casou com o gêmeo dele por engano -

acrescenta a Kate.

— Não te esqueças de quando ele morreu no acidente de barco. Pelo menos, durante dois meses - a minha mãe entra na conversa, e eu lembro-me de que ela também costumava ver esta novela sentada ao lado da Kate, no hospital.

Pela primeira vez, a Kate parece reparar na roupa da mãe.

— O que tens vestido! - Oh. É uma coisa que vou devolver. - Ela põe-se de pé à minha frente para que eu possa abrir o fecho. Esta compulsão de fazer encomendas postais, no caso de outra mãe qualquer seria um sinal para começar a fazer terapia; no caso da

minha mãe seria provavelmente considerada como um escape saudável.

Interrogo-me se não será vestir a pele de alguém por uns momentos, ou se será a opção de poder devolver uma circunstância que não lhe assenta bem. Ela olha intensamente para a Kate. - Tens a certeza de que não te dói nada? Depois de a minha mãe se ir embora, a Kate afunda-se um bocadinho. É a única maneira de descrevê-lo - a rapidez com que a cor se esvai do seu rosto, a forma como ela desaparece contra as almofadas. Quando fica mais doente, esmorece um pouco mais até que receio que um dia eu acorde e não a consiga ver.

— Afasta-te - manda a Kate. - Estás a tapar a imagem. Então vou sentar-me na minha cama.

— São só as cenas dos próximos episódios.

— bom, se eu morrer esta noite, quero saber o que vou perder. Ajeito as minhas almofadas debaixo da cabeça. A Kate, como de costume, trocou-as para ficar com todas as que são mais macias e que não parecem pedras debaixo do pescoço. Ela merece supostamente isto, por ser três anos mais velha do que eu, ou por ser doente, ou porque a *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 9

Lua está em Aquário - há sempre uma razão. Eu semicerro os olhos em direcção à televisão, desejando poder percorrer os canais, mas sabendo que não tenho hipóteses.

— O Preston parece feito de plástico.

— Então porque é que eu ontem à noite te ouvi dizer o nome dele para a almofada? - Cala-te - digo eu.

— Cala-te tu - e depois a Kate sorri para mim. - De qualquer forma ele deve ser gay. É um desperdício, tendo em conta que as irmãs Fitzgerald são. . - retraindo-se, fica a meio da frase e eu rebolo-me para o pé dela.

— Kate? - Não é nada - diz esfregando o fundo das costas. São os seus rins.

Queres que vá chamar a mãe? - Ainda não.

chega-se para o intervalo entre as nossas camas, que estão unidas apenas o suficiente para nos podermos tocar se ambas quisermos. Eu também estendo a minha mão. Quando éramos

pequenas fazíamos esta ponte e tentávamos ver quantas Barbies conseguíamos equilibrar em cima dela.

Ultimamente, tenho tido pesadelos em que sou cortada em tantos pedaços que não resta nada de mim para ser reconstituído.

O meu pai diz que um incêndio acaba por se extinguir por si, a não ser que se abra uma janela dando-lhe combustível. Acho que é isso que estou a fazer, quando penso bem no assunto; mas, por outro lado, o meu pai também diz que quando as chamas nos lambem os calcanhares temos de deitar abaixo uma parede ou duas se quisermos escapar.

Portanto, quando a Kate adormece devido aos seus remédios, vou buscar a bolsa de cabedal que guardo entre o colchão e o estrado e vou para a casa de banho para ter privacidade. Sei que a Kate andou a bisbilhotar - entalei um fio vermelho entre os dentes do fecho para saber quem meteu o nariz nas minhas coisas sem autorização, mas embora o fio se tenha partido, não falta nada lá dentro. Ponho a água da banheira a correr para que pareça que estou lá por alguma razão, e sento-me no chão para contar.

Se contar com os vinte dólares da loja de penhores, tenho 136,87 dólares. Não vai chegar, mas tem de haver alguma maneira de contornar a questão. O Jesse não tinha 2.900

dólares quando comprou o seu Jeep mais do que usado, e o banco concedeu-lhe algum tipo de empréstimo. É claro, os meus pais também tiveram de assinar os documentos, e eu *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 10

duvido que eles estejam dispostos a fazê-lo por mim, dadas as circunstâncias. Conto o dinheiro pela segunda vez, no caso de as notas se terem multiplicado miraculosamente, mas matemática é matemática e o total é o mesmo. E em seguida leio os recortes de jornal.

Campbell Alexander. É um nome estúpido, na minha opinião. Parece uma bebida demasiado cara, ou uma empresa de corretagem. Mas não podemos negar o currículo do homem.

Para irmos ao quarto do meu irmão, temos de facto de sair de casa, que é exactamente como ele gosta. Quando o Jesse fez dezasseis anos mudou-se para o sótão por cima da garagem - uma

combinação perfeita, visto que ele não queria que os meus pais vissem o que ele fazia, nem os meus pais queriam realmente ver. A bloquear as escadas que conduzem ao seu quarto estão quatro pneus de neve, uma pequena parede de cartões, e uma secretária de carvalho apoiada num dos lados. Por vezes penso que é o próprio Jesse que coloca estes obstáculos, para que chegar até ele seja um desafio maior.

Rastejo por cima da desarrumação e subo as escadas, que vibram com os baixos do estêreo do Jesse. Passam quase cinco minutos até que ele me ouça bater à porta.

— O que é? - diz ele bruscamente, abrindo uma nesga.

— Posso entrar? Ele pensa duas vezes e depois recua para me deixar entrar. O

quarto é um mar de roupa suja, revistas e embalagens de restos de comida chinesa; cheira a chulé de um patim de hóquei. O único sítio limpo é a prateleira onde o Jesse guarda a sua colecção especial - uma miniatura de prata de um Jaguar, um símbolo da Mercedes, um cavalo da Mustang - ornamentos de capots de automóveis que ele me disse ter encontrado por aí espalhados, embora eu não seja suficientemente burra para acreditar nele.

Não me interpretem mal - não é que os meus pais não se importem com o Jesse ou com qualquer problema em que se tenha metido. Só que não têm tempo para se preocupar com isso, porque se trata de um problema situado num nível mais baixo do totem.

O Jesse ignora-me, voltando ao que quer que fosse que estava a fazer do outro lado da desarrumação. A minha atenção volta-se para uma panela eléctrica - que *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 11

desapareceu da nossa cozinha há alguns meses - que agora está em cima do televisor do Jesse com um tubo de cobre a sair da sua tampa serpenteando por uma caneca de leite de plástico cheia de gelo, esvaziando para dentro de um frasco de doce de vidro. O Jesse pode ser quase um delinqüente, mas é brilhante. Mesmo quando estou prestes a tocar na geringonça, o Jesse volta-se.

— Hei! - quase voa por cima do sofá para me afastar a mão com uma sapatada. -

Vais estragar a espiral de condensação.

— Isto é o que eu estou a pensar que é? Um sorriso malévolo causa inquietação no seu rosto.

— Depende do que pensas que é - ele retira o frasco de doce, e o líquido começa a pingar no tapete. - Prova.

Para um alambique tão rudimentar, faz um whiskey caseiro bastante potente. Um inferno percorre tão depressa a minha barriga e as minhas pernas que caio para trás para cima do sofá.

— Nojento - digo eu sufocada.

Jesse ri e dá um gole também, só que no seu caso desce mais facilmente.

— Então o que é que queres de mim? - Como é que sabes que quero alguma coisa? - Porque ninguém vem cá só para fazer uma visita - diz ele, sentado no braço do sofá. - E, se fosse qualquer coisa sobre a Kate, já me tinhas dito.

— Mas é sobre a Kate. Mais ou menos - coloco os recortes de jornal na mão do meu irmão; eles explicam muito melhor do que eu alguma vez conseguiria. Ele examina-os e depois olha-me directamente nos olhos. Os dele são de um tom prateado muito pálido, tão surpreendentes que às vezes, quando olha para nós, consegue fazer-nos esquecer completamente o que tencionávamos dizer.

— Não desafies o sistema, Anna - diz ele amargamente. - Todos nós sabemos de cor os nossos guiões. A Kate é a Mártir. Eu sou a Causa Perdida. E tu, tu és a Pacificadora.

Ele pensa que me conhece, mas isso é válido para ambas as partes - e no que diz respeito ao conflito, o Jesse é um viciado. Eu olho directamente para ele.

— Quem disse? O Jesse aceita esperar por mim no parque de estacionamento.

Esta é uma das poucas vezes, de que me consigo lembrar, em que ele faz alguma coisa *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 12

que eu lhe tenha pedido. Caminho em volta dirigindo-me à parte da frente do edifício, que tem duas gárgulas a guardarem a entrada.

O escritório do Doutor Campbell Alexancler situa-se no terceiro andar. As paredes têm painéis de madeira da cor do pêlo de uma égua castanha e, quando piso o espesso tapete oriental que está no

chão, os meus tênis afundam-se dois centímetros e meio. A secretária calça sapatos pretos tão brilhantes que consigo ver o meu rosto neles. Olho de relance para as minhas calças cortadas sem bainha e para os Keds que tatuei a semana passada com Magic Markers quando estava aborrecida.

A secretária tem uma pele perfeita, sobrancelhas perfeitas e lábios de mel, e está a utilizá-los para descompor quem quer que esteja do outro lado da linha.

— Não é possível que ache que eu vá dizer isso a um juiz. Lá porque você não quer ouvir o Kleman divagar isso não quer dizer que eu tenha de o ouvir. . não, na realidade, esse aumento deve-se ao trabalho excepcional que eu faço e às porcarias que aturo todos os dias, e já agora que falamos nisso. . - Ela afasta o telefone do ouvido; eu consigo distinguir o ruído da ligação a cair.

— Sacana - diz ela por entre dentes, e depois parece aperceber-se de que eu estou ali de pé a um metro de distância. - Deseja alguma coisa? Observa-me dos pés à cabeça, avaliando-me numa escala geral para as primeiras impressões e achando que eu deixo muito a desejar. Levanto o queixo e finjo estar muito mais segura do que na realidade estou.

— Tenho uma reunião marcada com o Dr. Alexander. Para as quatro horas.

— A sua voz - diz ela. - Ao telefone não parecia ser tão. .

— Jovem? Ela sorri desconfortavelmente.

— Nós não aceitamos casos juvenis, por princípio. Se quiser posso fornecer-lhe os nomes de alguns advogados que exercem a profissão que. .

Respiro fundo.

— Na verdade - interrompo -, está enganada. Smith contra Whately, Edmunds contra o Womens and Infants Hospital e Jerome contra a Diocese de Providence envolviam todos eles litigantes com menos de dezoito anos. Todos eles resultaram em veredictos a favor dos clientes do Dr. Alexander. E isto foi só no ano passado.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 13

A secretária pestaneja a olhar para mim. Em seguida um sorriso lento marca-lhe o rosto, como se tivesse decidido que afinal talvez

gostasse de mim. - Pensando melhor, porque é que não espera no seu escritório? - sugere ela, e levanta-se para me indicar o caminho.

Mesmo que passe cada minuto do resto da minha vida a ler, acho que nunca chegarei a consumir o número total de palavras que existem por toda a parte nas paredes do escritório do Doutor Campbell Alexander. Faço as contas - se houver cerca de 400 palavras em cada página, e se cada um destes livros de direito tiver 400 páginas, e se cada prateleira tiver vinte livros, e cada estante seis prateleiras - ora, são dezanove milhões de palavras, e isso representa apenas uma parte do escritório.

Fico sozinha no escritório o tempo suficiente para reparar que a sua secretária está tão bem arrumada que poderíamos jogar futebol chinês em cima do mata-borrão; que não há nenhuma fotografia de uma mulher, ou de um filho, ou até dele próprio; e que, apesar de o escritório estar impecável, há uma caneca de água no chão.

Dou por mim a arranjar explicações: é uma piscina para um exército de formigas. É

uma espécie de humidificador primitivo. É uma miragem.

Quase me convenci a mim própria desta última, e inclino-me para lhe tocar para ver se é real, quando a porta se abre de repente.

Quase caio da cadeira e isso faz com que fique cara a cara com um pastor alemão, que me dardeja com o olhar e em seguida se dirige para a caneca e começa a beber.

Campbell Alexander também entra. Tem cabelo preto e é no mínimo da altura do meu pai - um metro e oitenta - com um maxilar em ângulo recto e olhos fixos. Encolhe-se para tirar o casaco do fato e pendura-o cuidadosamente atrás da porta, em seguida saca um ficheiro de dentro de um armário antes de se dirigir para a sua secretária. Nunca chega a estabelecer contacto visual comigo, mas mesmo assim começa a falar.

— Não quero biscoitos feitos pelas Escuteiras - diz Campbell Alexander. - Embora você mereça um doce pela sua tenacidade. - sorri da sua própria piada.

— Não estou aqui para vender nada.

Ele olha para mim com curiosidade, e depois carrega num botão no seu telefone.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 14

— Kerri - diz ele quando a secretária responde. - O que é isto no meu escritório? -

Estou aqui para o contratar - digo eu.

O advogado larga o botão do intercomunicador.

— Não me parece.

— Nem sequer sabe se eu tenho um caso.

Dou um passo em frente; e o cão também. Pela primeira vez, apercebo-me de que tem um daqueles coletes com uma cruz vermelha, como um São Bernardo que transporta subindo uma montanha gelada. Estendo a mão automaticamente para lhe fazer festas.

— Não faça isso - diz Alexander. - O Juiz é um cão de serviço. A minha mão volta para o meu lado.

— Mas o senhor não é cego.

— Obrigado por me chamar a atenção para esse facto.

— Então qual é o seu problema? Assim que digo isso, desejo não o ter dito. Não tinha eu visto a Kate ser perseguida por esta pergunta feita por centenas de pessoas mal-educadas? - Tenho um pulmão artificial - diz Campbell Alexander secamente - e o cão impede-me de chegar demasiado perto de ímanes. Agora, se me conceder o imenso favor de se retirar, a minha secretária indicar-lhe-á o nome de alguém que. .

Mas eu não me posso ir embora ainda.

— É mesmo verdade que processou Deus? - tiro todos os recortes de jornal e aliso-os em cima da sua secretária vazia.

Um músculo pulsa na sua face, e em seguida pega no artigo de cima. - Processei a Diocese de Providence, representando uma criança de um dos seus orfanatos que precisava de um tratamento experimental que envolvia tecido embrionário, que eles achavam que violava o Vaticano II. No entanto, dizer que um menino de nove anos processa Deus por ficar com a palha mais curta na vida faz um título muito melhor.

Limito-me a olhar fixamente para ele.

— Dylan Jerome - admite o advogado - queria processar Deus por não se preocupar o suficiente com ele.

Era como se um arco-íris surgisse no meio da grande secretária de mogno.

— Dr. Alexander - digo eu -, a minha irmã tem leucemia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 15

— Lamento. Mas mesmo que eu estivesse disposto a litigar com Deus de novo, que não estou, você não pode apresentar um processo legal em nome de outra pessoa.

Há demasiadas coisas para explicar - o meu próprio sangue a passar para as veias da minha irmã; os enfermeiros a segurarem-me para me poderem picar para recolher glóbulos brancos para a Kate; o médico a dizer que não conseguiram o suficiente da primeira vez. As equimoses e a dor profunda nos ossos depois de ter doado a minha medula; as injeções que introduziram mais células estaminais em mim, para que houvesse algumas de reserva para a minha irmã. O facto de eu não estar doente, mas de ser como se estivesse. O facto de a única razão para eu ter nascido ser para servir de objecto de colheitas para a Kate. O facto de, agora mesmo, estar a ser tomada uma decisão importante sobre mim, e de ninguém se ter dado ao trabalho de perguntar à pessoa que mais merecia qual era a sua opinião.

Há demasiadas coisas para explicar, e por isso faço o melhor que posso.

— Não é Deus. São só os meus pais - digo eu. - Quero processá-los pelo direito ao meu próprio corpo.

Campbell

Quando só temos um martelo, tudo se assemelha a um prego.

Isto é algo que o meu pai, o primeiro Campbell Alexander, costumava dizer; na minha opinião, também é a base do direito civil americano. Dito de uma forma simples, as pessoas que foram empurradas para um canto farão qualquer coisa para abrir caminho de novo para o centro. Para alguns, isso significa dar socos. Para outros, significa instaurar processos legais. E, por isso, estou especialmente grato.

Na periferia da minha secretária, a Kerri dispôs as minhas mensagens da forma que eu prefiro - as urgentes escritas em Post-its verdes, os assuntos menos prementes em amarelos, alinhados em colunas bem arranjadas como uma paciência dupla. Há um número de telefone que atrai a minha atenção, e franzo o sobrolho, mudando o Post-it verde para o lado dos amarelos. A sua mãe telefonou quatro vezes! escreveu a Kerri.

Pensando melhor, rasgo o Post-it ao meio e atiro-o à deriva para o lixo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 16

A rapariga que está sentada à minha frente está à espera de uma resposta, resposta essa que eu estou deliberadamente a recusar-me dar. Ela diz que quer processar os pais, tal como muitas adolescentes no planeta. Mas ela quer processá-los pelo direito ao seu próprio corpo. Trata-se exactamente do tipo de caso de que eu fujo como da Peste Negra - um caso que requer demasiado esforço e tomar conta do cliente. com um suspiro, levanto-me. - Como disse que se chamava? - Não disse - ela senta-se um pouco mais direita. - Chamo-me Anna Fitzgerald.

Abro a porta e grito pela minha secretária. - Kerri! Pode ir buscar o número do Planeamento Familiar para a Menina Fitzgerald? - O quê? - quando me volto, a miúda está de pé. - Planeamento Familiar? - Repare, Anna, vou dar-lhe um pequeno conselho.

Instaurar um processo legal porque os seus pais não a deixam comprar a pílula anticoncepcional ou ir a uma clínica para fazer um aborto é como usar um malho para matar um mosquito. Pode guardar o dinheiro da sua mesada e ir ao Planeamento Familiar; eles estão muito mais bem preparados para lidar com o seu problema.

Pela primeira vez desde que entrei no meu escritório, olhei mesmo, verdadeiramente para ela. A raiva brilha à volta desta miúda como electricidade.

— A minha irmã está a morrer, e a minha mãe quer que eu lhe doe um dos meus rins - diz ela acaloradamente. - Não sei porquê mas acho que uma mão-cheia de preservativos não vai resolver o problema.

Sabem como de vez em quando a nossa vida se estende à nossa frente como uma bifurcação na estrada e, assim que escolhemos um caminho pedregoso, nunca chegamos a tirar os olhos do outro, na certeza de ter cometido um erro? A Kerri aproxima-se, segurando na mão uma tira de papel com o número que pedi, mas eu fecho a porta sem o receber e volto para a minha secretária.

— Ninguém a pode obrigar a doar um órgão se não quiser.

— Ah, a sério? - ela inclina-se para a frente, contando pelos dedos. - A primeira vez que dei alguma coisa à minha irmã, foi sangue do cordão umbilical, e eu era recém-nascida. Ela tem leucemia - e as minhas células fazem com que entre em remissão. Da última vez que ela teve uma recaída, eu tinha cinco anos e retiraram-me linfócitos, três vezes, porque parecia que os médicos nunca tiravam o suficiente. Quando isso deixou de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 17

resultar, retiraram medula óssea para fazer um transplante. Quando a Kate começou a ter infecções, tive de doar granulócitos. Quando teve uma nova recaída, tive de doar células estaminais sangüíneas periféricas.

O vocabulário médico desta rapariga envergonharia alguns dos meus peritos remunerados. Tirei um bloco de notas.

— É óbvio que concordou anteriormente em ser doadora da sua irmã.

Ela hesita, e depois abana a cabeça.

— Nunca ninguém me perguntou.

— Disse aos seus pais que não queria doar um rim? - Eles não me dão ouvidos.

— Talvez dessem se referisse isto.

Ela olha para baixo, e o cabelo tapa-lhe o rosto.

— Eles não me dão verdadeiramente atenção, excepto quando precisam do meu sangue ou algo do gênero. Se a Kate não estivesse doente, eu nem sequer estaria viva.

Um herdeiro e um substituto; é um costume que data dos meus antepassados na Inglaterra. Parecia insensível - ter mais um filho - não vá o primeiro morrer -, no entanto, já foi muitíssimo prático outrora. Ser uma decisão a posteriori talvez não soasse bem a esta miúda, mas a verdade é que todos os dias são concebidas crianças por razões muito pouco louváveis: para conservar um mau casamento; para manter o apelido de família; para moldar uma imagem de um dos pais.

— Eles tiveram-me para que eu pudesse salvar a Kate - explica a rapariga. - Foram a médicos especiais e tudo, e escolheram o embrião que seria totalmente compatível a nível genético.

Houve cursos de ética na faculdade de direito, mas eram na generalidade vistos como redutores ou como um oxímoro, e eu costumava faltar. Mesmo assim, quem vir a CNN periodicamente estará informado sobre as controvérsias da pesquisa relativa às células estaminais. Bebês dadores, crianças geneticamente programadas, a ciência de amanhã para salvar as crianças de hoje.

Bato com a caneta na secretária, e o Juiz - o meu cão - aproxima-se de esguelha.

— O que acontece se não doar um rim à sua irmã? - Ela morre.

— Sente-se à vontade com isso? A boca de Anna contrai-se numa linha fina.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 18

— Estou aqui, não estou? - É verdade. Estou apenas a tentar descobrir o que a fez reagir, depois deste tempo todo.

Ela olha mais para a frente, para a estante.

— Porque - diz ela de forma simples - isto nunca pára.

De repente, parece lembrar-se de alguma coisa. Mete a mão no bolso e coloca um maço de notas amachucadas e algumas moedas em cima da minha secretária. - Também não tem de se preocupar com a sua remuneração. São 136,87 dólares. Eu sei que não é o suficiente, mas hei-de descobrir uma maneira de arranjar mais.

— Eu cobro duzentos por hora.

— Dólares.

— As contas de conchas dos índios não cabem na ranhura dos depósitos das caixas multibanco.

— Se calhar podia passear o seu cão, ou algo do género.

— Os cães de serviço são passeados pelos donos. Havemos de descobrir alguma coisa - encolho os ombros.

— O senhor não pode ser meu advogado de graça - insiste ela.

— Muito bem, então. Pode polir as maçanetas das minhas portas - não é que eu seja um homem particularmente caridoso, mas é que, em termos legais, este caso resolve-se de caras: ela não quer doar um rim; nenhum tribunal no seu juízo perfeito iria obrigá-la a doar um rim; não tenho de fazer nenhuma pesquisa legal; os pais vão ceder antes de irmos a tribunal, e pronto. Para além disso, o caso vai dar-me uma montanha de publicidade, e vai inflacionar o meu trabalho pró bono durante toda a maldita década. - vou dirigir uma petição em seu nome ao tribunal de família: emancipação médica legal - digo eu.

— E depois? - Vai haver uma audiência, e o juiz vai nomear um tutor ad litem, que é. .

— . . uma pessoa formada para trabalhar com crianças no tribunal de família, que determina o que é melhor para a criança - recita Anna. - Ou, por outras palavras, é mais um adulto que vai decidir o que me irá acontecer.

— bom, é assim que funciona a lei, não há outra maneira. Mas um TAL

teoricamente zela apenas por si, e não pela sua irmã ou pelos seus pais.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 19

Ela observa-me a tirar o bloco e a escrever algumas notas.

— Incomoda-o o seu nome estar ao contrário? - O quê? - paro de escrever, e fico a olhar para ela.

— Campbell Alexander. O seu apelido é um nome próprio e o seu nome próprio é um apelido - ela faz uma pausa. - Ou uma sopa.

— E o que tem isso a ver com o seu caso? - Nada - admite Anna -, só que foi uma decisão bastante má que os seus pais tomaram por si.

Estendi a mão por cima da secretária para lhe entregar um cartão.

— Se quiser fazer alguma pergunta, telefone-me.

Ela aceita-o, e passa os dedos pelas letras do meu nome em relevo. O meu nome ao contrário. Por amor de Deus. Depois, ela inclina-se sobre a secretária, agarra no meu bloco, e rasga a parte inferior da página. Usando a minha caneta, escreve algo e entrega-me. Observo o bilhete na minha mão: Anna 555-3211 - Se quiser fazer alguma pergunta -

diz ela.

Quando me dirijo à recepção, a Anna já se tinha ido embora e a Kerri está sentada à sua secretária, com um catálogo aberto em cima desta.

— Sabia que antigamente costumavam usar aqueles sacos de Iona L. L. Bean para transportar gelo? - Pois - e vodka e Bloody Mary. Levado de casa para a praia todos os domingos de manhã. A propósito, a minha mãe telefonou.

A Kerri tem uma tia que ganha a vida como médium e, de vez em quando, esta predisposição genética manifesta-se. Ou talvez ela já trabalhe para mim há tempo suficiente para conhecer a maior parte dos meus segredos. De qualquer modo, ela sabe o que estou a pensar. - Ela diz que o seu pai agora anda com uma rapariga de dezassete anos e que a palavra descrição não faz parte do vocabulário dele e que ela vai internar-se no The Pines se não lhe telefonar até às... - a Kerri olha para o relógio. - Ups.

— Quantas vezes já ameaçou ela internar-se esta semana? - Só três - diz a Kerri.

— Ainda estamos muito abaixo da média - inclino-me sobre a secretária e fecho o catálogo. - É altura de ganhar a vida, Menina

Donatelli.

— Aquela rapariga, Anna Fitzgerald..

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 20

— Planeamento Familiar? - Nem por isso - digo eu. - Vamos representá-la. Preciso de ditar uma petição para fins de emancipação médica, para a podemos entregar no tribunal de família amanhã.

— Está a brincar! Vai representá-la? Ponho uma das mãos sobre o coração. - Estou magoado por me ter em tão baixa consideração.

— Na verdade, estava a pensar na sua carteira. Os pais dela sabem? - Amanhã vão ficar a saber.

— Será que você é completamente idiota? - Desculpe? Kerri abana a cabeça.

— Onde vai ela viver? O comentário detém-me. De facto, ainda não tinha pensado verdadeiramente nisso. Mas uma rapariga que instaure um processo legal contra os pais não se sentirá particularmente confortável a viver debaixo do mesmo tecto depois de terem sido entregues os papéis.

De repente, o Juiz está ao meu lado, a empurrar-me a coxa com o focinho. Abano a cabeça, aborrecido. O tempo é tudo. - Dê-me quinze minutos - digo à Kerri. - Chamo-a quando estiver pronto.

— Campbell - insiste a Kerri, persistente -, não pode eStar à espera que uma miúda se desenrasque sozinha.

Dirijo-me de novo para o meu escritório. O Juiz segue-me ficando à soleira da porta.

— O problema não é meu - digo eu; e, em seguida, fecho a porta, tranco-a bem, e fico à espera.

Sara

1990 A equimose é do tamanho e da forma de um trevo de quatro folhas, e situa-se mesmo entre as omoplatas da Kate. É o Jesse que a descobre, enquanto estão os dois na banheira.

— Mamã - pergunta ele -, isso quer dizer que ela tem sorte? Primeiro tento esfregá-la, presumindo ser sujidade, mas sem sucesso. A Kate, de dois anos, objecto de escrutínio, olha para cima, para mim, com os seus olhos azuis de porcelana.

— Dói-te? - pergunto-lhe eu, e ela abana a cabeça.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 21

Algures no corredor atrás de mim, o Brian está a contar-me como foi o seu dia.

Cheira vagamente a fumo.

— Então o tipo comprou uma caixa de charutos caros - diz ele -, e fez um seguro contra incêndio de 15.000 dólares. Logo a seguir, a companhia de seguros recebeu uma reivindicação, afirmando que se tinham perdido todos os charutos numa série de pequenos fogos.

— Ele fumou-os! - digo eu, enxaguando o champô do cabelo do Jesse.

O Brian encosta-se à soleira da porta.

— Sim. Mas o juiz deliberou que a companhia aceitou assegurar os charutos contra incêndio sem definir fogo aceitável.

— Hei, Kate, e agora, dói? - diz o Jesse, e carrega com o polegar, com força, na equimose na coluna da sua irmã.

A Kate berra, contorce-se, e deita água do banho para cima de mim. Tiro-a da água, escorregadia como um peixe, e entrego-a ao Brian. com as cabeças pálidas de cabelos muito louros juntas, eles formam um conjunto. O Jesse é mais parecido comigo -

magro, moreno, cerebral. O Brian diz que é assim que sabemos que a nossa família está completa: cada um de nós tem o seu clone.

— Sai já dessa banheira - digo eu ao Jesse.

Ele levanta-se, uma fonte de rapaz de quatro anos, e arranja maneira de tropeçar enquanto passa por cima da alta parede da

banheira. Bate fortemente com o joelho e irrompe em lágrimas.

Embrulho o Jesse numa toalha, acalmando-o enquanto tento continuar a conversar com o meu marido. Esta é a linguagem de um casamento: código Morse, pontuado por banhos, jantares e histórias ao deitar.

— Então, quem te intimou? - pergunto ao Brian. - O réu? - A acusação. A companhia de seguros pagou o dinheiro, e detiveram-no durante vinte e quatro horas sob acusação de fogo posto. Eu tenho de ser o perito deles.

Brian, um bombeiro profissional, é capaz de entrar numa estrutura enegrecida e encontrar o local onde começaram as chamas: uma beata carbonizada, um fio eléctrico *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 22

exposto. Todo o holocausto começa com uma brasa. Só precisamos de saber onde procurar.

— O juiz encerrou o caso, não? - O juiz condenou-o a vinte e quatro penas de um ano consecutivas - diz o Brian. Põe a Kate no chão e começa a enfiar-lhe o pijama pela cabeça.

Na minha vida anterior, eu era uma advogada especialista em direito civil. A dada altura acreditei verdadeiramente que era isso que queria ser - mas isso foi antes de uma criança pequena me ter dado uma mão-cheia de violetas esmagadas. Antes de compreender que o sorriso de uma criança é uma tatuagem: arte indelével.

Isso põe a minha irmã Suzanne doida. Ela é um prodígio na área das finanças que destruiu a barreira de discriminação contra as mulheres no Banco de Boston e, na sua opinião, eu sou um desperdício de evolução cerebral. Mas eu acho que metade da batalha é encontrar o que nos convém, e eu sou muito melhor como mãe do que alguma vez seria como advogada. Às vezes interrogo-me se serei apenas eu, ou se há outras mulheres que descubrem qual é o seu lugar não saindo do mesmo sítio.

Olho para cima enquanto enxugo o Jesse, e encontro o Brian a olhar-me fixamente.

— Tens saudades disso, Sara? - pergunta ele suavemente. Embrulho o nosso filho na toalha e beijo-o no alto da cabeça.

— Tantas como de uma desvitalização - digo eu.

Quando acordo na manhã seguinte, o Brian já tinha ido para o emprego. Ele está de serviço dois dias, depois duas noites, e depois tem folga durante quatro, e, em seguida repete-se o ciclo. Olhando para o relógio, apercebo-me de que acordei depois das nove. E

o mais surpreendente é os meus filhos não me terem acordado. De roupão, desço as escadas a correr, e encontro o Jesse a brincar com blocos no chão.

— Já tomei o pequeno-almoço - informa-me ele. - Também fiz o teu.

Pois fez, há cereais espalhados por toda a mesa da cozinha, e uma cadeira em equilíbrio assustadoramente precário colocada debaixo do armário onde estão guardados os flocos de milho. Há um rasto de leite que vem do frigorífico até à taça.

— Onde está a Kate? - Está a dormir - diz o Jesse. - Tentei empurrá-la e tudo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 23

Os meus filhos são um despertador natural; pensar que a Kate está a dormir até tão tarde faz-me lembrar que ela tem andado a fungar ultimamente, e depois interrogar-me se seria por isso que estava tão cansada ontem à noite. Subo as escadas, chamando-a em voz alta. No seu quarto, ela rebola-se na minha direcção, emergindo da escuridão para se focar no meu rosto.

— Toca a acordar - levanto as persianas, deixo que o sol se espalhe pelos seus cobertores. Sento-me e esfrego-lhe as costas. Vamos lá vestir-te - digo eu, e tiro-lhe a parte de cima do pijama pela cabeça.

Ao longo da sua coluna, como uma linha de pequenas jóias azuis, há uma fileira de equimoses.

— É anemia, não é? - pergunto eu ao pediatra. - As crianças da idade dela não apanham mononucleose, pois não? O Dr. Wayne afasta o estetoscópio do peito estreito da Kate e puxa a sua saia cor-de-rosa para baixo.

— Pode ser um vírus. Gostava de tirar algum sangue e fazer umas análises.

O Jesse, que tem estado a brincar pacientemente com um GI Joe sem cabeça, levanta a cabeça ao ouvir estas notícias.

— Sabes como é que tiram sangue, Kate? - com lápis? - com agulhas. Umas grandes e compridas que espetam como se fosse uma injeção. .

— Jesse - aviso eu.

A minha filha, que confia em mim para lhe dizer quando pode atravessar a rua, para lhe cortar a carne em pedacinhos e para a proteger de todos os tipos de coisas horríveis como cães grandes, e escuridão, e foguetes ruidosos, fica a olhar para mim com grande expectativa.

— É só uma pequenina - prometo eu.

Quando a enfermeira pediatra entra com o seu tabuleiro, a sua seringa, os seus tubos de análise e o seu torniquete de borracha, a Kate começa a gritar. Respiro fundo.

— Kate, olha para mim - os seus gritos ficam reduzidos a pequenos soluços. - Vai ser só uma picadinha.

— Mentirosa - sussurra o Jesse baixinho.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 24

A Kate acalma-se, muito ligeiramente. A enfermeira deita-a na mesa de examinação e pede-me que segure nos seus ombros. Observo a agulha a penetrar na pele branca do seu braço; ouço o grito repentino - mas não há nenhum sangue a fluir.

— Desculpa, querida - diz a enfermeira. - Tenho de tentar outra vez. - Retira a agulha, e pica de novo a Kate, que berra ainda mais alto.

A Kate debate-se a sério durante o primeiro e o segundo tubos de análise. Quando chega ao terceiro, fica completamente sem forças. Não sei o que será pior.

Esperamos pelos resultados da análise ao sangue. O Jesse está deitado de barriga para baixo no tapete da sala de espera, apanhando sabe Deus que tipo de micróbios de todas as crianças doentes que passam por este consultório. O que eu quero é que o pediatra apareça, que me diga que leve a Kate para casa e que lhe dê muito sumo de laranja, e que agite uma receita de Ceclor à nossa frente como se fosse uma varinha mágica.

Passa uma hora até que o Dr. Wayne nos manda entrar no seu consultório de novo.

— As análises da Kate estão um pouco problemáticas - diz ele.

— Sobretudo, a sua contagem de glóbulos brancos. É muito mais baixa do que o normal.

— O que quer isso dizer? - nesse momento, amaldiçoo-me por ter ido para a faculdade de direito, e não para a de medicina. Tento recordar-me do que fazem os glóbulos brancos.

— Ela pode ter algum tipo de deficiência auto-imune. Ou pode tratar-se apenas de um erro laboratorial - ele toca no cabelo de Kate. - Acho que, só para termos a certeza, vou mandá-la consultar um hematologista no hospital, para repetir as análises.

Estou a pensar: Só pode estar a brincar. Mas, em vez disso, observo a minha mão a mover-se por sua própria iniciativa para agarrar no papel que o Dr. Wayne entrega. Não se trata de uma receita, como eu esperava, mas de um nome. Ileana Farquard, Providence Hospital, Hematologia/Oncologia.

— Oncologia - abano a cabeça. - Mas isso significa cancro. Espero que o Dr.

Wayne me garanta que isso apenas faz parte do título da médica, que me explique que o *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 25

laboratório de hematologia e o departamento de oncologia partilham simplesmente a mesma localização, e nada mais do que isso. Mas ele não o faz.

O recepcionista no quartel comunica-me que o Brian se encontra numa missão médica. Ele partiu no veículo de salvamento há vinte minutos. Hesito, e olho para a Kate, que está afundada num dos assentos de plástico da sala de espera do hospital. Uma missão médica.

Acho que há encruzilhadas nas nossas vidas em que tomamos decisões grandiosas e abrangentes, sem nunca nos chegarmos a aperceber disso. Como passar os olhos pelos títulos de um jornal quando o semáforo está vermelho e, por isso, evitar a furgoneta que ultrapassa a fila de trânsito e provoca um acidente. Entrar num café por capricho e encontrar o homem com quem nos vamos casar um

dia, enquanto ele procura trocos na carteira ao balcão. Ou isto: dizer ao nosso marido que venha ter connosco, quando passámos horas a convencer-nos de que não se trata de nada importante.

— Chamem-no através do rádio - digo eu. - Diga-lhe que estamos no hospital.

Há algum conforto em ter o Brian ao meu lado, como se fôssemos agora um par de sentinelas, uma dupla linha de defesa. Estamos no Providence Hospital há três horas, e a cada minuto que passa é mais difícil iludir-me a mim própria e acreditar que o Dr. Wayne tenha cometido um erro. O Jesse está a dormir numa cadeira de plástico. A Kate sofreu uma nova colheita de sangue traumática, e uma radiografia ao tórax, porque eu referi que ela estava constipada.

— Cinco meses - diz o Brian cuidadosamente ao médico interno que está sentado à sua frente com um caderno de mola. Em seguida olha para mim. - Não foi nessa altura que ela começou a rebolar? - Acho que sim - por esta altura já o médico nos tinha perguntado tudo, desde o que tínhamos vestido na noite em que a Kate foi concebida até quando tinha ela aprendido a segurar numa colher.

— A primeira palavra? - pergunta ele.

— Papá - sorri Brian.

— O que eu queria dizer era quando.

— Oh - ele franze a testa. - Acho que estava quase a fazer um ano. - Desculpe -

digo eu. - Pode dizer-me por que razão todas estas coisas são importantes? - Trata-se *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 26

apenas da história clínica, Sr. a Fitzgerald. Queremos saber o máximo possível sobre a sua filha, para que possamos perceber o que ela tem.

— Sr. e Sr. Fitzgerald? - aproxima-se uma mulher jovem, vestindo uma bata. - Eu sou flebotomista. A Dr. a Farquad quer que eu faça um painel de coagulopatia à Kate.

Quando ouve o seu nome, a Kate pestaneja ao meu colo. Olha para a bata branca e enfia os braços para dentro das mangas da sua própria camisola.

— Não pode picar o dedo? - Não, esta é de facto a maneira mais fácil.

De repente, lembro-me de como, quando estava grávida da Kate, ela costumava ter soluços. Durante horas seguidas, o meu estômago contorcia-se. Cada movimento que ela fazia, mesmo uns tão pequenos, obrigava-me a fazer algo que eu não controlava.

— Acha - digo eu suavemente - que é isso que eu quero ouvir? Quando vai à cantina e pede um café, gostaria que lhe dessem uma Coca-Cola, porque é mais fácil de alcançar? Quando paga com o cartão de crédito, gostaria que lhe dissessem que dá muito trabalho, e que portanto tem de pagar em dinheiro? - Sara - a voz de Brian é um vento distante.

— Acha que é fácil para mim estar aqui sentada com a minha filha sem fazer a mínima idéia do que se passa ou por que razão estão a fazer todas estas análises? Acha que é fácil para ela? Desde quando alguém tem hipótese de escolher fazer aquilo que é mais fácil? - Sara - só quando a mão de Brian pousa no meu ombro é que eu me apercebo de que estou a tremer tanto.

Mais um momento, e a mulher desaparece, com as socas a baterem no chão de ladrilhos. Assim que ela desaparece de vista, perco as forças.

— Sara - diz o Brian. - O que se passa contigo? - O que se passa comigo? Não sei, Brian, porque ninguém nos vem dizer o que se passa com..

— Chiu - diz ele e envolve-me nos seus braços, com a Kate presa entre nós num suspiro. Ele diz-me que vai tudo correr bem, e pela primeira vez na minha vida não acredito nele.

Subitamente, a Dr. a Farquard, que já não víamos há horas, entra na sala.

— Soube que houve um pequeno problema com o painel de coagulopatia - ela puxa uma cadeira para a nossa frente. - A contagem completa de células sanguíneas da *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 27

Kate teve alguns resultados anormais. A contagem de glóbulos brancos é muito baixa -

1,3. A hemoglobina é de 7,5, o hematócrito é de 18,4, as plaquetas são 81.000, e os neutrófilos são 0,6. Números como estes muitas vezes indiciam uma doença auto-imune.

Mas a Kate também apresenta doze por cento de promielócitos, e cinco por cento de blastos, e isso sugere uma síndrome leucémica.

— Leucémica - repito eu. A palavra é fluida, escorregadia, como a clara de ovo.

— A leucemia é um cancro do sangue - a Dr. a Farquad acena com a cabeça.

— O que significa isso? - o Brian limita-se a olhar para ela, de olhos fixos.

— Pensem na medula óssea como uma creche para as células em desenvolvimento. Os corpos saudáveis fazem células sangüíneas que ficam na medula até serem suficientemente maduras para sair e combater as doenças ou coagular, ou transportar oxigênio, ou o que quer que seja que devem fazer. Numa pessoa com leucemia, as portas da creche abrem-se cedo de mais. As células sangüíneas imaturas acabam por entrar na circulação, incapazes de cumprir a sua função. Nem sempre é estranho ver promielócitos numa CCCS, mas, quando observámos a da Kate ao microscópio, conseguimos detectar anomalias - ela olha para cada um de nós separadamente. - Preciso de fazer uma aspiração de medula óssea para confirmar isso, mas parece-me que a Kate tem leucemia promielocítica aguda.

A minha língua está presa sob o peso da pergunta que, passado um momento, o Brian obriga a sair da sua garganta: - Ela... ela vai morrer? Quero abanar a Dr. a Farquad.

Quero dizer-lhe que eu própria tiro o sangue para o painel de coagulopatia dos braços da Kate se isso significar que ela retirará aquilo que disse. - A LPA é um subgrupo muito raro de leucemia mielóide. Apenas cerca de doze mil pessoas por ano são diagnosticadas com a doença. A taxa de sobrevivência dos doentes afectados pela LPA é de vinte a trinta por cento, se o tratamento for imediatamente iniciado.

Empurro os números para fora da minha cabeça e ferro os dentes no resto da sua frase.

— Há um tratamento - repito eu.
— Sim. com um tratamento agressivo as leucemias mielóides têm um prognóstico de sobrevivência de nove meses á três anos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 28

Na semana passada, fiquei na soleira da porta do quarto da Kate, observando-a agarrada a um cobertor de bebê de cetim enquanto dormia, um farrapo de tecido que raramente largava. Ouve bem o que te digo, sussurrei ao Brian. Ela nunca vai largar aquilo.

vou ter de o coser ao seu vestido de noiva.

— Precisamos de fazer essa aspiração de medula óssea. Vamos anestesiá-la com um anestésico geral ligeiro. E podemos traçar o painel de coagulopatia enquanto ela estiver a dormir - a médica inclina-se para a frente, solidária. - Saibam que os miúdos enganam as estatísticas. Todos os dias.

— Está bem - diz o Brian. Bate uma palma, como se estivesse a preparar-se para um jogo de futebol. - Está bem.

A Kate afasta a cabeça da minha camisola. Tem as faces afogueadas, e uma expressão vaga.

Isto é um erro. Foi um infeliz tubo de análise com o sangue de outra pessoa que o médico levou para análise. Olhem para a minha filha, para o brilho dos seus caracóis esvoaçantes e para o seu sorriso como um vôo de borboleta - este não é o rosto de alguém que está a morrer por fases.

Só a conheço há dois anos. Mas, se considerarmos cada lembrança, cada momento, se os colocarmos uns a seguir aos outros, ponta a ponta, seriam infindáveis.

Enrolam um lençol e colocam-no sob a barriga da Kate. Prendem-na com fita adesiva à mesa de examinação, com duas longas tiras. Uma das enfermeiras acaricia a mão de Kate, mesmo após a anestesia ter começado a fazer efeito e de ela estar a dormir. A parte inferior das suas costas está despida para a longa agulha que vai penetrar na sua fossa ilíaca para recolher medula.

Quando voltam cuidadosamente o rosto de Kate para o outro lado, a toalha de papel debaixo da sua face está molhada. Aprendi com a minha própria filha que não precisamos de estar acordados para chorar.

Quando estamos no carro a caminho de casa, sou surpreendida pelo súbito pensamento de que o mundo é insuflável - árvores, e erva, e casas prontas a cair com uma única picada de alfinete. Tenho a sensação de que se guinar o carro para a esquerda, e se *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 29

embater contra a vedação de estacas e o parque infantil, eles vão fazer-nos ressaltar para trás como um pára-choques de borracha.

Passamos por um camião. Batchelder Casket Company, está escrito num dos lados.

Conduza com Segurança. Isso não será um conflito de interesses? A Kate está sentada na sua cadeira para transporte de crianças no automóvel, a comer bolachas com a forma de animais.

— Brinca - manda ela.

No espelho retrovisor, o seu rosto está luminoso. Os objectos estão mais próximos do que aparentam. Observo-a a agarrar na primeira bolacha.

— Como faz o tigre? - consigo eu dizer.

— Grrrr-ela arranca a cabeça dele com uma dentada e depois agita outra bolacha.

— Como faz o elefante? A Kate dá risadinhas e depois faz um ruído de trompeta pelo nariz.

Interrogo-me se irá acontecer durante o sono. Ou se ela chorará. Se alguma enfermeira bondosa irá dar-lhe algo para as dores. Imagino a minha filha a morrer, enquanto está feliz e a rir meio metro atrás de mim.

— Faz a girafa? - pergunta a Kate. - Girafa? A sua voz, está tão cheia do futuro.

— As girafas não dizem nada - respondo eu.

— Porquê? - Porque nasceram assim - digo-lhe eu, e depois a minha garganta fecha-se com um nó.

O telefone toca mesmo quando estou a chegar de casa da vizinha, tendo combinado com ela que tomaria conta do Jesse enquanto nós tomamos conta da Kate.

Não temos protocolo para esta situação. As nossas únicas baby-sitters ainda estão no liceu; todos os quatro avós já faleceram;

nunca lidámos com creches - tomar conta das crianças é a minha função.

Quando entro na cozinha, o Brian já está a conversar com o autor do telefonema.

O fio do telefone está enrolado em volta dos seus joelhos, um cordão umbilical.

— Pois - diz ele -, é difícil de acreditar. Não consegui ir a um único jogo desta época... não vale a pena, já o trocaram. - Os seus olhos encontram os meus enquanto ponho uma chaleira ao lume para fazer chá. - Oh, a Sara está ótima. E os miúdos, hmm, *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 30

estão bem. Certo. Mande cumprimentos à Lucy. Obrigado por telefonar, Don - desliga. -

Era o Don Thurman - explica ele, - Da academia de bombeiros, lembras-te? É um tipo simpático.

Enquanto olha para mim, o sorriso amável desaparece do seu rosto. A chaleira começa a assobiar, mas nenhum de nós faz um movimento para a tirar do lume. Olho para o Brian, de braços cruzados.

— Não fui capaz - diz ele suavemente. - Sara, não fui capaz. Na cama, nessa noite, o Brian é um obelisco, uma outra forma que interrompe a escuridão. Embora já não falemos há horas, eu sei que ele está tão acordado como eu.

Isto está a acontecer-nos porque eu gritei com o Jesse na semana passada, ontem, há momentos. Isto está a acontecer porque eu não comprei à Kate os M&Ms que ela queria na mercearia. Isto está a acontecer porque uma vez, por uma fracção de segundo, imaginei como seria a minha vida se nunca tivesse tido filhos. Isto está a acontecer porque não me apercebi do bem que tinha.

— Achas que fomos nós que lhe causámos isto? - pergunta o Brian.

— Que lhe causámos isto? - volto-me para ele. - Como? - Por exemplo, através dos nossos genes. Tu sabes. Não respondo.

— O Providence Hospital não é de confiança - diz ele agressivamente. - Lembras-te de quando o filho do chefe partiu o

braço esquerdo, e eles puseram gesso no direito?

Olho fixamente para o tecto de novo.

— É só para saberes - digo eu, mais alto do que pretendia -. não vou deixar que a Kate morra.

Ouve-se um som horrível ao meu lado - um animal ferido, um arquejo de quem se está a afogar. Então o Brian encosta o rosto ao meu ombro, soluça contra a minha pele.

Põe os braços à minha volta e segura-se como se estivesse a perder o equilíbrio.

— Não vou - repito eu, mas, mesmo para mim própria, parece que estou a esforçar-me de mais.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 31

Brian

Por cada sete graus de aumento da temperatura de combustão de um incêndio, este duplica de tamanho. É nisto que penso enquanto observo as faúlhas a saírem da chaminé do incinerador, um milhar de novas estrelas. O decano da faculdade de medicina da Universidade de Brown torce as mãos ao meu lado. com o meu casaco grosso vestido, estou a suar.

Trouxemos um veículo de combate a incêndios, uma escada e um veículo de salvamento. Avaliámos os quatro lados do edifício. Confirmámos que não se encontra ninguém lá dentro. bom, excepto o corpo que ficou preso no incinerador, provocando esta situação.

— Ele era um homem corpulento - diz o decano. - É isto que fazemos sempre aos objectos de estudo quando terminam as aulas de anatomia.

— Hei, Capitão - grita o Paulie. Hoje ele é o meu operador principal da bomba. - O

Recl já equipou a boca-de-incêndio. Queres que eu encha uma mangueira? Ainda não sei ao certo se hei-de levar uma mangueira lá para cima. Esta fornalha foi projectada para consumir restos mortais a 700 graus Celsius. Há chamas por cima e por debaixo do corpo.

— Então? - diz o decano - Não vai fazer nada? É o maior erro que os novatos cometem: a presunção de que combater um incêndio significa ir a correr com rios de água.

Por vezes, isso agrava a situação. Neste caso, espalharia desperdícios tóxicos por todo o lado. Estou a pensar que devemos manter a fornalha fechada, e assegurarmo-nos de que as chamas não saiam pela chaminé. Um fogo não pode arder para sempre. Acabará por se consumir.

— Sim - digo-lhe eu -, vou esperar para ver o que acontece.

Quando faço o turno da noite, janto duas vezes. A primeira refeição é cedo, um compromisso estabelecido pela minha família para que todos possamos estar sentados à mesa juntos. Esta noite, a Sara fez carne assada. Está em cima da mesa como um bebê

adormecido enquanto ela nos chama para ir jantar. A Kate é a primeira a ocupar o seu lugar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 32

— Olá, querida - digo eu, apertando a mão dela. Quando ela sorri para mim, o sorriso não chega aos seus olhos. - O que tens andado a fazer? Ela empurra os feijões para a beira do prato.

— A salvar países do terceiro mundo, a desintegrar alguns átomos e a terminar a Epopéia Americana. No intervalo, fiz diálise, claro.

— Claro.

A Sara volta-se para nós, brandindo uma faca.

— O que quer que fosse que eu tenha feito - digo eu, encolhendo-me -, peço perdão.

Ela ignora-me.

— Trincha a carne, está bem? Agarro nos utensílios de trincar e começo a cortar a carne assada mesmo na altura em que o Jesse se arrasta para dentro da cozinha. Nós permitimos-lhe que viva por cima da garagem, mas ele tem de comer connosco; faz parte do acordo. Os seus olhos estão diabolicamente vermelhos; as suas roupas estão entranhadas de fumo adocicado.

— Olha para aquilo - suspira a Sara, mas, quando eu me volto, ela está a olhar para a carne. - Está demasiado mal passada. Ela levanta o tabuleiro com as mãos nuas, como se a sua pele estivesse coberta de amianto. Enfia a carne de novo no forno.

O Jesse agarra numa taça de purê de batata e começa a colocar um monte no seu prato. Uma, outra e mais outra vez.

— Tresandas - diz a Kate, abanando a mão em frente ao rosto. O Jesse ignora-a, metendo uma garfada do seu purê de batata na boca. Imagino o que isso quererá dizer a meu respeito, que fico de facto entusiasmado por conseguir identificar a erva a circular no meu organismo, ao contrário de outras drogas - ecstasy, heroína e Deus sabe que mais -

que deixam menos sinais.

— Nem todos nós apreciamos cada Pedrada - diz a Kate por entre dentes.

— Nem todos nós conseguimos receber as nossas drogas através de um cateter de punção venosa - responde o Jesse.

A Sara levanta as mãos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 33

— Por favor. Podemos simplesmente... evitar? - Onde está a Anna? - pergunta a Kate.

— Ela não estava no vosso quarto? - Só estive de manhã.

A Sara enfia a cabeça pela porta da cozinha.

— Anna! Jantar! - Vejam o que eu comprei hoje - diz a Kate, puxando a sua T-shirt.

Foi atada e tingida, de forma psicadélica, e tem um caranguejo na frente com a palavra Câncer. - Percebem? - Tu és Leão - a Sara parece estar à beira das lágrimas.

— Como é que está essa carne assada? - pergunto, para a distrair. Mesmo nessa altura, a Anna entra na cozinha. Atira-se para cima da sua cadeira e baixa a cabeça.

— Onde estiveste? - diz a Kate.

— Por aí.

A Anna olha para o seu prato, mas não faz nenhum movimento para se servir.

Nem parece a Anna. Estou habituado a discutir com o Jesse, a carregar o fardo da Kate; mas a Anna é a constante da nossa família. A Anna chega com um sorriso. A Anna conta-nos que encontrou um pisco com uma asa partida, com face rosada; ou sobre a mãe que ela tinha visto no Wal-Mart não apenas com um mas com dois pares de gêmeos. A Anna marca um ritmo de fundo, e, ao vê-la ali sentada sem reacção, apercebo-me de que o silêncio tem um som.

— Aconteceu alguma coisa hoje? - pergunto eu.

Ela olha para cima, para a Kate, presumindo que a pergunta tinha sido feita à sua irmã, e depois estremece quando se apercebe de que estou a falar com ela.

— Não.

— Sentes-te bem? De novo, Anna hesita; esta é uma pergunta que normalmente reservamos para a Kate.

— Sinto.

— Porque, sabes, não estás a comer.

A Anna olha para o seu prato, repara que está vazio, e, em seguida enche-o de comida. Enfia feijões verdes na boca, duas garfadas.

Sem mais nem menos, lembro-me de quando os miúdos eram pequenos, amontoados na parte de trás do carro como charutos apertados dentro de uma caixa, e de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 34

como cantava para eles. Anna anna bo banna, banana fanna fo fanna, me my mo manna..

Anna. (- A do Chuck - gritava o Jesse -, canta a do Chuck!) - Olha - a Kate aponta para o pescoço da Anna. - O teu medalhão desapareceu.

É o que eu lhe dei, há tantos anos. A mão de Ana ergue-se até à clavícula.

— Perdeste-o? - pergunto. Ela encolhe os ombros.

— Talvez não me apeteça usá-lo.

Ela nunca o tirou, tanto quanto sei. A Sara retira a carne assada do forno e coloca-a em cima da mesa. Quando agarra na faca para a trincar, olha para a Kate.

— Falando de coisas que não nos apetece usar - diz ela -, vai vestir outra camisola.

— Porquê? - Porque eu disse.

— Isso não é uma razão.

A Sara espeta a carne com a faca. - Porque acho que essa é ofensiva à mesa de jantar.

— Não é mais ofensiva do que as camisolas de heavy metal do Jesse. Qual era a que tinhas ontem? Era dos Alabama Thunder Pussy? O Jesse olha para ela e revira os olhos. É uma expressão que eu já tinha visto antes: a do cavalo num western spaghetti, que tinha ficado coxo, no momento em que recebe o tiro de misericórdia.

A Sara corta a carne. O que tinha sido cor-de-rosa é agora um tronco demasiado cozinhado.

— Vejam só - diz ela. - Está estragada.

— Está ótima - tiro o pedaço que ela conseguiu dissecar do resto e corto um pedaço mais pequeno. Era a mesma coisa que

mastigar cabedal. - Deliciosa. vou só passar pelo quartel para ir buscar o maçarico para podermos servir o resto das pessoas.

A Sara pestaneja, e depois solta uma gargalhada. A Kate dá risadinhas. Até o Jesse esboça um sorriso.

É quando me apercebo de que a Anna já saiu da mesa e, o mais importante de tudo, ninguém reparou.

De volta ao quartel, estamos os quatro lá em cima, na cozinha. O Red está a preparar um molho qualquer no fogão; o Paulie lê a Projo, e o Caesar está a escrever uma carta ao seu objecto de desejo desta semana. Ao observá-lo, Red abana a cabeça.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 35

— Devias ter isso guardado no computador e imprimir várias cópias de cada vez.

Caesar é apenas uma alcunha. O Paulie inventou-a há alguns anos, porque está sempre a deambular.

— Bem, esta é diferente - diz o Caesar.

— Pois. Durou dois dias inteiros. - O Red deita a massa no coador que está no lava-loiça, com o vapor a erguer-se em volta do seu rosto. - Fitz, dá alguns conselhos ao rapaz, está bem? - Porquê eu? O Paulie olha por cima do jornal.

— Por defeito - diz ele, e é verdade. A mulher do Paulie deixou-o há dois anos por causa de um violoncelista que tinha passado por Providence numa tournée sinfônica; o Red é um solteirão confirmado que não saberia reconhecer uma senhora mesmo que ela chegasse ao pé dele e lhe mordesse. Por outro lado, a Sara e eu somos casados há vinte anos.

O Red coloca um prato à minha frente na altura em que começo a falar.

— Uma mulher - digo eu - não é assim tão diferente de uma fogueira.

O Paulie põe de lado o jornal e queixa-se.

— Lá vamos nós: o Tau do Capitão Fitzgerald. Ignoro-o.

— Uma fogueira é algo de belo, certo? Algo de que não conseguimos tirar os olhos enquanto arde. Se a mantivermos sob controlo, dá-nos luz e calor. Só quando se descontrola é que temos de atacar.

— O que o Capitão está a tentar dizer-te - diz o Paulie - é que tens de manter a tua namorada longe das correntes de ar. Hei. Red, tens Parmesão? Sentamo-nos para comer o meu segundo jantar, o que normalmente significa que a campainha vai soar dentro de minutos. O combate aos incêndios é um mundo regido pela Lei de Murphy; é quando estamos menos preparados para enfrentar uma crise que ela surge.

— Hei, Fitz, lembras-te do último tipo morto que ficou preso? pergunta o Paulie -

Quando ainda éramos voluntários? Se me lembro. Um tipo que pesava nem mais nem menos do que duzentos e vinte e cinco quilos, e que tinha morrido de ataque cardíaco no seu leito. A agência funerária tinha chamado os bombeiros naquele caso por não conseguirem tirar de lá o corpo.

— Cordas e roldanas - relembro em voz alta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 36

— E ele devia ser cremado, mas era demasiado corpulento. . Paulie sorri. - Juro por Deus, e pela minha mãe que está no Céu, tiveram de o levar para um veterinário.

O Caesar olha para ele e pestaneja.

— Para quê? - Como achas que se vêem livres de um cavalo morto, Einstein?

Juntando dois e dois, os olhos do Caesar abrem-se mais. - Estás a brincar - diz ele e, pensando melhor, afasta o esparguete à bolonhesa do Red.

— Quem é que acham que vão chamar para limpar a chaminé da faculdade de medicina? - diz o Red.

— Os desgraçados dos tipos da OSHA - responde o Paulie.

— Aposto dez dólares em como vão telefonar para aqui e dizer que nos compete a nós fazer isso.

— Não vai haver nenhum telefonema - digo eu -, porque não vai sobrar nada para limpar. A temperatura do fogo era demasiado elevada.

— Bem, ao menos sabemos que não se tratou de fogo posto diz o Paulie por entre dentes.

No mês passado, registámos uma série de fogos intencionais. Conseguimos sempre distinguir - há sempre padrões que denunciam o verter de líquidos inflamáveis, ou focos múltiplos de origem, ou fumo negro, ou uma invulgar concentração do incêndio num local. Quem anda a fazer isto também é esperto - em várias estruturas os combustíveis foram colocados debaixo das escadas, para nos impossibilitar o acesso às chamas. Os fogos postos são perigosos porque não seguem as regras científicas que utilizamos para os combater. As estruturas afectadas por fogos postos têm uma maior probabilidade de ruir à nossa volta enquanto nos encontramos no seu interior, a combatê-

los.

O Caesar funga.

— Talvez se tivesse tratado. Talvez o gordo fosse na realidade um incendiário suicida. Trepou para dentro da chaminé e pegou fogo a si próprio.

— Talvez estivesse apenas desesperado por perder peso acrescenta o Paulie, e os outros desatam a rir.

— Já chega - digo eu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 37

— Oh, Fitz, tens de admitir que teve bastante graça...

— Para os pais desse homem não teve. Nem para a sua família. Fez-se aquele silêncio desconfortável enquanto os homens remoíam as palavras. Por fim, o Paulie, que me conhece há mais tempo, fala.

— Passa-se outra vez alguma coisa com a Kate, Fitz? Passa-se sempre alguma coisa com a minha filha mais velha; o problema é que parece não ter fim. Levanto-me da mesa e levo o meu prato para o lava-loiça.

— vou para o telhado.

Todos nós temos os nossos passatempos - o Caesar tem as suas namoradas, o Paulie as suas gaitas-de-foles, o Red os seus cozinhados, e eu, eu tenho o meu telescópio.

Montei-o há alguns anos no telhado do quartel dos bombeiros, de onde consigo ter a melhor perspectiva do céu nocturno.

Se eu não fosse bombeiro, seria astrônomo. Requer demasiada matemática para o meu cérebro, mas o mapeamento das estrelas sempre teve algo que me atrai. Num céu verdadeiramente escuro, conseguimos ver entre 1.000 e 1.500 estrelas, e há milhões que ainda não foram descobertas. É tão fácil pensar que o mundo gira à nossa volta, mas basta que olhemos para o céu para nos apercebermos deH que isso não é verdade.

O verdadeiro nome da Anna é Andromeda. Está na sua certidão de nascimento, juro por Deus. A constelação de onde vem o seu nome conta a história de uma princesa, que foi acorrentada a uma rocha para ser sacrificada a um monstro marinho - de castigo por a sua mãe, Cassiopeia, se ter gabado da sua beleza a Posídon. Perseu, passando por lá a voar, ficou apaixonado por Andromeda e salvou-a. No céu, ela aparece com os braços esticados e de mãos acorrentadas.

Do meu ponto de vista, a história tem um final feliz. Quem não desejaria isso a uma criança? Quando a Kate nasceu, costumava imaginar como estaria linda no dia do seu casamento. No dia em que lhe diagnosticaram a LPA, em vez disso, imaginava-a a atravessar um palco para receber o seu diploma do liceu. Quando ela teve uma recaída, tudo isto foi pelos ares; imaginei que ela conseguiria festejar o seu quinto aniversário.

Actualmente, não tenho expectativas, e desta forma ela supera todas elas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 38

A Kate vai morrer. Foi preciso muito tempo para que eu conseguisse dizer isso.

Todos nós vamos morrer, bem vistas as coisas, mas isto não deveria ser assim. Deveria ser a Kate a despedir-se de mim.

Quase parece um logro que, depois de todos estes anos a desafiar as probabilidades, não será a leucemia que a matará. Mas, por outro lado, o Dr. Chance disse-nos há muito tempo que normalmente é assim - o corpo de um doente simplesmente fica desgastado devido à luta constante. Pouco a pouco, há bocados dele que vão cedendo.

No caso da Kate, são os seus rins.

Volto o meu telescópio para o Arco de Barnard e para o M42, a brilhar na espada de Oriome. As estrelas são fogos que ardem durante milhares de anos. Algumas delas ardem lentamente, de forma duradoura, como as anãs vermelhas. Outras - como as gigantes azuis - queimam o seu combustível tão rapidamente que brilham ao longo de grandes distâncias, e são fáceis de ver. Quando começam a ficar sem combustível, começam a queimar hélio, ficam ainda mais quentes, e explodem numa supernova. As supernovas são mais brilhantes do que a mais brilhante das galáxias. Morrem, mas toda a gente as vê partir.

Mais cedo, depois de termos comido, ajudei a Sara a arrumar a cozinha.

— Achas que se passa alguma coisa com a Anna? - perguntei eu, colocando o ketchup de novo no frigorífico.

— Por ela ter tirado o fio? - Não - encolhi os ombros. - Em geral.

— Comparada com os rins da Kate e com a sociopatia do Jesse, eu diria que ela está ótima.

— Ela queria que o jantar acabasse mesmo antes de começar. A Sara voltou-se para mim, no lava-loiça.

— O que achas que é? - Hum... um rapaz? A Sara olhou para mim.

— Ela não está a sair com ninguém.

Graças a Deus.

— Talvez uma das suas amigas tivesse dito alguma coisa que a aborrecesse. -

Porque é que a Sara me estava a perguntar a mim? Que raio sabia eu das mudanças de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult
39

humor das raparigas de treze anos? A Sara limpou as mãos a uma toalha e ligou a máquina de lavar loiça.

— Talvez ela esteja apenas a ser uma adolescente.

Tentei recordar-me de como era a Kate aos treze anos, mas só conseguia lembrar-me da recaída e do transplante de células estaminais que ela recebeu. A vida quotidiana da Kate tinha o dom de se esbater no plano de fundo, posta em segundo plano pelos tempos em que estava doente.

— Tenho de levar a Kate à diálise amanhã - disse a Sara.
Quando chegas a casa? -

Às oito. Mas estou de serviço, e não ficaria surpreendido se o nosso incendiário atacasse de novo.

— Brian? - perguntou ela. - Como é que achaste a Kate? Melhor do que a Anna, pensei eu, mas não era isso que ela estava a perguntar. Ela queria que eu quantificasse o tom amarelado da sua pele em relação a ontem; ela queria que eu descodificasse a maneira em que colocava os cotovelos sobre a mesa, demasiado cansada para manter o corpo direito.

— A Kate parece optimamente, porque é isso que fazemos um pelo outro.

— Não te esqueças de lhes dar as boas-noites antes de te ires embora - disse a Sara, e voltou-se para reunir os comprimidos que a Kate toma ao deitar.

A noite está tranqüila. As semanas têm ritmos próprios, e a loucura de uma sexta-feira ou de um sábado à noite opõem-se directamente a um domingo ou uma segunda-feira mortos. Já consigo prever: esta vai ser uma daquelas noites em que me vou deitar e conseguir de facto adormecer.

— Papá? - a janela basculante para o telhado abre-se, e a Anna rasteja cá para fora. - O Red disse-me que estavas aqui em cima.

Fico imediatamente paralisado. São dez horas da noite.

— O que se passa? - Nada. Só queria.. fazer uma visita.

Quando as crianças eram pequenas, a Sara costumava aparecer aqui com elas a toda a hora. Elas brincavam em volta dos veículos de combate a incêndios gigantes adormecidos. Adormeciam lá em cima, no meu quarto. Às vezes, na altura mais quente do *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 40

Verão, a Sara trazia um cobertor velho e estendíamo-lo aqui, no telhado, deitávamo-nos com os miúdos entre nós, e observávamos a noite a cair.

— A mãe sabe onde estás? - Ela trouxe-me aqui - a Anna anda em bicos dos pés ao longo do telhado. Ela nunca se sentiu muito à vontade com as alturas, e há apenas uma borda de 7,5 centímetros à volta do betão. Semicerrando os olhos, inclina-se para o

telescópio. - que vês? - Vega - digo-lhe eu. Olho bem para a Anna, algo que já não fazia há algum tempo. Ela já não é direita como um pau; tem princípios de curvas. Até os seus movimentos - pôr o cabelo para trás da orelha, espreitar para o telescópio - têm uma espécie de graça que eu associo às mulheres adultas. - Queres falar de alguma coisa? Os dentes começam a morder o lábio inferior, e ela olha para baixo, para os tênis.

— Talvez pudesses tu antes falar comigo - sugere a Anna.

Então sento-a em cima do meu casaco e aponto para as estrelas. Digo-lhe que Vega faz parte da Lira, e que a Lira pertencia a Orfeu. Não sou muito dado a histórias, mas lembro-me daquelas que estão associadas às constelações. Conto-lhe sobre aquele filho do deus Sol, cuja música encantava os animais e amaciava as pedras. Um homem que amava tanto a sua mulher, Eurídice, que não deixou que a Morte levasse a melhor.

Quando termino, estamos deitados de costas.

— Posso ficar aqui contigo? - pergunta a Anna. Beijo-lhe o alto da cabeça.

— É claro.

— Papá - sussurra a Anna, quando tinha a certeza de que já tinha adormecido -, resultou? Demoro um momento a perceber que está a falar de Orfeu e Eurídice.

— Não - admito eu. Ela solta um suspiro.

— Já se esperava - diz ela.

TERÇA-FEIRA

A minha vela arde dos dois lados;

Não vai durar toda a noite;

Mas ah, meus inimigos, e oh, meus amigos

Dá uma luz maravilhosa!

— EDNA ST. VINCENT MILLAY, "First Fig", A Few Figs From Thistles *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 41

Anna

Costumava fingir que estava apenas de passagem nesta família a caminho da minha família verdadeira. Não é muito difícil, na verdade - a Kate, a cara chapada do meu pai; e o Jesse, a cara chapada da minha mãe; e depois eu, uma colecção de genes recessivos fora da norma. Na cantina do hospital, comendo batatas fritas moles e gelatina, olhava de mesa em mesa, pensando que os meus pais genuínos poderiam estar apenas à distância de um tabuleiro. Soluçariam de pura alegria ao me encontrarem, e levar-me-iam de imediato para o nosso castelo no Mônaco ou na Romênia e dar-me-iam uma empregada que cheirasse a lençóis lavados, e um São Bernardo só meu, e uma linha de telefone privada. A questão é que a primeira pessoa a quem eu telefonaria para me vangloriar da minha sorte seria a Kate.

As sessões de diálise da Kate realizam-se três vezes por semana, durante duas horas de cada vez. Ela tem um cateter Mahhukar, que se assemelha exactamente ao seu cateter venoso central em aspecto, e sai do mesmo sítio no seu peito: Este liga-se a uma máquina que faz o trabalho que os seus rins não estão a fazer. O sangue da Kate (bom, se quisermos descer a pormenores técnicos, é o meu sangue) sai do seu corpo através de uma agulha, é purificado, e em seguida volta a entrar no seu corpo através de uma segunda agulha. Ela diz que não dói. É sobretudo aborrecido. A Kate traz normalmente um livro ou o seu leitor de CDs e os auscultadores. Às vezes fazemos jogos.

— Vai ao átrio e conta-me como é o primeiro rapaz bonito que encontrares - diz a Kate, ou: - Esgueira-te para o pé do porteiro que está a navegar na Internet e vê de quem são as fotografias de. nus que ele está a descarregar.

Quando está presa à cama, eu sou os seus olhos e os seus ouvidos.

Hoje, ela está a ler a revista Allure. Interrogo-me se ela se chega a aperceber de que, cada vez que se depara com uma modelo de

decote em bico, toca no seu externo, no mesmo local onde tem um cateter e elas não.

— Olhem - diz a minha mãe, sem mais nem menos -, isto é interessante. - Agita um panfleto que retirou do escaparate à porta do quarto da Kate: Você e o Seu Novo Rim.

- Sabiam que não tiram o rim velho? Limitam-se a transplantar o novo e a fazer a ligação.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 42

— Isso é arrepiante - diz a Kate. - Imaginem o médico legista que nos vai abrir ao aperceber-se de que temos três rins em vez de dois.

— Acho que o transplante serve para que o médico legista não nos abra nos tempos mais próximos - responde a minha mãe. Este rim fictício sobre o qual ela está a falar está presentemente localizado dentro do meu próprio corpo.

Eu também li aquele panfleto.

A doação de um rim é considerada uma cirurgia relativamente segura, mas, se quiserem saber o que eu acho, o escritor devia estar a compará-la a algo como um transplante de coração e de pulmões, ou a remoção de um tumor cerebral. Na minha opinião, uma cirurgia segura é aquela em que nos dirigimos ao consultório do médico, e ficamos sempre acordados, e está tudo terminado em cinco minutos - como quando vamos remover uma verruga ou quando vamos tratar uma cárie. Por outro lado, quando vamos doar um rim, passamos a noite antes da operação em jejum e a tomar laxantes.

Somos anestesiados, cujos riscos podem incluir AVC, ataque cardíaco e problemas pulmonares. A cirurgia de quatro horas também não é nenhuma brincadeira - temos hipótese em 3.000 de morrer na mesa de operações. Se não morrermos, ficamos hospitalizados durante quatro a sete dias. embora demore quatro a seis semanas para ficarmos completamente recuperados. E isso nem sequer inclui os efeitos a longo prazo: um aumento da probabilidade de hipertensão, um risco de complicações durante a gravidez, a recomendação de nos abstermos de actividades em que o único rim que nos resta poderia ser danificado.

Por outro lado, quando vamos remover uma verruga ou tratar uma cárie, a única pessoa que tem benefícios a longo prazo somos nós próprios.

Ouve-se alguém bater à porta, e um rosto familiar espreita cá para dentro. O Vern Stackhouse é um xerife e, portanto um membro da mesma comunidade de funcionários públicos a que o meu pai pertence. Ele costumava ir de vez em quando a nossa casa para nos cumprimentar ou para nos deixar presentes de Natal; mais recentemente, ele salvou a pele do Jesse ao tirá-lo de um sarilho levando-o para casa em vez de o deixar à mercê do sistema judicial.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 43

Quando se faz parte da família da filha que está a morrer, as pessoas esperam menos de nós.

O rosto do Vern parece um soufflé, com depressões nos sítios mais inesperados.

Ele parece não saber ao certo se pode ou não entrar no quarto.

— Hum - diz ele. - Olá, Sara.

— Vern! - a minha mãe levanta-se. - O que está a fazer no hospital? Está tudo bem? - Oh, sim, está tudo bem. Estou aqui apenas em trabalho.

— A entregar papéis, suponho.

— Hum-hum - o Vern arrasta os pés e enfia a mão dentro do casaco, como Napoleão. - Lamento muito isto, Sara - diz ele e, em seguida, estende um documento.

Tal como a Kate, todo o meu sangue sai do meu corpo. Mesmo se quisesse, não conseguiria mexer-me.

— Mas que. . Vern, estou a ser processada? - a voz da minha mãe está demasiado calma.

— Olhe, eu não os leio, Só os entrego. E o seu nome estava aqui mesmo na minha lista. Se, hum, houver alguma coisa.. - ele nem sequer termina a sua frase. com o chapéu na mão, ele esgueira-se de novo por detrás da porta.

— Mãe? - pergunta a Kate. - O que se passa? - Não faço idéia - ela desdobra o papel. Estou suficientemente perto para o poder ler por cima do seu ombro. ESTADO DE

RHODE ISLAND E PROVIDENCE PLANTATIONS, está escrito no topo, da forma mais oficial possível. TRIBUNAL DE FAMÍLIA PARA O CONDADO DE PROVIDENCE. ANNA FITZGERALD, REFERENCIADA COMO VÍTIMA. ", PETIÇÃO PARA EMANCIPAÇÃO MÉDICA.

Oh, merda, penso eu. As minhas faces estão a arder; o meu coração começa a bater mais depressa. Sinto-me como me senti no dia em que o director do liceu mandou para minha casa uma nota disciplinar por eu ter feito um desenho da Sr. a Toohey com o seu rabo colossal na margem do meu livro de matemática. Não, na realidade retiro o que disse - é um milhão de vezes pior.

Para que possa tomar todas as suas decisões médicas futuras.

Para que não seja obrigada a submeter-se a tratamentos médicos que não venham ao encontro dos seus interesses ou não sejam em seu benefício.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 44

Para que não seja solicitado que se submeta a mais tratamentos em benefício da sua irmã, Kate.

A minha mãe levanta o rosto para olhar para o meu.

— Anna - sussurra ela -, que raio é isto? É como se tivesse levado um soco no estômago, agora que está aqui e está a acontecer. Abano a cabeça. O que poderia eu dizer-lhe? - Anna! - ela dá um passo na minha direcção. Por detrás dela, a Kate grita.

— Mãe, oh, mãe. . dói-me alguma coisa, chama a enfermeira! A minha mãe dá meia volta. A Kate está enrolada sobre um dos lados, com o cabelo a cair-lhe por cima do rosto. Acho que, da forma como cai, ela está a olhar para mim, mas não tenho a certeza.

— Mamã - geme ela -, por favor.

Por um momento, a minha mãe fica presa entre nós as duas, como uma bolha de sabão. Ela olha da Kate para mim e de novo para a Kate.

A minha irmã está com dores, e eu fico aliviada. O que é que isto revela a meu respeito? A última coisa que vejo quando saio do quarto a correr é a minha mãe a carregar no botão para chamar a enfermeira uma e outra vez, como se fosse o detonador de uma bomba.

Não me posso esconder na cantina, nem na recepção, nem em nenhum outro sítio para onde esperam que eu vá. Portanto subo as escadas até ao sexto andar, a maternidade. No salão há apenas um telefone, e está a ser utilizado.

— Três quilos - diz o homem, sorrindo tanto que acho que o rosto dele se pode rasgar. - Ela é perfeita.

Será que os meus pais fizeram isto quando eu nasci? Será que o meu pai enviou sinais de fumo; será que ele contou os meus dedos das mãos e dos pés, certo de que encontraria o número mais perfeito do universo? Será que a minha mãe beijou o alto da minha cabeça e se recusou a deixar que a enfermeira me levasse para me limparem? Ou será que se limitaram a entregar-me, visto que o verdadeiro prêmio estava preso com uma pinça de mola entre a minha barriga e a placenta? O novo pai finalmente desliga o telefone, rindo-se por nada.

— Parabéns - digo eu, quando o que realmente lhe quero dizer é que agarre nessa sua bebê e lhe pegue ao colo, para lhe colocar a lua na beira do seu berço e para pendurar *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 45

o seu nome nas estrelas para que ela nunca, nunca lhe faça aquilo que eu fiz aos meus pais.

Faço uma chamada a pagar no destino para o Jesse. Passados vinte minutos, ele encosta o carro à entrada principal. Por esta altura, o delegado Stackhouse foi notificado de que eu estou desaparecida; ele está à porta à espera quando eu saio.

— Anna, a tua mãe está muito preocupada contigo. Ela enviou uma mensagem para o pager do teu pai. Ele fez com que o hospital fosse virado do avesso.

Respiro fundo.

— Então o melhor é ir dizer-lhe que eu estou bem - digo eu, e salto para dentro do carro pela porta do outro lado do condutor que o Jesse abriu para mim.

Ele desvia-se da borda do passeio e acende um Merit, embora eu tenha a certeza de que disse à minha mãe que tinha deixado de fumar. Aumenta o som da sua música, batendo com a palma da

mão na beira do volante. Só quando sai da estrada principal, na saída para Upper Darby é que desliga o rádio e abranda.

— Então. Ela fez um escarcéu? - Ela mandou uma mensagem para o pager do pai enquanto ele estava a trabalhar.

Na nossa família, é um pecado mortal mandar uma mensagem para o pager do meu pai quando ele está em trabalho. Visto que o seu trabalho é lidar com situações de emergência, que tipo de crise podemos sofrer que se compare com isso? - Da última vez que ela enviou uma mensagem para o pager do pai - informa-me o Jesse -, a Kate estava a ser diagnosticada.

— Ótimo - cruzo os braços. - Isso faz-me sentir infinitamente melhor.

O Jesse limita-se a sorrir. Faz uma argola de fumo.

— Mana - diz ele -, bem-vinda ao Lado Negro.

Eles entram como um furacão. A Kate mal consegue olhar para mim antes de o meu pai a mandar lá para cima, para o nosso quarto. A minha mãe atira com a mala, e depois com as chaves do carro, e em seguida avança na minha direcção.

— Vá lá - diz ela, com uma voz tão tensa que se poderia partir.

— O que se passa? Aclaro a garganta.

— Arranjei um advogado.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 46

— É evidente - a minha mãe agarra no telefone portátil e dá-mo. - Agora livra-te dele.

É preciso um enorme esforço, mas eu consigo abanar a cabeça e deixar cair o telefone para cima das almofadas do sofá.

— Anna, Deus me ajude...

— Sara - a voz do meu pai é um machado. Mete-se entre nós, e põe-nos as duas a girar. - Acho que devemos dar à Anna uma oportunidade para se explicar, certo? Baixo a cabeça.

— Já não o quero fazer.

Isto faz a minha mãe explodir.

— Sabes, Anna, eu também não. Na realidade, a Kate também não quer. Mas trata-se de algo que não podemos escolher.

A questão é que eu tenho escolha. E é precisamente por isso que sou eu quem tem de o fazer. A minha mãe está de pé à minha

frente.

— Foste a um advogado e fizeste-o pensar que isto só tem a ver contigo, e não tem. Tem a ver connosco. Todos nós. .

As mãos do meu pai enrolam-se em volta dos ombros dela e apertam. Quando se agacha à minha frente, cheira-me a fumo. Ele vem do incêndio de outra pessoa mesmo para o meio deste e, por isso e nada mais, sinto-me envergonhada.

— Anna, querida, nós sabemos que pensas que fizeste algo que precisavas de fazer.. - Eu não acho - interrompe a minha mãe. O meu pai fecha os olhos.

— Sara. Bolas, cala-te - em seguida olha para mim novamente.

— Podemos falar, só os três, sem que um advogado tenha de o fazer por nós? O

que ele diz faz os meus olhos encherem-se de lágrimas. Mas eu sabia que isto iria acontecer. Portanto levanto o queixo e deixo correr as lágrimas ao mesmo tempo.

— Papá. não posso.

— Por amor de Deus, Anna - diz a minha mãe. - Será que pelo menos te apercebes de quais serão as conseqüências? A minha garganta fecha-se como o obturador de uma câmara, de maneira que qualquer ar ou desculpa se tenha de movimentar através de um

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 47

túnel da grossura de um alfinete. Eu sou invisível, penso eu, e apercebo-me tarde de mais de que falei em voz alta.

A minha mãe movimenta-se tão depressa que eu nem sequer me apercebo de nada. Mas dá-me uma bofetada na face com força suficiente para fazer a minha cabeça dobrar-se para trás. Ela deixa uma marca que perdura em mim muito depois de se ter esmorecido. Só para que saibam: a vergonha tem cinco dedos.

Uma vez, quando a Kate tinha oito anos e eu tinha cinco, tivemos uma discussão e decidimos que já não queríamos partilhar o mesmo quarto. Tendo em conta o tamanho da nossa casa, porém, e o facto de o Jesse ocupar o outro quarto existente, não tínhamos mais nenhum sítio para onde ir. Então a Kate, sendo mais velha e mais sensata, decidiu dividir ao meio o nosso espaço.

— Que lado queres? - perguntou ela diplomaticamente. - Até te deixo escolher.

bom, eu queria a parte onde estava a minha cama. Para além disso, se dividíssemos o quarto em dois, a metade onde estava a minha cama também incluiria, necessariamente, a caixa que continha todas as nossas Barbies e as prateleiras onde guardávamos o nosso material artístico. A Kate foi até lá para ir buscar um marcador, mas eu detive-a.

— Isso está do meu lado - salientei.

— Então dá-me um - exigiu ela, portanto dei-lhe o vermelho. Ela trepou para cima da secretária, o mais alto que conseguiu chegar em direcção ao tecto.

— Assim que tivermos feito isto - disse ela -. tu ficas do teu lado, e eu fico do meu, está bem? Eu acenei com a cabeça, tão empenhada em manter este acordo como ela.

Afinal de contas, eu tinha todos os brinquedos melhores. A Kate estaria a suplicar-me por uma visita muito antes de mim.

— Juras? - perguntou ela, e fizemos uma promessa.

Ela traçou uma linha incerta desde o tecto, por cima da secretária, ao longo do tapete castanho-claro e depois por cima da mesa-de-cabeceira e pela parede do outro lado acima. Depois deu-me o marcador.

— Não te esqueças - disse ela. - Só os batoteiros é que não cumprem uma promessa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 48

Sentei-me no chão do meu lado do quarto, tirando todas as Barbies que nós possuíamos, vestindo-as e despindo-as, fazendo um grande alarido pelo facto de eu as ter e a Kate não. Ela empoleirou-se na cama com os joelhos para cima, a observar-me. Não teve qualquer reacção. Isto é, até que a minha mãe nos chamou para o almoço.

Então a Kate sorriu para mim, e saiu pela porta do quarto, que se encontrava do seu lado.

Eu dirigi-me para a linha que ela tinha traçado no tapete, dando-lhe pontapés com os dedos. Não queria ser uma batoteira. Mas também não queria passar o resto da vida no meu quarto.

Não sei quanto tempo é que a minha mãe levou a interrogar-se porque é que eu não ia para a cozinha para almoçar, mas quando se tem cinco anos, até um segundo pode durar uma eternidade. Ela ficou à porta, a olhar para a linha de marcador nas paredes e no tapete, e fechou os olhos para arranjar paciência. Entrou no nosso quarto e pegou-me ao colo, e eu comecei a debater-me.

— Não - gritei eu. - Nunca mais vou poder voltar a entrar! Passado um minuto ela saiu, e voltou com pegadas, panos da loiça e almofadas. Ela colocou-os todos a intervalos irregulares por todo o lado na metade do quarto da Kate.

— Vá lá - incitou ela, mas eu não me mexi. - Isto pode ser o charco da Kate - disse ela -, mas estes são os meus nenúfares. De pé, ela saltou para cima de um pano da loiça, e daí para cima de uma almofada. Ela olhou por cima do ombro, até que eu me pusesse em cima do pano da loiça. Do pano da loiça para a almofada, para uma pega que o Jesse tinha feito na primeira classe, até atravessar toda a metade do quarto pertencente à Kate. O

caminho mais seguro para sair do quarto era seguir os passos da minha mãe.

Estou a tomar um duche quando a Kate abre o trinco da porta e entra na casa de banho.

— Quero falar contigo - diz ela. Espreito pelo lado da cortina de plástico.

— Quando acabar - digo eu, tentando ganhar tempo para uma conversa que não quero realmente ter.

— Não, agora - ela senta-se em cima da tampa da sanita e suspira. - Anna. . o que estás a fazer..

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 49

— Já está feito - digo eu.

— Tu podes desfazê-lo, sabes, se quiseres.

Ainda bem que há tanto vapor entre nós, porque eu não conseguiria suportar a idéia de ela ser capaz de ver o meu rosto neste momento.

— Eu sei - sussurro eu.

Durante bastante tempo, a Kate permanece em silêncio. A sua cabeça está a andar às voltas, como um gerbilo numa roda, como a

minha. Podemos seguir cada hipótese e, mesmo assim, não chegamos a lado nenhum.

Passado um tempo, espreiro outra vez. A Kate limpa os olhos e olha para mim.

— Tens consciência - diz ela - de que és a única amiga que eu tenho? - Isso não é verdade - respondo imediatamente, mas ambas sabemos que estou a mentir. A Kate passou demasiado tempo fora da escola normal para arranjar um grupo em que se integre. A maior parte dos amigos que ela fez desapareceu durante o longo período de remissão - e foi mútuo. Afinal é demasiado difícil para um miúdo normal saber como reagir ao pé de uma pessoa que está à beira da morte; e é igualmente difícil para a Kate entusiasmar-se verdadeiramente com coisas como o regresso a casa nas férias e os exames de admissão à universidade quando não há garantias de que vai estar cá para os viver. Ela tem alguns conhecimentos, é claro, mas na maioria dos casos quando a vêm visitar parece que estão a cumprir uma pena, e sentam-se na beira da cama da Kate a contar os minutos para poderem ir-se embora e dar graças a Deus por não lhes ter acontecido a eles.

Um verdadeiro amigo não é capaz de ter pena de nós.

— Eu não sou tua amiga - digo eu, puxando de novo a cortina.

— Sou tua irmã. - E estou a cumprir muito mal essa função, penso eu. Ponho o meu rosto debaixo do chuveiro, para que ela não consiga perceber que também estou a chorar.

De repente, a cortina abre-se, deixando-me totalmente exposta.

— É sobre isso que eu queria falar - diz a Kate. - Se já não queres ser minha irmã, isso é uma coisa. Mas acho que não conseguiria suportar perder-te como amiga.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 50

Ela puxa de novo a cortina, fechando-a, e o vapor ergue-se à minha volta. Um momento depois ouço a porta abrir-se e fechar-se, e a corrente de ar frio que se segue.

Também não suporto a idéia de a perder.

Nessa noite, depois de a Kate adormecer, saio da minha cama e fico de pé ao lado da dela. Quando ponho a palma da minha mão debaixo do seu nariz para ver se ela está a respirar, sinto uma

lufada de ar contra a minha mão. Eu poderia empurrar, agora, colocar a minha mão sobre aquele nariz e aquela boca, segurá-la enquanto se debate. Em que medida é que isso seria assim tão diferente daquilo que eu já estou a fazer? O som de passos no corredor faz com que me enfie debaixo dos cobertores. Viro-me de lado, para o lado oposto à porta, no caso de as minhas pálpebras ainda estarem trêmulas na altura em que os meus pais entrarem no quarto.

— Não acredito nisto - sussurra a minha mãe. - Não acredito que ela tenha feito isto.

O meu pai está tão silencioso que me interrogo se não estarei enganada, talvez ele não esteja aqui.

— Isto é o Jesse, outra vez - acrescenta a minha mãe. - Ela está a fazer isto para chamar a atenção.

Consigo sentir que ela está a olhar para mim, como se eu fosse uma espécie de criatura que ela nunca tivesse visto antes.

— Talvez precisássemos de a levar a algum sítio, sozinha. Ao cinema, ou às compras, para que não se sinta excluída. Fazê-la ver que não tem de fazer uma loucura para que reparemos nela. O que achas? O meu pai demora algum tempo a responder.

— Bem - diz ele calmamente -, talvez isto não seja uma loucura. Sabem como o silêncio pode meter-se nos nossos tímpanos na escuridão e ensurdecê-los? É isso que acontece, por isso quase não oiço a resposta da minha mãe.

— Por amor de Deus, Brian. . de que lado estás? E o meu pai: - Quem disse que havia lados? Mas até eu poderia dar-lhe uma resposta. Há sempre lados. Há sempre um vencedor, e um perdedor. Por cada pessoa que recebe, há sempre outra que tem de dar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 51

Passados alguns segundos, a porta fecha-se, e a luz do corredor que tem estado a dançar no tecto desaparece. A pestanejar, deito-me de costas e encontro a minha mãe ainda de pé ao lado da minha cama.

— Pensei que já te tinhas ido embora - sussurro.

Ela senta-se aos pés da minha cama e eu afasto-me. Mas ela põe a mão na barriga da minha perna antes que eu me afaste de mais.

— Que mais pensas tu, Anna? O meu estômago contorce-se.

— Penso. . penso que deves odiar-me. Até no escuro, consigo ver o brilho dos seus olhos.

— Oh, Anna - suspira a minha mãe -, como podes não saber o quanto te amo? Ela estende os braços e eu dirijo-me a eles, como se fosse de novo pequena e coubesse lá.

Encosto o meu rosto ao seu ombro com força. O que eu quero, mais do que tudo, é voltar um pouco atrás no tempo. Transformar-me na criança que fui, que acreditava que tudo o que a minha mãe dizia era cem por cento verdadeiro sem ter de olhar com tanta atenção que visse as pequenas rachas.

A minha mãe abraça-me com mais força.

— Vamos falar com o juiz e explicar-lhe o caso. Nós conseguimos resolver isto -

diz ela. - Nós conseguimos resolver qualquer coisa.

E porque essas palavras são de facto tudo o que eu sempre quis ouvir, aceno com a cabeça.

Sara

1990

Há um conforto inesperado no facto de estar na ala de oncologia do hospital, uma noção de que sou um membro do clube. Desde o bondoso guarda do parque de estacionamento, que nos pergunta se é a nossa primeira vez, às legiões de crianças com bacias de émese cor-de-rosa debaixo do braço, como se fossem ursinhos de peluche

-

estas pessoas já cá estavam todas antes de nós, e há segurança nos números.

Subimos de elevador até ao terceiro andar, para o consultório do Dr. Harrison Chance. Só o seu nome já me tinha desagradado. Porque não Dr. Victor? - Está atrasado -

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 52

digo eu ao Brian, ao olhar para o relógio pela vigésima vez. Um clorófito definha, castanho, num parapeito. Espero que ele trate melhor das pessoas.

Para distrair a Kate, que está a começar a ficar impaciente, encho uma luva de borracha de ar e dou-lhe um nó, transformando-a num balão pretensioso. No distribuidor de luvas que se encontra perto do lavatório há um letreiro conspícuo, a avisar os pais para não fazerem precisamente isto. Atiramo-la para trás e para a frente, jogando voleibol, até que o próprio Dr. Chance entra sem apresentar qualquer desculpa devido ao seu atraso.

— Sr. e Sr. a Fitzgerald - ele é alto e magro como um espeto, com olhos azuis vibrantes aumentados por óculos de lentes grossas. Ele apanha o balão improvisado da Kate com uma das mãos e franze o sobrolho. - Bem, vejo que já temos aqui um problema.

O Brian e eu trocamos um olhar. Será este homem sem coração que nos vai conduzir por esta guerra, o nosso general, o nosso cavaleiro andante? Antes que conseguíssemos sequer contrapor

alguma explicação, o Dr. Chance agarra num marcador Sharpie e desenha uma cara no látex, completando-a com um par de óculos de armação de metal a condizer com os seus.

— Pronto - diz ele, e com um sorriso que o modifica, devolve-o à Kate.

Só vejo a minha irmã Suzanne uma ou duas vezes por ano. Ela vive a pouco mais de uma hora e a vários milhares de convicções filosóficas de distância.

Tanto quanto sei, a Suzanne recebe muito dinheiro para dar ordens. O que significa, teoricamente, que fez o treino para a sua carreira em mim. O nosso pai faleceu enquanto cortava a relva, no dia do seu quadragésimo nono aniversário; a minha mãe nunca se chegou a recompor totalmente depois disso. A Suzanne, dez anos mais velha do que eu, tomou as rédeas. Ela assegurou-se de que eu fazia os meus trabalhos de casa e de que entregava a minha candidatura para a faculdade de direito e de que sonhava alto. Ela era inteligente e bonita e sabia sempre o que devia dizer em qualquer altura. Ela enfrentava qualquer catástrofe e encontrava o antídoto lógico para a curar, o que fez com que tivesse tanto sucesso no seu emprego. Estava tão à vontade numa sala de reuniões como a correr ao longo da Charles. Ela fazia tudo parecer fácil. Quem não quereria ter um modelo de comportamento assim? O meu primeiro deslize foi casar com um rapaz sem curso superior. O meu segundo e o meu terceiro foram ter ficado grávida. Acho que,

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 53

quando não me transformei na próxima Gloria Allred, ela encontrou uma justificação para me considerar um falhanço. E eu acho que, até hoje, eu encontrei uma justificação para pensar que não sou.

Não me interpretem mal, ela adora a sobrinha e o sobrinho. Ela envia-lhes esculturas africanas, conchas do Bali, chocolates suíços. O Jesse quer ter um escritório de vidro como o dela quando for grande.

— Nem todos nós podemos ser como a tia Zanne - digo-lhe eu, quando o que quero dizer é que eu não posso ser como ela.

Não me lembro qual de nós deixou de retribuir os telefonemas primeiro, mas foi mais fácil dessa maneira. Não há nada pior do que o silêncio, pendurado como contas pesadas numa conversa demasiado delicada. Portanto demoro uma semana inteira para agarrar no telefone. Marco o número directamente.

— Linha de Suzanne Crofton - diz um homem.

— Sim. - Hesito. - Ela pode atender? - Ela está numa reunião.

— Por favor.. - respiro fundo. - Por favor diga-lhe que a irmã está ao telefone.

Um momento depois, aquela voz suave e confiante entra no meu ouvido.

— Sara. Há tanto tempo.

Ela foi a pessoa a quem me dirigi quando me apareceu o período; a que me ajudou a recuperar da primeira vez que fiquei com o coração despedaçado; a mão que eu agarrava a meio da noite quando não me conseguia lembrar de que lado do cabelo era o risco do nosso pai, ou como era o riso da nossa mãe. Não importa o que ela é agora, ela era a minha melhor amiga de sempre.

— Zanne? - digo eu. - Como estás? Trinta e seis horas depois de terem diagnosticado oficialmente LPA à Kate, o Brian e eu temos uma oportunidade para fazer perguntas. A Kate brinca com cola brilhante com um especialista em vida infantil enquanto nos reunimos com uma equipa de médicos, enfermeiras e psiquiatras. As enfermeiras, já percebi, são aquelas que nos dão todas as respostas pelas quais andamos desesperados.

Ao contrário dos médicos, que se apressam como se precisassem de ir a qualquer outro lado, as enfermeiras respondem-nos pacientemente, como se fôssemos os primeiros pais com quem tivessem este tipo de reunião, em vez dos milésimos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 54

— O problema da leucemia - explica uma enfermeira - é que, ainda antes de introduzir uma agulha para fazer o primeiro tratamento, já estamos a pensar três tratamentos mais à frente. Esta doença em particular tem um prognóstico bastante mau, portanto temos de pensar com antecedência no que vai acontecer a seguir. O

que torna a LPA um pouco mais traiçoeira é ser uma doença resistente à quimioterapia.

— O que significa isso? - pergunta o Brian. - Normalmente, no caso das leucemias mielógenas, desde que os órgãos agüentem, podemos voltar a induzir a remissão num paciente de cada vez que há uma recaída. Estamos a esgotar o seu corpo, mas sabemos que este vai reagir ao tratamento uma e outra vez. No entanto, no caso da LPA, uma vez que se realize uma dada terapia, normalmente não podemos contar com ela de novo. E até à data, só podemos fazer isto.

— Está a dizer.. - o Brian engole. - Está a dizer que ela vai morrer? - Estou a dizer que não há garantias.

— Então o que vão fazer? Uma outra enfermeira responde.

— A Kate vai iniciar uma semana de quimioterapia, na esperança de sermos capazes de eliminar as células doentes e fazê-la entrar em remissão. O mais provável é que ela tenha náuseas e vômitos, que vamos tentar reduzir ao mínimo com antieméticos. Ela vai perder o cabelo.

Perante isto, deixa escapar um pequeno grito. Trata-se de algo tão insignificante e, no entanto, é o estandarte que vai transmitir aos outros o que está a acontecer à Kate. Há apenas seis meses, ela cortou o cabelo pela primeira vez; os pequenos anéis de cabelo dourado enrolados no chão do SuperCuts como moedas.

— Ela pode ter diarreia. Há grandes hipóteses, visto que o seu sistema imunitário se encontra debilitado, de que ela apanhe uma infecção que requeira hospitalização. A quimioterapia também pode provocar atrasos no desenvolvimento. Ela vai ter uma sessão de quimioterapia de consolidação cerca de duas semanas depois disso e, em seguida, algumas sessões de terapia de manutenção. O número exacto vai depender dos resultados obtidos nas aspirações periódicas de medula óssea.

— E depois? - pergunta o Brian.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 55

— Depois observamo-la - responde o Dr. Chance. - No caso da LPA, temos de estar alerta aos sinais de recaída. Ela tem de vir ao Serviço de Urgências se tiver alguma hemorragia, febre, tosse ou

infecção. E, quanto ao tratamento posterior, vai ter algumas escolhas. A idéia é fazer com que o corpo da Kate produza medula óssea saudável. No caso improvável de conseguirmos induzir uma remissão molecular com a quimioterapia, podemos retirar as próprias células da Kate e reinseri-las - uma colheita autóloga. Se ela tiver uma recaída, podemos tentar transplantar a medula de outra pessoa para a Kate, para que produza células sangüíneas. A Kate tem irmãos? - Um irmão - digo eu. Surge um pensamento, um pensamento horrível. - Ele pode ter isto também? - É muito improvável.

Mas ele pode acabar por ser compatível para se fazer um transplante alogeneico. Se não, colocamos a Kate no registo nacional de DNFC - dador não familiar compatível. No entanto, receber um transplante de um estranho que seja compatível é muito mais perigoso do que receber de um familiar - o risco de mortalidade aumenta muito.

A informação é interminável, uma série de dardos atirados tão depressa que já não consigo sentir as suas picadas. Dizem-nos: Não pensem; entreguem-nos a vossa filha, porque de outra forma ela morrerá. Por cada resposta que nos dão, nós temos outra pergunta.

O cabelo dela voltará a crescer? Será que alguma vez irá à escola? Será que poderá brincar com amigos? Isto aconteceu por causa do sítio onde vivemos? Isto aconteceu por causa de quem somos? - Como será - ouço-me a mim própria perguntar -, se ela morrer?

O Dr. Chance olha para mim.

— Depende da causa - explica ele. - Se for uma infecção, ela terá dificuldades respiratórias e terá de ser colocada num ventilador. Se for uma hemorragia, ela vai perder sangue até perder a consciência. Se for uma insuficiência de um órgão, as características variam consoante o sistema afectado. Frequentemente há uma combinação de todos estes factores.

— Ela terá consciência do que estará a acontecer? - pergunto eu, quando o que realmente quero dizer é Como vou eu sobreviver a isto? - Sr. a Fitzgerald - diz ele, como se tivesse ouvido a minha pergunta silenciosa -, das vinte crianças aqui presentes hoje, dez

vão estar mortas dentro de alguns anos. Não sei em que grupo vai estar a Kate.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 56

Para salvar a vida da Kate, parte dela tem de morrer. É este o propósito da quimioterapia - eliminar todas as células leucémicas. Para isso, foi colocado um cateter venoso central abaixo da clavícula da Kate, um tubo com três agulhas que será a porta de entrada para múltiplas administrações de medicamentos, fluidos intravenosos e colheitas de sangue. Observo os tubos a saírem do seu peito magro e penso nos filmes de ficção científica.

Ela já fez um ECG de base, para assegurar que o seu coração consegue agüentar a quimioterapia. Colocaram-lhe gotas oftálmicas de dexametasona, porque um dos medicamentos causa conjuntivite. Retiraram-lhe sangue através do cateter venoso central, para examinar a função renal e hepática.

A enfermeira pendura os sacos com a infusão no suporte intravenoso e alisa o cabelo da Kate.

— Ela vai sentir isso? - pergunto.

— Não. Olha, Kate, olha para aqui. - Ela aponta para o saco de Daunorubicina, coberto por um saco escuro para o proteger da luz. A enfeitá-lo estão os autocolantes coloridos que ela ajudou a Kate a fazer enquanto estávamos à espera. Vi um adolescente com um bilhete escrito num Post-it no dele que dizia: Jesus salva. A quimioterapia marca pontos.

É isto que começa a circular nas suas veias: a Daunorubicina 50mg em 25cl de dextrose a 5% em água; Citarabina, 46mg numa infusão de dextrose a 5% em água, administrada continuamente durante vinte e quatro horas por via intravenosa; Alopurinol, 92mg por via intravenosa. Ou, por outras palavras, veneno. Imagino uma grande batalha a desenrolar-se dentro dela. Imagino exércitos gloriosos, baixas que se evaporam através dos seus poros.

Dizem-nos que o mais provável é que a Kate adoeça dentro de alguns dias, mas são necessárias apenas duas horas para que comece a vomitar. O Brian carrega no botão de chamada, e uma enfermeira entra no quarto.

— Vamos dar-lhe algum Reglan - diz ela, e desaparece. Quando a Kate não está a vomitar, está a chorar. Sento-me na beira da sua cama, com metade dela ao meu colo. As enfermeiras não têm tempo para prestar cuidados. com falta de pessoal, limitam-se a *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 57

administrar antieméticos por via intravenosa; ficam por alguns momentos para ver como a Kate reage - mas são inevitavelmente chamadas para atenderem a uma outra emergência noutro lado, e cabe-nos a nós o resto. O Brian, que tem de sair do quarto quando um dos nossos filhos tem uma virose que afecta o estômago, é um modelo de eficiência: limpando-lhe a testa, segurando nos seus ombros magros, passando lenços de papel à volta da sua boca.

— Tu consegues ultrapassar isto - sussurra-lhe ele de cada vez que ela cospe, mas talvez esteja apenas a falar consigo próprio.

E eu também me estou a surpreender a mim própria. De forma obscuramente decidida faço um ballet ao limpar a bacia de êmese e ao trazê-la de volta. Se nos concentrarmos em colocar sacos de areia no paredão, conseguimos ignorar o maremoto que se aproxima.

Ao tentar agir de outra forma iremos enlouquecer.

O Brian traz o Jesse para o hospital para fazer a sua análise ao sangue: uma simples picada no dedo. Ele precisa de ser seguro pelo Brian e por dois médicos internos; grita por todo o hospital. Eu afasto-me, cruzo. os braços, e penso inadvertidamente na Kate, que parou de chorar por causa destes procedimentos há dois dias.

Um médico vai observar a sua amostra de sangue e analisar seis proteínas, que flutuam invisíveis. Se estas seis proteínas forem iguais às da Kate, então o Jesse terá um HLA compatível - será um potencial dador de medula óssea para a sua irmã. Quais serão as hipóteses, penso eu, de ser seis vezes compatível? As mesmas de ter contraído leucemia, antes de tudo.

A flebotomista vai-se embora com a sua amostra de sangue, e o Brian e os médicos libertam o Jesse. Ele sai da mesa e corre para os meus braços.

— Mamã, eles picaram-me - ele mostra-me o dedo enfeitado Com um penso rápido dos Rugrats. Sinto o calor do seu rosto

molhado e radioso na minha pele.

Abraço-o com força. Digo todas as coisas que devem ser ditas. Mas é tão, tão difícil forçar-me a ter pena dele.

— Infelizmente - diz o Dr. Chance -, o seu filho não é compatível.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 58

Os meus olhos fixam-se na planta, que ainda definha, castanha, no parapeito.

Alguém deveria ver-se livre daquilo. Alguém deveria substituí-la por orquídeas, helicónias e outras flores inverosímeis.

— É possível que apareça um dador não familiar no registo nacional de medula.

O Brian inclina-se para a frente, rígido e tenso.

— Mas disse que um transplante de um dador não familiar era perigoso.

— É verdade - diz o Dr. Chance. - Mas, por vezes, é tudo o que temos.

Olho para cima.

— E se não conseguir encontrar ninguém compatível no registo? - Bem - o oncologista esfrega a testa. - Então tentámos mantê-la viva até que a investigação avance.

Ele fala da minha filha como se fosse uma espécie de máquina: um carro com um carburador deficiente, um avião cujo trem de aterragem não desce. Em vez de enfrentar isto, volto-me mesmo a tempo de ver uma das miseráveis folhas dar o seu mergulho suicida para o tapete. Sem dar nenhuma explicação, levanto-me e agarro no vaso. Saio do consultório do Dr. Chance, passo pela recepcionista e pelos outros pais em estado de choque que estão à espera acompanhados pelos seus filhos doentes. No primeiro caixote que encontro, deito a planta e a sua terra ressequida. Fico a olhar para o vaso de barro que está na minha mão, e estou a pensar em parti-lo no chão de ladrilhos quando ouço uma voz atrás de mim.

— Sara - diz o Dr. Chance. - Sente-se bem? Volto-me devagar, com lágrimas nos olhos.

— Estou bem. Sou saudável. vou viver uma vida muito, muito longa.

Entregando-lhe o vaso, peço desculpa. Ele acena com a cabeça, e oferece-me um lenço tirado do seu próprio bolso.

— Pensei que o Jesse a pudesse salvar. Queria que fosse o Jesse.

— Todos nós queríamos - responde o Dr. Chance. - Repare. Há vinte anos, a taxa de sobrevivência era ainda mais baixa. E eu conheço muitas famílias em que um irmão não é compatível, mas verifica-se que o outro é perfeito.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 59

Nós só temos estes dois, começo a dizer, e então apercebo-me de que o Dr.

Chance está a falar de uma família que eu ainda não tenho, de filhos que nunca tive intenção de ter. Volto-me para ele, com uma pergunta nos lábios.

— O Brian vai ficar preocupado sem saber onde estamos - ele começa a encaminhar-se para o seu consultório, segurando no vaso.

— Que tipo de plantas - pergunta ele em tom coloquial - é que eu teria menos probabilidades de matar? É tão fácil presumir que, como o nosso mundo ficou suspenso, o de todos os outros também devia ficar. Mas, o funcionário de recolha de lixo levou o nosso lixo e deixou as latas na estrada, como sempre. Há uma conta do camião de transporte de combustível enfiada na porta da frente. No móvel da entrada há uma pilha de correspondência relativa a uma semana. Surpreendentemente, a vida continuou.

A Kate tem alta do hospital uma semana inteira após ter sido internada para se submeter à quimioterapia de indução. O cateter venoso central que ainda serpenteia no seu peito faz um alto na sua camisola. As enfermeiras dizem-me palavras de incentivo para me dar coragem, e dão-me uma longa lista de instruções a seguir: quando telefonar e quando não telefonar para as urgências, quando devemos voltar para mais quimioterapia, como devemos ser cuidadosos durante o período de imunossupressão da Kate.

Às seis da manhã seguinte, a porta do nosso quarto abre-se. A Kate dirige-se à cama em bicos dos pés, embora o Brian e eu tivéssemos acordado num instante.

— O que foi, querida? - pergunta o Brian.

Ela não diz nada, levanta apenas a mão em direcção à cabeça e passa os dedos pelo cabelo. Solta-se numa madeixa grossa, flutua em direcção ao tapete como se fosse uma pequena tempestade de neve.

— Já acabei - anuncia a Kate passados alguns dias ao jantar. O seu prato ainda está cheio; ela não tocou nos feijões nem no rolo de carne. Sai disparada em direcção à sala de estar para ir brincar.

— Eu também - o Jesse afasta-se da mesa. - Posso levantar-me? O Brian espeta mais um pedaço de comida com o seu garfo.

— Até comeres tudo o que é verde, não.

— Detesto feijões.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 60

— Eles também não gostam lá muito de ti.

O Jesse olha para o prato da Kate.

— Ela pode levantar-se. Não é justo.

O Brian pousa o garfo na beira do prato.

— Justo? - responde ele, numa voz demasiado calma. - Tu queres ser justo? Está bem, Jess. Da próxima vez que a Kate fizer uma aspiração de medula óssea, nós deixamos que tu também faças uma. Quando limparmos o seu cateter venoso central, vamos assegurar-nos de que tu te submetas a algo igualmente doloroso. E, da próxima vez que ela fizer quimioterapia, nós. .

— Brian! - interrompo eu.

Ele pára tão abruptamente como tinha começado, e passa uma mão trêmula pelos olhos. Depois o seu olhar fixa-se no Jesse, que se refugiou debaixo do meu braço.

— Eu. . desculpa, Jesse. Eu não. . - mas o que quer que fosse que ele estava prestes a dizer desaparece, enquanto o Brian sai da cozinha.

Ficamos em silêncio durante muito tempo. Em seguida o Jesse vira-se para mim.

— O papá também está doente? Eu penso muito antes de responder.

— Vamos todos ficar bem - respondo.

Uma semana após termos regressado a casa, somos acordados a meio da noite com um estrondo. O Brian e eu corremos os dois para o quarto da Kate. Ela está deitada na cama, a tremer tanto que derrubou um candeeiro que estava em cima da mesa-de-cabeceira.

— Ela está a arder - digo ao Brian, quando pouso a mão na sua testa.

Já tinha pensado sobre como decidiria telefonar ou não ao médico no caso de a Kate desenvolver sintomas estranhos. Agora olho para ela e não posso acreditar que tenha sido tão estúpida ao ponto de pensar que não saberia, imediatamente, como é estar doente.

— Vamos para as Urgências - anuncio, embora o Brian esteja já a embrulhar a Kate nos seus cobertores e a tirá-la do berço. Apressamo-nos a metê-la no carro e ligamos o motor, e depois lembramo-nos de que não podemos deixar o Jesse sozinho em casa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 61

— Vai tu com ela - responde o Brian, lendo os meus pensamentos. - Eu fico aqui. -

Mas não tira os olhos da Kate.

Minutos depois, aceleramos em direcção ao hospital, com o Jesse no banco de trás, ao lado da irmã, a perguntar-me porque tínhamos de nos levantar antes de o Sol nascer.

Nas Urgências, o Jesse dorme num ninho feito com os nossos casacos. O Brian e eu observamos os médicos de roda do corpo febril da Kate, como abelhas sobre um prado florido, a extraírem dela tudo o que podem. Fazem uma cultura do seu sangue e uma punção lombar para tentar isolar a infecção e excluir a hipótese de meningite. Um radiologista traz um aparelho de raios X portátil para lhe tirar uma radiografia torácica, a fim de verificar se esta infecção está localizada nos seus pulmões.

Depois, ele coloca a radiografia torácica sobre o painel luminoso que está do outro lado da porta. As costelas da Kate parecem tão finas como fósforos, e há uma grande mancha cinzenta quase no centro. Os meus joelhos cedem, e eu dou por mim a agarrar-me ao braço do Brian.

— É um tumor. O cancro metastizou.

O médico coloca a mão no meu ombro.

— Sr. a Fitzgerald - diz ele -, isso é o coração da Kate.

Pancitopenia é uma palavra difícil que significa que não há nada no corpo da Kate que a proteja contra as infecções. Significa, diz o Dr. Chance, que a quimioterapia resultou - que a grande maioria dos glóbulos brancos que se encontravam dentro do corpo da Kate foi liquidada. Também significa que a sépsis nadir - uma infecção pós quimioterapia - não é uma probabilidade, mas um facto.

Administram-lhe Tylenol para lhe fazer baixar a febre. Fazem-lhe culturas de sangue, urina e secreções respiratórias, para que possam ser administrados os antibióticos certos. São precisas seis horas para que lhe passem os tremores - uma série de tremuras tão violenta que quase a faz cair da cama.

A enfermeira - uma mulher que tinha entrançado o cabelo da Kate em pequenas tranças sedosas uma tarde há algumas semanas, para a fazer sorrir - mede a temperatura da Kate e depois volta-se para mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 62

— Sara - diz ela suavemente -, agora já pode estar descansada.

O rosto da Kate parece tão pequeno e tão branco como aquelas luas distantes que o Brian gosta de observar com o seu telescópio - quieto, remoto e frio. Ela parece um cadáver.. e, pior ainda, isto é um alívio, comparado com vê-la sofrer.

— Então - o Brian põe a mão no alto da minha cabeça. Ele agarra o Jesse a custo com o outro braço. É quase meio-dia, e nós ainda estamos de pijama; não nos lembrámos de trazer uma muda de roupa. - vou levá-lo à cantina; para almoçar. Queres alguma coisa?

Abano a cabeça. Puxando a minha cadeira para mais perto da cama da Kate, aconchego os cobertores às suas pernas. Pego na mão dela, e comparo-a com a minha.

Os seus olhos abrem-se um pouco. Ela debate-se por um momento, sem ter a certeza de onde está.

— Kate - sussurro. - Eu estou aqui mesmo. - Enquanto ela vira a cabeça e olha para mim, eu ergo a palma da sua mão até à minha

boca e beijo-a a meio. - És tão corajosa - digo-lhe, e depois sorrio.

— Quando crescer quero ser como tu.

Para minha surpresa, a Kate abana a cabeça energicamente. A sua voz é uma pena.

um fio.

— Não, mamã - diz ela. - Ficarias doente.

No meu primeiro sonho, o fluido intravenoso está a correr demasiado rápido para o cateter venoso central da Kate. A solução salina fá-la inchar de dentro para fora, como um balão a soro insuflado. Eu tento arrancar a infusão, mas está bem presa ao cateter venoso central. Enquanto observo, as feições da Kate suavizam-se, esborratam-se, apagam-se, até o seu rosto ser uma forma oval branca que poderia ser qualquer pessoa.

No meu segundo sonho, estou numa maternidade, a dar à luz. O meu corpo abre caminho, o meu coração pulsa em baixo, na minha barriga. Há uma enorme tensão, e então o bebê surge num ímpeto, como um relâmpago, fluindo.

— É uma rapariga - diz a enfermeira radiante, e entrega-me a recém-nascida.

Afasto a manta cor-de-rosa do seu rosto, e depois paro. - Esta não é a Kate - digo.

— É claro que não - concorda a enfermeira. - Mas é sua na mesma.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 63

O anjo que chega veste Armani e está a falar rispidamente ao telemóvel quando entra no quarto do hospital.

— Venda - manda a minha irmã. - Não me interessa que tenha de montar um quiosque para vender limonada no Fanueil Hall e distribuir as acções, Peter. Eu disse que vendesse - ela toca num botão e estende-me os braços. - Então - acalma-me a minha irmã quando irrompo em lágrimas. - Achas mesmo que te daria ouvidos quando me dissesse que não viesse? - Mas. .

— Faxes. Telefones. Eu posso trabalhar a partir da tua casa. Quem é que vai tomar conta do Jesse? O Brian e eu olhamos um para o outro; não tínhamos pensado tão a longo prazo. Em

resposta, o Brian levanta-se, abraça a Zanne desajeitadamente. O Jesse corre na sua direcção, a toda a velocidade.

— Quem é este miúdo que adoptaste, Sara.. porque o Jesse não pode estar assim tão grande... - ela desprende o Jesse dos seus joelhos e inclina-se sobre a cama de hospital, onde a Kate está a dormir. - Aposto que não te lembras de mim - diz a Zanne, de olhos brilhantes. - Mas eu lembro-me de ti.

É tão fácil - deixá-la assumir o controlo. A Zanne põe o Jesse a jogar ao jogo do galo e intima um restaurante chinês que não faz entregas a levar-lhe o almoço. Sento-me ao pé da Kate, a desfrutar da competência da minha irmã. Finjo que ela é capaz de resolver as coisas que eu não sou capaz.

Depois de a Zanne levar o Jesse para casa para passar a noite, o Brian e eu transformamo-nos em cerra-livros, a apoiar a Kate.

— Brian - sussurro. - Estive a pensar. Ele mexe-se na cadeira.

— Em quê? Inclino-me para a frente, para poder olhá-lo nos olhos.

— Em ter um bebê.

Os olhos do Brian semicerram-se.

— Por favor, Sara - ele levanta-se, volta-me as costas. - Por favor.

Eu também me levanto.

— Não é o que estás a pensar.

Quando ele se vira para mim, a dor faz com que cada linha das suas feições se contraia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 64

— Nós não podemos substituir a Kate se ela morrer - diz.

Na cama do hospital, a Kate mexe-se, fazendo ruído com os lençóis. Eu obrigo-me a imaginá-la com quatro anos, vestindo um traje do Dia das Bruxas; aos doze anos, experimentando lip gloss; aos vinte anos, dançando num quarto de residência universitária.

Eu sei. Portanto temos de nos assegurar de que isso não aconteça.

QUARTA-FEIRA

Eu leio-te as cinzas, se me pedires.

Eu olharei para o fogo e dir-te-ei através dos chicotes pardos E
das línguas e riscas vermelhas e negras, Dir-te-ei como vem o fogo
E como o fogo chega tão longe como o mar.

— CARL SANDBURG, "Fire Pages"

Campbell

Todos nós, suponho eu, estamos em dívida para com os nossos pais, a questão é: até que ponto? É isto que me passa pela cabeça enquanto a minha mãe tergiversa sobre o último caso do meu pai. Não é a primeira vez que desejo ter irmãos - nem que fosse para receber estes telefonemas matutinos apenas uma ou duas vezes por semana, em vez de sete.

— Mãe - interrompo -, duvido que ela tenha apenas dezasseis anos.

— Tu subestimas o teu pai, Campbell.

Talvez, mas também sei que ele é um juiz federal. Ele pode lançar olhares lúbricos às raparigas do liceu, mas nunca faria algo ilegal.

— Mãe, estou atrasado para ir para o tribunal. Telefono-lhe mais tarde - digo, e desligo antes de ela ter tempo para protestar.

Eu não vou para o tribunal, mas mesmo assim. Respirando fundo, abano a cabeça e reparo que o Juiz está a olhar para mim.

— A razão número para os cães serem mais espertos do que os humanos - digo. -

Assim que abandonam a ninhada, perdem o contacto com as mães.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 65

Entro na cozinha enquanto faço o nó da gravata. O meu apartamento é uma obra de arte. É insinuante e minimalista, mas o que lá está dentro é do melhor que há - um sofá de cabedal preto exclusivo; uma televisão de ecrã plano pendurada na parede; uma estante de vidro fechada com as primeiras edições autografadas de autores como Hemingway e Hawthorne. A minha máquina de café foi importada da Itália; o meu frigorífico atinge temperaturas inferiores a dezassete graus negativos. Abro-o e vejo uma única cebola, um frasco de ketchup e três rolos fotográficos a preto e branco.

Isto também não é surpreendente - raramente como em casa. O Juiz está tão habituado à comida de restaurante que não saberia reconhecer comida de cão nem que lhe escorregasse pela garganta abaixo.

— O que achas? - pergunto-lhe. - O Rosie's parece-te bem? Ele ladra enquanto eu aperto o seu arnês de cão de serviço. O Juiz e eu estamos juntos há sete anos. Comprei-o a um criador de cães-polícias, mas ele foi treinado especialmente para mim. Quanto ao seu nome, que advogado não desejaria prender um juiz de vez em quando? O Rosie's é o que o Starbucks gostaria de ser: eclético e vibrante, cheio de clientes habituais que a qualquer momento podem começar a ler literatura russa na sua língua original, ou a equilibrar o orçamento de uma empresa num computador portátil, ou a escrever um argumento enquanto repõem os níveis de cafeína. O Juiz e eu costumamos ir a pé até lá e sentarmo-nos na nossa mesa habitual, lá atrás. Pedimos um café duplo e dois croissants de chocolate, e namoriscamos desavergonhadamente com a Ophelia, a empregada de vinte anos. Mas hoje, quando entramos, não há sinais da Ophelia, e está uma mulher sentada na nossa mesa, dando uma rosca a uma criança numa cadeirinha de passeio. Isto deixa-me tão estupefacto que o Juiz precisa de empurrar-me para o único lugar que está vago, um banco ao balcão voltado para a rua.

Sete e meia da manhã, e o dia já está a correr mal.

Um rapaz magro tipo heroinómano e com suficientes argolas nas sobancelhas para se assemelhar ao varão de uma cortina de duche aproxima-se com um bloco. Ele vê o Juiz aos meus pés.

— Desculpe, pá. Não são permitidos cães.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 66

— Este é um cão de serviço - explico. - Onde está a Ophelia? - Foi-se embora, pá.

Fugiu com o namorado, a noite passada. Fugiu com o namorado? Ainda se faz isso? - com quem? - pergunto, embora não seja da minha conta.

— com um artista de improviso que esculpe bustos de líderes mundiais com caca de cão. Parece que é uma afirmação.

Sinto uma angústia momentânea pela pobre Ophelia. Vão por mim: o amor tem a durabilidade de um arco-íris - é belo enquanto existe, e igualmente provável que desapareça num abrir e fechar de olhos.

O empregado tira um cartão de plástico do bolso de trás e entrega-mo.

— Tem aqui a ementa em Braille.

— Quero um café duplo e dois croissants de chocolate, e não sou cego.

— Então para que serve o Bobi? - Tenho SRAS - digo. - Ele está a registar as pessoas que eu infecto.

O empregado parece não ter a certeza de que eu esteja á brincar. Afasta-se, na incerteza, para ir buscar o meu café.

Ao contrário da minha mesa habitual, esta tem vista para a rua. Observo uma senhora idosa a desviar-se por pouco de levar uma pancada de um táxi; um rapaz passa a dançar com um rádio três vezes maior do que a sua cabeça equilibrado no ombro. Gêmeas com a farda de um colégio paroquial dão risadinhas por detrás das páginas de uma revista para adolescentes. E uma mulher com uma cascata de cabelos negros entorna café para cima da saia, deixando cair o copo de papel no chão.

Dentro de mim, tudo pára. Espero que ela levante o rosto para ver se é realmente quem eu penso ser - mas ela afasta-se de mim, limpando o tecido com um guardanapo.

Um autocarro corta o mundo ao meio, e o meu telemóvel começa a tocar.

Olho para o número no visor: não é nenhuma surpresa. Desligando o telemóvel sem me preocupar em atender a chamada da minha mãe, olho de novo para a mulher do outro lado da janela, mas por esta altura o autocarro já se tinha ido embora, e ela também.

Abro a porta do escritório, já a ditar ordens à Kerri.

— Telefone ao Osterlitz e pergunte-lhe se está disponível para testemunhar no julgamento do Weiland; faça uma lista dos outros queixosos que processaram a Central de *A guardiã da minha irmã* —
Jodi Picoult 67

New England nos últimos cinco anos; faça-me uma cópia dos testemunhos de Melbourne; e telefone para Jerry no tribunal para lhe perguntar quem vai ser o juiz durante a audiência da miúda Fitzgerald.

Ela olha para mim quando o telefone começa a tocar.

— Falando nisso - ela inclina a cabeça em direcção à porta dos meus aposentos privados lá dentro. Anna Fitzgerald está à porta com uma lata de produto de limpeza industrial e um pano de camurça, a polir a maçaneta da porta.

— O que está aqui a fazer? - pergunto.

— O que me mandou - ela olha para baixo, para o cão. - Olá Juiz.

— Linha dois para si - interrompe a Kerri. Envio-lhe um olhar avaliador - a razão pela qual deixou entrar aqui esta miúda ultrapassa-me - e tento entrar no meu gabinete, mas o que quer que seja que a Anna tenha posto na maçaneta deixou-a demasiado gordurosa para girar. Debato-me por um momento, até ela agarrar no puxador com o pano e me abrir a porta.

O Juiz anda às voltas no chão, à procura do sítio mais confortável. Carrego na luz a piscar na linha das chamadas. - Campbell Alexander.

— Sr. Alexander, fala Sara Fitzgerald. A mãe de Anna Fitzgerald.

— deixo esta informação assentar. Fico a olhar para a sua filha, a polir a apenas um metro e meio de distância.

— Sr. a Fitzgerald - respondo e, como era de esperar, a Anna fica paralisada.

— Estou a telefonar porque. . bom, sabe, trata-se de um mal-entendido.

— Já entregou uma resposta à petição? - Isso não vai ser necessário. Falei com a Anna ontem à noite, e ela não vai dar seguimento ao seu caso. Ela quer fazer tudo o que puder para ajudar a Kate.

— Não me diga - a minha voz torna-se monocórdica. Infelizmente, se a minha cliente estiver a pensar em desistir do processo legal, é necessário que me diga isso directamente - ergo uma sobranceira e o meu olhar cruza-se com o de Anna. - Por acaso não sabe onde ela se encontra? - Ela saiu para ir correr - diz

Sara Fitzgerald - mas vamos ao tribunal esta tarde. Vamos falar com o juiz e esclarecer este assunto.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 68

— Então encontramos-nos lá - desligo o telefone e cruzo os braços, olho para a Anna. - Gostaria de me dizer alguma coisa? Ela encolhe os ombros. - Nem por isso.

— Não é isso que a sua mãe aparentemente pensa. Mas, por outro lado, ela também acha que você saiu para imitar a Fio Jo.

Anna olha para a recepção, onde a Kerri, naturalmente, está suspensa nas nossas palavras como um gato numa corda. Ela fecha a porta e dirige-se à minha secretária. - Não podia dizer-lhe que vinha para aqui, pelo menos depois do que aconteceu ontem à noite.

— O que aconteceu ontem à noite? - quando Anna fica muda, perco a paciência. -

Olhe. Se não pretender seguir em frente com o processo legal... se isto for uma colossal perda de tempo. . então agradecia que tivesse a honestidade de me dizer isso agora, e não depois. Porque eu não sou um terapeuta familiar ou o seu melhor amigo; sou o seu advogado. E, para ser o seu advogado, de facto tem de existir um caso. Portanto vou perguntar-lhe mais uma vez: mudou de idéias em relação a este processo legal? Espero que esta tirada ponha fim ao litígio, que reduza a Anna a uma hesitante e confusa indecisão. Mas, para minha surpresa, ela olha directamente para mim, calma e controlada.

— Ainda está disposto a representar-me? - pergunta. Contra o meu discernimento, digo que sim.

— Então, não - diz ela -, não mudei de idéias.

Da primeira vez que participei numa regata de iates com o meu pai tinha catorze anos, e ele estava definitivamente contra. Eu não tinha idade suficiente; não tinha maturidade suficiente; o tempo estava demasiado instável. O que ele queria realmente dizer era que comigo na tripulação era mais provável que perdesse do que ganhasse a taça. Aos olhos do meu pai, se não fôssemos perfeitos, simplesmente não éramos.

O seu barco pertencia à classe USA-1, uma maravilha de mogno e teca, que ele tinha comprado ao teclista J. Geils em Marblehead. Por outras palavras, era um sonho, um símbolo de estatuto e ritual de passagem, tudo embrulhado numa vela branca resplandecente e num casco cor de mel.

Partimos de imediato, atravessando a linha de partida a todo o pano mesmo quando o canhão disparou. Eu fiz o melhor que podia para estar um passo à frente de onde o meu pai precisava que eu estivesse - a girar o leme mesmo antes de ele me *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 69

ordenar, a mudar a vela e a virar de bordo até os meus músculos arderem do esforço. E

talvez aquilo acabasse por ter um final feliz, mas então chegou uma tempestade vinda do Norte, trazendo muralhas de chuva e vagas que se erguiam a três metros de altura, que nos lançavam das alturas para as profundezas.

Observei o meu pai a movimentar-se no seu impermeável amarelo. Ele não parecia reparar que estava a chover; ele certamente não queria rastejar para dentro de um buraco agarrado ao seu estômago enjoado e morrer, como eu.

— Campbell - gritou ele -, anda cá.

Mas virar-me para o vento significava andar de novo numa montanha-russa. -

Campbell - repetiu o meu pai -, agora.

Uma depressão entre duas ondas abriu-se diante de nós; o barco mergulhou tão abruptamente que eu perdi o equilíbrio, o meu pai precipitou-se, passando por mim, para agarrar no leme. Por um abençoado momento, as velas ficaram imóveis. Então a retranca percorreu o barco, e este mudou de rumo, seguindo uma rota diferente.

— Preciso de coordenadas - ordenou o meu pai.

Navegar significava entrar para dentro do barco onde estavam as cartas de navegação, e fazer os cálculos para averiguar que rumo deveríamos tomar para alcançar a próxima bóia da regata. Mas estar lá em baixo, longe do ar fresco, só piorava as coisas.

Abri um mapa mesmo a tempo de lhe vomitar para cima.

O meu pai encontrou-me por exclusão de hipóteses, porque eu não tinha voltado com uma resposta. Ele espreitou lá para baixo e viu-me sentado numa poça do meu próprio vômito.

— Por amor de Deus - resmungou ele, e deixou-me ali. Reuni todas as minhas forças para ir atrás dele. Ele girou a roda do leme e deu um puxão no mesmo. Fingiu que eu não estava lá. E, quando mudou a vela, não anunciou. A vela zuniu ao longo do barco, rasgando o céu. A retranca voou, atingiu-me na nuca deixando-me inconsciente.

Recuperei os sentidos mesmo quando o meu pai estava a roubar o vento a outro barco, a alguns metros da linha da meta. A chuva tinha-se transformado numa neblina e, quando ele posicionou a nossa embarcação entre a corrente de ar e o nosso concorrente mais próximo, o outro barco ficou para trás. Nós ganhámos por segundos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 70

O meu pai mandou-me limpar a porcaria que tinha feito e arrumar a palamenta, enquanto ele navegava o dóri até ao clube de iates para comemorar. Já tinha passado uma hora quando finalmente cheguei e, por essa altura, ele já estava animado, a beber whisky escocês da taça de cristal que tinha conquistado.

— Vem aí a tua tripulação, Cam - gritou um amigo.

O meu pai levantou a taça da vitória em saudação, bebeu em grandes goles, e depois pousou-a com tanta força no balcão que uma asa se estilhaçou.

— Oh - disse outro marinheiro. - É uma pena. O meu pai nunca tirou os olhos de mim.

— É mesmo - disse ele. No pára-choques de trás de praticamente um em cada três carros em Rhode Island há um autocolante vermelho e branco em memória das vítimas de alguns dos processos-crime mais importantes do estado: A Minha Amiga Katy DeCubellis Foi Morta por Um Condutor Embriagado. O Meu Amigo John Sisson Foi Morto por Um Condutor Embriagado. Estes são distribuídos gratuitamente em feiras escolares, em eventos para angariação de fundos e em salões de cabeleireiros, e não importa se as pessoas chegaram a conhecer o miúdo que morreu; colocam-

nos nos seus veículos por solidariedade e devido a uma secreta alegria por não lhes ter acontecido a eles.

No ano passado, havia autocolantes vermelhos e brancos com o nome de uma nova vítima: Dena DeSalvo. Ao contrário das outras vítimas, esta eu conhecia vagamente.

Ela era a filha de doze anos de um juiz, que alegadamente teve um esgotamento durante o julgamento de um caso de custódia que se realizou pouco depois do funeral e tirou uma licença de três meses para lidar com o seu desgosto. O mesmo juiz que casualmente foi designado para o caso de Anna Fitzgerald.

Enquanto me dirijo ao Garrahy Complex, onde se situa o tribunal de família, interrogo-me se um homem com um fardo tão pesado será capaz de julgar um caso em que um resultado favorável à minha cliente irá precipitar a morte da sua irmã adolescente.

Há um novo oficial de justiça à entrada, um homem com um pescoço tão grosso como uma sequóia e muito provavelmente com uma capacidade mental a condizer.

— Desculpe - diz ele. - Não são permitidos animais de estimação.

— Este é um cão de serviço.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 71

Confuso, o oficial de justiça inclina-se para a frente e espreita para os meus olhos.

Eu faço-lhe o mesmo.

— Eu vejo mal. Ele ajuda-me a interpretar os sinais de trânsito.

— passando ao lado do tipo, o Juiz e eu percorremos o corredor em direcção à sala de audiências.

Lá dentro, o escrivão está a ser posto no seu lugar pela mãe de Anna Fitzgerald.

Pelo menos, é o que eu presumo, porque na realidade a mulher não se parece nada com a sua filha, que está ao lado dela.

— Tenho a certeza de que neste caso o juiz vai compreender argumenta Sara Fitzgerald. O marido espera alguns metros atrás dela, à parte.

Quando Anna repara em mim, uma onda de alívio invade as suas feições. Eu dirijo-me ao escrivão do tribunal.

— Eu sou Campbell Alexander - digo. - Há algum problema? - Estive a tentar explicar aqui à Sr. a Fitzgerald que apenas permitimos a presença dos advogados nos aposentos do juiz.

— bom, eu estou aqui a representar a Anna - respondo. O escrivão dirige-se a Sara Fitzgerald.

— Quem é que representa os senhores? A mãe de Anna fica paralisada por um momento. Vira-se para o seu marido: - É como andar de bicicleta - diz ela baixinho. O marido abana a cabeça.

— Tens a certeza de que queres fazer isto? - Eu não quero fazer isto. Eu tenho de fazer isto.

As palavras encaixam-se no seu lugar como os dentes de uma roda.

— Um momento - digo. - É advogada? Ela volta-se.

— Pois sou.

Olho para a Anna, incrédulo.

— E você esqueceu-se de referir isto? - Nunca me perguntou - sussurra ela.

O escrivão dá a cada um de nós um registo de representação, e convoca o xerife.

— Vern - Sara sorri. - Que bom vê-lo de novo. Oh, isto está cada vez melhor.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 72

— Olá! - o xerife beija-lhe a face, aperta a mão ao marido. - Brian. Ela não só é advogada como também tem todos os funcionários públicos na mão.

— Já acabou a romaria? - pergunto, e Sara Fitzgerald revira os olhos para o xerife: O tipo é um imbecil, mas o que havemos de fazer? - Fique aqui - digo à Anna, e sigo a sua mãe em direcção aos aposentos do juiz.

O juiz DeSalvo é um homem baixo com uma sobrancelha única e predilecção por café com leite.

— bom dia - diz ele, indicando-nos os nossos lugares. - Para que é o cão? - É um cão de serviço, Meritíssimo - antes que ele consiga dizer mais qualquer coisa, salto para a conversa cordial que introduz todas as reuniões nos aposentos dos juizes em Rhode Island. Nós

somos um estado pequeno, ainda mais pequeno se considerarmos a comunidade legal. Não é apenas possível que a nossa colega seja a sobrinha ou a cunhada do juiz com quem estamos reunidos; é muito provável. Enquanto conversamos, olho para Sara, que precisa de perceber qual de nós faz parte deste jogo e qual de nós não faz. Ela poderá ter sido advogada, mas não durante os dez anos em que eu já fui advogado.

Ela está nervosa, franzindo a parte de baixo da sua camisola. O juiz DeSalvo repara.

— Não sabia que estava a exercer outra vez advocacia.

— Não planeava fazê-lo, Meritíssimo, mas a queixosa é minha filha. Perante isto, o juiz volta-se para mim. - Bem, qual é o problema, Senhor Doutor? - A filha mais nova da Sr.

a Fitzgerald deseja emancipar-se dos seus pais para fins médicos.

Sara abana a cabeça.

— Isso não é verdade, Senhor Doutor Juiz - ao ouvir o seu nome, o meu cão olha para cima. - Falei com a Ana, e ela assegurou-me de que não quer realmente fazer isto. Ela teve um dia difícil, e queria um pouco mais de atenção - Sara levanta um ombro. Sabe como são as raparigas de treze anos.

A sala torna-se tão silenciosa que consigo ouvir a minha própria pulsação. O juiz DeSalvo não sabe como são as raparigas de treze anos. A sua filha tinha doze quando morreu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 73

O rosto de Sara fica vermelho flamejante. Tal como o resto das pessoas neste estado, ela sabe a história de Dena DeSalvo. Tanto quanto sei, ela tem um dos autocolantes para pôr nos pára-choques na sua carrinha.

— Oh, meu Deus, desculpe. Eu não queria. . O juiz desvia o olhar.

— Dr. Alexander, quando foi a última vez que falou com a sua cliente? - Ontem de manhã, Meritíssimo. Ela estava no meu escritório quando a sua mãe telefonou para me dizer que se tratava de um mal-entendido.

Tal como era de prever, Sara ficou de boca aberta.

— Ela não poderia ter estado lá. Estava a correr. Olho para ela.

— Tem a certeza disso? - Ela deveria estar a correr..

— Meritíssimo - digo -, esta é precisamente a minha questão, e a razão pela qual Anna Fitzgerald apresentou a sua petição é válida. A sua própria mãe não sabe onde ela esteve numa determinada manhã; as decisões médicas que dizem respeito à Anna são tomadas da mesma forma casual...

— Senhor Doutor, já chega - o juiz volta-se para Sara. - A sua filha disse-lhe que queria desistir do processo legal? - Sim.

Ele olha para mim.

— E ela disse-lhe que queria seguir em frente? - Sim.

— Então é melhor falar directamente com a Anna. Quando o juiz se levanta e sai dos seus aposentos, nós vamos atrás dele. Anna está sentada num banco no corredor com o seu pai. Um dos seus tênis está desapertado.

— Vejo qualquer coisa verde - ouço-a dizer e, em seguida, olha para cima.

— Anna - digo, exactamente na mesma altura que Sara Fitzgerald.

É da minha responsabilidade explicar à Anna que o juiz DeSalvo quer falar com ela em particular durante alguns minutos. Preciso de instruí-la, para que diga as coisas certas, para que o juiz não encerre o caso antes que ela consiga o que quer. Ela é minha cliente; por definição, deve seguir os meus conselhos.

Mas, quando chamo o seu nome, ela volta-se para a mãe.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 74

Anna

Penso que ninguém viria ao meu funeral. Os meus pais, acho eu, e a tia Zanne e talvez o Sr. Ollincott, o professor de estudos sociais. Imagino o mesmo cemitério a que fomos por ocasião do funeral da minha avó, embora isso tenha sido em Chicago e portanto não faça realmente qualquer sentido. Haveria colinas redondas que pareçam veludo verde, e estátuas de deuses e de anjos menores, e aquele grande buraco castanho no chão como uma costura aberta, à espera de engolir o corpo que costumava ser eu.

Imagino a minha mãe de chapéu preto com um véu à Jackie O, a chorar. O meu pai a segurá-la. A Kate e o Jesse a olharem para o brilho do caixão e a tentarem apresentar a Deus as suas apologias por todas as vezes que me fizeram mal. É provável que alguns dos rapazes da minha equipa de hóquei viessem de lírios na mão a tentar manter a compostura.

— Aquela Anna - diriam, e não chorariam, embora tivessem vontade.

Sairia um obituário na página vinte e quatro do jornal, e talvez o Kyle McFee o visse e viesse ao funeral, com o seu belo rosto contorcido pelos ses da namorada que nunca chegou a ter. Acho que haveria flores, ervilhas-de-cheiro, bocas-de-lobo e bolas azuis de hidrângea. Espero que alguém cante "Amazing Grace", não apenas o primeiro verso mais conhecido, mas todos eles. E, mais tarde, quando as folhas tombassem e a neve comesse a cair, de vez em quando eu surgiria nas mentes de cada um deles como uma maré.

No funeral da Kate estará toda a gente. Estarão enfermeiras do hospital que se tornaram nossas amigas, e outros doentes com cancro que ainda contam estrelas cadentes, e cidadãos da comunidade que ajudaram a angariar fundos para os seus tratamentos. Terão de impedir a entrada aos membros do cortejo fúnebre às portas do cemitério. Haverá uma tão grande quantidade de coroas de flores exuberantes que algumas serão doadas para

caridade. O jornal publicará uma história sobre a sua curta e trágica vida.

Ouçam bem o que eu digo, sairá na primeira página.

O juiz DeSalvo usa chinelos havaianos, do tipo que os jogadores de futebol usam quando tiram as suas chuteiras. Não sei porquê mas isto faz-me sentir um pouco melhor.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 75

Quero dizer, já é suficientemente mau estar aqui neste tribunal, a ser conduzida até à sua sala privada lá atrás; é agradável saber que não sou a única que não se adapta perfeitamente à situação.

Ele tira uma lata de um frigorífico pequeno e pergunta-me o que eu quero beber.

— Uma Coca-Cola seria óptimo - digo. O juiz abre a lata.

— Sabia que, se deixar um dente de leite dentro de um copo de Coca-Cola, passadas algumas semanas terá desaparecido completamente? Ácido carbônico - ele sorri para mim. - O meu irmão é dentista em Warwick. Faz esse truque todos os anos para as crianças dos infantários.

Bebo um gole da Coca-Cola e imagino as minhas entranhas a dissolverem-se. O

juiz DeSalvo não se senta à sua secretária, mas em vez disso instala-se numa cadeira mesmo ao meu lado.

— O problema é o seguinte, Anna - diz ele. - A sua mãe diz-me que você quer fazer uma coisa. E o seu advogado diz-me que você quer fazer outra. Ora, em circunstâncias normais, esperaria que a sua mãe a conhecesse melhor do que um tipo que você conheceu há dois dias. Mas você nunca teria conhecido este tipo se não tivesse procurado os seus serviços. E isso faz-me pensar que preciso de ouvir a sua opinião sobre isto tudo.

— Posso perguntar-lhe uma coisa? - Claro - diz ele.

— Vai haver um julgamento? - bom.. os seus pais poderão limitar-se a concordar com a sua emancipação médica, e pronto - diz o juiz.

Como se isso pudesse alguma vez acontecer.

— Por outro lado, assim que alguém apresenta uma petição, como você fez, então o arguido, os seus pais, terá de ir a tribunal.

Se os seus pais acharem realmente que você não está preparada para tomar esse tipo de decisões sozinha, terão de me apresentar as suas razões, ou arriscam-se a que eu decida a seu favor por exclusão de hipóteses.

Aceno com a cabeça. Disse a mim própria que, independentemente do que aconteça, irei manter-me calma. Se rebentar pelas costuras, não haverá maneira de este juiz pensar que eu sou capaz de decidir o que quer que seja. Tenho todas estas intenções geniais, mas distraio-me ao ver o juiz levantar a sua lata de sumo de maçã.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 76

Não há muito tempo, quando a Kate esteve no hospital para fazer um exame aos rins, uma enfermeira nova entregou-lhe um copo e pediu-lhe uma amostra de urina.

— É bom que esteja pronta quando eu voltar - disse ela. A Kate, que não aprecia muito exigências presunçosas, decidiu que a enfermeira precisava de ser colocada no seu lugar. Ela enviou-me numa missão às máquinas de venda automática, para ir buscar o mesmo sumo que o juiz está agora a beber. Ela deitou-o no copo de análise e, quando a enfermeira voltou, segurou-o contra a luz.

— Hum - disse a Kate. - Parece um pouco turva. É melhor filtrá-la de novo. - E

depois levou o copo aos lábios e bebeu.

A enfermeira empalideceu e saiu do quarto a correr. A Kate e eu rimo-nos até ficarmos com câimbras no estômago. Durante o resto do dia, só precisávamos de olhar uma para a outra para nos desfazermos de tanto rir.

Como um dente, e depois não restava nada.

— Anna? - instiga o juiz DeSalvo, e depois pousa aquela estúpida lata de Mott's em cima da mesa que está entre nós e eu irrompo em lágrimas.

— Não sou capaz de doar um rim à minha irmã. Simplesmente não sou capaz.

Sem dizer uma palavra, o juiz DeSalvo dá-me uma caixa de lenços de papel. Eu amasso alguns numa bola, limpo os olhos e o

nariz. Durante um tempo, ele permanece calado, deixando-me recuperar o fôlego. Quando olho para cima vejo que está à espera.

— Anna, nenhum hospital neste país irá aceitar um órgão de um dador relutante.

— Quem é que acha que dá autorização para o fazer? - pergunto. - Não é de certeza a miúda pequena que vai de cadeira de rodas para a sala de operações - são os pais dela.

— Você não é uma miúda pequena; poderia certamente tornar públicas as suas objecções - diz ele.

— Oh, claro - digo eu, outra vez em lágrimas. - Quando nos queixamos porque nos estão a espetar uma agulha pela décima vez, isso é considerado um procedimento normal. Todos os adultos olham em volta com sorrisos fingidos e dizem uns aos outros que ninguém pede mais agulhas de livre vontade - assoo o nariz a um lenço de papel. - O

rim, isso é só hoje. Amanhã será outra coisa diferente. Haverá sempre outra coisa diferente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 77

— A sua mãe disse-me que você quer desistir do processo legal - diz ele. - Será que ela me mentiu? - Não - engoli a custo.

— Então. . porque lhe mentiu a ela? Há mil respostas para isso; escolho a mais fácil.

— Porque gosto muito dela - digo, e as lágrimas surgem de novo. - Desculpe.

Lamento muito.

Ele olha fixamente para mim.

— Sabe uma coisa, Anna? vou nomear uma pessoa para ajudar o seu advogado a dizer-me o que é melhor para si. O que acha? O meu cabelo está todo fora do sítio; ponho-o para trás da orelha. O meu rosto está tão vermelho que parece inchado.

— Está bem - respondo.

— Está bem - ele carrega no botão do intercomunicador, e pede que mandem entrar os outros de novo.

A minha mãe é a primeira a entrar na sala e começa a dirigir-se a mim, até que Campbell e o seu cão lhe cortam o caminho. Ele

ergue as sobrancelhas e faz-me sinal com os polegares, mas trata-se de uma pergunta.

— Não tenho a certeza do que está a acontecer - diz o juiz DeSalvo. - Então vou nomear um tutor ad litem para passar duas semanas com ela. Escusado será dizer que espero uma colaboração total de ambas as partes. Quero receber o relatório do tutor ad litem, e então teremos uma audiência. Se houver mais alguma coisa que eu precise de saber nessa altura, tragam-na convosco.

— Duas semanas... - diz a minha mãe. Eu sei o que ela está a pensar. - Meritíssimo, com o devido respeito, duas semanas é muito tempo, considerando a gravidade da doença da minha outra filha.

Ela parece uma pessoa que eu não reconheço. Já a vi ser um tigre, lutando contra um sistema de saúde que não se movimenta com a rapidez que ela considera necessária.

Já a vi ser uma rocha, fornecendo um ponto de apoio a cada um de nós. Já a vi ser um lutador de boxe, a esquivar-se antes que o Destino consiga dar o próximo soco. Mas nunca a vi ser uma advogada antes.

O juiz DeSalvo acena com a cabeça.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 78

— Está bem. Vamos realizar uma audiência na próxima segunda-feira, então.

Entretanto, que me tragam os ficheiros clínicos da Kate...

— Meritíssimo - interrompe Campbell Alexander. - Como bem sabe, dadas as estranhas circunstâncias deste caso, a minha cliente encontra-se a viver com a advogada da outra parte. Isso é uma flagrante infracção da justiça.

A minha mãe sustem a respiração.

— Não está a sugerir que me levem a minha filha? Levarem-me? Para onde iria? -

Eu não posso garantir que a advogada da outra parte não tente utilizar as suas disposições de habitação no seu interesse, Meritíssimo, e que possivelmente pressione a minha cliente - Campbell olha directamente para o juiz, sem pestanejar.

— Dr. Alexander, não vou de forma nenhuma tirar esta criança do seu lar - diz o juiz DeSalvo, mas a seguir vira-se para a minha mãe. - No entanto, Sr. Fitzgerald, não poderá falar sobre este caso com a sua filha excepto na presença do seu advogado. Se não puder aceitar isso, ou se eu tiver conhecimento de qualquer brecha nessa Muralha Chinesa doméstica, poderei ter de tomar medidas mais drásticas.

— Compreendo, Meritíssimo - diz a minha mãe.

— Bem - o juiz DeSalvo põe-se de pé. - Vejo-vos a todos na próxima semana - ele sai da sala, com os seus chinelos havaianos a fazerem pequenos ruídos de sucção no chão de ladrilhos.

Assim que ele desaparece, eu volto-me para a minha mãe. Eu posso explicar, quero eu dizer, mas a frase nunca chega a ser dita em voz alta. De repente um focinho húmido roça na minha mão. O Juiz. Faz com que o meu coração, aquele comboio imparável, abrande.

— Preciso de falar com a minha cliente - diz o Campbell.

— Neste momento ela é minha filha - diz a minha mãe, e agarra na minha mão e puxa-me da cadeira. Na soleira da porta, consigo olhar para trás. Campbell está furioso. Eu poderia ter-lhe dito que isto ia acabar assim. A filha joga sempre com trunfos, não importa que jogo.

A Segunda Guerra Mundial começa imediatamente, não com um arquiduque assassinado ou um ditador louco mas com uma viragem à esquerda que se deixou passar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 79

— Brian - diz a minha mãe, esticando o pescoço. - Aquela era a Rua North Park.

O meu pai pestaneja saindo do seu torpor.

— Podias ter-me dito antes de eu ter passado por lá.

— Eu disse.

Antes que eu pudesse sequer ponderar os prós e os contras de entrar de novo na batalha de outra pessoa, digo: - Eu não ouvi.

A cabeça da minha mãe volta-se.

— Anna, neste momento, és a última pessoa cujo contributo eu necessito ou desejo.

— Eu só. .

Ela levanta a mão como o separador de privacidade de um táxi. Abana a cabeça.

No banco de trás, deslizo para o lado e ponho os pés para cima, de frente para a parte de trás, portanto só vejo negro.

— Brian - diz a minha mãe. - Não viraste outra vez.

Quando entramos em casa, a minha mãe passa a toda a velocidade pela Kate, que nos abriu a porta da frente, e pelo Jesse, que está a ver o que parece ser o canal codificado da Playboy na televisão. Na cozinha, ela abre os armários e fecha-os com um estrondo.

Tira comida do frigorífico e atira-a para cima da mesa.

— Então - diz o meu pai à Kate. - Como te sentes? Ela ignora-o, entrando na cozinha.

— O que aconteceu? - O que aconteceu. Bem - a minha mãe lança-me um olhar penetrante. - Porque não perguntas à tua irmã o que aconteceu? A Kate volta-se para mim, toda ouvidos.

— É espantoso como agora estás tão calada, quando um juiz não está a ouvir - diz a minha mãe.

O Jesse desliga a televisão. - Ela obrigou-te a falar com um juiz? Bolas, Anna. A minha mãe fecha os olhos.

— Jesse, sabes, agora era uma boa altura para te ires embora.

— Não tens de me pedir duas vezes - diz ele, com voz cortante. Ouvimos a porta da frente abrir e fechar, é toda uma história.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 80

— Sara - o meu pai entra na cozinha. - Todos nós precisamos de nos acalmar um bocadinho.

— Tenho uma filha que acabou de assinar a sentença de morte da irmã, e devo acalmar-me? A cozinha fica tão silenciosa que conseguimos ouvir o frigorífico sussurrar. As palavras da minha mãe estão suspensas como uma fruta demasiado madura e, quando caem no chão e rebentam, ela começa a movimentar-se.

— Kate - diz ela, apressando-se em direcção à minha irmã, de braços já abertos. -

Kate, eu não devia ter dito aquilo. Não era o que eu queria dizer.

Na minha família, parece que temos um historial atormentado de não dizer aquilo que devíamos e de não querermos fazer o que fazemos. A Kate tapa a boca com a mão.

Ela afasta-se da porta da cozinha, dando um encontrão ao meu pai, que tenta, mas não consegue agarrá-la quando ela corre pelas escadas acima. Ouço a porta do nosso quarto fechar-se com um estrondo. A minha mãe, claro, vai atrás dela.

Portanto eu faço aquilo que faço melhor. Sigo na direcção oposta.

Haverá algum sítio no mundo que cheire melhor do que uma lavandaria? É como um domingo chuvoso em que não temos de sair de debaixo dos cobertores, ou como estar deitada na relva que o pai acabou de cortar - um alimento reconfortante para o nariz.

Quando eu era pequena, a minha mãe tirava roupas quentes da máquina de secar e deitava-as por cima de mim no sítio onde estava sentada no sofá. Eu costumava fingir que elas eram uma única pele, que eu estava enrolada por debaixo delas como um grande coração.

A outra coisa que me agrada é que as lavandarias atraem as pessoas solitárias como os ímanes atraem o metal. Está um tipo estendido numa fila de cadeiras lá atrás, de botas da tropa e com uma T-shirt que diz Nostradamus Era Um Optimista. Uma mulher na mesa de dobrar a roupa movimenta-se à volta de uma pilha de camisas de homem com botões, a conter as lágrimas. Ponham dez pessoas juntas numa lavandaria e há grandes hipóteses de não sermos os que nos encontramos em pior situação.

Sento-me à frente de uma fila de máquinas de lavar e tento relacionar as roupas com as pessoas que estão à espera. As cuecas cor-de-rosa e a camisa de noite com rendas pertencem à rapariga que está a ler um romance. As meias vermelhas de lã e a camisa aos

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 81

quadrados são do estudante malcheiroso que está a dormir. As camisolas de futebol e as jardineiras de criança são do miúdo pequeno que está sempre a dar folhas de um branco translúcido para a máquina de secar à sua mãe, absorta ao telemóvel. Que tipo de pessoa tem dinheiro para comprar um telemóvel, mas não tem

dinheiro para comprar a sua própria máquina de lavar e secar roupa? Faço um jogo comigo própria, às vezes, e tento imaginar como seria ser a pessoa cujas roupas estão a girar à minha frente. Se eu estivesse a lavar aquelas calças de ganga de carpinteiro, talvez colocasse telhados em Phoenix, e tivesse braços fortes e costas bronzeadas. Se eu tivesse aqueles lençóis floridos, talvez estivesse de férias e andasse em Harvard, a estudar a elaboração de perfis de criminosos.

Se aquela capa de cetim fosse minha, talvez tivesse bilhetes para a temporada do ballet. E

depois tento imaginar-me a fazer qualquer uma destas coisas e não consigo. Só me consigo ver a mim própria, a ser dadora da Kate, cada vez prolongando-se até à vez seguinte. Kate e eu somos gêmeas siamesas; só que não se consegue ver o sítio por onde estamos ligadas. O que torna a separação muito mais difícil. ? Quando olho para cima, a rapariga que trabalha na lavandaria está de pé à minha frente, com a sua argola no lábio e as suas faces com madeixas azuis.

— Precisa de trocar? - pergunta ela.

Para dizer a verdade, tenho medo de ouvir a minha própria resposta.

Jesse

Eu sou o miúdo que brincava com fósforos. Costumava roubá-los da prateleira por cima do frigorífico, levá-los para a casa de banho dos meus pais. A espuma de banho Jean Naté incendeia-se, sabiam? Se a entornarem, e se lhe chegarem um fósforo, conseguem deitar fogo ao chão. As chamas são azuis, e, quando o álcool desaparece, apaga-se.

Uma vez, a Anna surpreendeu-me quando eu estava na casa de banho.

— Olá - disse eu. - Olha para isto. - Entornei um bocado de Jean Naté no chão, desenhando as suas iniciais. Depois deitei-lhes fogo. Achei que ela iria sair a correr e aos gritos como uma tonta mas, em vez disso, ela sentou-se mesmo na borda da banheira.

Agarrando no frasco de Jean Naté, fez um desenho sinuoso nos ladrilhos e disse-me que fizesse aquilo outra vez.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 82

A Anna é a única prova que eu tenho de que nasci nesta família, em vez de ser deixado à entrada da porta por algum casal do estilo Bonnie e Clyde a fugir pela calada da noite. À superfície, somos pólos opostos. Debaixo da pele, porém, somos iguais: as pessoas pensam que sabem com o que podem contar, mas enganam-se sempre.

Vão-se todos foder. Deveria ter isso tatuado na testa, considerando todas as vezes em que pensei nisso. Normalmente estou a circular, acelerando no meu Jeep até ficar sem fôlego. Hoje, estou a conduzir a 95 quilômetros por hora na estrada 95. Ando aos ziguezagues por entre o trânsito, a suturar uma cicatriz. As pessoas gritam-me do outro lado das suas janelas fechadas. Mostro-lhes o dedo.

Resolveria milhares de problemas se eu guinasse o Jeep para um aterro. Não é que não tivesse pensado nisso, sabem. Na minha carta de condução está escrito que sou dador de órgãos, mas a verdade é que eu ponderaria ser um mártir de órgãos. Tenho a

certeza de que valho muito mais morto do que vivo - a soma das partes é maior do que o todo.

Interrogo-me quem é que acabaria por andar por aí com o meu fígado, os meus pulmões e até os meus globos oculares. Interrogo-me a que pobre imbecil calharia o que quer que seja que em mim fax de coração.

No entanto, para minha consternação, consigo chegar ao desvio sem um arranhão. Saio na curva ascendente e sigo ao longo da Avenida Allen. Há um viaduto onde sei que vou encontrar o Duracell Dan. Ele é um tipo sem abrigo, veterano do Vietname, que passa a maior parte do tempo a recolher pilhas que as pessoas deitam no lixo. O que raio faz com elas, não sei. Ele abre-as, isso sei eu. Ele diz que a CIA esconde mensagens para todos os seus operativos nas Energizer double-As, que o FBI utiliza as Evereadys.

O Dan e eu temos um acordo: eu trago-lhe uma refeição do McDonalds algumas vezes por semana, e em troca, ele olha pelas minhas coisas. Encontro-o baralhado com o livro de astrologia que ele considera o seu manifesto.

— Dan - digo, saindo do carro e entregando-lhe o seu Big Mac.

— Que tal? Ele semicerra os olhos.

— A maldita Lua está em Aquário - mete uma batata frita na boca. - Não devia ter saído da cama.

O Dan tem uma cama, essa é nova.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 83

— Que chatice - digo. - Tens as minhas coisas? Ele faz sinal com a cabeça indicando os barris por detrás do pilar de betão onde ele guarda as minhas coisas. O ácido perclórico gamado do laboratório de química do liceu está intacto; num outro barril está a serradura. Enfio a fronha cheia debaixo do braço e transporto-a para o carro. Vejo que ele está à espera, ao pé da porta.

— Obrigado.

Ele encosta-se ao carro, não me deixando entrar.

— Eles entregaram-me uma mensagem para ti.

Embora da boca do Dan só saiam tretas, o meu estômago contorce-se.

— Quem? Ele olha para o fundo da rua, e depois para mim.

— Tu sabes - aproximando-se, sussurra -, pensa duas vezes.
— A mensagem é essa? O Dan acena com a cabeça.
— Sim. Era isso, ou Bebe duas vezes. Não tenho a certeza.
— A esse conselho talvez dê ouvidos - empurro-o um bocadinho, para conseguir entrar no carro. Ele é mais leve do que poderíamos pensar, como se o que quer que fosse que estivesse dentro dele se tivesse gasto há muito tempo. Nessa linha de raciocínio, é surpreendente que eu não flutue em direcção ao céu. - Até depois - digo-lhe e, em seguida dirijo-me ao armazém que tenho andado a observar.

Procuro lugares parecidos comigo: grandes, vazios, esquecidos por quase toda a gente. Este situa-se na zona de Olneyville. Já foi utilizado como armazém de um negócio de exportações. Agora, pode dizer-se que alberga apenas uma família alargada de ratazanas. Estaciono suficientemente longe para que ninguém suspeite do meu carro. Enfio a fronha cheia de serradura debaixo do meu casaco e sigo.

Afinal parece que aprendi alguma coisa com o meu querido pai: os bombeiros são peritos em entrar em sítios onde não deveriam estar. Não é muito difícil forçar a fechadura, e depois tenho apenas de decidir por onde hei-de começar. Abro um buraco no fundo da fronha e deixo que a serradura desenhe três iniciais em letra grande, JBF. Depois agarro no ácido e deito-o para cima das letras.

Esta é a primeira vez que o faço em pleno dia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 84

Tiro um maço de Merits do bolso e dou-lhe umas pancadinhas, depois enfio um na boca. O meu Zippo já quase não tem combustível; preciso de me lembrar de comprar mais. Quando termino, ponho-me de pé, dou uma última passa e atiro o cigarro para cima da serradura. Eu sei que desta vez vai ser rápido, portanto já estou a correr quando a parede de fogo se ergue atrás de mim. Como de todas as outras vezes, vão procurar pistas. Mas este cigarro e as minhas iniciais já terão desaparecido há muito. Todo o chão por baixo delas derreterá. As paredes vão deformar-se e ceder.

A primeira viatura de combate a incêndios surge no local mesmo quando chego ao carro e tiro os binóculos do porta-bagagens. Mas, então, o fogo faz o que quer fazer -

evadir-se. Os vidros das janelas foram estilhaçados; o fumo ergue-se negro, um eclipse.

A primeira vez que vi a minha mãe chorar tinha cinco anos. Estava à janela da cozinha, a fingir que não estava. O Sol estava a nascer, como um nó inchado.

— O que estás a fazer? - perguntei. Só anos depois é que eu me apercebi de que tinha entendido mal a resposta. Que quando ela disse que tinha amanhecido de luto, não estava a referir-se à altura do dia.

Agora, o céu está escuro, coberto de fumo. Chovem faúlhas quando o telhado cai.

Chega uma segunda equipa de bombeiros, os que foram chamados quando estavam à mesa a jantar, ou no duche, ou na sala de estar. com os binóculos, consigo distinguir o seu nome, a brilhar na parte de trás do casaco do seu equipamento como se fosse escrito com diamantes. Fitzgerald. O meu pai agarra numa mangueira com água, e eu entro no meu carro e vou-me embora.

Em casa, a minha mãe está a ter um ataque de nervos. Ela sai de casa disparada assim que eu estaciono o carro.

— Graças a Deus - diz ela. - Preciso da tua ajuda.

Ela nem sequer olha para trás para ver se vou atrás dela para dentro de casa, e é assim que fico a saber que se trata da Kate. A porta do quarto das minhas irmãs foi arrombada, a ombreira de madeira à sua volta ficou lascada. A minha irmã está deitada na sua cama imóvel. De repente, regressa à vida, a erguer-se aos solavancos como um macaco de automóveis e a vomitar sangue. Uma mancha alastra-se pela sua camisola e, pela sua coberta florida, há papoilas vermelhas onde antes não existia nenhuma.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 85

A minha mãe vai para junto dela, a segurar-lhe no cabelo e a passar-lhe uma toalha pela boca quando a Kate vomita de novo, um outro jacto de sangue.

— Jesse - diz ela peremptoriamente -, o teu pai está numa missão, e eu não consigo contactar com ele. Preciso que nos leves ao hospital, para que eu possa ir sentada ao lado da Kate no banco de trás.

Os lábios da Kate estão lustrosos como cerejas. Pego-lhe ao colo. É só ossos, a aparecerem nitidamente através da pele da sua T-shirt.

— Quando a Anna fugiu, a Kate não me deixou entrar no seu quarto - diz a minha mãe, a apressar-se para me alcançar. Dei-lhe uns momentos para se acalmar. E depois ouvi-a tossir. Tive de entrar lá dentro.

Portanto arrombaste a porta, penso eu, e não me surpreende. Chegamos ao carro, e ela abre a porta para que eu possa meter a Kate lá dentro. Arranco e acelero ainda mais do que o normal através da cidade, até à estrada, em direcção ao hospital.

Hoje, enquanto os meus pais estavam no tribunal com a Anna, a Kate e eu víamos televisão. Ela queria ver a sua novela e eu disse-lhe que fosse à merda, e, em vez da novela, pus o canal codificado da Playboy. Agora, enquanto passo os sinais vermelhos, desejava tê-la deixado ver aquela novela para atrasados mentais. Estou a tentar não olhar para o seu rosto pequeno e branco como uma moeda pelo espelho retrovisor. Seria de pensar, com todo o tempo que tive para me habituar à idéia, que estes momentos não fossem um choque tão grande. A pergunta que não podemos fazer percorre as minhas veias a cada batida do coração: Será desta? Será desta? Será desta? Assim que chegamos à entrada do Serviço de Urgências, a minha mãe sai do carro, a apressar-me para ir buscar a Kate. Somos uma imagem e tanto a passar através das portas automáticas, eu com a Kate nos braços, e a minha mãe a agarrar a primeira enfermeira que passa.

— Ela precisa de plaquetas - ordena a minha mãe.

Eles levam-na para longe de mim e, por alguns momentos, mesmo depois de a equipa do Serviço de Urgências e a minha mãe terem desaparecido com a Kate por detrás de cortinas fechadas, fico com os braços a flutuarem, a tentar habituar-me ao facto de já não haver nada neles.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 86

O Dr. Chance, o oncologista que eu conheço, e o Dr. Nguyen. um especialista que não conheço, dizem-nos o que já tínhamos percebido: estes são os últimos sinais da fase terminal da insuficiência renal. A minha mãe está ao lado da cama, com a mão firmemente agarrada ao suporte intravenoso da Kate.

— Ainda podem fazer um transplante? - pergunta ela, como se a Anna nunca tivesse instaurado o seu processo legal, como se isso não significasse absolutamente nada.

— A Kate encontra-se numa situação clínica bastante má - diz-Lhe o Dr. Chance. -

Eu já lhe disse antes que não sabia se ela era suficientemente forte para sobreviver a uma cirurgia destas: as hipóteses são ainda mais reduzidas agora.

— Mas se houvesse um dador - diz ela -, seria capaz de o fazer? - Esperem -

parecia que a minha garganta tinha acabado de ser revestida de palha. - O meu dava? O

Dr. Chance abana a cabeça.

— Um dador de rim não necessita de ser totalmente compatível. Mas a sua irmã não é um caso vulgar.

Quando os médicos se vão embora, consigo sentir o olhar da minha mãe fixo em mim.

— Jesse - diz ela.

— Não é que eu estivesse a oferecer-me. Só queria, sabes, saber - mas, por dentro, estou a arder da mesma forma que estava quando o armazém se incendiou. O que me fez acreditar que talvez valesse alguma coisa, mesmo agora? O que me fez pensar que eu poderia salvar a minha irmã, quando nem sequer sou capaz de me salvar a mim próprio?

Os olhos da Kate abrem-se, de forma que ela fica a olhar directamente para mim. Ela passa a língua pelos lábios - ainda estão cobertos de sangue - e isso fá-la parecer uma vampira.

Os mortos-vivos. Antes fosse.

Inclino-me para me aproximar dela, porque não há força suficiente dentro dela neste momento para fazer as palavras

atravessarem o ar que nos separa. Diz, move ela os lábios para que a minha mãe não olhe.

Eu respondo, tão silenciosamente como ela. Diz? Quero assegurar-me de que percebi bem.

Diz à Ana.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 87

Mas a porta do quarto abre-se de repente e o meu pai enche o quarto de fumo. O

seu cabelo, as suas roupas e a sua pele tresandam a fumo, tanto que eu olho para cima, à espera que os detectores de incêndio disparem.

— O que aconteceu? - pergunta ele, dirigindo-se imediatamente à cama.

Eu esgueiro-me para fora do quarto, porque já ninguém precisa de mim lá. No elevador, em frente ao letreiro de PROIBIDO FUMAR, acendo um cigarro.

Dizer à Anna o quê?

Sara

1990-1991 Por mero acaso, ou talvez por distribuição cármica, as três clientes do salão de cabeleireiro estão todas grávidas. Sentamo-nos debaixo dos secadores, com as mãos cruzadas em cima das nossas barrigas como uma fileira de Budas.

— Os meus nomes preferidos são Freedom, Low e Jack - diz a rapariga que está ao meu lado, que vai pintar o cabelo de cor-de-rosa.

— E se não for um rapaz? - pergunta a mulher que está sentada do meu outro lado.

— Oh, esses nomes dão para ambos. Escondo um sorriso.

— Eu voto em Jack.

A rapariga semicerra os olhos, olhando pela janela para o tempo péssimo.

— Sleet é bonito - diz ela distraidamente, e depois experimenta-o, para avaliar o seu tamanho. - Sleet, apanha os teus brinquedos. Sleet, querido, vamos lá, ou vamos chegar atrasados ao concerto dos Wilco. - Ela tira um pedaço de papel e um lápis de dentro das suas jardineiras de grávida e anota o nome.

A mulher à minha esquerda sorri para mim.

— É o seu primeiro? - O meu terceiro.

— O meu também. Tenho dois rapazes. Estou a fazer figas.

— Eu tenho um rapaz e uma rapariga - digo-lhe. - De cinco e de três anos.

— Sabe o que vai ter desta vez? Eu sei tudo sobre esta bebê, desde o seu sexo até ao próprio posicionamento dos seus cromossomas, incluindo os que a tornam totalmente compatível com a Kate. Sei exactamente o que vou ter-, um milagre.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 88

— É uma rapariga - respondo.

— Ooh, invejo-a tanto! O meu marido e eu não ficámos a saber através da ecografia. Pensei que se me dissessem que era outro

rapaz, talvez nunca completasse os últimos cinco meses. - Ela desliga o seu secador e afasta-o. - Já escolheu alguns nomes?

Apercebo-me de que não o fiz. Embora esteja grávida, de nove meses, embora tivesse tido o tempo suficiente para sonhar, não tinha verdadeiramente tido em consideração as especificidades desta criança. Tinha pensado nesta filha apenas em termos do que ela poderia vir a fazer pela filha que eu já tinha. Não tinha admitido isto nem ao Brian, que à noite se deita com a cabeça na minha barriga de tamanho considerável, à espera dos pontapés que anunciam - acha ele - a primeira marcadora de livres dos Patriots. Por outro lado, os meus sonhos para ela não são menos exaltados; eu planeio que ela salve a vida da sua irmã.

— Estamos à espera - digo à mulher.

Às vezes penso que não fazemos mais nada.

Houve um momento, após os três meses de quimioterapia da Kate no ano passado, em que eu fui suficientemente estúpida para pensar que tínhamos enganado a sorte. O Dr. Chance disse que ela parecia estar em remissão, e que íamos apenas observar o que se seguiria. E, por um curto espaço de tempo, a minha vida até voltou ao normal: levar o Jesse aos treinos de futebol e ajudar a Kate nas suas aulas da pré-primária e até tomar um banho quente para relaxar.

E, apesar disso, uma parte de mim sabia o que ia acontecer. Esta parte sacudia a almofada da Kate todas as manhãs, mesmo depois de o seu cabelo começar de novo a crescer com as suas pontas frisadas e queimadas, para o caso de ele começar outra vez a cair. Esta parte foi ao genéticista recomendado pelo Dr. Chance. Projectou um embrião aprovado pelos cientistas para ser totalmente compatível com a Kate. Tomou as hormonas para a fecundação in vitro e concebeu aquele embrião, pelo sim pelo não.

Foi durante uma aspiração rotineira de medula óssea que ficámos a saber que a Kate tinha tido uma recaída molecular. Por fora, ela parecia-se com qualquer outra menina de três anos. Por dentro, o cancro tinha surgido novamente no seu organismo, aniquilando o progresso que tinha sido feito através de quimioterapia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 89

Agora, no banco de trás do carro com o Jesse, a Kate está a dar pontapés, entretida com um telefone de brincar. O Jesse está sentado ao lado dela, a olhar pela janela.

— Mamã? Os autocarros podem cair para cima das pessoas? - Como se caíssem das árvores? - Não. Como.. só cair para cima. - Ele faz um movimento giratório com a mão.

— Só se o tempo estiver mesmo mau, ou se o condutor for demasiado depressa.

Ele acena com a cabeça, aceitando a minha explicação para sua segurança neste universo. E depois: - Mamã? Tens um número favorito? - Trinta e um - digo-lhe eu. É o dia em que está previsto o parto. - E tu? - Nove. Porque pode ser um número, ou a nossa idade, ou um seis a fazer o pino. - Ele pára apenas para respirar. - Mamã? Há tesouras especiais para cortar a carne? - Há. - Viro à direita e passo por um cemitério, com lápides enviesadas para a frente e para trás, como um conjunto de dentes amarelados.

— Mamã, é para ali que a Kate vai? - pergunta o Jesse.

A pergunta, tão inocente como todas as outras que o Jesse poderia fazer, faz-me ficar sem força nas pernas. Encosto o carro e ligo os quatro piscas. Em seguida desaperto o cinto de segurança e volto-me para trás.

— Não, Jess - digo-lhe. - Ela vai ficar connosco.

— Sr. e Sr.a Fitzgerald? - diz o produtor. - Este é o vosso lugar. Sentamo-nos no estúdio de televisão. Fomos convidados devido à concepção nada ortodoxa do nosso bebê. De alguma forma, numa tentativa de manter a Kate saudável, tornámo-nos estupidamente num tema para debates científicos.

O Brian dá-me a mão quando somos abordados por Nadya Carter, a jornalista do programa de informação.

— Estamos quase prontos. Já gravei uma introdução sobre a Kate. vou apenas fazer-vos algumas perguntas, e tudo estará terminado em menos de nada.

Mesmo antes de a câmara começar a gravar, o Brian limpa as faces à manga da sua camisa. A maquilhadora, por detrás das luzes, queixa-se.

— Bem, por amor de Deus - sussurra-me ele. - Não vou aparecer na televisão nacional a usar blush.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 90

A câmara começa a funcionar com muito menos cerimônia do que eu esperava, apenas um pequeno zumbido que me percorre os braços e as pernas.

— Sr. Fitzgerald - diz Nadya -, pode explicar-nos antes de mais porque decidiu procurar um geneticista? O Brian olha para mim.

— A nossa filha de três anos tem uma forma muito agressiva de leucemia. O seu oncologista sugeriu que procurássemos um dador de medula óssea mas o nosso filho mais velho não era geneticamente compatível. Há um registo nacional, mas quando surgisse o dador certo para a Kate, ela poderia já não. . estar aqui. Portanto, pensámos que poderia ser uma boa idéia ver se um novo irmão da Kate seria compatível.

— Um irmão - diz Nadya -, que não existe.

— Ainda não - responde o Brian.

— O que vos fez recorrer a um geneticista? - As restrições de tempo - digo eu abruptamente. - Podíamos ter bebês ano após ano até que um fosse compatível com a Kate. O médico foi capaz de fazer a triagem de vários embriões para ver qual deles, se é que havia algum, seria o dador ideal para a Kate. Tivemos a sorte de conseguir um em quatro - e foi implantado através de fecundação in vitro.

Nadya olha para as suas notas.

— Receberam correspondência ameaçadora, não receberam? Brian acena com a cabeça.

— As pessoas acham que estamos a tentar programar geneticamente um bebê.

— E não estão? - Não pedimos um bebê com olhos azuis, ou que viesse a medir um metro e oitenta, ou que viesse a ter um QI de duzentos. É claro, pedimos características específicas - mas estas não são nada que se pareça com o que pudesse ser considerado um modelo de características humanas. São apenas as características da Kate. Nós não queremos um superbebê; queremos apenas salvar a vida da nossa filha.

Aperto a mão do Brian. Meu Deus, como o amo.

— Sr. a Fitzgerald, o que dirá a esta bebê quando ela crescer? pergunta Nadya.

— com alguma sorte - digo eu -, vou poder dizer-lhe que pare de aborrecer a sua irmã.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 91

Entro em trabalho de parto na véspera de Ano Novo. A enfermeira que está a tomar conta de mim tenta distrair-me das contracções falando-me sobre os signos astrológicos.

— Esta vai ser Capricórnio - diz Emelda enquanto me esfrega os ombros.

— Isso é bom? - Oh, os Capricórnios cumprem a sua função. Inspira, Expira.

— É bom... saber.. isso - digo-lhe.

Há outros dois bebês que estão prestes a nascer. Uma das mulheres, diz Emelda, tem as pernas cruzadas. Ela está a tentar agüentar até 1991. O Bebê do Ano Novo tem direito a embalagens de fraldas gratuitas e títulos de poupança do Citizen's Bank no valor de 100 dólares para a futura educação universitária.

Quando Emelda se dirige à secretária das enfermeiras, deixando-nos sozinhos, o Brian dá-me a mão.

— Estás bem? Eu faço um esgar durante outra contracção.

— Estaria melhor se isto já tivesse acabado.

Ele sorri para mim. para um paramédico/bombeiro, um parto de rotina num hospital é algo a que se encolhe os ombros. Se as minhas águas tivessem rebentado durante um acidente de comboio, ou se estivesse a dar à luz no banco de trás de um táxi...

— Sei o que estás a pensar - interrompe ele, embora eu não tenha dito uma só palavra em voz alta -, e estás enganada. - Ele levanta-me a mão, beijando-me os nós dos dedos.

De repente, uma âncora desenrola-se dentro de mim. A corrente, grossa como um punho, contorce-se dentro do meu abdômen.

— Brian - arquejo -, chama o médico.

O meu obstetra entra e coloca uma das mãos entre as minhas pernas. Olha para cima, para o relógio.

— Se conseguir agüentar um minuto esta miúda vai nascer famosa - diz ele, mas eu abano a cabeça.

— Faça-a sair - digo-lhe. - Agora. O médico olha para Brian.

— Dedução de impostos? - conjectura ele.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 92

Eu estou a pensar em não perder, mas não tem nada a haver com o IRS. A cabeça da bebê escorrega através da minha pelve. A mão do médico ampara-a, faz deslizar aquele magnífico cordão libertando o pescoço, e tira-a puxando um ombro de cada vez.

Eu debato-me apoiada nos cotovelos para ver o que está a acontecer mais abaixo.

— O cordão umbilical - lembro-lhe. - Tenha cuidado. - Ele corta-o, aquele sangue maravilhoso, e apressa-se a levá-lo da sala para um local onde será conservado por criogenização até que a Kate esteja pronta para ele.

O Dia Zero do regime pré-transplante da Kate começa na manhã seguinte ao nascimento da Anna. Eu saio da Maternidade e encontro-me com a Kate na Radiologia.

Estamos as duas com batas amarelas de isolamento, e isto fá-la rir.

— Mamã - diz ela -, estamos a condizer. Administram-lhe um cocktail pediátrico de sedativos e, noutra circunstância qualquer, isto seria engraçado. Ela não consegue manter-se de pé. De cada vez que se levanta, cai. Ocorre-me que é assim que ela estará da primeira vez que se embebedar com licor de pêssego no liceu ou na faculdade; e depois lembro-me rapidamente que a Kate poderá nunca atingir essa idade.

Quando a terapeuta chega para a levar para a câmara de radioterapia, a Kate agarra-se à minha perna.

— Querida - diz o Brian -, vai correr tudo bem.

Ela abana a cabeça e agarra ainda mais. Quando me agacho, ela atira-se para os meus braços.

— Não vou tirar os olhos de ti - prometo.

A sala é grande, com motivos da selva pintados nas paredes. Os aceleradores lineares estão montados no tecto e numa depressão debaixo da mesa de tratamentos, que é pouco mais do que uma

cama suspensa de lona coberta por um lençol. A radioterapeuta coloca grossos pedaços de couro com a forma de feijões em cima do peito da Kate e diz-lhe que não se mexa. Ela promete que, quando tiver terminado, a Kate vai receber um autocolante.

Eu olho fixamente para a Kate através da parede de vidro de protecção. Raios gama, leucemia, paternidade. São as coisas que não conseguimos ver que são suficientemente fortes para nos matar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 93

Há uma Lei de Murphy na oncologia, uma lei que não está escrita em lado nenhum mas que é sobejamente conhecida: se não ficarmos doentes, não ficaremos bons.

Portanto, se a quimioterapia nos fizer ficar violentamente doentes, se a radiação nos crestar a pele - tudo isso é bom. Por outro lado, se atravessarmos a terapia apenas com náuseas ou dores irrisórias, o mais certo é que os medicamentos tenham, de alguma forma, sido excretados pelo corpo e não estejam a cumprir a sua função.

Segundo este critério, a Kate devia estar de facto curada por esta altura. Ao contrário da quimioterapia do ano passado, esta série de tratamentos transformou uma rapariguinha que não tinha sequer um nariz a pingar num farrapo. Três dias de radiação causaram uma diarreia constante, e fizeram com que tivesse de usar de novo fraldas. De início, isto embaraçava-a; agora ela está tão doente que não se importa. Os cinco dias seguintes de quimioterapia encheram a sua garganta de muco, o que a mantém agarrada a um tubo de sucção como se fosse uma tábua de salvação. Quando está acordada, não faz mais nada senão chorar.

Desde o Dia Seis, quando as contagens de glóbulos brancos e neutrófilos da Kate começaram a equilibrar-se, ela tem estado em isolamento inverso. Qualquer micróbio do mundo poderia matá-la agora; por esta razão, o mundo teve de ser mantido à distância. As visitas ao seu quarto são restritas e, aqueles cuja entrada é permitida, parecem astronautas, de fato e máscara. A Kate tem de ler livros com imagens com luvas de borracha. Não são permitidas plantas nem flores, porque transportam bactérias que a poderiam

matar. Qualquer brinquedo precisa de ser desinfectado com solução anti-séptica antes de lho darem. Ela dorme com o seu ursinho de peluche, selado dentro de um saco com fecho, que faz barulho a noite toda e que, por vezes, a acorda.

O Brian e eu sentamo-nos à porta da antecâmara do quarto, à espera. Enquanto a Kate dorme, eu pratico a dar injeções numa laranja. Depois do transplante a Kate vai precisar de injeções de factor de crescimento, e a tarefa cabe-me a mim. Eu espeto a seringa na espessa casca do fruto, até sentir o tecido macio que se encontra por baixo a ceder. O medicamento que vou administrar é subcutâneo, injectado mesmo por debaixo da pele. Preciso de ter a certeza de que o ângulo é o correcto e de que estou a exercer a pressão certa. A velocidade com que se empurra o embolo pode causar mais ou menos

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 94

dor. A laranja, é claro, não chora quando eu cometo um erro. Mas as enfermeiras, mesmo assim, dizem-me que dar uma injeção à Kate não será muito diferente.

O Brian agarra numa segunda laranja e começa a descascá-la.

— Larga isso! - Tenho fome. - Ele indica a laranja que eu tenho nas mãos. E tu já tens um doente.

— Tanto quanto sabes, isso era o de outra pessoa. Só Deus sabe o que lhe injectaram.

Subitamente, o Dr. Chance surge na esquina e aproxima-se. Donna, uma enfermeira de oncologia, segue atrás dele, brandindo um saco intravenoso cheio de um líquido vermelho.

— O essencial - diz ela.

Eu pouso a minha laranja, sigo-os até à antecâmara e equipo-me para poder estar a três metros da minha filha. Após alguns minutos, Donna prende o saco a um suporte, e liga o tubo ao cateter venoso central da Kate. É tão anti-climático que a Kate nem sequer chega a acordar. Eu fico de um dos lados, enquanto o Brian vai para o outro. Sustenho a respiração. Fico a olhar para as ancas da Kate, para a fossa ilíaca, onde é produzida a medula óssea. Por milagre, estas células estaminais da Anna vão entrar na circulação. -

Pronto - diz o Dr. Chance, e todos nós olhamos para o sangue do cordão umbilical a deslizar lentamente através do tubo. a

palhinha retorcida está cheia de possibilidades.

Julia

Depois de estar duas horas a viver outra vez com a minha irmã, acho difícil de acreditar que já partilhámos confortavelmente um ventre. A Isobel já organizou os meus CDs por ano de lançamento, varreu debaixo do sofá, e deitou fora metade da comida que estava no meu frigorífico.

— Os prazos de validade são nossos amigos, Julia - suspira ela.

— Tens aqui iogurte do tempo em que os Democratas governavam a Casa Branca.

Eu bato com a porta e conto até dez. Mas quando a Izzy se movimenta em direcção ao forno a gás e começa a procurar os botões da função de limpeza, perco o controlo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 95

— A Sylvia não precisa de limpeza.

— Aí está outra coisa: Sylvia, o forno. Smilla, o frigorífico. Temos mesmo de dar nomes aos nossos electrodomésticos? Meus electrodomésticos. Meus e não nossos, bolas.

— Estou a perceber perfeitamente porque a Janet se separou de ti - resmungo.

Perante isto, a Izzy olha para cima, estupefacta.

— Tu és horrível - diz ela. - Tu és horrível e depois de eu ter nascido devia ter cosido a Mãe - ela corre para a casa de banho em pranto.

A Isobel é três minutos mais velha do que eu, mas fui sempre eu que tomei conta dela. Eu sou a sua bomba nuclear: quando há alguma coisa que a perturbe, eu chego e destruo-a, quer seja um dos nossos seis irmãos mais velhos a gozar com ela quer seja a cruel Janet, que decidiu que afinal não era gay após sete anos de uma relação séria com a Izzy. Quando crescemos, a Izzy era a santinha e eu era a que arranjava as discussões - a balançar os punhos ou a rapar o cabelo para chatear os nossos pais, ou a usar botas da tropa com a farda do liceu. No entanto, agora que temos trinta e dois anos, eu sou um membro portador de cartão do clube

dos candidatos a um bom lugar na sociedade; enquanto que a Izzy é uma lésbica que faz joalheria a partir de cliques e fechos de correr. Imagine-se.

A porta da casa de banho não fecha, mas a Izzy ainda não sabe disso. Portanto eu entro e espero que ela acabe de passar o rosto por água fria, e estendo-lhe uma toalha.

— Iz. Não queria dizer aquilo.

— Eu sei - ela olha para mim através do espelho. A maioria das pessoas não consegue distinguir-nos uma da outra agora que eu tenho um emprego a sério que requer um cabelo convencional e roupas convencionais. - Pelo menos tu tinhas uma relação - faço notar. - A última vez que saí com alguém foi quando comprei aquele iogurte.

Os lábios da Izzy curvam-se num sorriso, e ela vira-se para mim.

— A sanita tem nome? - Estava a pensar chamar-lhe Janet - digo eu, e a minha irmã desata a rir.

O telefone toca, e eu dirijo-me à sala para o atender.

— Julia? É o juiz DeSalvo. Tenho um caso que requer um tutor ad litem, e pensei que talvez me pudesse ajudar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 96

Tornei-me tutora ad litem há um ano, quando me apercebi de que o trabalho sem fins lucrativos não dava para pagar a minha renda. Um TAL é nomeado por um tribunal para ser defensor de uma criança durante os procedimentos legais que envolvam um menor. Não é necessário ser advogado para ter formação a fim de se tornar TAL, mas é necessário ter uma consciência moral e um coração. O que, na realidade, faz com que a maior parte dos advogados não seja qualificado para cumprir essas funções.

— Julia? Está a ouvir-me? Eu moveria montanhas pelo juiz DeSalvo; ele puxou os cordelinhos para me arranjar um emprego quando eu me tornei TAL.

— Esteja descansado - prometo eu. - O que se passa? Ele dá-me informações sobre o caso - frases como emancipação médica e treze anos e mãe com antecedentes jurídicos flutuam à minha volta. Só dois artigos se fixam rapidamente: a palavra urgente, e o nome do advogado.

Meu Deus, não posso fazer isto.

— Posso estar lá daqui a uma hora - digo.

— Ainda bem. Porque acho que esta rapariga precisa de alguém que a apoie.

— Quem era? - pergunta a Izzy. Ela está a desempacotar a caixa que contém os seus artigos de trabalho: ferramentas e arame, e pequenos recipientes com pedacinhos de metal que parecem dentes a ranger quando ela os pousa.

— Um juiz - respondo. - Há uma rapariga que precisa de ajuda. O que eu não digo à minha irmã é que estou a falar de mim.

Não está ninguém em casa dos Fitzgerald. Toco duas vezes à campainha, certa de que se trata de um engano. Pelo que o juiz DeSalvo me deu a entender, esta é uma família em crise. Mas eu dou por mim espedaçada em frente a uma moradia bem cuidada, com canteiros de flores bem arrançados a contornar o passeio.

Quando volto para o meu carro, vejo uma rapariga. Ela ainda possui aquele ar nodoso de bezerro típico da pré-adolescência; salta por cima de cada ranhura no passeio.

— Olá - digo eu, quando ela se aproxima o suficiente para me ouvir. - És a Anna?

O queixo dela levanta-se bruscamente.

— Talvez.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 97

— Eu sou a Julia Romano. O juiz DeSalvo pediu-me para ser a tua tutora ad litem.

Ele explicou-te o que isso significa? A Anna semicerra os olhos.

— Uma rapariga em Brockton foi raptada por pessoas que diziam que a mãe dela lhes tinha pedido que a fossem buscar e que a levassem ao local onde a mãe trabalhava.

Eu procuro na mala e tiro de lá a minha carta de condução e um molho de papéis.

— Toma - digo eu. - Estás à vontade. - Ela olha para mim, e depois para a fotografia horrível que está na minha carta de condução; lê a cópia da petição de emancipação que eu fui buscar ao tribunal de família antes de vir para aqui. Se eu fosse uma assassina psicótica, então teria feito bem os meus trabalhos de

casa. Mas uma parte de mim que já está a dar crédito à Anna por ser desconfiada: ela não é uma criança que se atire de cabeça. Se está a pensar bastante antes de me acompanhar, presumivelmente deve ter pensado bastante antes de se desembaraçar da rede da família. Ela devolve-me tudo aquilo que lhe entreguei.

— Onde está toda a gente? - pergunta ela.

— Não sei. Pensei que me soubesses dizer.

O olhar de Anna desliza para a porta da frente, nervoso.

— Espero que não tenha acontecido nada à Kate.

Abano a cabeça, a pensar nesta rapariga, que já conseguiu surpreender-me.

— Tens tempo para falar? - pergunto.

As zebras são a primeira paragem no Jardim Zoológico de Roger Williams. De todos os animais da secção africana, estes sempre foram os meus preferidos. Os elefantes são-me indiferentes; nunca consigo encontrar as chitas - mas as zebras cativam-me. Elas seriam uma das poucas coisas que se integrariam se tivéssemos a sorte de viver num mundo onde tudo fosse preto ou branco.

Passamos pelos pequenos antílopes, pelos bongos e por algo chamado rato-toupeiro-nu que não sai da sua toca. Costumo levar os miúdos ao jardim zoológico quando sou nomeada para trabalhar nos seus casos. Ao contrário do que acontece quando nos sentamos frente a frente no tribunal, ou até no Dunkin' Donuts, no jardim zoológico há mais probabilidades de eles se abrirem comigo. Ficam a observar os gibões a *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult

98

balançarem-se como ginastas olímpicos e começam a falar sobre o que acontece em suas casas, sem sequer se aperceberem do que estão a fazer.

Anna, porém, é mais velha do que todos os outros miúdos com quem trabalhei, e menos entusiasmada por estar aqui. Em retrospectiva, apercebo-me de que foi uma má escolha. Devia tê-la levado a um centro comercial, ou ao cinema.

Caminhamos pelos trilhos sinuosos do jardim zoológico, com a Anna a falar apenas quando era forçada a reagir. Ela responde-me

educadamente quando lhe faço perguntas sobre a saúde da irmã. Diz que a mãe é, de facto, a advogada da outra parte.

Agradece-me quando lhe compro um gelado.

— Diz o que gostas de fazer - digo eu. - Para te divertires.

— Jogar hóquei - diz Anna. - Costumava ser guarda-redes.

— Costumavas? - Quanto mais velhos ficamos, menos o treinador nos perdoa faltar a um jogo - ela encolhe os ombros. - Não gosto de deixar ficar mal toda a equipa.

Uma maneira interessante de encarar as coisas, penso.

— Os teus amigos ainda jogam hóquei? - Amigos? - ela abana a cabeça. - Não podemos realmente convidar alguém para ficar na nossa casa quando a nossa irmã precisa de descansar. Não nos retribuem o convite para passar a noite quando a nossa mãe nos vem buscar às duas da manhã para ir para o hospital.

Provavelmente já passou bastante tempo desde que estive no secundário, mas a maior parte das pessoas pensa que ser esquisito é contagioso.

— Então com quem falas? - com a Kate - diz ela, olhando para mim. E depois pergunta se tenho telemóvel.

Tiro um da minha carteira e observo-a a marcar de cor o número do hospital.

— Estou à procura de uma paciente - diz Anna à telefonista. Kate Fitzgerald. - Ela olha para mim. - Obrigada na mesma.

Carregando nos botões, ela devolve-me o telemóvel.

— A Kate não está registada.

— Isso é bom, não é? - Pode apenas significar que os papéis ainda não chegaram à telefonista. Por vezes demora algumas horas.

Encosto-me a uma cerca ao pé dos elefantes.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 99

— Pareces bastante preocupada com a tua irmã neste momento - refiro. - Tens a certeza de que estás pronta para enfrentar o que vai acontecer se deixares de ser dadora?

- Eu sei o que irá acontecer - diz Anna em voz baixa. - Nunca disse que gostava. - Ela ergue o rosto para olhar para mim, desafiando-me a encontrar-lhe culpas.

Por um minuto olho para ela. O que faria eu, se descobrisse que a Izzy precisava de um rim, de parte do meu fígado, ou de medula? A resposta nem sequer é questionável: Perguntaria se podíamos ir já para o hospital para o fazer.

Mas nesse caso, a escolha teria sido minha, era a minha decisão.

— Os teus pais perguntaram-te alguma vez se querias ser dadora para a tua irmã?

Anna encolhe os ombros.

— Mais ou menos. Da forma que os pais fazem perguntas às quais já responderam dentro das suas cabeças. Não foi por causa de ti que a turma toda ficou de castigo, pois não? ou Queres brócolos, não queres? Pequenas peças deste quebra-cabeças começam a chamar a minha atenção. Tradicionalmente, os pais tomam decisões por uma criança, porque se presume que estejam a zelar pelos seus interesses. Mas se, pelo contrário, estiverem cegos pelos interesses de outro filho, o sistema entra em ruptura. E algures, debaixo dos escombros, há vítimas como a Anna.

A questão é: será que ela instaurou este processo legal porque sente verdadeiramente que consegue fazer melhores escolhas sobre os seus próprios cuidados médicos do que os pais, ou porque quer que os pais, pelo menos uma vez, ouçam os seus lamentos? Acabamos em frente aos ursos-polares, Trixie e Norton. Pela primeira vez desde que chegámos aqui, o rosto de Anna ilumina-se.

Ela observa Kobe, a cria de Trixie - a mais recente aquisição do jardim zoológico.

Ele dá pancadinhas na mãe enquanto ela está deitada nas rochas, tentando fazer com que ela brinque com ele.

— Da última vez que houve um urso-polar bebê - diz a Anna deram-no a outro jardim zoológico.

Ela tem razão: vêm-me à memória lembranças dos artigos no jornal. Foi uma medida importante de relações públicas para Rhode Island.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 100

— Achas que ele se interroga sobre o que terá feito para ter sido mandado embora? Enquanto tutores ad litem, somos treinados para

detectar os sinais de depressão.

Sabemos ler a linguagem corporal, o fingimento e as alterações de humor. As mãos da Anna estão fechadas com força em volta da cerca de metal. Os seus olhos ficam baços, como o ouro antigo.

Ou esta rapariga perde a irmã, penso eu, ou vai ela própria perder-se.

— Julia - pergunta ela -, podemos ir para casa? Quanto mais nos aproximamos da sua casa, mais a Anna se distancia de mim. Um truque bastante conveniente, visto que a distância física entre nós permaneceu inalterada. Ela encolhe-se, encostada à janela do meu carro, olhando para as ruas que se esvaziam.

— O que vai acontecer a seguir? - vou falar com todos os outros. A tua mãe e o teu pai, o teu irmão e a tua irmã. O teu advogado.

Agora, um Jeep em bastante mau estado está estacionado à entrada, e a porta da frente da casa está aberta. Desligo o motor, mas Anna não faz qualquer tentativa para desapertar o seu cinto de segurança.

— Acompanha-me até lá dentro? - Porquê? - Porque a minha mãe vai matar-me.

Esta Anna - genuinamente assustada - tem poucas semelhanças com aquela com quem passei a última hora. Interrogo-me como uma rapariga pode ser ao mesmo tempo suficientemente corajosa para instaurar um processo legal, e ter medo de enfrentar a sua própria mãe.

— Porquê? - Hoje saí mais ou menos sem lhe dizer aonde ia.

— Fazes isso muitas vezes? - Normalmente faço o que me dizem - diz Anna abanando a cabeça.

Bem, vou ter de falar com Sara Fitzgerald mais tarde ou mais cedo. Saio do carro, e espero que a Anna faça o mesmo, percorremos o caminho para a entrada, passando pelos canteiros de flores bem cuidados, e entramos pela porta da frente.

Ela não é a adversária que eu tinha imaginado. Para começar, a mãe da Anna é mais baixa do que eu, e mais franzina. Tem cabelos escuros e olhos atormentados e está a andar de um lado para o outro. Mal a porta se abre, ela corre para a Anna.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 101

— Por amor de Deus - grita ela, abanando a sua filha pelos ombros - onde estiveste? Fazes alguma idéia...

— Desculpe, Sr. a Fitzgerald. Gostaria de me apresentar - dou um passo à frente, estendendo a mão. - Sou Julia Romano, a tutora ad litem nomeada pelo tribunal.

Ela põe o braço à volta de Anna, uma fria demonstração de carinho.

— Obrigada por trazer a Anna a casa. Tenho a certeza de que há muitas coisas que tem de discutir com ela, mas neste momento. .

— Na realidade, estava à espera de conseguir falar consigo. No tribunal pediram-me que apresentasse o meu parecer em menos de uma semana, portanto se tiver alguns minutos. .

— Não tenho - diz Sara abruptamente. - Agora não é de facto uma boa altura. A minha outra filha foi novamente internada no hospital - ela olha para a Anna, ainda à porta da cozinha: espero que estejas satisfeita.

— Lamento.

— Eu também - Sara aclara a garganta. - Agradeço que tenha vindo para falar com a Anna. E sei que está apenas a fazer o seu trabalho. Mas tudo isto vai resolver-se por si, na verdade. Trata-se de um mal-entendido. Tenho a certeza de que o juiz DeSalvo lhe dirá precisamente isso daqui a um dia ou dois.

Ela dá um passo para trás, desafiando-me, e à Anna, a dizer o contrário. Eu olho para Anna, que me retribui o olhar e abana a cabeça de forma quase imperceptível, um apelo para ficar por aqui, por agora.

Quem estará ela a proteger - a mãe, ou ela própria? Uma bandeira vermelha desenrola-se na minha mente: Anna tem treze anos. Anna vive com a mãe. A mãe de Anna é a advogada da outra parte. Como é que a Anna pode viver na mesma casa e não ser pressionada por Sara Fitzgerald! - Anna, telefone amanhã - e depois, sem me despedir de Sara Fitzgerald, deixa a sua casa, em direcção ao único lugar da terra aonde nunca desejei ir.

Os escritórios de advocacia de Campbell Alexander parecem-se exactamente com o que tinha imaginado: no cimo de um edifício revestido de vidro negro, ao fundo de um corredor coberto por uma

passadeira persa, passando por duas portas de mogno que A
guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 102

mantêm a população à distância. Sentada a uma enorme secretária de recepcionista, está uma rapariga com feições de porcelana e um auricular de telefone escondido debaixo da sua farta cabeleira. Ignoro-a e dirijo-me para a única porta fechada.

— Hei! - grita ela. - Não pode entrar aí! - Ele está à minha espera - digo.

Campbell não tira os olhos do que quer que seja que está a escrever com grande fúria. Tem as mangas da camisa arregaçadas até ao cotovelo e precisa de cortar o cabelo.

— Kerri - diz ele -, veja se consegue encontrar alguma transcrição da Jenny Jones sobre gêmeos verdadeiros que não sabem que. .

— Olá, Campbell.

Primeiro, ele pára de escrever. Depois levanta a cabeça.

— Julia - põe-se de pé, como um rapazinho que foi apanhado a fazer algo indecente.

Eu entro e fecho a porta atrás de mim.

— Sou a tutora ad litem nomeada para o caso de Anna Fitzgerald.

Um cão no qual não tinha reparado toma agora o seu lugar junto de Campbell.

— Soube que tinhas ido para a faculdade de direito. Harvard. com uma bolsa completa.

— Providence é um local bastante pequeno. . Estava sempre à espera.. - a sua voz esmorece, e ele abana a cabeça. - Bem, pensei que nos íamos encontrar mais cedo.

Ele sorri para mim, e eu tenho novamente dezassete anos - o ano em que me apercebi de que o amor não segue as regras, o ano em que percebi que não há nada que se deseje tanto como uma coisa inalcançável.

— Não é assim tão difícil evitar alguém quando se quer - respondo tranqüilamente. - Deverias sabê-lo melhor do que ninguém.

Campbell

Estou extraordinariamente calmo, na verdade, até que o director da Ponaganset High School me começa a dar um sermão pelo telefone sobre correcção política.

— Por amor de Deus - precipita-se ele. - Que tipo de mensagem é passada quando um grupo de estudantes nativos americanos chama à sua equipa de basquetebol *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 103

do liceu "Os Branquinhos"? - Imagino que seja enviado o mesmo tipo de mensagem que foi passada quando escolheu os Chefes de Clã para mascote do seu liceu.

— Nós somos os Chefes de Clã de Ponaganset desde 1970 argumenta o director.

— Pois, e eles são membros da tribo de Narragansett desde que nasceram.

— É depreciativo. E politicamente incorrecto.

— Infelizmente - refiro eu -, não pode processar uma pessoa por incorrecção política, ou então já teria decerto sido intimado há anos. No entanto, por outro lado, a Constituição protege de facto vários direitos individuais dos Americanos, incluindo dos nativos americanos - o de se reunirem e o de liberdade de expressão, o que sugere que os Branquinhos teriam a liberdade de se agrupar mesmo que a sua ridícula ameaça de processo legal chegasse ao tribunal. Portanto, talvez queira ponderar uma acção conjunta contra a humanidade em geral, uma vez que de certeza que gostaria igualmente de reprimir o racismo inerente implícito em Casa Branca, Montanhas Brancas e Páginas Brancas - há um silêncio mortal do outro lado da linha. - Devo então presumir que poderei dizer ao meu cliente que afinal não pretende litigar? Depois de ele me desligar o telefone, carrego no botão do intercomunicador.

— Kerri, telefone a Ernie Fishkiller e diga-lhe que não se preocupe.

Enquanto me instalo em frente à montanha de trabalho na minha secretária, o Juiz solta um suspiro. Está a dormir, enrolado como um tapete entrançado à esquerda da minha secretária. A sua pata estremece.

É a vida, disseme ela, enquanto observávamos um cachorro a perseguir a sua própria cauda. É o que eu quero ser a seguir.

Eu ri-me. Tu vais acabar como gato, disse-lhe. Eles não precisam de mais ninguém.

Eu preciso de ti, respondeu ela.

Bem, disse eu. Talvez eu volte como ervados-gatos.

Coloco os polegares sobre os globos oculares. Não estou de facto a dormir o suficiente; primeiro foi aquele momento no café, e agora isto. Lanço um olhar carrancudo ao Juiz, como se fosse culpa dele, e depois concentro-me em algumas notas que tomei no meu bloco. Novo cliente - um traficante de droga apanhado pela acusação com uma *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 104

câmara de vídeo. Não há maneira de evitar uma condenação neste caso, excepto se o tipo tiver um gêmeo verdadeiro que a sua mãe tenha mantido em segredo.

O que, pensando melhor..

A porta abre-se, e sem olhar para cima dou uma ordem à Kerri.

— Veja se consegue encontrar alguma transcrição da Jenny Jones sobre gêmeos verdadeiros que não sabem que. .

— Olá, Campbell.

Estou a enlouquecer; estou definitivamente a enlouquecer. Porque a menos de metro e meio de distância está a Julia Romano, que já não via há quinze anos. O seu cabelo está mais comprido agora, e finas linhas ladeiam a sua boca como parênteses à volta de uma vida inteira de palavras que eu não estava lá para ouvir.

— Julia - consigo dizer.

Ela fecha a porta, e ao ouvir esse som, o Juiz levanta-se.

— Sou a tutora ad litem nomeada para o caso de Anna Fitzgerald - diz ela.

— Providence é um local bastante pequeno. . Estava sempre à espera.. Bem, pensei que nos íamos encontrar mais cedo.

— Não é assim tão difícil evitar alguém, quando se quer - responde ela. - Deverias sabê-lo melhor do que ninguém.

Depois, de um momento para o outro, a raiva parece evaporar-se dela.

— Desculpa. Era completamente desnecessário.

— Já passou muito tempo - respondo, quando o que queria realmente fazer era perguntar-lhe o que fez durante estes quinze anos. Se ainda bebe chá com leite e limão.

Se é feliz. - O teu cabelo já não é cor-de-rosa - digo, porque sou um idiota.

— Não, já não é - responde ela. - Isso é um problema? - É que. . Bem... - encolho os ombros. Onde estão as palavras quando precisamos delas? - Eu gostava do cor-de-rosa - confesso.

— Tem tendência a diminuir a minha autoridade em tribunal admite a Julia.

Isto faz-me sorrir.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 105

— Desde quando te importas com o que as pessoas pensam de ti? Ela não responde, mas algo muda. A temperatura da sala, ou talvez a parede que surge nos seus olhos.

— Talvez em vez de desenterrar o passado, devêssemos falar sobre a Anna -

sugere ela diplomaticamente.

Aceno com a cabeça. Mas parece que estamos sentados num assento acanhado de autocarro com um estranho entre nós, que nenhum de nós está pronto a aceitar ou a mencionar e, portanto, estamos aqui a falar à sua volta e a lançar olhares furtivos quando o outro não está a ver. Como é que eu posso pensar na Anna Fitzgerald quando me interrogo se a Julia acordou alguma vez nos braços de alguém e por um só momento, antes que o sono se afastasse da sua mente, pensou que era eu? Pressentindo a tensão, o Juiz levanta-se e põe-se ao meu lado. A Julia parece reparar pela primeira vez que não estamos sozinhos na sala.

— É o teu sócio? - Apenas um associado - digo eu. - Mas ele participou no jornal jurídico académico - os dedos dela tocam a cabeça do Juiz por detrás da orelha - raio de sacana sortudo - e,

fazendo um trejeito, peço-lhe que pare. - É um cão de serviço. Não lhe devem fazer festas.

Julia olha para cima, surpreendida. Mas antes que faça alguma pergunta, eu mudo de conversa.

— Então, a Anna? - o Juiz encosta o nariz à palma da minha mão.

— Fui vê-la - diz ela cruzando os braços. -E? - Os miúdos de treze anos são muito influenciados pelos pais. E a mãe da Anna parece estar convencida de que este julgamento não se vai realizar. Acho que ela é capaz de tentar convencer a Anna disso também.

— Eu posso resolver esse assunto - digo eu.

— Como? - pergunta ela, olhando para cima desconfiada.

— Fazendo com que Sara Fitzgerald saia de casa.

Ela fica de boca aberta.

— Estás a brincar, não estás? Por esta altura, o Juiz começa a puxar as minhas roupas com força. Visto que não tenho nenhuma reacção, ele ladra duas vezes.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 106

— Bem, eu de facto não penso que tenha de ser a minha cliente a mudar-se. Ela não infringiu as ordens do juiz. vou arranjar um mandado de restrição temporária que impeça Sara Fitzgerald de manter qualquer tipo de contacto com ela.

— Campbell, é a mãe dela! - Esta semana, ela é a advogada da outra parte, e se ela estiver de alguma forma a prejudicar a minha cliente precisa de ser impedida de o fazer.

— A tua cliente tem um nome, e uma idade, e um mundo que se está a desmoronar - a última coisa de que necessita é de mais instabilidade na sua vida. Será que te deste sequer ao trabalho de tentar conhecê-la? - É claro que sim - minto, enquanto o Juiz começa a ganir aos meus pés.

A Julia olha para ele.

— Passa-se alguma coisa com o teu cão? - Ele está óptimo. Olha. A minha função é proteger os direitos legais da Anna e vencer o caso, e é precisamente isso que eu vou fazer.

— É claro que vais. Não necessariamente por ir ao encontro dos interesses da Anna. . mas por ir ao encontro dos teus. Já viste a

ironia? Que uma miúda que quer deixar de ser usada em benefício de outra pessoa acabe por escolher o teu nome nas Páginas Amarelas? - Tu não sabes nada sobre mim - digo, cerrando os maxilares.

— Bem, de quem é a culpa? Lá se foi a tentativa de não desenterrar o passado. Um arrepio percorre-me de cima a baixo, e agarro o Juiz pela coleira.

— Desculpa-me - digo, e saio pela porta do escritório, deixando a Julia pela segunda vez na minha vida.

Pensando bem no assunto, a Wheeler School era uma fábrica, lançando cá para fora debutantes e futuros investidores da banca. Éramos todos semelhantes e falávamos de forma semelhante. Para nós, o Verão era um verbo.

Havia alunos, como é óbvio, que quebravam este mofo. Como os miúdos com bolsas, que punham as golas para cima e aprendiam a remar, sem nunca se aperceberem de que estivemos sempre conscientes de que eles não pertenciam ao nosso grupo. Havia as estrelas, como o Tommy Boudreaux, que foi recrutado pelos Detroit Redwings no primeiro ano. Ou os casos psiquiátricos, que tentavam cortar os pulsos ou misturar álcool *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 107

com Valium e que depois deixavam o campus tão silenciosamente como tinham anteriormente vagueado por lá.

Eu era um aluno do décimo segundo ano no ano em que a Julia entrou para a Wheeler. Ela usava botas da tropa e uma T-shirt dos Cheap Trick debaixo do hlazer do colégio; era capaz de memorizar sonetos inteiros sem libertar uma gota de suor. Durante os tempos livres, enquanto nós fumávamos cigarros nas costas do director, ela subia as escadas para o tecto do ginásio e sentava-se encostada ao tubo do aquecimento, a ler livros de Henry Miller e de Nietzsche. Ao contrário das outras raparigas do colégio, com as suas cascatas suaves de cabelos loiros apanhados com um elástico como se fossem rebuçados, o dela era um perfeito tornado de caracóis negros, e nunca usava maquilhagem - apenas aquelas feições angulosas, tal como elas são. Tinha a argola mais fina que eu já

tinha visto, um filamento de prata, na sobrancelha esquerda. E cheirava a massa de pão fresca a levedar.

Havia rumores sobre ela-, que tinha sido expulsa de um reformatório feminino; que era uma menina-prodígio com um resultado perfeito nos exames do liceu; que era dois anos mais nova do que toda agente do nosso ano; que tinha uma tatuagem. Ninguém sabia muito bem o que pensar dela. Chamavam-lhe Aberração, porque ela não era uma de nós.

Um dia, a Julia Romano chegou à escola com cabelo curto cor-de-rosa. Todos nós presumimos que seria suspensa, mas afinal, na litania de regras sobre o que tínhamos de usar na Wheeler, o penteado estava conspicuamente ausente. Fez-me pensar por que razão não havia ninguém no colégio com rastas, e apercebi-me de que não era por não podermos; era porque não queríamos.

Nesse dia, à hora de almoço, ela passou pela mesa onde eu estava sentado com um grupo de rapazes da equipa de vela e algumas das suas namoradas.

— Hei - disse uma rapariga - doeu-te? - O quê? - Julia abrandou.

— Quando caíste dentro da máquina de fazer algodão-doce. Ela nem sequer pestanejou.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 108

— Desculpa, não tenho dinheiro para arranjar o cabelo no Wasb, Cut and Blowjobs - e depois dirigiu-se ao canto da cantina onde comia sempre sozinha, a fazer paciências com um baralho de cartas que tinha imagens de santos padroeiros no verso.

— Merda - disse um dos meus amigos -, com aquela rapariga é que eu não me metia.

Eu ri-me, porque todos os outros o fizeram. Mas também a observei a sentar-se, a afastar o tabuleiro de comida, e a começar a dispor as cartas. Imaginei como seria não ligarmos absolutamente nada ao que as pessoas pensavam de nós.

Uma tarde, eu ausentei-me sem licença da equipa de vela da qual era capitão, e segui-a. Certifiquei-me de que ficava suficientemente afastado para que ela não se apercebesse da minha presença. Ela seguiu em direcção ao Blackstone Boulevard, virou para o Swan Point Cemetery, e subiu ao ponto mais alto. Abriu

a mochila, tirou os manuais e o dossier, e estendeu-se em frente a uma sepultura.

— Mais vale saíres daí- disse ela então, e eu quase engoli a língua, à espera de um fantasma, até que percebi que ela estava a falar comigo. - Se pagares mais vinte e cinco cêntimos, podes até ver de perto.

Saí de trás de um grande carvalho, de mãos nos bolsos. Agora que estava ali, não fazia idéia da razão por que tinha vindo. Indiquei a sepultura com um gesto.

— É algum familiar? Ela olhou para trás.

— Pois. A minha avó vinha precisamente ao lado dele no Mayflower-ela ficou a olhar para mim, toda ângulos rectos e arestas. - Não tens de ir a nenhum jogo de críquete?

- Pólo - disse eu esboçando um sorriso. - Estou só à espera do meu cavalo.

Ela não percebeu a piada. . ou talvez não tivesse achado graça.

— O que é que tu queres? Eu não podia admitir que estava a segui-la.

— Ajuda - disse eu. - com os trabalhos de casa.

Na verdade, eu não tinha olhado para o nosso trabalho de inglês. Agarrei num papel que estava no dossier e li alto: Depara-se com um horrível acidente envolvendo quatro automóveis. Há pessoas a gemerem de dor, e corpos espalhados por todo o lado. É obrigatório parar? - Porque hei-de eu ajudar? - disse ela.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 109

— Bem, legalmente, não devias. Se moveres alguém e magoares essa pessoa, podes ser processada. - Eu queria dizer a ti. O papel flutuou até ao chão.

— Não pensas muito bem de mim, pois não? - Eu não penso em nenhum de vocês, ponto final. Vocês são uns idiotas superficiais que não seriam apanhados nem mortos com alguém que seja diferente de vocês.

— Não é isso que também estás a fazer? Ela ficou a olhar para mim durante um bom bocado. Depois começou a encher a sua mochila.

— Tens um fundo de investimento, não é verdade? Se precisas de ajuda, paga a um explicador.

Ponho um pé em cima de um dos seus manuais.

— Fazia-lo? - Dar-te explicações? Nem pensar.

— Parar, No acidente de viação. As mãos dela ficaram quietas.

— Sim. Porque mesmo que a lei diga que ninguém é responsável por outra pessoa, ajudar alguém que precise é o que se deve fazer.

Sentei-me ao lado dela, suficientemente perto para que a pele do seu braço vibrasse mesmo ao lado do meu.

— Acreditas mesmo nisso? - Acredito - disse ela olhando para baixo, para o seu colo.

— Então como - perguntei - podes virar-me as costas? Mais tarde, limpo o rosto com toalhas de papel do distribuidor e ajeito a gravata. O Juiz anda aos círculos ao meu lado, como faz sempre.

— Portaste-te bem - digo-lhe, fazendo-lhe festas no espesso pêlo do pescoço.

Quando regresso ao escritório, a Julia já não está lá. Kerri está sentada ao computador num raro momento de produtividade, a escrever.

— Ela disse que se precisasse dela, podia muito bem ir à sua procura. Foram palavras dela, não minhas. E pediu todos os ficheiros clínicos. - A Kerri olha para mim por cima do ombro. - Está com um aspecto horrível.

— Obrigado - um Post-it cor de laranja em cima da secretária chama a minha atenção. - É para aqui que ela quer que sejam enviados os ficheiros clínicos? -É.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 110

— Eu trato disso - digo, enfiando o endereço no bolso.

Uma semana depois, em frente à mesma sepultura, desatei as botas da tropa da Julia Romano. Tirei-lhe o casaco de camuflado. Os pés dela eram estreitos e tão cor-de-rosa como o interior de uma tulipa. As suas clavículas eram um mistério.

— Eu sabia que por debaixo disso eras linda - disse eu, e esta foi a primeira parte dela que eu beijei.

Os Fitzgerald vivem em Upper Darby, numa casa que poderia pertencer a qualquer família tipicamente americana. Garagem para dois carros; portas de alumínio; autocolantes Totfinder nas janelas, para os bombeiros. Quando chego lá, o Sol está a pôr-se por detrás da linha dos telhados.

Durante todo o caminho, tentei convencer-me a mim próprio de que o que a Julia tinha dito não tinha absolutamente nenhuma relevância na razão pela qual decidi visitar a minha cliente. Que eu sempre planeara fazer este pequeno desvio antes de ir para casa depois do trabalho.

Mas a verdade é que, em todos os anos que exerci advocacia, esta era a primeira vez que fazia uma visita a casa de um cliente.

Anna abre a porta quando toco à campainha.

— O que está aqui a fazer? - A ver como estavas.

— Tem custos extra? - Não - digo secamente. - Faz parte de uma promoção especial que estou a fazer este mês.

— Ah - ela cruza os braços. - Já falou com a minha mãe? - Estou a tentar não o fazer. Presumo que não esteja em casa? Anna abana a cabeça.

— Está no hospital. A Kate foi novamente internada. Pensei que talvez tivesse ido lá.

— A Kate não é minha cliente.

Isto, de facto, parece desapontá-la. Ela põe o cabelo atrás das orelhas.

— Quer, sei lá, entrar? Eu sigo-a até à sala de estar e sento-me no sofá, um monte de alegres riscas azuis. O Juiz fareja os cantos da mobília.

— Soube que conheceste a tutora ad litem.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 111

— Julia. Ela levou-me ao jardim zoológico. Pareceu-me bem. os olhos dela casam-se com os meus. - Ela disse alguma coisa sobre mim? - Está preocupada pelo facto de a tua mãe poder falar sobre este caso contigo.

— Para além da Kate - diz Anna -, de que outro assunto vai ela falar? Ficamos a olhar um para o outro por um momento. Fora de uma relação cliente-advogado, sinto-me perdido.

Podia pedir para ver o quarto dela, mas nunca à face da Terra um advogado de defesa do sexo masculino poderia ir lá acima sozinho com uma rapariga de treze anos.

Podia convidá-la para jantar, mas duvido que ela gostasse do Café Nuovo, um dos meus sítios favoritos, e eu acho que não conseguiria digerir um hambúrguer. Podia perguntar-lhe pela escola, mas isso não faz parte do assunto.

— Tem filhos? - pergunta a Anna.

— O que achas? - rio-me.

— Provavelmente, é melhor assim. - admite ela. - Não leve a mal, mas não parece exactamente um pai.

— Qual é o aspecto dos pais? - pergunto interessado. Ela parece estar a pensar sobre isto.

— Sabe como o tipo do arame no circo quer que toda a gente pense que o seu número é uma arte. mas no fundo conseguimos perceber que ele está apenas desejoso de chegar ao outro lado? - ela olha para mim. - Pode estar à vontade, sabe. Não vou amarrá-lo e obrigá-lo a ouvir um gangsta rap.

— Ah, pronto - gracejo. - Nesse caso - desaperto a gravata e recosto-me nas almofadas.

Isso faz com que um sorriso passe brevemente pelo seu rosto.

— Não tem de fingir que é meu amigo nem nada.

— Eu não quero fingir - passo a mão pelo cabelo. - Só que isto para mim é uma novidade.

— O quê? Faço um gesto englobando a sala de estar.

— Visitar um cliente. Conversar, Não deixar um caso no escritório ao fim do dia.

— Bem, isto também é uma novidade para mim - confessa Anna.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 112

— O quê? - Ter esperança - diz ela, torcendo uma madeixa de cabelo à volta do seu dedo mindinho.

A zona da cidade onde se situa o apartamento da Julia é uma área de classe alta com a reputação de lá viverem muitos homens divorciados, uma característica que me irrita durante todo o tempo que perco à procura de um lugar para estacionar. Em seguida o porteiro olha para o Juiz e impede-me a entrada.

— Não são permitidos cães - diz ele. - Desculpe.

— Este é um cão de serviço - quando isso não parece surtir nenhum efeito, eu passo a explicar-lhe. - Sabe. É como um cão-guia.

— Você não parece cego.

— Sou um alcoólico em recuperação - digo-lhe. - O cão impede-me de beber uma cerveja.

O apartamento de Julia fica no sétimo andar. Bato à sua porta e depois vejo um olho a examinar-me através do buraco. Ela abre um pouco a porta, mas deixa a corrente fechada. Tem um lenço enrolado à volta da cabeça, e parece ter estado a chorar.

— Olá - digo eu. - Podemos começar de novo? - Quem diabo é você? - diz ela limpando o nariz.

— Está bem. Talvez eu mereça isso - olho para a corrente. Deixa-me entrar, está bem? Ela olha para mim, como se eu fosse louco ou algo do género.

— Anda metido no crack? Há um tumulto, e ouve-se outra voz, e depois a porta abre-se de par em par e eu penso estupidamente: Há duas iguais a ela.

— Campbell - diz a verdadeira Julia -, o que estás aqui a fazer? Ainda a recuperar do choque mostro-lhe os ficheiros clínicos.

Como raio é que ela, durante aquele ano inteiro na Wheeler, nunca mencionou que tinha uma irmã gêmea? - Izzy, este é o Campbell Alexander. Campbell, esta é a minha irmã.

— Campbell. . - observo a Izzy a enrolar a língua dizendo o meu nome. Vendo melhor, ela não se parece nada com a Julia. O nariz é um pouco maior, e a pele não tem nem de perto o mesmo tom de dourado. Para não referir o facto de que ao observar a sua boca mover-se não fico excitado.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 113

— Não é o Campbell? - diz ela, virando-se para a Julia. - Do. .

— É - suspira ela.

Os olhos de Izzy semicerram-se.

— Eu sabia que não devia deixá-lo entrar.

— Não há problema - insiste a Julia, e tira-me os ficheiros.

Obrigada por trazeres isto.

— Já pode ir-se embora - a Izzy sacode os dedos.
— Basta - a Julia agarra no braço da sua irmã. - O Campbell é o advogado com quem estou a trabalhar esta semana.
— Mas não foi ele que. .
— Sim, obrigada, a minha memória está totalmente operacional.
— Pois! - interrompo. - Passei por casa da Anna.
— E? - a Julia volta-se para mim.
— Terra a Julia - diz a Izzy. - Este é um comportamento autodestrutivo.
— Não quando envolve um cheque de pagamento, Izzy. Nós estamos a trabalhar juntos num caso, é só isso. Está bem? E não me apetece mesmo nada levar um sermão teu sobre comportamentos autodestrutivos. Quem é que telefonou à Janet para uma queca misericordiosa na noite em que ela te deixou? - Olha - volto-me para o Juiz. - Então e os Red Sox? A Izzy percorre o corredor batendo com os pés no chão.
— É o teu suicídio - grita ela, e depois ouço uma porta bater.
— Acho que ela gosta mesmo de mim - digo eu, mas a Julia não esboça um sorriso.
— Obrigada pelos ficheiros clínicos. Adeus. -Julia..
— Olha, só estou a poupar-te o trabalho. Deve ter sido difícil treinar o cão para te tirar de uma sala quando precisas de ser salvo de uma situação emocionalmente instável, tal como uma antiga namorada que diz a verdade. Como é que fazes isso, Campbell? com gestos? com palavras de ordem? com um apito de ultra-som? Olho ansioso para o corredor vazio.
— Posso chamar de volta a Izzy? A Julia tenta empurrar-me porta fora.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 114

— Está bem. Desculpa. Não queria interromper-te hoje no escritório. Mas. . foi uma emergência - ela olha para mim. - Para que disseste que o cão servia? - Não disse -
quando ela se volta, o Juiz e eu seguimo-la para dentro do apartamento, fechando a porta atrás de nós. - Então fui visitar a Anna Fitzgerald. Tinhas razão, antes de obter um mandado de restrição contra a mãe, precisava de falar com ela.

— E? Volto a pensar em nós os dois, sentados naquele sofá às riscas, e a estender uma teia de confiança entre ambos.

— Acho que estamos em pé de igualdade - a Julia não responde, limita-se a agarrar num copo de vinho branco que estava no balcão da cozinha. - Claro que sim, gostava muito de beber um digo eu.

Ela encolhe os ombros.

— Está dentro da Smilla.

O frigorífico, é claro. Pela idéia de neve subjacente. Quando vou lá e tiro a garrafa, consigo perceber que ela está a tentar não sorrir.

— Esqueceste de que te conheço.

— Conhecias - corrige ela.

— Então esclarece-me. O que fizeste durante quinze anos? faço um gesto indicando o corredor, em direcção ao quarto da Izzy. - Quero dizer, para além de te clonares a ti própria - ocorre -me uma idéia, e mesmo antes de ter tempo de transmiti-la a Julia responde: - Os meus irmãos tornaram-se todos construtores, chefes de cozinha e canalizadores. Os meus pais queriam que as filhas fossem para a faculdade, e pensaram que se freqüentassem o Wheeler no último ano do liceu poderiam ter mais hipóteses. Eu tinha notas suficientemente boas para obter uma bolsa parcial; a Izzy não. Os meus pais só podiam mandar uma de nós para um colégio particular.

— Ela foi para a faculdade? - RISD - diz a Julia. - É designer de jóias.

— Uma designer de jóias hostil.

— Partirem-nos o coração pode causar isso - os nossos olhos cruzam-se, e a Julia apercebe-se do que disse. - Ela só se mudou para cá hoje.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 115

Os meus olhos percorrem o apartamento, à procura de um taco de hóquei, de uma revista Sports Illustrated. de uma cadeira La-Z-Boy, qualquer coisa denunciadora e masculina.

— É difícil habituares-te a ter alguém em casa? - Antes vivia sozinha, Campbell, se é isso que estás a perguntar - ela olha para mim por cima do seu copo de vinho. - E tu? -

Eu tenho seis mulheres, quinze filhos e um rebanho de ovelhas.

— Pessoas como tu sempre me fizeram sentir inferior - os lábios dela curvam-se.

— Oh, sim, és um verdadeiro desperdício de espaço neste planeta. Bacharelato em Harvard, curso de direito em Harvard, uma tutora ad litem com um coração de manteiga..

— Como soubeste que faculdade de direito freqüentei? - Foi o juiz DeSalvo -

minto, e ela acredita.

Interrogo-me se a Julia sente que se passaram alguns momentos, e não anos, desde a última vez em que estivemos juntos. Se estar sentada a este balcão comigo é tão fácil para ela como para mim. É como agarrar numa partitura desconhecida e começar a percorrê-la desajeitadamente, para mais tarde nos apercebermos de que se trata de uma melodia que já soubemos de cor, que conseguimos tocar sem esforço.

— Não pensei que te tornasses tutora ad litem - admito.

— Nem eu - Julia sorri. - Ainda há momentos em que me imagino em cima de um estrado no Boston Common, a argumentar contra esta sociedade patriarcal. Infelizmente, não podemos pagar ao senhorio em dogma - ela olha para mim. - É claro, eu também achei erradamente que por esta altura já seria Presidente dos Estados Unidos.

— Pensei melhor - confesso. - Tive de colocar a fasquia um pouco mais baixa. E tu - bem, na realidade, achei que viverias nos subúrbios, com uma data de filhos e um tipo sortudo.

Julia abana a cabeça.

— Acho que estás a confundir-me com a Muffy, ou a Bitsie, ou a Totó, ou como raio é que se chamavam as raparigas da Wheeler.

— Não. Só que pensei que. . que eu poderia ser esse tipo. Fez-se um silêncio espesso, viscoso.

— Tu não querias ser esse tipo - diz a Julia por fim. - Deixaste isso bem claro.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 116

Isso não é verdade, quero argumentar. Mas que mais poderia ela pensar, quando posteriormente, nunca quis ter nada com ela.

Quando, posteriormente, agi da mesma forma que todos os outros.

— Lembras-te... - começo.

— Lembro-me de tudo, Campbell - interrompe ela. - Se não me lembrasse, isto não seria tão difícil.

A minha pulsação dispara de tal forma que o Juiz se levanta e empurra a minha anca com o focinho, alarmado. Nessa altura tinha achado que nada podia magoar a Julia, que parecia ser tão livre. Esperei ter assim tanta sorte.

Enganei-me em ambos os casos.

Anna

Na nossa sala de estar temos uma prateleira inteira dedicada à história visual da nossa família. Estão lá os retratos de todos quando eram bebês, e algumas fotos tiradas na escola e também várias fotografias das férias, e de aniversários, e de dias festivos Fazem-me lembrar furos num cinto ou traços na parede de uma pensão - uma prova de que o tempo passou, que não estivemos todos a flutuar num limbo.

Há molduras duplas, 20-25cm, 10-15cm. São feitas de madeira clara e madeira embutida, e de um mosaico de vidro muito elegante. Agarro numa do Jesse - tem cerca de dois anos vestido de cowboy. Ao olhar para ela, nunca adivinharíamos o que estava para acontecer.

Há uma da Kate com cabelo, e outra da Kate completamente careca; uma da Kate quando era bebê sentada ao colo do Jesse - uma da minha mãe a segurá-los a ambos à beira de uma piscina. Também há fotografias minhas, mas não muitas. Eu passo de bebê para cerca de dez anos de idade de um momento para o outro.

Talvez tivesse sido por eu ser a terceira, e eles já estarem mais do que fartos de catalogar a vida. Talvez tivesse sido porque se esqueceram.

A culpa não é de ninguém, e não é nada de especial mas mesmo assim é um bocado deprimente. Está escrito numa fotografia: Estavas alegre, e eu quis capturar isso.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 117

Está escrito numa fotografia: Eras tão importante para mim que larguei tudo para te observar.

O meu pai telefona às onze horas para perguntar se eu quero que ele me venha buscar.

— A mãe vai ficar no hospital - explica ele. - Mas, se não quiseses ficar sozinha em casa, podes dormir no quartel.

— Não, não há problema - digo-lhe. - Posso sempre chamar o Jesse se precisar de alguma coisa.

— Pois - diz o meu pai. - O Jesse - ambos fingimos que este é um plano de apoio seguro.

— Como está a Kate? - pergunto.

— Ainda bastante mal. Drogaram-na - ouço-o respirar fundo.

Sabes, Anna -

começa ele, mas depois ouve-se uma campainha estridente lá atrás. - Querida, tenho de ir - ele deixa-me com um ouvido cheio de ar imóvel.

Por um segundo fico a segurar no telefone, a imaginar o meu pai a calçar as botas e a puxar as calças para cima pelos suspensórios. Imagino a porta do quartel a abrir-se como a caverna de Aladino, e a sirene do veículo de combate a incêndios a gritar, com o meu pai no banco da frente. Cada vez que vai para o trabalho, tem de extinguir incêndios.

É mesmo o encorajamento de que necessito. Agarrando numa camisola, saio de casa e dirijo-me à garagem.

Havia um miúdo na minha escola, o Jimmy Stredboe, que costumava ser um fiasco total. Era um zero à esquerda; tinha um rato de estimação que se chamava Órfã Annie; e, uma vez, na aula de ciências, vomitou para dentro do aquário. Ninguém falava com ele, no caso de a imbecilidade ser contagiosa. Mas depois, no Verão, foi-lhe diagnosticada esclerose múltipla. Depois disso, mais ninguém tratou mal o Jimmy. Se passássemos por ele no corredor, sorríamos. Se ele se sentasse ao nosso lado, acenávamos-lhe para o cumprimentar. Era como se ser uma tragédia ambulante apagasse o facto de ter sido um anormal.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 118

Desde que nasci, sou a rapariga que tem uma irmã doente. Toda a minha vida os bancários na caixa do banco me deram mais chupa-chupas; os directores das escolas me conheceram pelo nome. Nunca ninguém me trata declaradamente mal.

Faz-me pensar como seria tratada se fosse como toda a gente.

Talvez eu seja uma pessoa bastante má, ainda que ninguém tivesse alguma vez coragem para me dizer isso directamente. Talvez toda a gente pense que eu sou malcriada, ou feia, ou

estúpida, mas tenham de ser simpáticos porque talvez fossem as circunstâncias da minha vida que me fizessem assim.

Faz-me pensar se o que estou agora a fazer traduz a minha verdadeira natureza.

Os faróis de outro carro reflectem-se no espelho retrovisor, formando uns óculos de protecção verdes à volta dos olhos do Jesse.

Ele conduz com um pulso no volante, preguiçosamente. Precisa de cortar o cabelo, radicalmente.

— O teu carro cheira a fumo - digo.

— Pois. Mas disfarça o cheiro do whiskey entornado - os dentes dele brilham no escuro. - Porquê? Incomoda-te? - Mais ou menos.

O Jesse estica-se sobre o meu corpo para chegar ao porta-luvas. Tira um maço de Merit e um Zippo, acende um cigarro, e expira o fumo para cima de mim.

— Desculpa - diz ele, embora não seja sincero.

— Dás-me um? - Um quê? - Um cigarro - são tão brancos que parecem brilhar.

— Tu queres um cigarro? - o Jesse desata a rir.

— Não estou a brincar - digo eu.

O Jesse ergue uma sobrancelha e, em seguida, vira o volante tão bruscamente que penso que nos vamos despistar. Acabamos no meio de uma nuvem de poeira. O Jesse liga as luzes do interior e agita o maço para fazer sair um cigarro.

Parece demasiado delicado entre os meus dedos, como o osso de um pássaro.

Seguro-o como eu acho que uma diva do teatro dramático faria, entre as articulações do meu dedo indicador e médio. Levo-o aos lábios.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 119

— Primeiro tens de acendê-lo - ri o Jesse, e acende o Zippo. De maneira nenhuma me vou inclinar para cima de uma chama; há grandes hipóteses de pegar fogo ao cabelo em vez de ao cigarro.

— Acende-o tu por mim - digo eu.

— Não. Se vais aprender, vais aprender a fazer tudo - acende de novo o isqueiro.

Toco com o cigarro no lume, sugo com força da maneira que vi o Jesse fazer. Isso faz o meu peito explodir, e tusso tanto que por um minuto realmente acho que consigo saborear o meu pulmão no fundo da garganta, cor-de-rosa e esponjoso. O Jesse não agüenta mais e arranca-me o cigarro da mão antes que eu o deixe cair. Dá duas grandes passas e em seguida atira-o pela janela.

— Bela tentativa - diz ele. A minha voz está saibrosa.

— É como lambar cinza.

Enquanto tento lembrar-me de como se respira, o Jesse entra de novo na estrada.

— O que te fez querer fazer isso? Encolhi os ombros.

— Achei que já agora experimentava.

— Se quiseses uma lista de depravações, posso dar-te uma. como não respondo, ele olha para mim.

— Anna - diz ele -, o que estás a fazer não é errado.

Por esta altura ele entrou no parque de estacionamento do hospital.

— Também não está certo - faço notar.

Ele desliga o motor, mas não faz nenhuma tentativa para sair do carro.

— Já pensaste no dragão a guardar a caverna? Semicerro os olhos.

— Fala claro.

— Bem, presumo que a mãe esteja a dormir a metro e meio da Kate.

— Oh, merda - não é que eu pense que a mãe me iria expulsar, mas de certeza que não me deixaria sozinha com a Kate, e, neste momento, é isso que eu mais desejo. O

Jesse olha para mim.

— Não te vais sentir melhor por veres a Kate.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 120

Não há de facto nenhuma maneira de explicar por que razão tenho de saber que ela está bem, pelo menos agora, embora eu tenha tomado medidas que vão acabar com isso.

No entanto, para variar, parece que alguém percebe. O Jesse olha pela janela do carro.

— Eu trato disso - diz ele.

Nós tínhamos onze e catorze anos, e estávamos a treinar para o Livro Guinness dos Recordes Mundiais. De certeza que nunca duas irmãs tinham feito o pino durante tanto tempo que as suas faces ficassem duras como ameixas e os seus olhos só vissem vermelho. A Kate tinha a constituição de um duende, toda braços e pernas finas como esparguete; e, quando se dobrava em direcção ao chão e punha os pés para cima, era tão delicada como uma aranha a trepar por uma parede. Eu desafiava a gravidade com um baque.

Equilibrávamo-nos em silêncio durante alguns segundos.

— Quem me dera que a minha cabeça fosse mais plana - disse eu enquanto sentia as minhas sobrancelhas estalar. - Achas que vem aí algum homem para nos cronometrar?

Ou mandamos só uma cassette de vídeo? - Acho que depois nos dizem - a Kate dobrou os braços ao longo do tapete.

— Achas que vamos ser famosas? - Se calhar vamos ao programa Today. Tiveram lá um miúdo de onze anos que conseguia tocar piano com os pés - ela pensou por um segundo. - A mãe conhecia uma pessoa que foi morta por um piano que caiu de uma janela.

— Isso não é verdade. Por que haveria alguém de atirar um piano pela janela? - É

verdade. Pergunta-lhe. E não estavam a tirá-lo, estavam a pô-lo - ela cruzou as pernas contra a parede, de tal forma que parecia que estava apenas sentada ao contrário. - Qual achas que é a melhor maneira de morrer? - Não quero falar sobre isso - disse eu.

— Porquê? Eu vou morrer. Tu vais morrer - quando franzi o sobrolho, ela disse: -

Bem, também vais - e depois sorriu. - Só que eu sou mais dotada do que tu.

— Esta é uma conversa estúpida - já estava a fazer-me comichões em sítios que eu sabia que nunca iria ser capaz de coçar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 121

— Talvez num acidente de avião - divagou a Kate. - Seria mesmo mau. sabes, quando te apercebesses de que ias cair.. mas

depois acontecia e transformavas-te em pó.

Como é que as pessoas são vaporizadas, mas ainda se consegue encontrar roupas nas árvores, e aquelas caixas negras? Por essa altura a minha cabeça estava a começar a latejar.

- Cala-te, Kate.

Ela rastejou pela parede abaixo e sentou-se, afogueada.

— Também se pode bater a bota enquanto se está a dormir, mas isso é um bocado aborrecido.

— Cala-te - repeti, zangada por termos agüentado apenas vinte minutos e dois segundos, zangada por agora termos de começar tudo de novo para estabelecer um recorde. Virei-me de novo de cabeça para cima e tentei afastar uma madeixa de cabelo do rosto.

— Sabes, as pessoas normais não andam a falar sobre a morte.

— Mentirosa. Toda a gente pensa sobre a morte.

— Toda a gente pensa sobre a tua morte - disse eu.

A sala ficou tão silenciosa que eu me interroguei se não deveríamos tentar estabelecer outro recorde: durante quanto tempo conseguem duas irmãs sustar a respiração? Então, um sorriso trêmulo surgiu no rosto da Kate.

— Bem - disse ela. - Pelo menos agora estás a dizer a verdade.

O Jesse dá-me uma nota de vinte dólares para apanhar um táxi para casa; porque há apenas um senão neste plano: uma vez que decidirmos levar isto avante, ele não vai poder conduzir de volta para casa. Subimos as escadas até ao oitavo andar em vez de irmos de elevador, porque estas conduzem à parte de trás da sala das enfermeiras, e não à parte da frente. Depois ele enfia-me dentro de um armário de roupa de cama cheio de almofadas de plástico e lençóis carimbados com o nome do hospital.

— Espera - digo abruptamente, quando ele está prestes a ir-se embora. - Como é que eu vou saber quando é a. altura certa? Ele começa a rir.

— Vais saber, confia em mim.

Tira um cantil de prata do bolso - é um que o meu pai recebeu do chefe e que pensa ter perdido há anos. Desenrosca a tampa e entorna whiskey por cima da parte da *A guardiã da minha irmã* –
Jodi Picoult 122

frente da sua camisa. Depois começa a andar pelo corredor. Bem, andar é uma força de expressão - o Jesse choca como uma bola de bilhar contra as paredes e deita abaixo um carrinho de limpeza inteiro.

— Mãe? - grita ele. - Mãe, onde estás? Ele não está bêbedo, mas é bem verdade que consegue imitar na perfeição. Faz-me pensar nas vezes em que olhei através da janela do meu quarto a meio da noite e o vi vomitar para cima dos rododendros - talvez isso também fosse tudo a fingir.

As enfermeiras saem da secretária como um enxame da colmeia, tentando dominar um rapaz com metade da sua idade e três vezes mais forte, que nesse preciso momento agarra a prateleira mais alta de um carrinho de roupa de cama e a puxa para a frente, fazendo um estrondo tão grande que ressoa nos meus ouvidos. Campainhas de chamada começam a tocar como um painel de telefonista por detrás da secretária das enfermeiras, mas as três senhoras do turno da noite estão todas a fazer o melhor que podem para segurar o Jesse enquanto ele estrebucha.

A porta do quarto da Kate abre-se e a minha mãe, de olhos congestionados, sai cá para fora. Olha para o Jesse e, por um segundo, todo o seu rosto fica paralisado ao aperceber-se de que, na realidade, as coisas podem piorar. O Jesse vira a cabeça na sua direcção, um grande touro forte, e as suas feições derretem-se.

— Olá, mãe - cumprimenta ele, e sorri brandamente para ela.

— Peço imensa desculpa - diz a minha mãe às enfermeiras. Ela fecha os olhos quando o Jesse tropeça a direito e atira os seus braços frouxos à volta dela.

— Há café na cantina - sugere uma das enfermeiras, e a minha mãe está demasiado embaraçada para sequer lhe responder. Limita-se a dirigir-se aos elevadores com o Jesse agarrado a ela como um mexilhão a um casco, e carrega no botão descendente uma e outra vez na esperança vã de que isso faça realmente com que as portas se abram mais depressa.

Quando eles se vão embora, é quase demasiado fácil. Algumas das enfermeiras apressam-se para irem ver os pacientes que tinham chamado; outras instalam-se à sua secretária, trocando comentários em surdina sobre o Jesse e a minha pobre mãe como se se tratasse

de algum jogo de cartas. Não olham na minha direcção enquanto me esgueiro *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 123

para fora do armário da roupa de cama, percorro o corredor em bicos de pés, e entro no quarto do hospital onde está a minha irmã.

Num Dia de Acção de Graças quando a Kate não estava no hospital, nós fingimos realmente que éramos uma família normal. Assistimos ao desfile na televisão, onde um balão gigante foi vítima de um vento traiçoeiro e acabou amarrado à volta de um semáforo de Nova Iorque. Fizemos o nosso próprio molho. A minha mãe trouxe a parte superior do esterno do peru para a mesa, e nós degladiámo-nos para ver a quem caberia o direito de parti-la. A Kate e eu tivemos a honra. Antes de eu agarrar bem, a minha mãe chegou perto de mim e sussurrou-me ao ouvido: - Sabes o que tens de desejar - portanto fechei os olhos com força e pensei muito na remissão da Kate, embora tivesse pensado em pedir um leitor de CDs portátil, e tivesse tido uma satisfação maldosa pelo facto de não ter ganho.

Depois de comermos, o meu pai levou-nos lá para fora para jogarmos futebol americano sem placagens, dois contra dois, enquanto a minha mãe lavava a loiça. Ela veio cá para fora quando o Jesse e eu já tínhamos marcado duas vezes.

— Digam-me - pediu - que estou a ter alucinações.

Ela não tinha de dizer mais nada - todos nós já tínhamos visto a Kate tropeçar como uma miúda normal e acabar a sangrar descontroladamente como uma miúda doente.

— Oh, Sara - o meu pai ligou a electricidade do seu sorriso. A Kate está na minha equipa. Não vou deixar que ela saia derrotada.

Depois pavoneou-se em direcção à minha mãe, e beijou-a tão longa e lentamente que as minhas próprias faces começaram a arder, porque eu tinha a certeza de que os vizinhos iriam ver. Quando ele levantou a cabeça, os olhos da minha mãe estavam de uma cor que eu nunca tinha visto, e que acho que nunca voltarei a ver.

— Confia em mim - disse ele, e depois atirou a bola de futebol à Kate.

O que recordo desse dia é a forma como o chão nos picava quando nos sentávamos nele - o primeiro sinal do Inverno. Lembro-me de ser placada pelo meu pai, que se enrolava sempre para que eu nunca sentisse nenhum peso e recebesse todo o seu calor. Lembro-me da minha mãe, a apoiar igualmente as duas equipas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 124

E lembro-me de lançar a bola ao Jesse, e de a Kate se meter à frente - com uma expressão de puro choque no rosto quando ela aterrou no meio dos seus braços e de o Pai gritar incitando-a a fazer um ensaio. Ela acelerou, e estava quase a conseguir, mas então o Jesse deu um salto e atirou-a ao chão, esmagando-a debaixo dele.

Nesse momento, tudo parou. A Kate jazia com os braços e as pernas esticados, imóvel. O meu pai chegou lá num abrir e fechar de olhos, empurrando o Jesse.

— Que raio se passa contigo? - Esqueci-me! A minha mãe: - Onde é que dói?

Consegues sentar-te? Mas quando a Kate se virou para cima, estava a sorrir.

— Não me dói. É ótimo.

Os meus pais olharam um para o outro. Nenhum deles percebeu como eu percebi, como o Jesse percebeu - que, independentemente de quem somos, há sempre uma parte de nós que deseja ser outra pessoa - e quando, por um milésimo de segundo, realizamos esse desejo, é um milagre.

— Ele esqueceu-se - disse a Kate para si própria, e ficou deitada de costas, a olhar para o sol frio de Outono.

Os quartos de hospital nunca chegam a ficar completamente escuros; há sempre algum painel luminoso por detrás da cama, no caso de ocorrer uma catástrofe, uma faixa de emergência para que as enfermeiras e os médicos se possam orientar. Já vi a Kate sozinha em camas como esta centenas de vezes, embora os tubos e os fios sejam diferentes. Ela parece sempre mais pequena do que eu me lembrava.

Sento-me o mais suavemente que consigo. As veias do pescoço e do peito da Kate são um mapa de estradas, vias que não conduzem a lado nenhum. Finjo acreditar que consigo ver aquelas

células leucémicas traiçoeiras circularem como um rumor no seu organismo.

Quando ela abre os olhos, quase caio da cama; é um momento à Exorcista.

— Anna? - diz ela, olhando directamente para mim. Já não a via tão assustada desde que éramos pequenas e o Jesse nos convenceu de que o fantasma de um velho índio tinha regressado para reclamar os ossos que tinham sido enterrados por engano debaixo da nossa casa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 125

Se tivermos uma irmã e ela morrer, vamos deixar de dizer que a temos? Ou será que somos sempre irmãs, mesmo quando a outra metade da equação desaparece? Trepo para cima da cama, que é estreita, mas mesmo assim suficientemente grande para nós as duas. Pouso a cabeça no seu peito, tão perto do seu cateter venoso central que consigo ver o líquido gotejar para dentro dela. O Jesse está enganado - eu não vim ver a Kate para me sentir melhor. Vim porque, sem ela, é difícil lembrar-me de quem sou.

QUINTA-FEIRA

Tu, se fosses sensata,

Quando te digo que as estrelas enviam sinais, Todos eles terríveis,

Não te voltarias para me responder "A noite é maravilhosa".

— D. H. LAWRENCE, "Under the Oak"

Brian

Nunca sabemos, de início, se nos dirigimos para um forno ou para uma fumarada.

Ontem, às 2:46 da manhã, as luzes acenderam-se lá em cima. As sirenes também começaram a tocar, mas não consigo perceber se cheguei de facto a ouvi-las. Em dez segundos, estava vestido e a sair do meu quarto no quartel. Em vinte, estava a equipar-me, a puxar os longos suspensórios elásticos, e a enfiar-me dentro do meu casaco como uma carapaça de tartaruga. Passados dois minutos, o Caesar estava a conduzir o veículo de combate a incêndios ao longo das ruas de Upper Darby; o Paulie e o Red eram o ajudante e o homem da mangueira, e seguiam atrás dele.

Algun tempo depois, a consciência foi regressando em intervalos luminosos: lembrámo-nos de verificar as máscaras; calçámos as luvas; o operador contactou-nos para nos dizer que a casa se situava na Hoddington Drive; que parecia ser ou um incêndio de estrutura ou um incêndio de divisão e conteúdo.

— Vira à esquerda aqui - disse eu ao Caesar. Hoddington ficava a apenas oito quarteirões da minha casa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 126

A casa parecia a boca de um dragão. O Caesar deu a volta o mais afastado que podia, tentando dar-me uma perspectiva de três lados. Em seguida saímos todos do veículo de combate a incêndios e observámos durante um momento, quatro Davides contra um Golias.

— Liga a mangueira de 6,25 centímetros - disse eu ao Caesar, o operador da bomba desta noite. Uma mulher de camisa de noite veio a correr na minha direcção, soluçando, com três crianças agarradas às suas saias.

— Mi hija - gritou ela, apontando. - Mi hija! - Donde está? - coloquei-me mesmo à sua frente, para que ela pudesse apenas ver o meu rosto. - Cuantos anos tiene? Ela apontou para uma janela no segundo andar gritando: - Três.

— Capitão - gritou o Caesar -, aqui estamos todos prontos.

Ouvi a sireia de um segundo veículo de combate a incêndios aproximar-se, os bombeiros de reserva que nos vinham apoiar.

— Recl, faz um furo no canto nordeste do telhado; Paulie, põe água na mangueira e deixa-a sair só quando soubermos para onde a deitar. Temos uma miúda no segundo andar. vou ver se consigo ir buscá-la.

Não era, como nos filmes, um salvamento perfeito - uma cena para o herói ganhar o seu Oscar. Se eu entrasse lá, e as escadas tivessem desaparecido. . se a estrutura ameaçasse ruir.. se a temperatura do local tivesse ficado tão quente que tudo se transformasse em combustível pronto a incendiar-se - eu teria recuado e dito aos meus homens que recuassem também. A segurança do bombeiro é prioritária em relação à da vítima.

Sempre.

Eu sou um cobarde. Há alturas em que o meu turno termina e eu fico a enrolar as mangueiras, ou a fazer uma cafeteira de café para a equipa seguinte, em vez de ir directamente para casa. Já me interroguei várias vezes por que razão consigo descansar melhor num sítio em que, na maior parte das vezes, sou arrancado da cama duas ou três vezes por noite. Acho que é porque, num quartel de bombeiros, não tenho de me preocupar com as emergências que acontecem - é suposto que aconteçam. No momento em que entro em casa, já me estou a preocupar com o que acontecerá a seguir.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 127

Uma vez, no segundo ano, a Kate fez um desenho de um bombeiro com uma auréola por cima do seu capacete. Ela disse à sua turma que eu só poderia ir para o Céu porque, se eu fosse para o Inferno, apagaria todas as chamas.

Ainda tenho esse desenho.

Numa tigela, parto uma dúzia de ovos e começo a batê-los freneticamente. O

bacon já está a saltar no fogão; a chapa já está a aquecer para fazer as panquecas. Nós os bombeiros comemos juntos - ou, pelo menos, tentamos, antes que as sirenes comecem a tocar. Este pequeno-almoço será um brinde para os meus rapazes, que ainda

estão no duche a lavar as recordações da noite anterior. Atrás de mim, ouço o ruído de passos.

— Puxa uma cadeira - digo por cima do ombro. - Está quase pronto.

— Oh, obrigada, mas não - diz uma voz feminina. - Não queria incomodar.

Volto-me, de espátula em riste. A voz de uma mulher aqui é surpreendente; uma mulher que apareça pouco antes das sete da manhã é ainda mais espantoso. Ela é pequena, com cabelos rebeldes que me fazem lembrar um incêndio na floresta. As suas mãos estão cobertas de anéis de prata cintilantes.

— Capitão Fitzgerald, sou Julia Romano. Sou a tutora ad litem nomeada para o caso da Anna.

A Sara já me tinha falado nela - a mulher que o juiz vai ouvir, quando as coisas apertarem.

— Cheira muito bem - diz ela sorrindo. Aproxima-se e tira-me a espátula da mão. -

Não sou capaz de ver uma pessoa cozinhar sem dar uma ajuda. É uma anomalia genética -

observo-a a abrir o frigorífico, investigando. De todas as coisas, ela escolhe um frasco de rábano bravo. - Estava à espera que tivesse alguns minutos para conversarmos.

— Claro. Rábano bravo? Ela junta uma boa pitada disso aos ovos, e depois tira raspa de laranja do suporte das especiarias, juntamente com chili em pó, e polvilha com isso também.

— Como está a Kate? Coloco um círculo de polme em cima da chapa, observo-o a borbulhar. Quando o volto, está de um castanho-claro uniforme. Já falei com a Sara esta manhã. A noite da Kate foi tranqüila; a da Sara não. Mas isso foi por causa do Jesse.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 128

Há um momento durante um incêndio de estrutura quando sabemos que ou vamos nós levar a melhor, ou é ele que nos vai levar a melhor. Reparamos na mancha no tecto prestes a cair, na escadaria a consumir-se e no tapete sintético a colar-se às solas das nossas botas. A soma das partes é esmagadora, e é aí quando

nos retiramos e nos obrigamos a recordar que todos os incêndios se consomem até se apagarem, mesmo sem a nossa ajuda.

Agora, estou a combater incêndios em seis frentes. Olho em frente e vejo a Kate doente. Olho para trás e vejo a Anna com o seu advogado. A única altura em que o Jesse não está a beber desalmadamente, está drogado; a Sara está a tentar desesperadamente. E

eu, eu estou equipado, seguro. Estou a segurar em dúzias de ganchos e ferros e varas -

tudo ferramentas que foram feitas para destruir, quando o que necessito é de algo que nos mantenha juntos.

— Capitão Fitzgerald... Brian! - a voz de Julia Romano faz-me sair da minha própria cabeça, para aterrar numa cozinha que se enche rapidamente de fumo. Ela passa por mim e tira da chapa a panela que se está a queimar.

— Credo! - deixo cair no disco de carvão que anteriormente era uma panela no lava-loiça, e ele assobia-me. - Peço desculpa.

Como um abre-te sésamo, essas duas simples palavras mudam tudo.

— Ainda bem que temos os ovos - diz Julia Romano.

Numa casa em chamas, o nosso sexto sentido entra em funcionamento. Não conseguimos ver, por causa do fumo. Não conseguimos ouvir, porque os incêndios rugem alto. Não conseguimos tocar, porque isso seria o nosso fim.

À minha frente, o Paulie manuseava o bocal. Uma fila de bombeiros apoiava-o; uma mangueira cheia era um peso morto compacto. Nós abríamos caminho pelas escadas, ainda intactas, com o objectivo de empurrar o incêndio pelo buraco que o Red tinha feito no telhado. Como tudo o que está confinado, o fogo tem o instinto natural de se evadir.

Pus-me de gatas e comecei a rastejar ao longo do corredor. A mãe disse que era a terceira porta à esquerda. O fogo lavrava ao longo do outro lado do tecto, correndo em direcção ao furo. Enquanto as mangueiras atacavam, um vapor branco engoliu os outros bombeiros.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 129

A porta do quarto da criança estava aberta. Eu entrei a rastejar, chamando pelo seu nome. Um vulto maior à janela atraiu-me como um íman, mas afinal era um boneco de peluche de tamanho gigante. Verifiquei os armários e também debaixo da cama, mas não estava lá ninguém.

Recuei novamente para o corredor e quase tropecei na mangueira, da grossura de um punho. Um ser humano podia pensar; um incêndio não. Para onde teria eu ido se estivesse aterrorizado? Movimentando-me com rapidez, comecei a enfiar a cabeça nas portas. Uma das divisões era cor-de-rosa, o quarto de um bebê. Outra tinha carrinhos Matchbox espalhados por todo o lado e beliches. Outra nem sequer era um quarto, mas sim um armário. O quarto principal situava-se do lado oposto às escadas.

Se eu fosse uma criança, iria querer a minha mãe.

Ao contrário dos outros quartos, este estava a deitar um fumo negro e espesso. O

fogo tinha queimado uma linha ao fundo da porta. Abri-a, sabendo que ia deixar que o ar entrasse, sabendo que não devia fazê-lo, mas não tinha outra escolha.

Previsivelmente, a linha que ardia em fogo lento incendiou-se, enchendo o corredor de chamas. Atravessei-a como um touro, sentindo as brasas choverem na parte de trás do capacete e do casaco.

— Luisa! - gritei. Andei às apalpadelas pelo quarto, e encontrei um armário. Bati com força e chamei de novo.

Era fraco, mas ouviu-se indubitavelmente um som em resposta.

— Tivemos sorte - digo eu a Julia Romano, muito provavelmente as últimas palavras que ela esperava ouvir-me dizer. - A irmã da Sara toma conta dos miúdos quando dura muito tempo. Em períodos mais curtos, nós revezamo-nos - sabe, a Sara fica com a Kate no hospital uma noite, e eu vou para casa para junto dos outros miúdos, ou vice-versa. Agora é mais fácil. Eles já têm idade para tomar conta de si próprios.

Ela anota qualquer coisa no seu pequeno bloco quando acabo de dizer aquilo, e isso faz mexer-me na cadeira. A Anna tem apenas treze anos - será demasiado cedo para se ficar sozinho em casa? A

Segurança Social poderá dizer que sim, mas a Anna é diferente. A Anna amadureceu há anos.

— Acha que a Anna está bem? - pergunta a Julia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 130

— Acho que ela não tinha instaurado um processo legal se estivesse - hesito. - A Sara diz que ela quer atenção.

— O que é que você pensa? Para ganhar tempo, meto na boca uma garfada de ovos. O rábano brabo revelou-se surpreendentemente bom. Realça o sabor da laranja.

Digo isto a Julia Romano.

Ela dobra o guardanapo ao lado do seu prato.

— Não respondeu à minha pergunta, Sr. Fitzgerald.

— Não acho que seja assim tão simples - pouso muito cuidadosamente os meus talheres. - Tem irmãos e irmãs? - Ambos. Seis irmãos mais velhos e uma irmã gêmea.

Assobio.

— Os seus pais devem ter uma enorme paciência. Ela encolhe os ombros.

— São bons católicos. Também não sei como conseguiram, mas nenhum de nós se deu mal.

— Pensou sempre assim? - pergunto eu. - Nunca sentiu, quando era miúda, que talvez houvesse favoritos? - o seu rosto endurece, muito levemente, e eu fico a sentir-me mal por estar a colocá-la contra a parede. - Todos nós sabemos que devemos gostar igualmente de todos os nossos filhos, mas nem sempre as coisas funcionam assim -

ponho-me de pé. - Tem mais algum tempo? Gostaria que conhecesse uma pessoa.

No Inverno passado atendemos a um pedido de uma ambulância em pleno Inverno por causa de um homem que vivia ao fundo de uma estrada rural. O homem que ele contratara para lhe limpar a neve do caminho encontrara-o e tinha chamado o 112; aparentemente, o homem tinha saído do carro na noite anterior, devia ter escorregado, e ficou congelado ali mesmo no saibro; o limpa-neves quase tinha passado por cima dele, pois mais parecia um objecto levado pelo vento.

Quando chegámos ao local, ele já estava cá fora pelo menos há oito horas, e não passava de um cubo de gelo sem pulsação. Os seus joelhos estavam dobrados; lembro-me disto porque, quando finalmente o tirámos de lá e o colocámos numa maca, lá estavam eles, espetados para cima. Ligámos o aquecimento dentro da ambulância e levámo-lo lá para dentro, começando a cortar as roupas para lhas tirar. Quando tínhamos os papéis em ordem para o transporte para o hospital, já o homem estava sentado a falar connosco.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 131

Conto isto para demonstrar que, apesar de tudo, os milagres acontecem.

É um clichê, mas tornei-me bombeiro antes de mais para poder salvar pessoas.

Portanto, logo que emergi da porta rodeada de chamas com a Luisa nos braços, quando a mãe nos viu e se pôs de joelhos, soube que tinha feito o meu trabalho, e que o tinha feito bem. Precipitou-se para o técnico de emergências médicas da segunda equipa, que tinha posto a menina a soro e lhe tinha colocado uma máscara de oxigênio. A miúda estava a tossir, assustada, mas iria ficar bem.

O incêndio estava tudo menos extinto; os rapazes estavam lá dentro, a recuperar objectos e a inspeccionar. O fumo colocava um véu sobre o céu nocturno; não conseguia distinguir uma única estrela da constelação de Escorpião. Tirei as luvas e passei as mãos pelos olhos, que iriam ficar a arder durante horas.

— bom trabalho - disse eu ao Red, enquanto ele arrumava a mangueira.

— bom salvamento, Capitão - respondeu ele.

Teria sido melhor, claro, se a Luisa estivesse no seu próprio quarto, tal como esperava a mãe. Mas os miúdos não ficam onde devem ficar. Voltamos as costas e vamos encontrá-la não no quarto, mas escondida dentro de um armário; voltamos as costas e apercebêmo-nos de que ela já não tem três anos mas treze. A paternidade é realmente uma questão de nos mantermos a par, de esperarmos que os nossos filhos não se adiantem tanto que não consigamos ver o que farão a seguir.

Tirei o meu capacete e estiquei os músculos do pescoço. Olhei para cima, para a estrutura que era anteriormente uma casa. De repente senti uns dedos em volta da minha mão. A mulher que vivia lá tinha lágrimas nos olhos. Ainda tinha o seu filho mais novo nos braços; as outras crianças estavam sentadas no carro dos bombeiros, supervisionados pelo Red. Em silêncio, levou os nós dos meus dedos aos lábios. Saiu do meu casaco uma mancha de fuligem que lhe riscou a face.

— De nada - disse eu.

No caminho de regresso ao quartel eu dei instruções ao Caesar para ir pelo caminho mais longo, para que passássemos mesmo pela rua onde moro. O Jeep do Jesse estava à porta; as luzes da casa estavam todas apagadas. Imaginei a Anna com os cobertores puxados até ao queixo, como de costume; e a cama da Kate vazia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 132

— Já chega, Fitz? - perguntou o Caesar. O carro mal se movia, quase parando completamente em frente à minha casa.

— Sim, já chega. Vamos levá-lo para casa.

Tornei-me bombeiro porque queria salvar pessoas. Mas deveria ter sido mais específico. Deveria ter dado nomes.

Julia

O carro de Brian Fitzgerald está cheio de estrelas. Há mapas astronômicos no assento do passageiro e tabelas enfiadas na consola entre nós; o assento de trás é um monte de fotocópias de nebulosas e planetas.

— Desculpe - diz ele, corando. - Não estava à espera de ter companhia.

Ajudo-o a arranjar espaço para mim e, no processo, agarro num mapa feito de picadas de alfinete.

— O que é isto? - pergunto eu.

— Um atlas celeste - ele encolhe os ombros. - É uma espécie de passatempo.

— Quando eu era pequena, uma vez tentei dar o nome de um familiar a cada estrela do céu. O mais assustador é que ainda não tinha esgotado os nomes quando adormeci.

— A Anna tem o nome de uma galáxia - diz Brian.

— É muito mais fixe do que ter o nome de um santo padroeiro, - digo eu, num devaneio. - Uma vez, perguntei à minha mãe porque é que as estrelas brilhavam. Ela disse que eram luzes nocturnas, para que os anjos conseguissem ver por onde andavam lá no Céu. Mas quando perguntei ao meu pai, ele começou a falar de gases e, de alguma forma, eu juntei tudo isso e cheguei à conclusão de que a comida que Deus servia dava origem a múltiplas visitas à casa de banho a meio da noite.

Brian ri à gargalhada.

— E eu a explicar a fusão atômica aos meus filhos.

— Resultou? Ele pondera por um momento.

— Provavelmente conseguem encontrar a Ursa Maior de olhos fechados.

— É impressionante. As estrelas a mim parecem-me todas iguais.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 133

— Não é assim tão difícil. Localizamos uma parte de uma constelação - como a cintura de Oriente - e, de repente, torna-se fácil de encontrar Rigel aos seus pés e Betelgeuse no seu ombro - ele hesita. - Mas noventa por cento do universo são feitos de coisas que nem sequer conseguimos ver.

— Então como sabe que está lá? Ele pára num semáforo vermelho.

— A matéria escura tem um efeito gravitacional nos outros objectos. Não conseguimos vê-la, mas conseguimos observar algo a ser puxado na sua direcção.

Dez segundos depois de o Campbell se ter ido embora na noite passada, a Izzy entrou na sala de estar quando eu estava mesmo à beira de ter uma daquelas crises de choro que até limpam a alma com que uma mulher deveria mimar-se pelo menos uma vez em cada ciclo lunar.

— Pois - disse ela secamente -, vejo que se trata de uma relação estritamente profissional.

— Estiveste a escutar às portas? - repreendi-a.

— Desculpa por tu e o teu Romeu estarem a ter o vosso tête-à-tête numa sala de paredes finas.

— Se tens alguma coisa a dizer - sugeri -, diz.

— Eu? - a Izzy franziu o sobrolho. - Olha, não tenho nada a ver com isso, pois não?

- Não, não tens.

— Pois. Portanto vou guardar a minha opinião para mim. Eu revirei os olhos.

— Vá, diz, Isobel.

— Pensei que não ias perguntar - ela sentou-se ao meu lado no sofá. - Sabes, Julia, da primeira vez que um insecto vê aquela grande luz violeta do electrocutor de insectos, parece-lhe Deus. Da segunda vez, corre na direcção oposta.

— Em primeiro lugar, não me compares com um mosquito. Em segundo lugar, ele voa na direcção oposta. Em terceiro lugar, não há uma segunda vez. O insecto está morto.

A Izzy sorriu afectadamente.

— És mesmo advogada.

— Eu não vou deixar que o Campbell me aniquile.

— Então pede transferência.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 134

— Isto não é a Marinha - agarrei numa das almofadas do sofá.

— E eu não posso fazer isso, agora não. Ele ficaria a pensar que sou tão parva que não consigo equilibrar a minha vida pessoal com um... incidente estúpido e pateta da adolescência.

— Não podes - a Izzy abanou a cabeça. - Ele é um cretino egoísta que te vai usar e deitar fora; e tu tens um historial verdadeiramente mau de te apaixonares por imbecis dos quais deverias fugir a sete pés; e não me apetece ficar sentada a ouvir-te tentar convenceres-te a ti própria de que já não sentes nada pelo Campbell Alexander quando, na realidade, passaste os últimos quinze anos a tentar preencher o vazio que ele deixou dentro de ti. Eu fiquei a olhar para ela.

— Uau.

Ela encolheu os ombros.

— Afinal parece que tinha muito para desabafar.

— Odeias todos os homens, ou apenas o Campbell? A Izzy pareceu ter ficado a pensar nisso por uns momentos.

— Apenas o Campbell - disse ela por fim.

O que eu queria, nesse momento, era ficar sozinha na minha sala de estar para poder atirar com coisas, como o comando da televisão ou a jarra de vidro, ou, de preferência, a minha irmã. Mas eu não podia mandar a Izzy embora de uma casa para onde ela se tinha mudado apenas há algumas horas. Levantei-me e tirei as minhas chaves de casa de cima do balcão.

— vou sair - disse-lhe. - Não esperes por mim.

Não sou muito dada a festas, o que explica o facto de ainda não ter ido ao Shakespeare's Cat, embora se situasse a apenas quatro quarteirões do meu condomínio. O

bar estava escuro e cheio de gente e cheirava a patchouli e a cravos-da-índia. Abri caminho lá dentro, empoleirei-me em cima de um banco e sorri para o homem que estava sentado ao meu lado.

Apetecia-me trocar carícias na última fila do cinema com alguém que não soubesse o meu nome. Queria que três homens lutassem pela honra de me oferecer uma bebida.

Queria mostrar ao Campbell Alexander o que ele tinha andado a perder.

O homem sentado ao meu lado tinha olhos azuis, um rabo-de-cavalo negro, e um sorriso à Cary Grant. Acenou educadamente com a cabeça e, em seguida, voltou-se para o outro lado e começou a beijar um senhor de cabelo branco em cheio na boca. Olhei em volta e vi o que não tinha reparado quando entrei: o bar estava cheio de homens sozinhos - mas eles estavam a dançar, a namorar, ou a engatar-se uns aos outros.

— O que quer beber? - o empregado do bar tinha cabelo fúcsia à porco-espinho e um piercing no nariz semelhante a uma argola bovina.

— Isto é um bar gay? - Não, é o clube dos oficiais de West Point. Quer uma bebida ou não? - apontei por cima do ombro dele para uma garrafa de tequila, e ele foi buscar um copo de shot.

Esgravatei na minha mala e tirei de lá uma nota de cinquenta dólares.

— Toda - olhando para a garrafa, franzi a testa. - Aposto que Shakespeare nem sequer tinha um gato.

— Quem lhe cuspiu no café? - perguntou o empregado do bar. Semicerrando os olhos, olhei fixamente para ele.

— Você não é gay.

— Claro que sou.

— Considerando os meus antecedentes, se você fosse gay, provavelmente sentir-me-ia atraída por si. Assim. . - olhei para o casal ocupado ao meu lado e depois encolhi os ombros para o empregado do bar. Ele empalideceu e depois devolveu-me a minha nota de cinquenta. Meti-a de novo na carteira.

— Quem disse que não podíamos comprar amigos? - murmurei. Três horas mais tarde, eu era a única pessoa que ainda estava lá, excepto se contássemos com o Sete, que era o nome com que o empregado do bar se tinha rebaptizado em Agosto passado depois de ter decidido libertar-se do que quer que fosse que o nome Neal sugeria. Sete não significava absolutamente nada, que era exactamente o que ele queria.

— Talvez eu devesse ser a Seis - disse-lhe eu, quando cheguei ao fim da minha garrafa de tequila -, e tu podias ser o Nove.

O Sete tinha acabado de empilhar os copos limpos. -Já chega. Não bebes mais.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 136

— Ele costumava chamar-me Jóia - disse eu, e bastou isso para que começasse a chorar.

Uma jóia é apenas uma rocha que foi submetida a uma pressão e um calor enormes. As coisas extraordinárias estão sempre escondidas em lugares onde as pessoas nunca se lembram de procurar.

Mas o Campbell tinha procurado. E depois deixou-me, fazendo-me recordar que o que quer que fosse que ele viu não valia o tempo nem o esforço.

— Eu costumava ter o cabelo cor-de-rosa - disse eu ao Sete.

— Eu costumava ter um emprego a sério - respondeu ele.

— O que aconteceu? Ele encolheu os ombros.

— Pinte o cabelo de cor-de-rosa. O que te aconteceu a ti? -

Deixei crescer o meu -
respondei.

O Sete limpou o que eu tinha entornado sem me aperceber.

— Nunca ninguém está satisfeito com o que tem - disse ele.

A Anna está sentada sozinha à mesa da cozinha, a comer uma taça de cereais Golden Grahams. Os seus olhos abrem-se de espanto por me ver com o pai, mas é apenas isso que ela mostra.

— Incêndio ontem à noite, há? - diz ela fungando. Brian percorre a cozinha e dá-

lhe um abraço.

— Um dos grandes.

— O incendiário? - Duvido. Ele actua em edifícios vazios e este tinha uma criança lá dentro.

— Que tu salvaste - adivinha a Anna.

— Podes crer - ele olha para mim. - Pensei em levar a Julia ao hospital. Queres vir?

Ela olha para baixo, para dentro da taça.

— Não sei.

— Então? - Brian levanta-lhe o queixo. - Ninguém te vai impedir de veres a Kate.

— Também ninguém vai ficar muito entusiasmado por me ver ali - diz ela.

O telefone toca, e ele atende. Fica a ouvir por um momento, e depois sorri.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 137

— Isso é ótimo. Sim, é claro que vou para aí - passa o telefone à Anna. - A Mãe quer falar contigo - diz ele, e desculpa-se para ir mudar de roupa.

Anna hesita, e depois agarra o auscultador. Os seus ombros encurvam-se, um pequeno cubículo de privacidade pessoal.

— Está? - e depois suavemente. - A sério? Foi? Passados alguns momentos, ela desliga. Senta-se e come outra colher de cereais e, em seguida, afasta a taça.

— Era a tua mãe? - pergunto eu, sentando-me à sua frente.

— Sim. A Kate está acordada - diz a Anna.

— São boas notícias.

— Supostamente.

Ponho os cotovelos em cima da mesa.

— Por que não haveriam de ser boas notícias? Mas a Anna não responde à minha pergunta.

— Ela perguntou-me onde eu estava.

— A tua mãe? - A Kate.

— Já falaste com ela sobre o teu processo legal, Ana?

Ignorando-me, ela agarra na caixa dos cereais e começa a enrolar o invólucro de plástico interior.

— Estão moles - diz ela. - Nunca ninguém tira o ar todo ou fecha bem a caixa.

— Já alguém disse à Kate o que está a acontecer? A Anna tenta inserir a lingueta de cartão na ranhura, em vão.

— Nem sequer gosto de Golden Grahams - quando volta a tentar, a caixa cai-lhe das mãos e o seu conteúdo espalha-se pelo chão.

— Bolas - ela rasteja por debaixo da mesa, tentando apanhar os cereais com as mãos.

Ponho-me no chão com a Anna e observo-a a enfiar mãos-cheias para dentro do invólucro.

— Podemos sempre comprar mais antes que a Kate chegue a casa - digo eu suavemente.

A Anna pára e olha para cima. Sem o véu desse segredo, ela parece muito mais nova.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 138

— Julia? E se ela me odiar? Ponho uma madeixa de cabelo para trás da orelha da Anna.

— E se não odiar? - O resultado final - explicou o Sete na noite anterior - é que nunca nos apaixonamos pelas pessoas que devemos.

Olhei para ele, suficientemente intrigada para arranjar coragem para erguer o rosto do sítio do bar onde estava colado.

— Não sou só eu? - Bolas, não - ele pousou um conjunto de copos limpos. Pensa um bocado: Romeu e Julieta contrariaram o sistema, e vê só o que ganharam com isso. O

Super-Homem anda atrás da Lois Lane, quando o seu par mais apropriado seria, é claro, a Super-Mulher. Dawson e Joey - será que é preciso continuar? E não me faças falar do Charlie Brown e da menina ruiva.

— Então e tu? - pergunto eu. Ele encolheu os ombros.

— Tal como disse, acontece a toda a gente - apoiando os cotovelos no balcão, aproximou-se o suficiente para que eu visse as raízes escuras na base do seu cabelo magenta. - No meu caso, foi Linden.

— Eu também me separei de uma pessoa com nome de árvore, - solidarizei-me. -

Rapaz ou rapariga? Ele sorriu afectadamente.

— Nunca hei-de dizer.

— Então o que é que a tornava inadequada para ti? Sete suspirou.

— Bem, ela...

— Ha! Disseste ela! Ele revirou os olhos.

— Sim, Detective Julia. Puseste-me fora deste estabelecimento gay. Estás satisfeita? - Nem por isso.

— Mande a Linden de volta para a Nova Zelândia. A autorização de permanência caducou. Era isso ou então casarmos.

— O que tinha ela de errado? - Absolutamente nada - confessou Sete. - Limpava como uma fada; nunca me deixou lavar um prato; ouvia tudo o que eu tinha a dizer; era um furacão na cama. Era doida por mim e, acredite ou não, eu era o homem certo para ela: era, do gênero, noventa e oito por cento perfeito.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 139

— Então e os outros dois por cento? - Sei lá - começou a empilhar os copos limpos do outro lado do bar. - Faltava alguma coisa. Não te saberia dizer o quê, se perguntasses, mas não batia certo. E se pensarmos numa relação como um ser vivo, acho que é diferente se os dois por cento que faltam forem, sei lá, uma unha. Mas quando é o coração, isso é uma coisa completamente diferente - ele voltou-se para mim. - Não chorei quando ela entrou no avião. Ela viveu comigo durante quatro anos, e, quando se foi embora, não senti grande coisa.

— Bem, eu tinha o outro problema - disse-lhe eu. - Tinha o coração da relação, e nenhum corpo onde ele pudesse crescer.

— E o que é que aconteceu? - Que haveria de ser - disse eu. - Despedaçou-se.

A ironia ridícula é que o Campbell se sentiu atraído por mim porque eu era diferente de toda a gente no Colégio Wheeler; e eu sentime atraída pelo Campbell porque queria desesperadamente uma ligação com alguém. Houve comentários, eu soube, e olhares que os seus amigos nos enviavam enquanto tentavam perceber por que razão estaria o Campbell a perder o seu tempo com alguém como eu. Sem dúvida, pensavam que era uma queca fácil.

Mas nós não estávamos a fazer isso. Encontrávamo-nos depois das aulas, no cemitério. Por vezes falávamos de poesia um com o outro. Uma vez, tentámos ter uma conversa inteira sem utilizar a letra "s". Sentámo-nos, costas contra costas, e tentámos ler os pensamentos um do outro - fingindo ser clarividentes, quando fazia todo o sentido que a sua mente estivesse preenchida comigo e a minha estivesse preenchida com ele.

Eu adorava o cheiro dele sempre que a sua cabeça se aproximava para ouvir o que eu dizia - como o sol a bater na face de um tomate, ou sabão a secar em cima de um carro. Adorava sentir a sua mão na minha coluna. Adorava.

— E se - disse eu uma noite, roubando a respiração da beira dos seus lábios - o fizéssemos? Ele estava deitado de costas, observando a lua a embalar-se num berço de estrelas. Tinha uma mão em cima da cabeça, e a outra segurava-me contra o seu peito.

— Fizéssemos o quê? Não respondi, limitei-me a erguer-me sobre um cotovelo e a beijá-lo tão profundamente que o terreno cedeu.

— Oh - disse o Campbell numa voz rouca. - Isso.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 140

— Já alguma vez fizeste? Ele limitou-se a sorrir. Eu pensei que talvez ele tivesse comido a Muffy, ou a Buffy, ou a Puffy, ou as três, no banco dos suplentes do baseball no Wheeler, ou depois de uma festa, quando os dois ainda cheirassem ao bourbon do papá.

Interroguei-me porque não tentava ele dormir comigo, então. Presumi que era porque eu não era a Muffy, nem a Buffy, nem a Puffy, mas apenas a Julia Romano, que não era suficiente.

— Não queres? Era um daqueles momentos em que eu sabia que não estávamos a ter a conversa que precisávamos de ter. E como eu não sabia de facto o que dizer, nunca antes tendo ultrapassado esta específica fronteira entre pensamento e acto, coloquei a mão na saliência compacta nas suas calças. Ele afastou-se de mim.

— Jóia - disse ele -, não quero que penses que estou aqui por causa disso.

Deixem-me dizer-vos isto: se encontramos um solitário, independentemente daquilo que diga, não se trata de gostar da solidão. É porque já tentou integrar-se no mundo antes, e as pessoas continuam a desiludi-lo.

— Então porque é que estás aqui? - Porque tu sabes todas as deixas do American Pie - disse o Campbell. - Porque quando sorris, quase consigo ver aquele dente de um dos lados que está torto - ele

olhava fixamente para mim. - Porque não te assemelhas a ninguém que alguma vez tivesse conhecido.

— Amas-me? - sussurrei.

— Não acabei de dizer isso? Desta vez, quando alcancei os botões das suas calças de ganga, ele não se afastou. Na palma da minha mão, ele estava tão quente que achei que deixaria uma cicatriz. Ao contrário de mim, ele sabia o que fazer. Ele beijou e deslizou, empurrou, abriu-me de par em par. Depois ficou completamente imóvel.

— Não me disseste que eras virgem - disse ele.

— Não perguntaste.

Mas tinha presumido. Ele estremeceu e começou a mover-se dentro de mim, numa poesia de membros. Eu ergui os braços para me agarrar à lápide atrás de mim, palavras que consigo ver com o olho da minha mente: Nora Deane, n. 1832, f. 1838.

— Jóia - sussurrou ele, quando terminou. - Pensei...

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 141

— Eu sei o que pensaste - interroguei-me sobre o que aconteceria quando nos oferecemos a alguém, e essa pessoa nos abre, descobrindo que não somos o presente que esperava, mas terá de sorrir, e acenar com a cabeça, e agradecer-nos na mesma.

Culpo inteiramente o Campbell pela minha pouca sorte nos relacionamentos. É

embaraçoso admiti-lo, mas fiz sexo com apenas outros três homens e meio, e nenhum deles representou uma melhoria significativa em relação à minha primeira experiência.

— Deixa-me adivinhar - disse o Sete ontem à noite. - O primeiro foi para esquecer.

O segundo era casado.

— Como é que sabes? Ele riu.

— Porque és um clichê.

Desenhei círculos com o mindinho no meu Martini. Era uma ilusão de óptica, fazendo o dedo parecer cortado e torto.

— O outro era do Club Med, um instrutor de windsurf.

— Esse deve ter valido a pena - disse o Sete.

— Ele era absolutamente magnífico - respondi. - E tinha uma pila do tamanho de uma salsicha de cocktail.

— Ui.

— Na realidade - divaguei -, não se conseguia sentir. Sete sorriu.

— Portanto ele era o meio. Fiquei vermelha como um tomate.

— Não, esse era outro. Não sei como se chamava - admiti.

Acordei mais ou menos com ele em cima de mim, depois de uma noite como esta.

— Tu - proferiu o Sete - és um acidente de comboio na história do sexo.

Mas isso não é verdade. Um comboio que descarrila é um acidente. Eu salto para cima dos carris. Até me amarro a mim própria em frente da locomotiva a todo o vapor. Há uma parte de mim ilógica que ainda acredita que, se queremos que o Super-Homem apareça, primeiro tem de haver alguém que valha a pena salvar.

Kate Fitzgerald é um fantasma que está apenas à espera de o ser. A sua pele é quase translúcida, o seu cabelo é tão claro que se mistura com a fronha da almofada.

— Como estás, querida? - murmura Brian, e inclina-se para beijá-la na testa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 142

— Acho que vou ter de desistir da competição do Homem de Ferro - graceja a Kate.

Anna está hesitante à porta, à minha frente; Sara estende a mão. Era deste encorajamento que a Anna precisava para saltar para cima do colchão da Kate e, na minha mente, assinalo este gesto de mãe para filha. Então, Sara vê-me de pé à porta.

— Brian - diz ela -, o que está ela aqui a fazer? Espero que Brian explique, mas ele não parece muito disposto a dizer uma palavra. Portanto colo um sorriso no rosto e avanço.

— Soube que a Kate estava a sentir-se melhor hoje, e pensei que poderia ser uma boa altura para falar com ela.

A Kate debate-se para se apoiar nos cotovelos.

— Quem é você? Espero que Sara se oponha, mas é a Anna que fala.

— Não acho uma boa idéia - diz ela, embora saiba que foi essa a razão por que vim cá. - Quero dizer, a Kate ainda está bastante doente.

Demoro um momento, mas depois percebo: na vida da Anna, toda a gente que fala com a Kate fica do lado dela. Ela está a fazer o que pode para me impedir de desertar.

— Sabem, a Anna tem razão - apressa-se a acrescentar Sara. A Kate apenas superou uma etapa.

Coloco a mão no ombro da Anna.

— Não te preocupes - depois dirijo-me à mãe. - É do meu conhecimento que queria que esta audiência..

Sara interrompe.

— Sr. a Romano, podemos conversar lá fora? Vamos para o corredor, e Sara espera que uma enfermeira passe com um tabuleiro de plástico cheio de agulhas.

— Eu sei o que pensa de mim.

— Sr.a Fitzgerald... Ela abana a cabeça.

— Está a defender a Anna, e deve fazê-lo. Já fui advogada, e compreendo. É o seu trabalho, e parte dele é descobrir o que é que nos torna naquilo que somos - esfrega a testa com um punho. - O meu trabalho é tomar conta das minhas filhas. Uma delas está extremamente doente, e a outra está extremamente infeliz. E talvez eu ainda não saiba *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 143

bem como, mas. . sei que a Kate não ficará melhor se descobrir que está aqui porque a Anna ainda não retirou o processo legal dela. Portanto peço-lhe que também não lhe diga nada. Por favor.

Aceno lentamente com a cabeça, e Sara volta-se para regressar ao quarto da Kate.

com a mão na porta, ela hesita.

— Eu amo-as às duas - diz ela, uma equação que eu devo saber resolver.

Disse ao Sete, o empregado de bar, que o verdadeiro amor é criminoso.

— Se forem maiores de dezoito anos, não - disse ele, fechando a gaveta da caixa registadora.

Por essa altura, o próprio bar tinha-se tornado num apêndice, um segundo tronco a prender o meu primeiro.

— Tiras o fôlego a alguém - enfatizei. - Roubas a essa pessoa a capacidade de dizer uma palavra - inclinei o gargalo da garrafa vazia na sua direcção. - Furtas um coração.

Ele limpou o balcão à minha frente com um pano da loiça.

— Qualquer juiz encerraria esse caso de caras.

— Terias uma surpresa.

Sete abriu o pano sobre a barra de latão para secar. - A mim, parece-me um delito menor.

Deitei a face em cima da madeira fresca e húmida.

— Nem pensar - disse eu. - Uma vez que entras, é para toda a vida.

Brian e Sara levam a Anna à cantina. Fico a sós com a Kate, que é imensamente curiosa. Imagino que o número de vezes que a mãe saiu de ao pé dela de livre vontade é algo que ela pode contar pelos dedos das duas mãos. Explico que estou a ajudar a família a tomar algumas decisões sobre os seus cuidados de saúde.

— Comité de Ética? - a Kate tenta adivinhar. - Ou pertence ao departamento legal do hospital? Parece uma advogada.

— Que aspecto tem uma advogada? - Mais ou menos como uma médica, quando não nos quer dizer o que as nossas análises demonstram.

Puxo uma cadeira.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 144

— Bem, fico satisfeita por saber que hoje estás melhor.

— Sim. Aparentemente, ontem estava bastante mal - diz a Kate.

— Tão drogada que confundia o Ozzy e a Sharon com o Ozni e a Harriet.

— Sabes qual é a tua situação, clinicamente, neste momento? Kate acena com a cabeça.

— Depois do transplante de medula óssea, tive a doença do enxerto contra o hospedeiro - o que até é bom, porque desanca a leucemia, mas também faz algumas coisas esquisitas à pele e aos órgãos. Os médicos deram-me esteróides e ciclosporina para controlar isso, e resultou, mas também acabou por danificar os

meus rins, que são a emergência do mês. É mais ou menos assim que as coisas funcionam - quando se tapa um buraco abre-se logo outro. Há sempre alguma coisa a desmoronar-se dentro de mim.

Ela diz isto casualmente, como se eu lhe tivesse perguntado como estava o tempo ou qual era a ementa do hospital. Poderia perguntar-lhe se ela já tinha falado com os nefrologistas sobre o transplante de rim, e se ela tem algum sentimento específico por ser submetida a tantos tratamentos dolorosos. Mas isto é precisamente o que a Kate está à espera que eu lhe pergunte, e é provavelmente por essa a razão que a pergunta que sai da minha boca é completamente diferente.

— O que queres ser quando cresceres? - Nunca ninguém me pergunta isso - ela olha cuidadosamente para mim. - O que é que a faz pensar que eu vou crescer? - O que te faz pensar que não vais? Não é por isso que fazes tudo isto? Mesmo quando penso que ela não me vai responder, fala.

— Sempre quis ser bailarina - o seu braço ergue-se, num débil arabesco. - Sabe o que é que as bailarinas têm? "Distúrbios alimentares", penso eu.

— Controlo absoluto. No que diz respeito aos seus corpos, elas sabem exactamente o que vai acontecer, e quando - a Kate encolhe os ombros, regressando a este momento, a este quarto de hospital. - É assim - diz ela.

— Fala-me do teu irmão. A Kate começa a rir.

— Ainda não teve o prazer de o conhecer, então.

— Ainda não.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 145

— Pode facilmente formar uma opinião sobre o Jesse nos primeiros trinta segundos que estiver com ele. Ele mete-se em muitas coisas más onde não devia.

— Queres dizer álcool e drogas? - E não só - diz a Kate.

— Tem sido difícil para a tua família lidar com isso? - Bem, sim. Mas não acho realmente que seja algo que ele faça de propósito. É a maneira que ele tem de chamar a atenção, sabe? Quero dizer, imagine como seria ser um esquilo e viver no recinto dos elefantes

no jardim zoológico. Será que alguém vai lá e diz: "Reparem naquele esquilo"?

Não, porque há algo muito maior em que reparamos primeiro - a Kate passa os dedos por um dos tubos que lhe saem do peito, para cima e para baixo. - Às vezes rouba em lojas, outras embebedada-se. No ano passado, foi um falso alarme de antrax. É este o tipo de coisa que o Jesse faz.

— E a Anna? A Kate começa a pregar o cobertor dobrando-o no colo.

— Houve um ano em que estive no hospital todos os feriados, mesmo nos feriados como o Memorial Day. Não foi nada planeado, é claro, mas foi isso que aconteceu. Tivemos uma árvore no meu quarto pelo Natal, e uma caça aos ovos da Páscoa na cantina, e comemorámos o Dia das Bruxas na enfermaria de ortopedia. A Anna tinha cerca de seis anos, e teve um ataque por não poder trazer fogos de artifício para o hospital no Dia 4 de Julho - por causa das tendas de oxigênio - a Kate olha para mim. - Ela fugiu.

Não foi para longe nem nada - acho que foi para a recepção até que alguém a agarrou. Ia procurar outra família, disse-me ela. Tal como disse, ela tinha apenas seis anos, e ninguém a levou a sério. Mas eu compreendi perfeitamente a razão porque ela também pensava nisso.

— Quando não estás doente, tu e a Anna dão-se bem? - Somos como quaisquer irmãs, acho eu. Discutimos para ver quem põe a tocar os CDs de quem; falamos sobre rapazes giros; roubamos o verniz das unhas bom uma à outra. Ela mexe nas minhas coisas e eu grito; eu mexo nas coisas dela e ela deita a casa abaixo. Às vezes ela é fantástica.

Outras vezes, quem me dera que nunca tivesse nascido.

Isso é tão notoriamente familiar que sorrio.

— Tenho uma irmã gêmea. Cada vez que costumava dizer isso, a minha mãe perguntava-me se eu conseguia verdadeiramente imaginar ser filha única.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 146

— Conseguia? Rio-me.

— Oh. . sem dúvida que houve alturas em que conseguia imaginar a vida sem ela.

A Kate não esboça um sorriso.

— Está a ver - diz ela -, a minha irmã é que sempre teve de imaginar a vida sem mim.

Sara

1996 Aos oito anos, a Kate é um longo emaranhado de braços e pernas, assemelhando-se por vezes mais a uma criatura feita de raios solares e limpadores de cachimbo do que a uma rapariguinha. Espreito para dentro do seu quarto pela terceira vez naquela manhã, para a encontrar outra vez com uma roupa diferente. Desta vez é um vestido, branco com cerejas vermelhas estampadas.

— Vais chegar atrasada à tua própria festa de aniversário - digo-Lhe eu.

Abrindo caminho através da parte de cima, a Kate despe o vestido.

— Pareço um gelado de fruta com creme.

— Há coisas piores - faço notar.

— Se fosses eu, usavas a saia cor-de-rosa ou a das riscas?

Olho para ambas, espalhadas no chão.

— A cor-de-rosa.

— Não gostas da das riscas? - Então usa essa.

— vou vestir o vestido das cerejas - decide ela, e volta-se para o apanhar. Na parte de trás da sua coxa há uma equimose do tamanho de uma moeda de cinqüenta cêntimos, uma cereja que passou através do tecido.

— Kate - pergunto eu -, o que é isso? Torcendo-se, ela olha para o sítio que aponto.

— Devo ter batido aí.

A Kate tem estado em remissão há cinco anos. De início, quando o transplante de sangue do cordão umbilical parecia estar a funcionar, estava sempre à espera que alguém me dissesse que isso não passava de um erro. Quando a Kate se queixou de dores no pé, apressei-me a levá-la ao Dr. Chance, certa de que se tratava da dor óssea indicadora de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult
147

ressurgimento, para verificar depois que os seus tênis já eram demasiado pequenos.

Quando ela caía, em vez de lhe beijar os arranhões, perguntava-lhe se as suas plaquetas estavam a funcionar.

Uma equimose surge quando há hemorragia nos tecidos debaixo da pele, habitualmente - mas nem sempre - em resultado de um traumatismo.

Passaram-se cinco anos inteiros. Já tinha referido isso? A Anna espreita para dentro do quarto.

— O papá diz que o primeiro carro acabou de chegar e que se a Kate quiser descer vestindo um saco de farinha ele não se rala. O que é um saco de farinha? A Kate acaba de enfiar o vestido de Verão pela cabeça, e depois puxa a saia para cima e esfrega a equimose.

— Hum - diz ela.

Lá em baixo, há vinte e cinco miúdos da segunda classe, um bolo com a forma de um unicórnio, e um rapaz da faculdade das redondezas que foi contratado para fazer espadas, ursos, e coroas a partir de balões. A Kate abre os presentes - colares feitos de contas brilhantes, estojos de pintura, parafernália da Barbie. Ela deixa a caixa maior para o fim - a que eu e o Brian lhe comprámos. Dentro de um aquário redondo, nada um peixinho vermelho de cauda de véu.

A Kate sempre quisera ter um animal de estimação. Mas o Brian é alérgico aos gatos, e os cães precisam de muita atenção, o que nos levou a esta escolha. A Kate não podia estar mais feliz. Andou com ele atrás o resto da festa. Pôs-lhe o nome de Hércules.

Depois da festa, quando estamos a limpar, dou por mim a olhar para o peixinho vermelho. Brilhante como uma moeda, nada em círculos, feliz por não ir a lado nenhum.

São precisos apenas trinta segundos para nos apercebermos de que vamos cancelar todos os nossos planos, apagar tudo o que fomos suficientemente ousados para marcar no nosso calendário. São precisos sessenta segundos para percebermos que, mesmo que tenhamos sido levados a pensar que sim, nós não temos uma vida normal.

Uma aspiração de medula de rotina - que tínhamos marcado muito antes de eu ter visto aquela equimose - revelou que havia

alguns promielócitos anormais a flutuarem. Em *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 148

seguida, um teste de reacção em cadeia da polimerase - que permite o estudo do ADN -

demonstrou que os cromossomas 15 e 17 estavam translocados na Kate.

Tudo isto significa que a Kate agora se encontra em recaída molecular, e os sintomas clínicos não poderão estar muito longe. Talvez ela não apresente blastos durante um mês. Talvez não encontremos sangue na sua urina e fezes durante um ano. Mas acontecerá, inevitavelmente.

Eles dizem essa palavra, recaída, como se dissessem aniversário ou prazo fiscal, algo que acontece tão rotineiramente que se tornou parte do nosso calendário interno, quer queiramos quer não.

O Dr. Chance explicou-nos que este é um dos grandes debates da oncologia - será que devemos consertar uma roda que não está partida, ou será que devemos esperar até que a carroça caia? Ele recomenda que administremos Ácido Trans-Retinóico à Kate. Vem sob a forma de um comprimido com metade do tamanho do meu polegar, e foi basicamente roubado aos médicos chineses antigos, que já o usavam há anos. Ao contrário das quimioterapias, que entram e matam tudo o que se achesse no seu caminho, o ATR dirige-se directamente ao cromossoma 17. Uma vez que a translocação dos cromossomas 15 e 17 é o que em parte impede a maturação correcta dos promielócitos, o ATR ajuda a desenrolar os genes que se ligaram uns aos outros. . e a impedir que as anomalias se desenvolvam.

O Dr. Chance diz que o ATR pode fazer com que a Kate entre de novo em remissão.

Por outro lado, ela pode desenvolver uma resistência a ele.

— Mãe? - o Jesse entra na sala, onde eu estou sentada no sofá. Já estou ali há duas horas. Não consigo levantar-me e fazer as coisas que devo fazer, porque para que é que vou empacotar os almoços para a escola, ou fazer uma bainha num par de calças, ou até mesmo pagar a conta do aquecimento? - Mãe - diz outra vez o

Jesse. - Não te esqueceste, pois não? Olho para ele como se estivesse a falar grego.

— De quê? - Disseste que me compravas umas chuteiras novas depois de irmos ao ortodontista. Tu prometeste.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 149

Pois prometi. Porque o futebol começa daqui a dois dias, e o par antigo já não serve ao Jesse. Mas agora já não sei se me consigo arrastar até ao consultório de ortodontia, onde a recepcionista sorrirá para a Kate e dir-me-á, como de costume, que os meus filhos são lindos. E há algo na idéia de ir à Autoridade Desportiva que me parece francamente obscuro.

— vou cancelar a consulta de ortodontia - digo eu.

— Fixe! - ele sorri, com a boca metalizada a brilhar. - Podemos ir agora comprar as chuteiras? - Agora não é uma boa altura. -Mas. .

— Jesse. Desiste. Da. Idéia.

— Não posso jogar se não me comprares sapatos novos. E nem sequer estás a fazer nada. Estás só aí sentada.

— A tua irmã - digo eu calmamente - está incrivelmente doente. Desculpa por isso interferir com a tua consulta no dentista ou com a tua idéia de ir comprar um par de chuteiras. Mas essas coisas não têm o mesmo nível de importância na esfera das coisas essenciais neste momento. Visto teres dez anos, pensei que talvez pudesses crescer o suficiente para te aperceberes de que o mundo inteiro nem sempre gira à tua volta.

O Jesse olha pela janela, onde a Kate está escarranchada em cima de um ramo de carvalho, ensinando à Anna como trepar às árvores.

— Pois, está bem, ela está doente - diz ele. - Por que é que não cresces tu? Por que é que não te apercebes de que o mundo não gira à volta dela? Pela primeira vez na vida começo a compreender como um pai pode bater num filho - é porque conseguimos olhar para os seus olhos e ver um reflexo de nós próprios que desejaríamos não possuir. O

Jesse corre lá para cima e bate com a porta do seu quarto.

Fecho os olhos, respiro fundo algumas vezes. E ocorre-me a idéia: nem toda a gente morre de velhice. As pessoas são

atropeladas por carros. As pessoas sofrem acidentes de avião. As pessoas sufocam por causa de amendoins. Não há garantias de nada, muito menos do futuro de alguém.

Com um suspiro subo as escadas, bato à porta do quarto do meu filho. Ele descobriu a música recentemente; vibra através da estreita linha de luz debaixo da porta.

Quando o Jesse baixa o som da aparelhagem as notas esbatem-se abruptamente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 150

— O que é? - Queria falar contigo. Queria pedir-te desculpa.

Há um tumulto do outro lado da porta, e depois ela abre-se bruscamente. A boca do Jesse está cheia de sangue, um batom de vampiro; há pedaços de arame espetados como alfinetes de costura. Reparo no garfo que ele tem na mão, e apercebo-me de que foi isso que ele utilizou para tirar o aparelho dos dentes.

— Agora já não tens de me levar a lado nenhum.

Passam-se duas semanas em que a Kate está a ser tratada com o ATR.

— Sabias - diz o Jesse um dia, enquanto eu preparo o comprimido dela - que uma tartaruga gigante pode viver 177 anos? - ele está numa fase do Ripley's Believe It or Not. -

Uma amêijoia do Ártico pode viver 220 anos.

A Anna está sentada em frente à bancada, a comer manteiga de amendoim com uma colher.

— O que é uma amêijoia do Ártico? - O que é que isso interessa? - diz o Jesse. -

Um papagaio pode viver oitenta anos. Um gato pode viver trinta.

— Então e o Hércules? - pergunta a Kate.

— No meu livro diz que, bem tratado, um peixinho vermelho pode viver sete anos.

O Jesse observa a Kate a colocar o comprimido na língua, e a beber um gole de água para o engolir.

— Se fosses o Hércules - diz ele -, já estavas morta.

O Brian e eu sentamo-nos nas nossas respectivas cadeiras no consultório do Dr.

Chance. Passaram-se cinco anos, mas os assentos adaptam-se como uma velha luva de baseball. Até as fotografias na secretária do oncologista permanecem as mesmas - a mulher usa o mesmo chapéu de abas largas num molhe rochoso de Newport; o filho ficou parado nos seis anos, segurando numa truta mosqueada - contribuindo para a sensação de que, ao contrário do que eu pensava, nunca chegámos a sair daqui.

O ATR resultou. Durante um mês, a Kate reverteu para a remissão molecular. E

depois uma CCCS demonstrou que havia mais promielócitos no seu sangue.

— Podemos continuar a administrar-lhe ATR - diz o Dr. Chance -, mas acho que o seu insucesso nos diz que ela já não está a reagir ao tratamento.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 151

— E um transplante de medula? - Isso é arriscado - sobretudo para uma criança que ainda não apresenta sintomas de uma recaída clínica totalmente desenvolvida - o Dr.

Chance olha para nós. - Podemos tentar uma outra coisa primeiro. Chama-se uma infusão de linfócitos de dador uma ILD. Por vezes uma transfusão de glóbulos brancos de um dador compatível ajuda os clones originais de células sangüíneas do cordão umbilical a lutarem contra as células leucémicas.

Pensem neles como um exército de apoio, agüentando a linha da frente.

— Isso vai fazer com que entre em remissão? - pergunta o Brian. O Dr. Chance abana a cabeça.

— É uma medida de recurso - a Kate terá, muito provavelmente, uma recaída completa - mas isso vai fazer-nos ganhar tempo para que ela recupere as suas defesas antes de nos precipitarmos a proceder a um tratamento mais agressivo.

E quanto tempo vai demorar para arranjar os linfócitos? - pergunto eu.

O Dr. Chance vira-se para mim.

— Depende. Quando é que pode trazer a Anna? Quando as portas do elevador se abrem há apenas uma pessoa lá dentro, um

homem sem-abrigo com óculos de um azul eléctrico e seis sacos de plástico cheios de trapos.

— Feche as portas, bolas - grita ele assim que entramos. - Não vê que sou cego?

Carrego no botão para a recepção.

— Posso trazer a Anna depois da escola. O jardim infantil acaba ao meio-dia, amanhã.

— Não mexa no meu saco - rosna o sem-abrigo.

— Não mexi - respondi, de forma ausente e educada.

— Acho que não devias - diz o Brian.

— Nem sequer estou perto dele! - Sara, referia-me à ILD. Acho que não devias trazer a Anna para doar sangue.

Sem nenhuma razão, o elevador pára no décimo primeiro andar, e depois as portas fecham-se de novo.

O sem-abrigo começa a esgravatar nos seus sacos de plástico.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 152

— Quando tivemos a Anna - lembro ao Brian -, sabíamos que ela ia ser dadora da Kate.

— Uma vez. E ela não tem nenhuma lembrança de lhe fazermos isso.

Espero até que ele olhe para mim.

— Tu darias sangue à Kate? - Credo, Sara, que tipo de pergunta..

— Eu também. Eu dar-lhe-ia metade do meu coração, por amor de Deus, se isso ajudasse. Fazes aquilo que tens a fazer, quando se trata de pessoas que amas, não fazes? -

o Brian baixa a cabeça, concorda. - O que te faz pensar que a Anna não o faria? As portas do elevador abrem-se, mas o Brian e eu ficamos lá dentro, a olhar um para o outro. O

sem-abrigo passa entre nós, com o seu prêmio a fazer ruído nas mãos.

— Parem de gritar - berra ele, embora nós estejamos em completo silêncio. - Não vêem que sou surdo? Para a Anna é uma festa. A mãe e o pai estão com ela, sozinhos. Ela tem direito a agarrar em ambas as nossas mãos todo o percurso ao longo do parque de estacionamento. Vamos para um hospital, e depois?

Expliquei-lhe que a Kate não estava a sentir-se bem, e que os médicos precisavam de tirar uma coisa da Anna para a dar à Kate para que ela se sentisse melhor. Achei que essa informação era mais do que suficiente.

Esperamos na sala de exames, a colorir desenhos de pterodáctilos e Tiranossauros Rex.

— Hoje no intervalo para lanchar o Ethan disse que os dinossáurios morreram todos porque estavam constipados - diz a Anna -, mas ninguém acreditou nele.

O Brian sorri.

— Porque achas tu que eles morreram? - Porque, dah, tinham um milhão de anos - ela olha para ele.

— Nessa altura havia festas de anos? A porta abre-se, e a hematologista entra.

— Olá a todos. Mãe, quer segurá-la no seu colo? Portanto eu trepo para cima da mesa e instalo a Anna nos meus braços. O Brian posiciona-se atrás de nós, para poder agarrar no ombro e no cotovelo da Anna e mantê-la imobilizada.

— Estás pronta? - pergunta a médica à Anna, que ainda está a sorrir.

E depois agarra numa seringa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 153

— É só uma picadinha - promete a médica, precisamente as palavras erradas, e a Anna começa a debater-se. Os seus braços atingem-me no rosto, na barriga. O Brian não consegue dominá-la. Por cima dos berros, ele grita-me: - Pensei que lhe tivesses dito! A médica, que tinha saído da sala sem que eu reparasse, regressa com várias enfermeiras a reboque.

— Os miúdos e a flebotomia nunca se deram bem - diz ela enquanto as enfermeiras tiram a Anna do meu colo e a acalmam com as suas mãos suaves e com as suas palavras ainda mais suaves.

— Não te preocupes; nós somos profissionais.

É um déjà vu, tal e qual o dia em que a Kate foi diagnosticada. Tem cuidado com o que desejas, penso eu. A Anna é exactamente igual à irmã.

Estou a aspirar o quarto das raparigas quando o cabo do Electrolux bate no aquário do Hércules e o peixe sai a voar. O vidro não se parte, mas demoro um tempo para o encontrar, a debater-se em seco no tapete debaixo da secretária da Kate.

— Aguenta-te aí, amigo - sussurro, e atiro-o para dentro do aquário. Encho-o com água no lavatório da casa de banho.

Ele flutua ao de cima. Não, penso eu. Por favor.

Sento-me na beira da cama. Como é que eu vou dizer à Kate que matei o peixe dela? Será que ela vai reparar se eu for à loja dos animais e comprar um substituto? De repente, a Anna está ao meu lado, de regresso a casa depois de uma manhã no jardim infantil.

— Mamã? Por que é que o Hércules não se mexe? Eu abro a boca, com uma confissão a derreter-se na língua. Mas nesse momento, o peixinho vermelho estremece lateralmente, mergulha, e começa novamente a nadar.

— Pronto - digo eu. - Ele está óptimo.

Quando cinco mil linfócitos parecem não ser suficientes, o Dr. Chance pede dez mil. A consulta da Anna para uma segunda colheita de linfócitos de dador calha mesmo em cheio na festa de anos de uma rapariga da sua turma, no ginásio. Concorro em deixá-la ir por um bocadinho, e depois dirijo-me do ginásio ao hospital, de carro.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 154

A rapariga é uma princesa feita de açúcar com cabelos louros tão claros como os de uma fada, uma pequena réplica da sua mãe. Quando tiro os sapatos para caminhar em cima do chão almofadado, tento desesperadamente lembrar-me dos seus nomes. A criança chama-se. . Mallory. E a mãe é. . Monica? Margaret? Vejo a Anna imediatamente, sentada no trampolim enquanto um instrutor os faz saltar para cima e para baixo como pipocas. A mãe vem ter comigo, com um sorriso pendurado no rosto como uma fileira de luzes de Natal.

— Você deve ser a mãe da Anna. Eu sou a Mittie - diz ela. - Tenho muita pena que ela tenha de se ir embora, mas é claro, nós entendemos. Deve ser espantoso ir a um sítio onde nunca ninguém vai.

Ao hospital? - Bem, espero que nunca tenha de fazer o mesmo.

— Oh, eu sei. Eu tenho tonturas quando ando de elevador - ela vira-se para o trampolim. - Anna, querida! A tua mãe está aqui! A Anna rebola pelo chão almofadado. É

exactamente isto que eu queria fazer à minha sala de estar quando os miúdos eram todos pequenos: almofadar as paredes, o chão e o tecto para os proteger. E afinal eu até podia ter embrulhado a Kate em plástico com bolhas de ar, que o perigo já estava debaixo da sua pele.

— O que é que se diz? - incito, e a Anna agradece à mãe da Mallory.

— Oh. de nada - ela entrega à Anna um pequeno saco de guloseimas. - Então, diga ao seu marido que nos telefone quando quiser. Nós gostávamos muito de ficar com a Anna enquanto vocês estiverem no Texas.

A Anna hesita enquanto ata um sapato.

— Mittie? - pergunto eu. - O que foi que a Anna lhe disse exactamente? - Que tinha de se ir embora mais cedo para que toda a sua família a pudesse levar ao aeroporto.

Porque logo que comecem os treinos em Houston, não os verá até depois do voo.

— Do voo? - No vaivém espacial...

Por um momento fico estupefacta - por a Anna ter inventado uma história tão ridícula, e por esta mulher ter acreditado nela.

— Eu não sou astronauta - confesso. - Nem sequer sei por que razão a Anna disse uma coisa dessas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 155

Puxo a Anna para cima, levantando-a, com um sapato ainda desapertado.

Arrastando-a para fora do ginásio, chegamos ao carro antes que eu diga uma palavra.

— Por que é que lhe mentiste? A Anna riposta: - Por que é que tivemos de nos ir embora da festa? - Porque a tua irmã é mais importante do que bolo e gelado; porque eu não posso fazer isto por ela; porque eu mandei.

Estou tão zangada que tenho de fazer duas tentativas para destrancar a carrinha.

— Pára de te comportares como uma miúda de cinco anos acuso-a, e depois lembro-me de que é precisamente isso que ela é.

— Estava tanto calor - diz o Brian - que um serviço de chá de prata derreteu. Os lápis dobravam-se ao meio.

Olho por cima do jornal.

— Como é que começou? - Um gato e um cão a perseguirem-se um ao outro, quando os donos estavam de férias. Ligaram um fogão de cozinha Jenn-Air. ele tira as calças de ganga, e retrai-se. - Fiquei com queimaduras do segundo grau só por me ajoelhar no telhado.

Está em carne viva, com bolhas. Observo-o a aplicar Neosporin e uma compressa.

Continua a falar, contando-me algo sobre um novato cuja alcunha é Caesar que acabou de ingressar na sua companhia. Mas os meus olhos são atraídos para a coluna de aconselhamento do jornal: Querida Abby, Cada vez que a minha sogra nos faz uma visita, insiste em limpar o frigorífico. O meu marido diz que ela está apenas a tentar ajudar, mas faz-me sentir como se estivesse a ser julgada. Ela transformou a minha vida num inferno.

Como é que hei-de deter esta mulher sem estragar o meu casamento? Cumprimentos, Passada de Prazo de Validade, Seattle Que tipo de mulher considera isto o seu maior problema? Imagino-a a escrevinhar um bilhete para a Querida Abby em papel de carta com mistura de alho. Interrogo-me se já terá sentido um bebê virar-se dentro dela, mãos e pés minúsculos a andarem em círculos lentos, como se o interior de uma mãe fosse um sítio a ser cuidadosamente cartografado.

— O que lêes com tanta atenção? - pergunta o Brian, aproximando-se para ler a coluna por cima do meu ombro.

Abano a cabeça cepticamente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 156

— Uma mulher cuja vida está a ser destruída por marcas de frascos de geleia.

— Natas azedadas - acrescenta o Brian, rindo entre dentes.

— Alface estragada. Oh, meu Deus, como agüenta ela viver? nessa altura começamos os dois a rir. Por contágio, basta olharmos um para o outro para nos rirmos ainda mais.

E depois, tão depressa como isto teve graça, deixou de ter. Nem todos nós vivemos num mundo onde o conteúdo do frigorífico é o barómetro da nossa felicidade pessoal. Alguns de nós trabalhamos em edifícios que estão em chamas à nossa volta.

Alguns de nós têm filhas que estão a morrer.

— Uma merda de uma alface estragada - digo eu, com a voz a tremer. - Não é justo.

Num instante, o Brian atravessa o quarto; envolve-me no seu abraço.

— Nunca é, querida - responde ele.

Um mês depois, regressamos para uma terceira doação de linfócitos. A Ana e eu sentamo-nos nos nossos lugares no consultório do médico, à espera de sermos chamadas.

Passados alguns minutos, ela puxa-me a manga.

— Mamã - diz ela.

Eu olho para ela. A Anna está a balançar os pés. As suas unhas têm o verniz irisado da Kate.

— O que foi? Ela sorri para mim.

— No caso de me esquecer de te dizer a seguir, não foi tão mau como eu julgava que ia ser.

Um dia a minha irmã chega inesperadamente, e, com a permissão do Brian, leva-me como por encanto para uma suite no Ritz Carlton em Boston.

— Podemos fazer tudo o que quiseres - diz-me ela. - Ir a museus, excursões da Freedom Trail, ir jantar fora ao Harbour.

Mas o que eu quero mesmo é esquecer apenas, e portanto três horas mais tarde estou sentada no chão ao seu lado, a acabar a nossa segunda garrafa de vinho de 100 dólares.

Agarro na garrafa pelo gargalo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 157

— Podia comprar um vestido com isto.

A Zanne desdenha.

— No Filene's Basement, talvez - os seus pés estão em cima de uma cadeira de brocado; o seu corpo está refastelado na carpete branca. Na televisão, a Oprah aconselha-nos a minimizar as nossas vidas.

— E depois, quando apertas um magnífico Pinot Noir, nunca pareces gorda.

Olho para ela, sentindo subitamente pena de mim própria.

— Não. Agora não vais chorar. Chorar não está incluído na diária do hotel.

Mas de repente, só consigo pensar em como parecem estúpidas as mulheres no programa da Oprah, com as suas agendas preenchidas e roupeiros a abarrotarem.

Interrogo-me o que terá o Brian feito para o jantar. Se a Kate está bem.

— vou telefonar para casa.

Ela ergue-se sobre um cotovelo.

— Tens direito a fazer um intervalo, sabes. Ninguém tem de ser mártir vinte e quatro horas por dia, os sete dias da semana.

Mas eu ouço-a mal.

— Acho que uma vez que assinamos o contrato para ser mãe, esse é o único turno que nos oferecem.

— Eu disse mártir - ri a Zanne. - E não mãe. Sorrio um pouco.

— Há alguma diferença? Ela tira-me o auscultador do telefone da mão.

— Não queres tirar a tua coroa de espinhos da mala antes? Repara bem no que estás a dizer, Sara, e pára de ser uma diva do teatro dramático. Sim, tiveste pouca sorte.

Sim, é horrível ser tu própria.

A cor sobe às minhas faces.

— Não fazes idêia de como é a minha vida.

— Nem tu - diz a Zanne. - Tu não vives, Sara. Tu estás à espera que a Kate morra.

— Não estou. . - começo a dizer, mas depois paro. A verdade é que estou.

A Zanne acaricia-me o cabelo e deixa-me chorar.

— Às vezes é tão difícil - confesso, palavras que nunca disse a ninguém, nem mesmo ao Brian.

— Desde que não seja sempre - diz a Zanne. - Querida, a Kate não vai morrer mais cedo por beberes mais um copo de vinho, ou por passares uma noite num hotel, ou porque te ris de uma piada seca. Portanto senta o rabo aí, aumenta o som e porta-te como uma pessoa normal.

Olho em volta para a opulência do quarto, para o nosso cenário decadente de garrafas de vinho e chocolates de morango.

— Zanne - digo eu, limpando os olhos -, isto não é o que as pessoas normais fazem.

Ela segue o meu olhar.

— Tens toda a razão - agarra no comando da televisão, mudando de canal até encontrar o Jerry Springer. - Assim está melhor? Desato a rir, ela ri comigo, e em breve o quarto está a girar e nós estamos deitadas de costas, a olhar para cima para a cercadura em relevo em forma de coroas no tecto. Lembro-me de repente de como, quando éramos miúdas, a Zanne costumava andar à minha frente até à paragem de autocarro. Eu podia correr para a apanhar - mas nunca o fiz. Queria apenas segui-la.

O riso sobe como vapor, nadando através das janelas. Depois de três dias de chuva torrencial, os miúdos estão radiantes por estarem ao ar livre, a dar pontapés numa bola de futebol com o Brian. Quando a vida é normal, é tão normal.

Eu entro no quarto do Jesse, tentando orientar-me através de peças de LEGO

espalhadas e livros de banda desenhada, para poder colocar as suas roupas lavadas em cima da cama. Depois vou ao quarto da Kate e da Anna, e separo a roupa lavada e dobrada.

Quando coloco as T-shirts da Kate na cómoda vejo-o: o Hércules está a nadar de barriga para cima. Ponho a mão dentro do aquário e volto-o, segurando-lhe na cauda; ele desliza suavemente por breves momentos e em seguida flutua lentamente em direcção à superfície, com a barriga branca a arfar.

Lembro-me de o Jesse dizer que bem tratado, um peixe podia viver sete anos. Este só durou sete meses.

Depois de ter levado o aquário para o meu quarto, agarro no telefone e marco o número das informações.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 159

— Petco - digo eu.

Quando me fazem a ligação, falo com uma empregada sobre o Hércules.

— Mas quer comprar outro peixe? - pergunta ela.

— Não, quero salvar este.

— Minha senhora - diz a rapariga -, estamos a falar de um peixinho vermelho, certo? Portanto telefono para três veterinários, nenhum dos quais tratava de peixes.

Observo o Hércules a agonizar durante mais um minuto, e depois telefono para o departamento de oceanografia da URI, pedindo para falar com qualquer professor que estivesse disponível.

O Dr. Orestes estuda charcos de maré, diz-me ele. Moluscos e crustáceos e ouriços-do-mar. e não peixinhos vermelhos. Mas eu dou por mim a contar-lhe sobre a minha filha, que tem LPA. Sobre o Hércules, que sobreviveu uma vez contra todas as expectativas.

O biólogo marinho fica em silêncio durante um momento.

— Mudou-lhe a água? - Esta manhã.

— Choveu muito aí nos últimos dias? - Sim.

— Tem um poço? Mas o que é que isso tem a ver? - Sim. .

— É só um palpite, mas com o escoamento de águas, a sua água pode conter demasiados minerais. Encha o aquário com água engarrafada, e talvez ele se anime.

Portanto esvazio o aquário do Hércules, lavo-o, e deito lá dentro dois litros de Poland Spring. São precisos vinte minutos, mas então o Hércules começa a nadar. Ele circula por entre os lobos da planta artificial. Mordisca a comida.

A Kate encontra-me a observá-lo meia hora mais tarde.

— Não tinhas de lhe mudar a água. Eu mudei-a esta manhã.

— Oh, não sabia - menti.

Ela encosta o rosto ao aquário, com o sorriso aumentado.

— O Jesse diz que os peixinhos vermelhos só conseguem prestar atenção durante nove segundos - diz a Kate -, mas eu acho que o Hércules sabe exactamente quem eu sou.

Toco-lhe no cabelo. E interrogo-me se não terei usado o meu milagre.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 160

Anna

Se dermos ouvidos a demasiados anúncios começamos a acreditar em algumas coisas absurdas: que o mel brasileiro pode ser utilizado como cera depilatória, que as facas cortam metal, que o poder do pensamento positivo pode funcionar como um par de asas que nos levam para onde precisamos. Graças a uma ligeira insónia e a demasiadas doses de Tony Robbins, decidi um dia obrigar-me a imaginar como seria se a Kate já tivesse morrido. Dessa forma, pelo menos era o que o Tony jurava, quando acontecesse realmente, eu estaria pronta.

Continuei a fazê-lo durante semanas. Mantermo-nos no futuro é mais difícil do que pensamos, sobretudo quando a minha irmã andava de um lado para o outro na altura, a ser a chata que normalmente é. A minha maneira de lidar com isto foi fingir que a Kate já estava a assombrar-me. Quando deixei de falar com ela, ela achou que tinha feito alguma coisa errada, que provavelmente tinha, de qualquer modo. Havia dias inteiros em que eu só chorava; outros em que me sentia como se tivesse engolido uma barra de chumbo; outros ainda em que me esforçava a sério para me submeter aos processos de me vestir, fazer a cama e estudar o meu vocabulário porque era mais fácil do que fazer qualquer outra coisa.

Mas então, havia alturas em que eu deixava que o véu se erguesse um pouco, e surgiam outras idéias. Por exemplo, como seria estudar oceanografia na Universidade do Havaí. Ou tentar saltar de pára-quedas. Ou mudar-me para Praga. Ou qualquer outro dos milhões de sonhos irreais. Eu tentava enfiar-me num destes cenários, mas era como calçar ténis de tamanho trinta e seis quando calçamos trinta e oito - conseguimos dar alguns passos, mas depois sentamo-nos e descalçamo-nos pura e simplesmente porque a dor é demasiado forte. Estou convencida de que há um censor sentado no meu cérebro com um carimbo vermelho, a censurar os meus pensamentos, por muito sedutores que sejam.

Provavelmente é bom. Tenho a sensação de que se tentar realmente saber quem sou com a Kate fora da equação, não vou

gostar da pessoa que vejo.

Os meus pais e eu estamos sentados juntos numa mesa da cantina do hospital, embora utilize a palavra juntos sem grande exactidão. É mais como se fôssemos astronautas, cada um usando um capacete separado, cada um sobrevivendo à custa da sua A *guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 161

própria reserva de ar. A minha mãe tem um pequeno recipiente com pacotes de açúcar rectangulares em frente dela. Está a organizá-los implacavelmente, o Equal e a seguir o Sweet'n'Low e depois o mascavado. Olha para mim. - Doçura.

Porque é que os termos carinhosos são sempre nomes de alimentos? Doce, bombom, doçura, docinho. Não é que gostar de alguém seja de facto suficiente para nos alimentar.

— Sei o que estás a tentar fazer - continua a minha mãe. - E concordo que talvez o teu pai e eu tenhamos de te prestar um pouco mais de atenção. Mas Anna, nós não precisamos que um juiz nos ajude a fazer isso.

O meu coração é uma esponja macia no fundo da minha garganta.

— Queres dizer que não faz mal parar? Quando ela sorri, é como se chegasse o primeiro dia de calor em Março - depois de uma eternidade de neve, quando nos lembramos de repente como é o Verão na parte de trás das nossas barrigas das pernas nuas e no risco do cabelo.

— É isso mesmo que eu quero dizer - diz a minha mãe.

Acabaram-se as colheitas de sangue. Acabaram-se os granulócitos, e os linfócitos, e as células estaminais, e o rim.

— Se quiseres, eu digo à Kate - ofereço-me. - Para não teres de ser tu a fazê-lo.

— Está bem. Logo que o Juiz DeSalvo saiba, podemos fingir que nunca chegou a acontecer.

Na minha cabeça, há um martelo a martelar.

— Mas. . a Kate não vai perguntar por que razão já não sou dadora dela? A minha mãe fica muito quieta.

— Quando eu disse parar, referia-me ao processo legal.

Abano a cabeça com força, tanto para lhe responder como para desfazer o nó de palavras entalado nas minhas entranhas.

— Meu Deus, Anna - diz a minha mãe, estupefacta. - O que te fizemos nós para merecer isto? . - Não se trata do que me fizeram.

— É o que não fizemos, não é? - Não estão a prestar-me atenção! - grito eu, e nesse preciso momento, o Vern Stackhouse dirige-se à nossa mesa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 162

O delegado olha para mim e depois para a minha mãe e para o meu pai e força um sorriso.

— Parece-me que esta não é a melhor altura para interromper diz ele. - Lamento muito isto, Sara. Brian. - Ele entrega um envelope à minha mãe, acena com a cabeça e vai embora.

Ela tira o papel que está lá dentro, lê-o e depois dá-mo.

— O que é que tu lhe disseste? - pergunta ela de forma autoritária.

— A quem? O meu pai agarra no aviso. Está cheio de linguagem jurídica, que bem podia ser grego.

— O que é isto? - Uma moção para um mandado de restrição temporária. - Ela arranca-o ao meu pai. - Já te apercebeste de que estás a pedir que eu seja expulsa de casa e que não mantenha nenhum contacto contigo? É isso que queres? Expulsá-la de casa?

Não consigo respirar.

— Nunca pedi isso.

— Bem, um advogado não teria entregado isto por sua própria iniciativa, Anna.

Sabem como às vezes - quando andamos de bicicleta e começamos a derrapar na areia, ou quando falhamos um degrau e reboamos pelas escadas abaixo - temos aqueles longos, longos segundos em que nos apercebemos de que nos vamos magoar, e muito? -

Não sei o que se passa - digo eu.

— Então como é que podes pensar que estás apta a tomar decisões por ti própria?

- A minha mãe levanta-se tão bruscamente que a cadeira cai ruidosamente no chão da cantina. - Se é isso que queres, Anna,

podemos começar mesmo agora. - A sua voz está seca e áspera no momento em que me deixa.

Há cerca de três meses, pedi à Kate a sua maquilhagem emprestada. Pronto, pedi não seria a palavra mais correcta, devia dizer roubei. Não tinha nenhuma minha; não devia poder usá-la antes de fazer quinze anos. Mas tinha acontecido um milagre, a Kate não estava por ali para lhe pedir e as alturas de desespero requerem medidas desesperadas.

O milagre tinha um metro e setenta e sete e cabelos da cor de barbas de milho da variedade Silver Queen e um sorriso que me fazia sentir como se estivesse a andar num carrossel. O nome dele era Kyle e tinha-se mudado do Idaho, para o lugar mesmo atrás do *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 163

meu na sala de aulas. Ele não sabia nada sobre mim ou sobre a minha família, portanto quando me perguntou se eu queria ir ao cinema com ele, eu sabia que não era porque tinha pena de mim. Fomos ver o novo filme do Homem-Aranha, ou pelo menos ele viu. Eu passei o tempo todo a tentar perceber como é que a electricidade podia ultrapassar aquele espacinho entre o meu braço e o dele.

Quando cheguei a casa, ainda estava nas nuvens, e por isso a minha irmã Kate conseguiu surpreender-me. Ela derrubou-me para cima da minha cama e agarrou-me pelos ombros.

— Sua ladra - acusou ela. - Foste à minha gaveta da casa de banho sem pedir licença.

— Tu andas sempre a usar as minhas coisas. Usaste a minha camisola azul há dois dias.

— Isso é completamente diferente. Podemos lavar uma camisola.

— Como é que pode não haver problema no facto de os meus micróbios estarem a circular nas tuas artérias, e haver por estarem na porcaria do teu lip gloss Cherry Bomb da Max Factor? - Empurrei um pouco mais, e consegui fazer-nos rebolar, de tal maneira que era eu que tinha agora a vantagem. Os seus olhos iluminaram-se.

— Quem era ele? - De que estás a falar? - Se te maquilhaste, Anna, foi por alguma razão.

— Vai-te lixar.

— Vai tu. - A Kate sorriu para mim. Então, com a mão que estava livre fez-me cócegas debaixo do braço, apanhando-me tão de surpresa que a libertei. Um minuto depois tínhamos caído da cama a lutar, cada uma a tentar que a outra pedisse tréguas.

— Anna, pára já - arfou a Kate. - Estás a matar-me.

Estas palavras foram suficientes. As minhas mãos afastaram-se dela como se tivessem sido queimadas. Deitámo-nos lado a lado entre as nossas camas, a olhar para o tecto e a arfar, ambas fingindo que o que ela tinha dito não tinha chegado tão perto da verdade.

Dentro do carro, os meus pais discutem. Talvez devêssemos contratar um advogado a sério, diz o meu pai, e a minha mãe responde, eu sou uma advogada a sério.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 164

Mas Sara, diz o meu pai, se isto não vai terminar, só estou a dizer que. .

O que é que estás a dizer, Brian? Desafia ela. O que é que estás mesmo a dizer?

Que um homem qualquer de fato que não conhecemos de lado nenhum é capaz de justificar melhor a Anna do que a sua própria mãe. E depois o meu pai conduz em silêncio durante o resto do caminho.

Para meu espanto, há câmaras de televisão à espera nas escadas do edifício Garrahy. Estou certa de que se encontram aqui devido a algo muito importante, portanto imaginem a minha surpresa quando me põem um microfone na frente, e uma jornalista com um cabelo estilo capacete me pergunta por que razão estou a processar os meus pais. A minha mãe empurra a mulher, afastando-a.

— A minha filha não faz comentários - diz ela, uma e outra vez. e quando um tipo pergunta se eu tenho conhecimento de que sou o primeiro bebê geneticamente programado de Rhode Lsland, por um minuto fico com a idéia de que ela lhe vai de facto bater.

Desde os sete anos que sei como fui concebida, e não foi assim tão extraordinário.

Em primeiro lugar, os meus pais contaram-me numa altura em que a idéia de eles terem relações sexuais era muito mais repugnante do que a idéia de ser criada numa caixa de Petri. Em segundo lugar, nessa altura já milhares de pessoas tomavam medicamentos para aumentar a fertilidade e tinham sete gêmeos e a minha história já não era assim tão original. Mas um bebê geneticamente programado? Pois, está bem. Se os meus pais se tinham dado a todo esse trabalho, seria de pensar que se tinham certificado de que os genes da obediência, humildade e gratidão seriam implantados.

O meu pai está sentado ao meu lado num banco, com as mãos entrelaçadas entre os joelhos. Dentro dos aposentos do juiz, a minha mãe e o Campbell Alexander estão a atacar-se verbalmente. Aqui no corredor, estamos artificialmente silenciosos, como se eles nos tivessem tirado todas as palavras possíveis deixando-nos sem nenhuma.

Ouçó uma mulher a praguejar, e depois a Julia surge na esquina.

— Anna. Desculpa por estar atrasada; não consegui passar pelos jornalistas. Estás bem? Aceno que sim com a cabeça, e depois abano-a, numa negativa. Julia ajoelha-se à minha frente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 165

— Queres que a tua mãe se vá embora de casa? - Não! - Para meu embaraço total, os meus olhos ficam brilhantes de lágrimas. - Mudei de idéias. Já não quero fazer isto.

Nada disto.

Ela olha para mim por um longo momento, e em seguida acena com a cabeça.

— Deixa-me entrar e falar com o juiz.

Quando ela se vai embora, concentro-me em fazer entrar ar nos pulmões. Há tantas coisas agora que tenho de me esforçar para fazer, e que antigamente costumava realizar instintivamente - inspirar oxigênio, ficar calada, fazer o que está certo. O peso do olhar do meu pai sobre mim faz-me encará-lo.

— Estavas a falar a sério? - pergunta ele. - Sobre já não queres fazer isto? Não respondo. Não me mexo um milímetro.

— Porque se ainda não tiveres a certeza, talvez não seja assim tão má idéia, teres algum espaço para respirar. Quero dizer, eu tenho aquela cama extra no meu quarto no quartel. - Ele esfrega a parte de trás do pescoço. - Não seria como mudarmos de casa, nem nada. Apenas. . - ele olha para mim.

— respirar - termino eu, e é apenas isso que faço.

O meu pai levanta-se e estende a mão. Saímos do complexo Garrahy, lado a lado.

Os jornalistas aproximam-se como lobos, mas desta vez, as suas perguntas fazem ricochete, afastando-se de mim. O meu peito parece estar cheio de centelhas e hélio, como quando eu era pequena e andava às cavalitas do meu pai ao crepúsculo, quando sabia que se erguesse as mãos e abrisse os dedos como uma rede, podia apanhar as estrelas que surgiam.

Campbell

Deve haver um canto especial no Inferno para os advogados que se enaltecem a si próprios despudoradamente, mas podem apostar que estamos todos prontos para os primeiros planos. Quando chego ao tribunal de família e encontro uma horda de jornalistas a desfilar, ofereço-lhes decibéis como se fossem rebuçados, e asseguro-me de que as câmaras estão viradas para mim. Digo as coisas apropriadas sobre como este não é um caso ortodoxo mas, em última análise, é doloroso para todos aqueles que estão *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 166

envolvidos. Sugiro que a deliberação do juiz pode afectar os direitos dos menores a nível nacional, bem como a investigação sobre as células estaminais. Depois aliso o casaco do meu fato Armani, puxo a trela do Juiz, e explico que tenho mesmo de falar com a minha cliente.

Lá dentro, Vern Stackhouse olha para mim e cumprimenta-me com o polegar para cima. Eu tinha encontrado o delegado antes, e muito inocentemente perguntei-lhe se a sua irmã, uma jornalista do Projo, estaria cá hoje.

— Eu não posso mesmo dizer nada - sugeri -, mas a audiência.. vai ser bastante importante.

Nesse tal canto especial do Inferno, há provavelmente um trono para aqueles de entre nós que tentam tirar proveito do seu trabalho pró bono.

Alguns minutos depois, encontramos-nos nos aposentos do juiz.

— Dr. Alexander - o juiz DeSalvo exhibe o mandado de restrição. - Poderia explicar-me por que razão apresentou isto quando eu referi o assunto explicitamente ontem? - Tive a minha reunião inicial com a tutora ad litem, Meritíssimo - respondo. - Enquanto a Sr. a Romano estava presente, Sara Fitzgerald disse à minha cliente que o processo legal era um mal-entendido que se resolveria por si. - Desvio o olhar para a Sara, que não demonstra nenhuma emoção,

excepto uma tensão no maxilar. - Isto é uma violação directa da sua ordem, Meritíssimo.

Embora este tribunal tentasse reunir as condições para manter a família unida, acho que isso não vai resultar até a Sr.a Fitzgerald conseguir separar mentalmente a sua função de mãe da sua função de advogada da outra parte. Até lá, é necessário que haja uma separação física.

O Juiz DeSalvo tamborila com os dedos na secretária.

— Sr. a, ou melhor, Dr. a Fitzgerald? Disse isso à Anna? - Bem, é claro que sim! -

explode Sara. - Estou a tentar chegar ao fundo da questão! A confissão é uma tenda de circo a desmoronar-se, deixando-nos a todos no mais profundo silêncio. A Julia escolhe este momento para entrar de rompante.

— Desculpem-me o atraso - diz ela, sem fôlego.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 167

— Sr. a Romano - pergunta o juiz -, teve oportunidade de falar com a Anna hoje? -

Sim, mesmo agora. - Ela olha para mim, e depois para a Sara. - Acho que ela está muito confusa.

— Qual é a sua opinião sobre a moção que o Dr. Alexander apresentou? Ela coloca um caracol extraviado do seu cabelo por trás da orelha.

— Acho que não disponho de informação suficiente para tomar uma decisão formal, mas o meu instinto diz-me que seria um erro retirar a mãe da Anna de casa.

Imediatamente, fico tenso. Reagindo, o cão levanta-se.

— Meritíssimo, a Sr. a Fitzgerald acabou de admitir que violou uma ordem do tribunal. No mínimo devia ser apresentada uma queixa à ordem dos advogados por infracção da ética, e. .

— Dr. Alexander, a este caso não deve aplicar-se a Lei à letra. O juiz DeSalvo vira-se para Sara. - Dr. a Fitzgerald, recomendo-lhe vivamente que contrate um advogado independente para representá-la a si e ao seu marido nesta petição. Não vou emitir o mandado de restrição hoje, mas aviso-a novamente que não fale sobre este caso com a sua filha até à audiência da próxima semana.

Se vier a ser do meu conhecimento, numa data futura, que ignorou esta directiva mais uma vez, vou apresentar queixa de si à Ordem dos Advogados pessoalmente e eu próprio acompanharei a sua saída de casa. - Ele fecha ruidosamente a pasta dos processos e levanta-se.

— Não me volte a incomodar até segunda-feira, Dr. Alexander.

— Preciso de falar com a minha cliente - anuncio, e apresso-me a sair para o corredor onde sei que a Anna está à espera com o pai.

Sara Fitzgerald, previsivelmente, vem mesmo atrás de mim.

Atrás dela - decidida a manter a paz, sem dúvida - vem a Julia.

Paramos os três abruptamente quando vemos Vern Stackhouse, a dormitar no banco onde a Anna estava sentada.

— Vern? - chamo eu.

Ele põe-se imediatamente de pé, pigarreando na defensiva.

— É um problema lombar. Tenho de me sentar de vez em quando para aliviar a pressão.

— Sabe aonde foi a Anna Fitzgerald? Ele indica com a cabeça a entrada do edifício.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 168

— Ela e o pai foram-se embora há um tempo.

Pela expressão no rosto da Sara, para ela isto também é uma surpresa.

— Precisa de uma boleia para o hospital? - pergunta a Julia. Ela abana a cabeça e espreita através das portas de vidro, onde se reuniram os jornalistas.

— Há alguma saída nas traseiras? Ao meu lado, o Juiz começa a enfiar-me o focinho na mão. Bolas.

A Julia dirige Sara Fitzgerald para as traseiras do edifício.

— Preciso de falar contigo - diz-me por cima do ombro. Espero que ela volte costas. Depois agarro rapidamente no arnês do Juiz e puxo-o ao longo de um corredor.

— Hei! - Pouco depois, os calcanhares da Julia batem nos ladrilhos atrás de mim. -

Eu disse que queria falar contigo! Por um minuto, considero de facto a hipótese de saltar por uma janela. Então paro abruptamente, volto-me, e exhibo o meu mais encantador sorriso.

— Falando em termos técnicos, disseste que precisavas de falar comigo. Se tivesses dito que querias falar comigo, eu talvez tivesse ficado à espera. - O Juiz ferra os dentes na aba do casaco do meu dispendioso fato Armani, e puxa. - Neste momento, porém, tenho de ir a uma reunião.

— Que raio se passa contigo? - diz ela. - Disseste-me que tinhas falado com a Anna sobre a mãe e que partilhávamos todos a mesma opinião.

— Disse, e partilhávamos. Sara estava a coagi-la, e a Anna queria acabar com isso.

Expliquei-lhe quais eram as alternativas.

— Alternativas? Ela é uma rapariga de treze anos. Sabes quantos miúdos é que eu vejo em tribunal a agirem de forma completamente diferente do que os seus pais afirmam? Chega uma mãe e promete que o seu filho testemunhará contra um pedófilo, porque quer que o autor do crime seja condenado a prisão perpétua. Mas a criança não se importa com o que acontecerá ao autor do crime, desde que nunca mais tenha de estar com o tipo na mesma sala. Ou pensa que o autor do crime devia ter uma segunda oportunidade, como os seus pais lhe dão quando ele se porta mal. Não podes esperar que a Anna seja igual a um cliente adulto normal. Ela não tem a capacidade emocional de tomar decisões independentemente da sua situação doméstica.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 169

— Bem, é esse o objectivo de toda esta petição - digo eu.

— Por acaso, a Anna disse-me, nem sequer há meia hora, que tinha mudado de idéias sobre esta petição. - Julia ergue uma sobrancelha. - Não sabias disto, pois não? - Ela não me falou sobre o assunto.

— Isso é porque tu falas das coisas erradas. Tiveste uma conversa com ela sobre uma forma legal para impedir que ela fosse pressionada para desistir do processo legal. É

óbvio que ela se agarrou logo a isso. Mas achas de facto que ela estava a pensar no que isso realmente significaria - que um dos pais não estaria em casa para cozinhar, conduzir ou ajudá-la a fazer os trabalhos de casa, que ela não poderia dar um beijo de boa noite à

mãe, que os outros membros da família muito provavelmente ficariam muito aborrecidos com ela? Quando estavas a falar, ela só ouviu as palavras deixar de pressionar. Nunca chegou a ouvir falar em separação.

O Juiz começa a ganhar a sério.

— Tenho de ir. Ela segue-me.

— Aonde? - Já te disse, tenho uma reunião. - O corredor está ladeado por salas, todas elas fechadas. Por fim, encontro uma maçaneta que gira na minha mão. Entro lá dentro e tranco a porta atrás de mim.

— Meus senhores - digo eu calorosamente. A Julia abana a maçaneta. Bate no quadrado de vidro esfumado da porta. Sinto o suor na minha testa.

— Não te escapas desta vez grita-me ela através da porta. Ainda estou aqui à espera.

— Ainda estou ocupado - grito em resposta. Quando o Juiz espeta o focinho à minha frente, afundo os dedos no pêlo espesso do seu pescoço.

— Está tudo bem - digo-lhe eu, e depois dou meia volta virando-me para a sala vazia.

Jesse

De vez em quando tenho de me contradizer e acreditar em Deus, como neste preciso momento em que chego a casa e encontro uma miúda espectacular à minha porta, que se levanta e me pergunta se eu conheço o Jesse Fitzgerald.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 170

— Quem pergunta? - digo eu. -Eu.

Ofereço-lhe o meu sorriso mais encantador.

— Então aqui estou eu.

Deixem-me recuar um pouco para vos dizer que ela é mais velha do que eu, mas a cada olhar isso é cada vez mais irrisório: ela tem cabelos nos quais eu poderia perder-me, e uma boca tão suave e cheia que se torna difícil desviar os olhos para examinar o resto.

Estou ansioso por colocar as minhas mãos sobre a sua pele - mesmo nas partes comuns -

só para ver se é tão macia como parece.

— Eu sou Julia Romano - diz ela. - Sou tutora ad litem. Todos os violinos que ressoavam nas minhas veias param com um som estridente.

— Isso é uma espécie de polícia? - Não, sou advogada, estou a trabalhar com um juiz para ajudar a tua irmã.

— Está a referir-se à Kate? Algo no seu rosto endurece.

— Estava a referir-me à Anna. Ela instaurou um processo legal para emancipação médica dos pais.

— Ah, sim. Já sabia.

— A sério? - Isto parece surpreendê-la, como se a rebeldia fosse algo com que a Anna tivesse manipulado o mercado por açambarcamento. - Por acaso não sabes onde ela está? Olho para a casa, escura e vazia.

— Acha que sou responsável pela minha irmã? - pergunto. E depois sorrio para ela. - Se quiser esperar, pode entrar e ver as minhas gravuras.

Para meu espanto ela concorda.

— De facto, não é uma má idéia. Gostaria de falar contigo. Encosto-me novamente à porta e cruzo os braços, para contrair os meus bíceps. Mostro-lhe o sorriso que deixou paralisada metade da população feminina da Universidade Roger Williams.

— Tem planos para logo à noite? Ela fica a olhar para mim como se eu tivesse falado em grego. Não, bolas, ela provavelmente percebe grego. Marciano. Ou na porcaria da linguagem de Vulcano.

— Estás a convidar-me para sair? - De certeza absoluta que estou a tentar - digo eu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 171

— De certeza absoluta que não estás a conseguir - responde ela terminantemente.

- Tenho idade para ser tua mãe.

— Tem uns olhos extraordinários. - Ao dizer olhos, estou a referir-me às mamas, mas que importa.

A Julia Romano escolhe esse momento para abotoar o casaco do fato, o que me faz rir alto.

— Por que não falamos aqui? - Como queira. - digo eu, e conduzo-a para o meu apartamento.

Tendo em conta o seu aspecto habitual, a casa não está assim tão má. Os pratos na bancada só têm um dia ou dois; e cereais entornados não são tão desagradáveis de ver quando se regressa a casa como leite entornado. No meio do chão há um balde, um pano e uma bilha de gás; estou a tentar fazer foguetes. Há roupa espalhada pelo chão todo, alguma dela astutamente disposta para minimizar o efeito de uma goteira no meu alambique caseiro.

— O que acha? - Sorrio-lhe. - Martha Stewart ia adorar, hein? - Martha Stewart faria de ti o projecto da sua vida - murmura a Julia. Ela senta-se no sofá, levanta-se de um salto e tira uma mão cheia de batatas fritas que deixaram, santo Deus, uma marca de gordura em forma de coração no seu delicioso traseiro.

— Quer beber alguma coisa? - Que ninguém diga que a minha mãe nunca me ensinou a ser bem-educado.

Ela olha em volta, e depois abana a cabeça.

— Dispensso.

Encolhendo os ombros, tiro uma Labatt's do frigorífico.

— Então houve um pequeno percalço lá em casa.
— Não devias saber? - Tonto não saber.
— Porquê? - Porque é o que eu faço melhor. - Sorrindo, dou um grande e longo gole na minha cerveja. - Embora se trate de uma catástrofe que eu adoraria ver.
— Fala-me da Kate e da Anna.
— Que devo eu dizer-lhe? - Sento-me no sofá ao lado dela, demasiado perto. De propósito.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 172

— Como é que te dás com elas? Inclino-me para a frente.
— Ora, Sr. a Romano, está a perguntar-me se eu sou simpático?
- Como ela nem sequer pestaneja, desisto da encenação. - Elas sobrevivem à minha presença - respondo. -
Como toda a gente.

Esta resposta deve interessá-la, porque anota alguma coisa no seu pequeno bloco branco.

— Como foi crescer nesta família? Uma dúzia de respostas rápidas abrem caminho pela minha garganta, mas aquela que sai é uma verdadeira incógnita.

— Quando eu tinha doze anos, houve uma altura em que a Kate adoeceu - nem sequer estava muito doente, só uma infecção, mas parecia não ser capaz de se livrar dela sozinha. Portanto levaram a Anna para doar granulócitos - glóbulos brancos. Não é que a Kate tivesse planeado isto nem nada, mas aconteceu na véspera de Natal. Devíamos ter saído todos como uma família, sabe, comprar uma árvore. - Tiro um maço de cigarros do bolso. - Importa-se? - pergunto, mas não chego a dar-lhe hipótese de responder antes de acender um. - Eu fui recambiado para casa de uns vizinhos no último minuto, o que foi tramado, porque eles estavam a ter uma bela consoada com os familiares e estiveram sempre a segredar sobre mim como se eu fosse um enjeitado e ainda por cima surdo.

Continuando, tudo aquilo desandou bastante rápido, portanto disse que tinha de ir fazer chichi e saí à socapa. Fui a pé para casa e agarrei num dos machados do meu pai e numa serra e cortei um pequeno abeto no meio do quintal. Quando o vizinho reparou que

me tinha ido embora, eu já tinha tudo pronto na nossa sala de estar: a árvore no suporte, grinaldas, enfeites, tudo.

Na minha cabeça, ainda consigo ver aquelas luzes - vermelho, e azul e amarelo, a piscar uma e outra vez, numa árvore tão excessivamente equipada como um esquimó no Bali.

— Então na manhã de Natal, os meus pais vão a casa dos vizinhos para me irem buscar. Estão com um aspecto horrível, os dois, mas quando me levam para casa há presentes debaixo da árvore. Fico todo entusiasmado e encontro um que tem o meu nome, e afinal é um carrinho de corda - uma coisa que teria sido sensacional para um miúdo de três anos, mas não para mim, e por acaso sabia que estava à venda na loja de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 173

ofertas do hospital. Tal como todos os outros presentes que recebi nesse ano. Vá-se lá ver.

- Apago o cigarro na perna das minhas calças de ganga. - Eles nem sequer chegaram a dizer nada sobre a árvore - conto-lhe. - É assim crescer na minha família.

— Achas que para a Anna foi igual? - Não. A Anna está na mira deles, porque faz parte do seu plano grandioso para a Kate.

— Como é que os teus pais decidem quando a Anna vai ajudar a Kate clinicamente? - pergunta ela.

— Você faz parecer que isto envolve algum processo. Como se houvesse de facto uma escolha.

Ela levanta a cabeça.

— E não há? Ignoro-a, porque essa foi uma pergunta decididamente retórica, e olho pela janela. No quintal, ainda se consegue ver o cepo daquele abeto. Ninguém desta família encobre alguma vez os seus erros.

Quando eu tinha sete anos meti na cabeça que tinha de escavar até à China. Não seria assim tão difícil, pensei - uma linha recta, um túnel? Tirei uma pá da garagem e comecei a abrir um buraco com largura suficiente para eu entrar. Todas as noites arrastava a velha caixa de areia para o cobrir, se chovesse. Durante quatro semanas trabalhei nisto, enquanto as pedras me esfolavam os braços com cicatrizes de guerra, e as raízes se prendiam aos meus tornozelos.

Eu não contava era com as paredes altas que cresciam à minha volta, ou com as quentes entranhas do planeta, debaixo dos meus tênis. Escavando a direito, eu tinha ficado irremediavelmente perdido. Num túnel, temos de iluminar o nosso próprio caminho, e eu nunca fui bom a fazer isso.

Quando gritei, o meu pai encontrou-me em segundos, embora eu tenha a certeza de que esperei várias vidas. Ele rastejou para dentro do fosso, destruiu o meu trabalho árduo e a minha estupidez.

— Isto podia ter caído em cima de ti! - disse ele, erguendo-me e colocando-me em terra firme.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 174

Desse ponto de vista, apercebi-me de que o meu buraco não tinha quilômetros de profundidade, afinal. O meu pai, na verdade, conseguia estar de pé no fundo e ele só lhe chegava ao peito.

A escuridão, sabem, é relativa.

Brian

A Anna demora menos de dez minutos para se mudar para o meu quarto no quartel. Enquanto ela põe a roupa numa gaveta e coloca a escova de cabelo ao lado da minha em cima da cômoda, eu vou à cozinha onde o Paulie está a fazer o jantar. Os rapazes estão todos à espera de uma explicação.

— Ela vai ficar aqui comigo por uns tempos - digo eu. - Estamos a resolver uns assuntos.

O Caesar olha por cima de uma revista.

— Ela vai connosco? Não tinha pensado nisso. Talvez a distraia, sentir-se como uma espécie de aprendiz.

— Sabes, é provável que vá.

O Paulie volta-se. Está a fazer fajitas esta noite, de carne de vaca.

— Está tudo bem, Capitão? - Sim, Paulie, obrigado por perguntares.

— Se alguém a estiver a incomodar - diz o Red -, terá de passar por todos nós agora.

Os outros acenam com a cabeça. Interrogo-me sobre o que iriam eles pensar se eu lhes dissesse que as pessoas que estão a incomodar a Anna somos a Sara e eu.

Deixo os rapazes a acabarem de preparar o jantar e regresso ao meu quarto, onde a Anna está sentada na segunda cama do conjunto com os pés enroscados debaixo dela.

— Então? - digo eu, mas ela não responde. Demoro uns momentos para perceber que tem auscultadores, a detonar sabe Deus o quê nos seus ouvidos.

Ela vê-me e desliga a música, puxando os auscultadores para o pescoço, como um estrangulador.

— Olá.

Sento-me na beira da cama e olho para ela.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 175

— Então, queres, hum, fazer alguma coisa? - O quê? Encolho os ombros.

— Não sei. Jogar às cartas? - Queres dizer, ao póquer? - Ao póquer, ao burro.

Qualquer coisa. Ela olha para mim atentamente.

— Ao burro? - Queres fazer tranças no cabelo? - Pai. estás a sentir-te bem? -

pergunta a Anna.

Sinto-me mais à vontade a entrar num edifício que está a desmoronar-se à minha volta do que a tentar pô-la à vontade.

— Eu só. . Eu quero que saibas que podes fazer o que quiseres aqui.

— Posso deixar uma caixa de tampões na casa de banho? Imediatamente, o meu rosto fica vermelho, e como se fosse contagioso, o da Anna também. Há apenas uma bombeira, em tempo parcial, e a casa de banho das mulheres situa-se no piso inferior do quartel. Mas mesmo assim.

O cabelo da Anna balança sobre o seu rosto.

— Eu não queria.. posso guardá-los...

— Podes pô-los na casa de banho - anuncio. E depois acrescento autoritariamente: - Se alguém se queixar, dizemos que são meus.

— Tenho a certeza de que vão acreditar em ti, pai. Ponho um braço à volta dela.

— Posso não fazer isto bem à primeira. Nunca partilhei o quarto com uma rapariga de treze anos.

— Eu também não costumo passar a noite com homens de quarenta e dois anos.

— Ainda bem, porque teria de os matar.

O seu sorriso é um carimbo no meu pescoço. Talvez isto não seja assim tão difícil quanto pensei. Talvez eu consiga convencer-me de que esta medida manterá a minha família unida no final, embora o primeiro passo seja separá-la.

— Pai? - Humm? - É só para saberes: ninguém joga ao burro depois de deixar as fraldas.

Ela abraça-me com muita força, como costumava quando era pequena. Lembro-me, naquele instante, da última vez que peguei na

Anna ao colo. Estávamos a passear num campo, os cinco - e os juncos e os malmequeres eram mais altos do que ela. Eu ergui-a nos meus braços, e juntos abrimos caminho por entre o mar de ervas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 176

Mas pela primeira vez reparámos os dois a que altura chegavam as suas pernas a balançar, ela era demasiado grande para se sentar na minha anca, e passado pouco tempo debatia-se para ir para o chão e andar sozinha.

Os peixinhos vermelhos só crescem o suficiente para o aquário onde os colocamos. Os Bonsai contorcem-se em miniatura. Eu daria tudo para que ela permanecesse pequena. Eles ultrapassam-nos muito mais rapidamente do que nós a eles.

Parece extraordinário que enquanto uma das nossas filhas nos está a conduzir a uma crise legal, a outra esteja a agonizar numa crise médica - mas por outro lado, já sabíamos há bastante tempo que a Kate está na fase final de uma insuficiência renal. Desta vez, é a Anna que nos deixa estupefactos. E mesmo assim - como sempre - resolvemos o assunto; conseguimos lidar com as duas. A capacidade humana para carregar fardos é como um bambu - muito mais flexível do que alguma vez pensaríamos à primeira vista.

Enquanto a Anna estava a arrumar as suas coisas naquela tarde, fui ao hospital. A Kate estava a fazer a diálise quando eu entrei no quarto. Estava a dormir com os auscultadores do CD postos; a Sara levantou-se da cadeira com um dedo sobre os lábios, num aviso, e conduziu-me ao corredor.

— Como está a Kate? - perguntei.

— Mais ou menos na mesma - respondeu ela. - Como está a Anna? Trocámos informações sobre o estado das nossas filhas como se fossem cromos de basebol que mostrássemos brevemente para trocar, mas dos quais ainda não queríamos desfazer-nos.

Olhei para a Sara, interrogando-me sobre como devia contar-lhe o que fizera.

— Para onde fugiste quando eu estava a defender-me do juiz? perguntou ela.

Bem. Se pararmos para pensar na temperatura que o fogo atinge, nunca chegaremos ao seu âmago.

— Levei a Anna para o quartel.

— Passa-se alguma coisa no trabalho? Respirei fundo e saltei para o abismo em que o meu casamento se tinha tornado.

— Não. A Anna vai ficar ali comigo durante alguns dias. Acho que ela talvez precise de passar algum tempo sozinha.

A Sara ficou a olhar para mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 177

— Mas a Anna não vai estar sozinha. Vai estar contigo.

O corredor parecia demasiado iluminado e demasiado largo de repente.

— E isso é mau? - Sim - disse ela. - Achas que ceder à petulância da Anna vai ajudá-la a longo prazo? - Eu não estou a ceder à sua petulância; estou a dar-lhe espaço para chegar às conclusões certas por si própria. Não tens sido tu que tens estado sentada lá fora com ela enquanto tu estás nos aposentos do juiz. Estou preocupado com ela.

— Bem, é nisso que somos diferentes - retorquiu a Sara. - Eu estou preocupada com ambas as nossas filhas.

Olhei para ela, e por uma fracção de segundo vi a mulher que ela costumava ser -

que sabia encontrar um sorriso, em vez de andar à procura dele; que confundia sempre as piadas e mesmo assim conseguia fazer rir; que me punha a cabeça a andar à roda sem esforço. Ponho as mãos nas suas faces. Oh, aqui estás tu, pensei, e inclinei-me para a beijar na testa.

— Sabes onde nos podes encontrar - disse eu, e fui-me embora.

Pouco depois da meia-noite recebemos um apelo de uma ambulância. A Anna pestaneja na sua cama quando as campainhas soam e a luz inunda automaticamente o quarto.

— Tu podes ficar - digo-lhe, mas ela já se levantou e está a calçar os sapatos.

Dei-lhe equipamento velho da nossa bombeira em tempo parcial: um par de botas, um chapéu rígido. Ela enfia-se dentro do casaco e

trepas para a parte de trás da ambulância, prendendo-se ao assento virado para trás por detrás do Red, que vai a conduzir.

Passamos pelas ruas de Upper Darby com um ruído estridente em direcção ao Lar Sunshine Gates, uma sala de espera para os encontros com São Pedro. O Red tira a maça da ambulância enquanto eu carrego o saco de primeiros socorros. Uma enfermeira vem ter connosco à entrada.

— Ela caiu e perdeu os sentidos durante algum tempo. E apresenta um estado mental alterado.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 178

Somos conduzidos para um dos quartos. Lá dentro, uma mulher idosa está estendida no chão, pequena e franzina como um pássaro, com sangue a escorrer do alto da cabeça. Pelo cheiro, ela deve ter perdido o controlo intestinal.

— Olá, querida - digo eu, inclinando-me imediatamente. Agarro-lhe na mão, a pele é fina como crepe. - Consegue apertar-me os dedos? - E depois para a enfermeira: -

Como é que ela se chama? - Eddie Briggs. Tem oitenta e sete anos.

— Eddie, nós vamos ajudá-la - digo eu, continuando a examiná-la. - Ela tem um alto na região occipital. Vou precisar do suporte rígido.

Enquanto o Red corre para a ambulância para o ir buscar, eu meço a tensão da Eddie e a sua pulsação - irregular.

— Sente alguma dor no peito? - A mulher geme, mas abana a cabeça e depois retrai-se. - Tenho de lhe colocar um colar cervical, querida, está bem? Parece que bateu com a cabeça com bastante força. - O Red regressa, transportando o suporte rígido.

Levantando a cabeça, olho de novo para a enfermeira. - Sabe se a perda de consciência foi causada pela queda, ou se causou a queda? Ela abana a cabeça.

— Ninguém estava lá para ver.

— Claro - resmungo entre dentes. - Preciso de um cobertor.

A mão que me dá é pequena e trêmula. Até esse momento, tinha-me esquecido completamente de que a Arma tinha vindo connosco.

— Obrigado, querida - digo eu, demorando-me um pouco mais para lhe sorrir. -

Queres ajudar-me aqui? Podes agarrar nos pés da Sr. a Briggs? Ela acena com a cabeça, pálida, e agacha-se. O Red alinha o suporte rígido.

— Vamos virá-la, Eddie. . quando eu disser três. . - Contamos, viramo-la, prendemo-la com as correias. O movimento faz com que o ferimento no couro cabeludo sangre.

Colocamo-la na ambulância. O Red segue disparado para o hospital enquanto eu me movimento no espaço apertado da cabina, ligando a garrafa de oxigênio, prestando assistência.

— Anna, dá-me aquele estojo básico para aplicação intravenosa? - Começo a cortar as roupas da Eddie para as retirar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 179

— Ainda nos está a ouvir, Sr. a Briggs? Vem aí uma picadinha de agulha - digo eu.

Ponho o seu braço a jeito e tento encontrar uma veia, mas elas são como traços de lápis muito esmorecidos, sombreados em cópias fotográficas. Gotas de suor surgem na minha testa. - Não consigo com uma vinte. Anna, consegues encontrar uma vinte e dois? Não ajuda que a paciente esteja a gemer, a chorar. Que a ambulância balance para trás e para a frente, a dar curvas, a travar, enquanto tento inserir a agulha mais pequena.

— Bolas - digo eu, atirando o segundo tubo para o chão. Faço um electrocardiograma rápido e depois agarro no rádio e contacto o hospital para lhes dizer que estamos a chegar.

— Paciente de oitenta e sete anos, deu uma queda. Está consciente e responde às perguntas, TA 136, 83, pulsação 130, irregular. Tentei obter acesso intravenoso para vocês, mas não tive muita sorte. Ela tem um alto na nuca, mas agora está bastante bem controlado. Coloquei-a a oxigênio. Alguma pergunta? Com a luz dos faróis de um camião que se aproxima, vejo o rosto da Anna. O camião vira, a luz desaparece, e apercebo-me de que a minha filha está a segurar na mão desta estranha.

À entrada das Urgências do hospital, tiramos a maça da cabina e empurramo-la através das portas automáticas. Uma equipa de

médicos e enfermeiros já se encontra à espera.

— Ela ainda fala connosco - digo eu. Um enfermeiro bate nos seus pulsos finos.

— Credo.

— Pois, foi por isso que eu não consegui introduzir o soro.

Foram precisas braçadeiras pediátricas para lhe medir a tensão.

De repente lembro-me da Anna, que está de pé, com os olhos muito abertos à porta.

— Papá? Aquela senhora vai morrer? - Acho que deve ter tido um AVC.. mas vai sobreviver. Olha, porque é que não vais esperar para ali, numa cadeira? Saio dentro de cinco minutos, no máximo.

— Pai? - diz ela, e eu paro à soleira da porta. - Não era fixe que fossem todos assim? Ela não vê as coisas como eu vejo - que a Eddie Briggs é o pesadelo de qualquer paramédico, que as suas veias não se vêem, que o seu estado não é estável e que esta não *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 180

foi de maneira nenhuma uma boa missão. O que a Anna quer dizer é que o que quer que seja que a Eddie Briggs tenha pode ser tratado.

Entro e continuo a dar informações ao pessoal das Urgências à medida que vai sendo necessário. Cerca de dez minutos depois, acabo de preencher o meu relatório e procuro a minha filha na sala de espera, mas ela desapareceu. Encontro o Red a colocar uns lençóis lavados na maca, a prender uma almofada com a sua correia.

— Onde está a Anna? - Pensei que estivesse contigo.

Olhando para o fundo de um corredor, vejo apenas médicos cansados, paramédicos, pequenos grupos dispersos de pessoas desorientadas a beber café e a esperar que tudo corra bem.

— Já volto.

Comparado ao frenesim das Urgências, o oitavo andar está bastante sossegado.

Todas as enfermeiras me cumprimentam pelo nome enquanto me dirijo para o quarto da Kate e abro suavemente a porta.

A Anna é demasiado grande para o colo da Sara, mas é aí que está sentada. Ela e a Kate estão as duas a dormir. Por cima da

cabeça da Anna, a Sara observa-me enquanto me aproximo.

Ajoelho-me em frente da minha mulher e afasto o cabelo da Anna das suas têmporas.

— Querida - sussurro -, são horas de voltar para casa.

A Anna senta-se devagar. Deixa-me agarrar-lhe na mão e levanta-la, a palma da mão da Sara percorre-lhe a coluna para cima e para baixo.

— Não é para casa - diz a Anna, mas segue-me para fora do quarto na mesma.

Depois da meia-noite, inclino-me para a Anna e sussurro-lhe ao ouvido.

— Anda ver isto - alicio-a.

Ela senta-se, agarra numa camisola, enfia os pés nos tênis. Juntos, subimos ao telhado do quartel.

A noite está a cair à nossa volta. Chovem meteoros como fogo de artifício, rasgões rápidos na costura da escuridão.

— Oh! - Exclama a Anna, e deita-se para ver melhor.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 181

— São as Perseides - digo-lhe. - Uma chuva de meteoros.

— É incrível.

As estrelas cadentes não são estrelas. São apenas rochas que entram na atmosfera e se incendiam devido à fricção. Quando vimos uma, pedimos um desejo apenas a um rasto de detritos.

No quacitante superior esquerdo do céu um foco luminoso explode numa cascata de centelhas.

— É sempre assim todas as noites, enquanto estamos a dormir? - pergunta a Anna.

É uma pergunta notável. Será que todas as coisas maravilhosas acontecem quando não nos apercebemos delas? Abano a cabeça. Tecnicamente, a órbita da Terra cruza-se com a cauda saibrosa deste cometa uma vez por ano. Mas um espectáculo tão dinâmico como este pode acontecer uma vez na vida.

— Não seria fixe se uma estrela caísse no nosso quintal? Se a encontrássemos quando o Sol nascesse, e a puséssemos dentro de um aquário, e a usássemos como luz de presença ou lanterna de

campismo? - Quase consigo vê-la a fazer isso, a passar o relvado a pente fino à procura de um vestígio de relva queimada.

— Achas que a Kate consegue ver isto da sua janela? - Não tenho a certeza. -

Ergo-me sobre um cotovelo e olho para ela atentamente.

Mas a Anna mantém os olhos fixos no céu.

— Sei que queres perguntar-me porque é que estou a fazer tudo isto.

— Não tens de dizer nada se não quiseres.

A Anna deita-se, com a cabeça em cima do meu ombro. A cada segundo, uma risca de prata brilha: parênteses, pontos de exclamação, aspas - uma gramática inteira feita de luz, para palavras demasiado difíceis para serem ditas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 182

SEXTA-FEIRA

Duvidai que as estrelas são fogo;

Duvidai que o Sol se move;

Duvidai da verdade para mentir;

Mas nunca duvideis que eu amo.

— WILLIAM SHAKESPEARE, Hamlet

Campbell

Logo que entro no hospital com o Juiz ao meu lado, sei que estou metido em sarilhos. Uma agente de segurança - pensem no Hitler vestido de mulher com uma permanente muito mal feita cruza os braços e impede-me a entrada nos elevadores.

— Não são permitidos cães - diz ela em tom de comando.

— Este é um cão de serviço.

— Você não é cego.

— Tenho um ritmo cardíaco irregular e ele foi treinado para fazer reanimação cardio-respiratória.

Dirijo-me ao consultório do Dr. Peter Bergen, um psiquiatra que por acaso é o presidente do Conselho de Ética Médica do Hospital de Providence. Estou aqui por exclusão de hipóteses: não consigo encontrar a minha cliente, que pode ou não avançar com este processo legal. Sinceramente, depois da audiência de ontem fiquei chateado -

queria que ela viesse ter comigo. Quando não o fez, cheguei a sentar-me à sua porta a noite passada durante uma hora, mas ninguém apareceu em casa; esta manhã, presumindo que a Anna estava com a irmã, dirigi-me ao hospital - para me dizerem que não podia ver a Kate. Também não consigo encontrar a Juliá, embora estivesse convencido de que a encontraria ontem ainda à espera do outro lado da porta quando o Juiz e eu nos fomos embora após o incidente no tribunal. Pedi à irmã o número do telemóvel, pelo menos, mas algo me diz que o número que me deu está fora de serviço.

Portanto, visto que não tenho nada melhor para fazer, vou trabalhar no meu caso na esperança vã de ele ainda existir.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 183

A secretária de Bergen parece ser o tipo de mulher cujo número de soutien é maior do que o seu QI.

— Ooh, um cachorrinho! - guincha ela. Aproxima-se para fazer festas no Juiz.

— Por favor. Não faça isso. - Estou prestes a dar uma das minhas respostas prontas, mas por que hei-de desperdiçá-la com ela? Então dirijo-me à porta lá atrás.

Aí encontro um homem baixo e atarracado com um lenço com a bandeira dos Estados Unidos a cobrir-lhe os caracóis grisalhos, usando um equipamento de ioga e fazendo Tai Chi.

— Estou ocupado - resmunga Bergen.

— Algo que temos em comum, Doutor. Sou Campbell Alexander, o advogado que pediu os ficheiros da filha dos Fitzgerald.

Com os braços esticados para a frente, o psiquiatra expira.

— Já os enviei.

— Enviou os ficheiros da Kate. Eu preciso dos da Anna Fitzgerald.

— Sabe - responde ele -, esta não é uma altura muito boa para eu. .

— Não quero interromper o seu exercício. - Sento-me, e o Juiz deita-se aos meus pés. - Como estava a dizer: Anna Fitzgerald. Tem algumas notas do Comitê de Ética sobre ela? - O Comitê de Ética nunca foi convocado por causa da Anna Fitzgerald. A irmã é que é a doente.

Observo-o a arquear as costas, e depois a curvar-se para a frente.

— Faz alguma idéia de quantas vezes a Anna foi doente ambulatória e esteve internada neste hospital? - Não - diz Bergen.

— Conto oito vezes.

— Mas esses procedimentos não seriam necessariamente apresentados ao Comitê de Ética. Quando os médicos concordam com o que os pacientes desejam, ou vice-versa, não existe conflito. Não há razão para que isso chegue sequer aos nossos ouvidos. - O Dr.

Bergen baixa o pé que ergueu no ar e vai buscar uma toalha para se limpar debaixo dos braços. - Todos nós temos trabalhos a tempo inteiro, Dr. Alexander. Psiquiatras, enfermeiros, médicos, cientistas e capelões. Não andamos à procura de problemas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 184

A Julia e eu estávamos encostados ao meu cacifo, a ter um debate sobre a Virgem Maria. tinha andado a mexer na sua medalha milagrosa - bem, na realidade, estava interessado era na sua clavícula, e a medalha tinha-se metido no caminho.

— E se-disse eu -, ela fosse apenas uma rapariga que se tinha metido em sarilhos, e inventou uma maneira engenhosa de sair deles? A Julia quase se engasgou.

— Acho que até poderias ser expulso da Igreja Episcopal por causa disso, Campbell.

— Pensa bem. Tens treze anos, ou qualquer que fosse a idade que tivessem naquela altura quando andavam um com o outro, e andaste a rebolar nofeno com José e, antes que desses por isso, o teu teste de gravidez saiu positivo. Ou enfrentas a ira do teu pai, ou inventas uma boa história. Quem é que vai contradizer-te se disseres que foi Deus que te engravidou? Não achas que o pai de Maria estava a pensar. "Eu podia castigá-la...

mas e se isso der origem a uma praga? " Nessa altura abri o meu cacifo e lá de dentro saíram uma centena de preservativos. Um grupo de rapazes da equipa de vela saiu do seu esconderijo, rindo como hienas.

— Achámos que te dava jeito um novo abastecimento-disse um deles.

Bem, o que haveria eu de fazer? Sorri.

Antes que desse por isso, a Julia já tinha fugido. Para uma rapariga, ela corria mesmo rápido. Só a apanhei quando o colégio era uma mancha distante atrás de nós.

— Jóia - disse eu, embora não soubesse o que deveria dizer a seguir. Não era a primeira vez que eu fazia uma rapariga chorar, mas era a primeira vez que isso me magoava.

— Devia ter-lhes batido a todos? Era isso que querias? Ela interpelou-me. - O que é que lhes dizes sobre nós quando estás no balneário? - Não lhes digo nada.

— O que dizes aos teus pais sobre nós? - Nada - admiti.

— Vai-te lixar-disse ela, e começou de novo a correr.

As portas do elevador abrem-se no terceiro andar, e lá está a Julia Romano.

Ficamos a olhar um para o outro, e depois o Juiz levanta-se e começa a abanar a cauda.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 185

— Vais descer? Ela entra e carrega no botão para a recepção, que já está iluminado. Mas isso faz com que ela se incline sobre mim, de tal forma que consigo cheirar o seu cabelo - baunilha e canela.

— O que estás aqui a fazer? - pergunta ela.

— A ficar imensamente desiludido com o estado dos Serviços de Saúde na América. E tu? - vou ter uma reunião com o oncologista da Kate, o Dr. Chance.

— Presumo que ainda temos processo legal? A Julia abana a cabeça.

— Não sei. Ninguém naquela família atende os meus telefonemas, excepto o Jesse, e trata-se de um caso estritamente hormonal.

— Foste ao. .

— Quarto da Kate? Sim. Eles não queriam deixar-me entrar. Alguma coisa relacionada com a diálise.

— A mim disseram-me a mesma coisa - digo-lhe eu.

— Bem, se falares com ela...

— Olha - interrompo. - Presumo que ainda temos uma audiência marcada para daqui a três dias até a Anna me dizer o contrário. Se for esse o caso, tu e eu precisamos mesmo de nos juntar para perceber que raio se passa na vida desta miúda. Queres tomar um café? - Não - diz a Julia, e começa a afastar-se.

— Pára. - Quando lhe agarro o braço, ela fica paralisada. - Sei que isto te deixa pouco à vontade. A mim também. Mas lá porque tu e eu não conseguimos crescer isso não significa que a Anna não deva ter essa hipótese. - Este discurso é acompanhado por um ar acabrunhado.

Julia cruza os braços.

— Queres anotar essa, para a poderes usar outra vez? Desato a rir.

— Credo, és implacável...

— Oh, vai-te lixar, Campbell. És tão fluente que provavelmente untas os lábios com óleo todas as manhãs.

Isso invoca todos os tipos de imagens na minha mente, mas elas envolvem partes do corpo dela.

— Tens razão - diz ela então.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 186

— Ora, isso é que eu quero anotar. . - Quando ela começa a afastar-se desta vez, o Juiz e eu vamos atrás dela.

Ela sai do hospital, desce a rua lateral, uma viela, e passa por baixo de um edifício antes de caminhar de novo à luz do Sol na Avenida Mineral Spring, em North Providence.

Nessa altura, sinto-me aliviado por a minha mão esquerda estar bem enrolada na trela de um cão com uma quantidade excessiva de dentes.

— O Chance disse-me que já não há nada a fazer pela Kate diz-me a Julia.

— Queres dizer para além do transplante de rim.

— Não. Essa é a coisa mais incrível. - Ela pára de andar, coloca-se à minha frente. -

O Dr. Chance acha que a Kate não é suficientemente forte.

— E a Sara Fitzgerald está a promover isso - digo eu.

— Se pensares nisso, Campbell, não podes censurar a sua lógica. Se a Kate vai certamente morrer sem o transplante, por que razão não se haveria de arriscar a fazê-lo?

Passamos delicadamente à volta de um homem sem abrigo e da sua colecção de garrafas.

— Porque o transplante exige que a outra filha seja submetida a uma grande cirurgia - faço notar. - E colocar a saúde da Anna em risco devido a uma intervenção desnecessária para ela parece-me ser um pouco inconsciente.

De repente a Julia detém-se em frente a uma pequena cabana com um letreiro pintado à mão, Luigi Ravioli. Parece-me o tipo de local que mantêm pouco iluminado, para não repararmos nas ratazanas.

— Não há nenhum Starbucks aqui perto? - pergunto, no momento exacto em que um homem enorme e careca de avental

branco abre a porta e quase derruba a Julia.

— Isobella! - grita ele, beijando-a em ambas as faces.

— Não, tio Luigi, sou a Julia.

— Julia? - Ele afasta-se e franze o sobrolho. - Tens a certeza?

Devias cortar o cabelo ou algo do gênero, por amor de Deus.

— Costumava chatear-me por causa do meu cabelo quando era curto.

— Nós chateávamos-te por causa do teu cabelo por ele ser cor-de-rosa. - Ele olha para mim. - Têm fome? - Gostaríamos de tomar um café numa mesa discreta. Ele sorri.

— Uma mesa discreta? Julia suspira.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 187

— Não é esse gênero de mesa discreta.

— Está bem, está bem, é tudo um grande segredo. Entrem, vou instalá-los na sala de trás. - Olha para o Juiz. - O cão fica aqui.

— O cão entra - respondo eu.

— No meu restaurante não - insiste Luigi.

— Ele é um cão de serviço, não pode ficar cá fora.

Luigi aproxima-se, fica a alguns centímetros do meu rosto.

— Você é cego? - Sou daltónico. Ele diz-me quando os semáforos mudam de cor.

A boca do tio da Julia descai nos cantos.

— Hoje em dia são todos Chicos espertos - diz ele, e depois indica-nos o caminho.

Durante semanas, a minha mãe tentou adivinhara identidade da minha namorada.

— É a Bitsy, não é? Aquela que encontrámos na Vineyard? Ou não, espera, não é a filha da Sheila, a ruiva, ou é? Eu disse-lhe vezes sem conta que não era ninguém que ela conhecesse, quando o que eu de facto queria dizer era que a Julia não era alguém a quem ela desse valor.

— Eu sei o que é melhor para a Anna - diz-me a Julia -, mas não tenho a certeza de que ela seja suficientemente adulta para tomar as suas próprias decisões.

Tiro outro pedaço de antipasto.

— Se achas que ela está certa ao apresentar a petição, então qual é o conflito? -

Compromisso - diz Julia secamente. - Queres que te defina? - Sabes, não é bem-educado mostrar as garras à mesa de jantar.

— Neste momento, cada vez que a mãe da Anna a confronta, ela recua. Cada vez que acontece alguma coisa à Kate, ela recua. E apesar do que ela acha que é capaz de fazer, nunca tomou nenhuma decisão desta magnitude - tendo em conta as conseqüências que acarreta para a irmã.

— E se eu te dissesse que quando se realizar a nossa audiência, ela estará apta a tomar essa decisão? Julia olha para cima.

— Por que tens tanta confiança nisso? - Eu tenho sempre muita confiança em mim próprio.

Ela tira uma azeitona da travessa que está entre nós.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 188

— Pois - diz ela em voz baixa. - Eu lembro-me disso.

Embora a Julia devesse ter tido as suas suspeitas, eu não lhe falei dos meus pais, da minha casa. Quando nos dirigíamos para Newport no meu Jeep, virei para a entrada de uma enorme mansão de tijolo.

— Campbell-disse a Julia. - Estás a brincar.

Eu dei a volta na entrada e saí pelo outro lado. - Pois estou.

Dessa forma, quando virei para a segunda casa depois daquela, a grande mansão georgiana com as suas fileiras defaías e o declive até à Baía, não parecia tão imponente.

Pelo menos, era mais pequena do que a primeira.

A Julia abanou a cabeça.

— Os teus pais vão olhar para mim e vão separar-nos com um pé de cabra.

— Vão adorar-te - disse eu. A primeira vez que menti à Julia, mas não a última.

A Julia desaparece debaixo da mesa com um prato cheio de massa.

— Ora aí tens, Juiz - diz ela. - Então para que é o cão? - Ele traduz para os meus clientes que falam espanhol.

— A sério? - A sério. - Sorrio-lhe.

Ela inclina-se para a frente, semicerrando os olhos.

— Sabes, eu tenho seis irmãos. Eu sei como vocês, os homens, pensam.

— Diz-me.

— E vou revelar os meus segredos? Não me parece. - Abana a cabeça. - Talvez a Anna te tenha contratado por seres tão evasivo como ela.

— Ela contratou-me porque viu o meu nome num jornal - digo-Lhe eu. - Apenas isso.

— Mas por que haverias tu de aceitá-la? Este não é o teu tipo de caso habitual.

— Como sabes qual é o meu tipo de caso habitual? Disse-o em tom descontraído, para ser uma piada, mas a Julia emudece, e aí está a minha resposta: todos estes anos, ela tem seguido a minha carreira.

Mais ou menos como eu tenho seguido a dela.

Pigarreio, pouco à vontade, e aponto para o seu rosto.

— Tens molho. . aqui.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 189

Ela pega no guardanapo e limpa o canto da boca, mas falha totalmente.

— Já saiu? - pergunta ela.

Inclinando-me para a frente com o meu próprio guardanapo. limpo a pequena mancha - mas depois não me afasto. A minha mão está pousada na sua face. Os nossos olhos ficam presos, e nesse instante, somos de novo jovens a aprender as formas um do outro.

— Campbell - diz a Julia -, não me faças isso.

— Fazer o quê? - Atirar-me do mesmo penhasco duas vezes.

Quando o telemóvel no bolso do meu casaco toca, damos ambos um salto. A Julia entorna inadvertidamente o seu copo de Chianti enquanto atendo.

— Não, acalme-se. Acalme-se. Onde está? Está bem, vou a caminho.

— A Julia pára de limpar a mesa quando desligo. - Tenho de ir.

— Está tudo bem? - Era a Anna - digo eu. - Está na Esquadra da Polícia de Upper Darby.

De regresso a Providence, tentei arranjar pelo menos uma morte horrível por quilômetro para os meus pais. À mocada, tirando os escalpes. Esfolá-los vivos e salpicá-los com sal. Conservá-los emfin, embora não saiba se isso seria considerado tortura ou simplesmente Nirvana.

Era possível que me tivessem visto a esgueirar-me para fora do quarto de hóspedes, conduzindo ajulia pelas escadas dos empregados até a porta das traseiras. Era possível que tivessem distinguido as nossas silhuetas enquanto despíamos as nossas roupas e caminhávamos dentro de água na baía. Talvez tivessem visto as pernas dela enroladas à minha volta e me tivessem visto deitá-la numa cama feita de camisolas e flanela.

A desculpa deles na manhã seguinte, acompanhada de ovos Benedict, foi um convite para uma festa no Clube, nessa noite smoking, só família. Um convite que, claro, não incluía ajulia.

Estava tanto calor na altura em que chegámos à casa dela que algum rapaz com mais iniciativa tinha aberto a boca de incêndio, e os miúdos saltavam como pipocas debaixo do repuxo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 190

— Julia, nunca te devia ter arrastado lá para casa, para conheceres os meus pais.

— Há muitas coisas que não devias fazer - admitiu ela. - E a maioria delas inclui-me.

— Telefone-te antes da formatura - disse eu, enquanto ela me beijava e saía do jeep.

Mas eu não telefonei. E não me encontrei com ela na formatura. E ela pensa que sabe porquê, mas não sabe.

A coisa mais curiosa sobre Rhode Island é que não possui absolutamente nenhum feng shui. com isto quero dizer que há um Little Crompton, mas não há um Big Crompton.

Há um Upper Darby mas não há um Lower Darby. Há uma série de locais definidos em relação a outra coisa que não existe verdadeiramente.

A Julia vem atrás de mim, no seu próprio carro. O Juiz e eu devemos ter batido um recorde de velocidade terrestre, porque parece que se passaram menos de cinco minutos desde o

telefonema até ao momento em que entrámos na esquadra, encontrando a Anna histérica ao lado do sargento de serviço. Ela corre ao meu encontro, frenética.

— Tem de me ajudar - grita ela. - O Jesse foi preso.

— O quê? - Fico a olhar para a Anna, que me afastou de uma refeição muito boa, já para não referir a conversa que eu preferia ter tido depois de a acabar. - Por que é que isso haveria de ser um problema meu? - Porque eu preciso que o tirem de lá - explica a Anna devagar, como se eu fosse débil mental. - Você é advogado.

— Não sou advogado dele.

— E não pode ser? - Porque não chama a vossa mãe - sugiro. - Soube que ela está a aceitar novos clientes.

A Julia bate-me no braço.

— Cala-te. - Depois volta-se para a Anna. - O que aconteceu? - O Jesse roubou um carro e foi apanhado.

— Dá-me mais pormenores - digo eu, já arrependido.

— Foi um Humvee, acho eu. Um grande, amarelo.

Só há um Humvee grande e amarelo em todo o estado, e pertence ao juiz Newbell. Sinto uma dor de cabeça surgir-me entre os olhos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 191

— O seu irmão roubou o carro de um juiz e você quer que eu o tire da prisão? A Anna olha para mim e pestaneja.

— Bem, sim. Meu Deus.

— Deixe-me ir falar com o agente.

Deixando a Anna ao cuidado da Julia, dirijo-me ao sargento de serviço, que - juro -

já está a rir de mim.

— Represento Jesse Fitzgerald - suspiro.

— Lamento sabê-lo.

— Foi o juiz Newbell, não foi? O agente sorri.

— Foi. Respiro fundo.

— O rapaz não tem cadastro.

— Isso é porque acabou de fazer dezoito anos. Tem um registo de delinquência juvenil com um quilómetro de comprimento.

— Olhe - digo eu -, a família dele está a passar um mau bocado. Uma das irmãs está a morrer; a outra está a processar os pais. Não me faz um favor aqui? O agente olha para a Anna.

— vou falar com o Procurador-Geral, mas é bom que apresente o miúdo como culpado, porque tenho a certeza de que o juiz Newbell não quer vir testemunhar.

Após mais um pouco de negociações eu regresso para junto da Anna, que se levanta de um salto logo que me vê.

— Já resolveu o assunto? - Sim. Mas nunca mais volto a fazer isto, e ainda não acabei de falar consigo.

— Dirijo-me às traseiras da esquadra, onde se encontram as celas de detenção.

O Jesse Fitzgerald está deitado de costas em cima de um beliche de metal, com um braço por cima dos olhos. Por um momento permaneço fora da cela.

— Sabe, você é o melhor argumento que já vi a favor da selecção natural.

Ele senta-se.

— Quem diabo é você? - A sua fada madrinha. Seu idiota, você tem noção de que roubou o Humvee de um juiz? - Bem, como é que eu haveria de saber de quem era o carro? - Talvez devido à matrícula que atesta a vaidade judicial, que diz ALLRISE? - digo eu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 192

- Eu sou advogado. A sua irmã pediu-me para o representar. Contra o meu bom senso, aceitei.

— A sério? Então pode tirar-me daqui? - Vão deixá-lo sair sob caução em liberdade condicional. Precisa de lhes entregar a sua carta de condução e aceitar viver em casa, o que você já faz, portanto isso não deve ser um problema.

O Jesse pondera sobre isto.

— Tem de lhes entregar o meu carro? - Não.

Quase se pode ver o mecanismo a funcionar. Um miúdo como o Jesse não podia estar menos preocupado com um pedaço de papel que o autoriza a conduzir, desde que tenha carro.

— Então está tudo fixe - diz ele.

Dirijo-me a um agente que está lá à espera e que destranca a cela para o Jesse poder sair. Caminhamos lado a lado até à sala de espera. Ele é tão alto como eu, mas inacabado. O seu rosto ilumina-se quando dobramos a esquina, e por um momento penso que ele se poderá redimir, que talvez goste suficientemente da Anna para ser seu aliado.

Mas ele ignora a irmã, e em vez disso aproxima-se da Julia.

— Olá - diz ele. - Estava preocupada comigo? Nesse momento, desejo voltar a trancá-lo na cela. Depois de o matar.

— Vai-te embora - suspira a Julia. - Vamos lá, Anna. Vamos comer qualquer coisa.

O Jesse olha para cima.

— Excelente. Estou esfomeado.

— Tu não - digo eu. - Vamos para o tribunal.

No dia da minha formatura no Wheeler, chegaram os gafanhotos. Surgiram como uma densa tempestade de Verão, emaranhando-se nos ramos das árvores e caindo ruidosamente no chão. Os meteorologistas tiveram muito trabalho para tentar explicar o fenómeno. Mencionaram pragas bíblicas, o El Nino e a seca prolongada. Recomendaram o uso de guarda-chuvas, de chapéus de abas largas e que as pessoas permanecessem no interior das casas.

A cerimônia de formatura, porém, realizava-se ao ar livre, debaixo de uma grande tenda de lona. Enquanto o apresentador falava, o seu discurso ia sendo pontuado pelo *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 193

salto suicida dos insectos. Os gafanhotos reboavam pelo telhado inclinado, caindo no colo dos espectadores.

Eu não queria ter ido, mas os meus pais obrigaram-me. A Julia encontrou-me quando eu estava a pôr o chapéu. Colocou os braços à volta da minha cintura. Tentou beijar-me.

— Então - disse ela - de que lado da Terra caíste tu? Lembro-me de pensar que com as nossas vestes brancas, parecíamos fantasmas. Afastei-a de mim.

— Não faças isso, está bem? Não faças.

Em todas as fotografias da formatura que os meus pais tiraram, eu estou a sorrir como se este novo mundo fosse um local onde eu de facto desejasse viver, enquanto por todo o lado à minha volta os insectos caíam, grandes como punhos.

O que é ético para um advogado difere do que é ético para o resto do mundo. Na realidade, nós temos um código escrito, Regras da Responsabilidade Profissional, que temos de ler. ser examinados na matéria e seguir para poder continuar a exercer. Mas estes mesmos padrões exigem que façamos coisas que a maioria das pessoas considera imoral. Por exemplo, se alguém entrasse no meu escritório e dissesse: "Eu matei o bebê Lindbergh" eu talvez perguntasse onde estava o corpo. "Debaixo do chão do meu quarto" dir-me-ia, "um metro abaixo das fundações da casa". Se eu quisesse desempenhar correctamente as minhas funções, não poderia dizer a absolutamente ninguém onde se encontrava aquele bebê. Na realidade, poderia ser expulso da Ordem dos Advogados se o fizesse.

Tudo isto significa que estou de facto treinado para pensar que a moral e a ética não andam necessariamente de mãos dadas.

— Bruce - digo eu ao promotor de justiça -, o meu cliente vai renunciar à informação. E se lhe retirar algumas dessas infracções de trânsito menores, juro que ele nunca mais vai estar a menos de quinze metros do juiz ou do seu carro.

Interrogo-me se neste país a população em geral tem conhecimento de que o sistema judicial tem muito mais a ver com o facto de se jogar um bom póquer do que com a justiça.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 194

O Bruce é um tipo de bem. Para além disso, por acaso sei que acabou de ser nomeado para um caso de duplo homicídio; ele não quer perder o seu tempo com a condenação do Jesse Fitzgerald.

— Sabe, estamos a falar do Humvee do juiz Newbell, Campbell - diz ele.

— Sim, tenho consciência disso - respondo solenemente, enquanto penso que qualquer pessoa suficientemente vaidosa para conduzir um Humvee está praticamente a pedir que lho roubem.

— Deixe-me falar com o juiz - suspira Bruce. - vou ser provavelmente estripado por sugerir isso, mas digo-lhe que os polícias não se importam se dermos uma segunda oportunidade a este miúdo.

Vinte minutos depois, todos nós já assinámos os nossos formulários, e o Jesse está de pé ao meu lado em frente ao tribunal. Vinte minutos depois ele está em liberdade condicional, oficialmente, e vamo-nos embora, descendo as escadas do tribunal.

Está um daqueles dias de Verão que nos ficam na memória. Em dias como este, eu estaria a velejar com o meu pai.

O Jesse inclina a cabeça para trás.

— Nós costumávamos apanhar girinos - diz ele sem mais nem menos. - Pô-los dentro de um balde, e depois observar as suas caudas a transformarem-se em pernas.

Nenhum deles, chegou a ficar uma rã, juro. - Ele vira-se para mim e tira um maço de cigarros do bolso. - Quer um? Eu não fumo desde os tempos da faculdade. Mas dou por mim a tirar um cigarro e a acendê-lo. O Juiz observa o desenrolar da vida, de língua de fora. Ao meu lado, o Jesse acende um fósforo.

— Obrigado - diz ele. - Pelo que está a fazer pela Anna. Passa um carro, com o rádio a tocar uma daquelas músicas que as estações nunca passam no Inverno. Uma lufada de fumo azul cintilante sai da boca do Jesse. Interrogo-me se alguma vez terá velejado. Se haverá alguma memória a que se tenha agarrado durante todos estes anos - estar sentado no relvado em frente de casa e sentir a relva a arrefecer depois do pôr do Sol, segurar fogos de artifício no Quatro de Julho até queimar os dedos. Todos nós temos qualquer coisa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 195

Ela deixou o bilhete debaixo do limpa pára-brisas do meujeep dezassete dias depois da formatura. Antes de o abrir, interroguei-me sobre como teria ela vindo para Newport, e como teria regressado.

Levei-o para a baía para o ler sentado das rochas; e depois de ter acabado ergui-o e cheirei-o, para o caso de conservar o aroma dela.

Tecnicamente, eu não tinha autorização para conduzir, mas isso pouco importava.

Encontramo-nos no cemitério, tal como estabelecia o bilhete.

A Julia estava sentada em frente à lápide, com os braços apertados em volta dos joelhos. Olhou para cima quando me viu.

— Queria que fosses diferente. - Julia, o problema não és tu.

— Não? - Ela pôs-se de pé. - Eu não tenho um fundo de investimento, Campbell.

O meu pai não tem um iate. Se estavas a fazer figas, à espera que eu me transformasse em Cinderela um dia destes, estavas muito enganado.

— Eu não me ralo com nada disso.

— Não te ralas o caraças. - Os seus olhos semicerraram-se. - O que é que estavas a pensar, que seria divertido conhecer a classe baixa? Fizeste isto para chatear os teus pais?

E agora podes raspar-me da sola do teu sapato como se eu fosse algo que tivesses pisado acidentalmente? - Ela atacou-me, batendo-me no peito. - Eu não preciso de ti. Nunca precisei de ti.

— Bem, eu precisava mesmo de ti! - respondi-lhe gritando. Quando ela se voltou eu agarrei-lhe nos ombros e beijei-a. Agarrei nas coisas que não tinha coragem de dizer e deitei-as dentro dela.

Há algumas coisas que fazemos porque nos convencemos de que será melhor para todas as pessoas envolvidas. Dizemos a nós próprios que é o que deve ser feito, que é o mais altruísta. É muito mais fácil do que enfrentar a verdade.

Afastei a Julia de mim. Desci a colina do cemitério. Não olhei para trás.

A Anna está sentada ao meu lado no carro, o que não é do agrado do Juiz. Ele espeta o focinho triste para a frente, mesmo no meio de nós, a arfar pesadamente.

— Hoje não foi um bom prenuncio do que está para vir - digo-lhe eu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 196

— De que é que estás a falar? - Se quiser ter direito a tomar decisões importantes, Anna, precisa de começar a tomá-las agora. Não deve estar à espera que as outras pessoas venham resolver os problemas.

Ela lança-me um olhar carrancudo.

— Tudo isto porque eu o chamei para ajudar o meu irmão?
Pensei que fosse meu amigo.

— Já lhe disse uma vez que não sou seu amigo; sou seu advogado. Há uma diferença essencial.

— Está bem. - Ela tenta abrir a porta. - vou voltar à polícia para dizer que prendam de novo o Jesse. - Ela quase consegue abrir a porta, apesar de o carro estar em andamento.

Agarro no puxa dor e fecho a porta com força.

— Enlouqueceu? - Não sei - responde ela. - Perguntava a sua opinião, mas provavelmente não faz parte do seu trabalho.

Com um movimento do volante, encosto o carro à berma.

— Sabe qual é a minha opinião? Nunca ninguém lhe pergunta a sua opinião relativamente a nada importante porque muda de idéias tão rapidamente que é impossível saber em que acreditar.

Considere-me um exemplo. Nem sequer sei se ainda é válida a petição que apresentámos ao juiz para obter emancipação médica.

— Por que não haveria de ser? - Pergunte à sua mãe. Pergunte à Julia. Cada vez que volto costas, alguém me informa de que não quer seguir em frente com isto. - Olho para o encosto do braço, onde a sua mão está apoiada. Verniz roxo cintilante, com as unhas roídas pelo sabugo.

— Se quiser ser tratada como uma pessoa adulta no tribunal, é necessário que se comece a portar como tal. A única maneira de eu poder defender os seus direitos, Anna, é conseguir provar a toda a gente que se pode defender a si própria quando eu me for embora.

Regresso à estrada, e olho de lado para ela, mas a Anna está sentada com as mãos metidas entre as coxas e o rosto virado para a frente em desafio.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 197

— Estamos quase a chegar a sua casa - digo eu secamente.
Depois poderá sair e bater com a porta na minha cara.

— Não vamos para a minha casa. Preciso de ir para o quartel dos bombeiros. O

meu pai e eu estamos a viver lá durante uns tempos.

— Será imaginação minha, ou não terei eu passado um bom par de horas no tribunal de família a debater precisamente este

assunto? E pensei que tinha dito à Julia que não queria separar-se da sua mãe? Era precisamente disto que eu estava a falar, Anna - digo eu, batendo com a mão no volante. - Que raio quer você afinal? Quando ela explode, é notável.

— Quer saber o que eu quero? Estou farta de ser uma cobaia. Estou farta de que ninguém me pergunte o que eu acho de tudo isto. Estou farta, mas nunca estou suficientemente farta para esta família.

— Ela abre a porta do carro com este ainda em movimento, e começa a correr desalmadamente até ao quartel dos bombeiros, a alguns metros de distância.

Bem. Lá no fundo da minha pequena cliente há um potencial para fazer com que as outras pessoas a escutem. Isso significa que na barra das testemunhas ela vai aguentar-se melhor do que eu imaginava.

E no seguimento dessa idéia: talvez a Anna seja capaz de testemunhar, mas o que ela disse fá-la parecer insensível. Até imatura. Ou por outras palavras, é muito improvável que consiga convencer o juiz a deliberar em seu favor.

Brian

O fogo e a esperança estão relacionados, como todos sabem. Da forma como os Gregos contaram a história, Zeus nomeou Prometeu e Epimeteu como responsáveis pela criação da vida na Terra. Epimeteu criou os animais, atribuindo-lhes qualidades como a velocidade e a força, a pelagem e as asas. Na altura em que Prometeu criou o homem, todas as qualidades melhores já tinham sido atribuídas. Ele contentou-se em fazê-lo caminhar erecto, e deu-lhe o fogo.

Zeus, irritado, retirou-lho. Mas Prometeu viu a sua criação, o seu motivo de orgulho e alegria, a tremer e sem poder cozinhar. Acendeu um archote no Sol e entregou-A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 198

o de novo ao homem. Para castigar Prometeu, Zeus mandou acorrentá-lo a uma rocha, onde uma águia se alimentou do seu fígado. Para castigar o homem, Zeus criou a primeira mulher, Pandora, e deu-lhe um presente, uma caixa que estava proibida de abrir.

A curiosidade de Pandora levou a melhor, e um dia ela abriu a caixa. Saíram de lá pragas, miséria e maldade. Ela conseguiu fechar bem a tampa antes que a esperança se escapasse. É a única arma que nos resta para combater.

Perguntem a qualquer bombeiro; ele dir-vos-á que é verdade. Raios. Perguntem a qualquer pai.

— Suba - digo eu a Campbell Alexander, quando ele chega com a Anna. - Há café acabado de fazer. - Ele sobe as escadas atrás de mim, com o seu pastor alemão atrás. Sirvo duas chávenas. - Para que é o cão? - É um íman para atrair raparigas - diz o advogado. -

Tem um pouco de leite? Dou-lhe o pacote que tiro do frigorífico, e depois sento-me com a minha caneca. Aqui em cima está tudo tranquilo; os rapazes estão lá em baixo a lavar as viaturas de combate a incêndios e a fazer a manutenção diária.

— Então. - Alexander bebe um gole do seu café. - A Anna contou-me que saíram os dois de casa.

— Sim. Achei que talvez quisesse fazer-me perguntas sobre isso.

— Sabe que a sua mulher é advogada da outra parte - diz ele cuidadosamente.

Olho directamente para ele.

— Acho que o que quer dizer com isso é se eu sei que não devia estar aqui sentado a falar consigo.

— Isso só será um problema se a sua mulher ainda estiver a representá-lo.

— Nunca pedi à Sara para me representar. Alexander franze a testa.

— Não tenho a certeza de que ela saiba disso.

— Olhe, com todo o respeito, isto pode parecer um assunto de grande importância, e é, mas nós temos outro assunto de grande importância a decorrer em simultâneo. A nossa filha mais velha foi hospitalizada e. . bem, a Sara está a combater em duas frentes.

— Eu sei. E lamento o que está a acontecer à Kate, Sr. Fitzgerald - diz ele.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 199

— Trate-me por Brian. - Coloco as mãos à volta da caneca. E gostaria de falar consigo.. sem ter a Sara por perto.

Ele recosta-se na sua cadeira dobrável.

— Então e se fosse agora mesmo? Não é uma boa altura, mas nunca será uma boa altura para isto.

— Está bem. - Respiro fundo. - Acho que a Anna tem razão. De início, não tenho a certeza de que Campbell Alexander me tenha sequer ouvido. Depois ele pergunta: - Está disposto a dizer isso ao juiz durante uma audiência? Olho para o meu café.

— Acho que tenho de fazê-lo.

Na altura em que o Paulie e eu respondemos ao apelo de uma ambulância esta manhã, o namorado já tinha colocado a namorada debaixo do chuveiro. Ela estava sentada no fundo, com as pernas abertas em volta do ralo, completamente vestida. O cabelo estava

acachapado em cima do rosto, mas mesmo que não estivesse, eu teria percebido que ela estava inconsciente.

O Paulie entrou imediatamente e começou a arrastá-la para fora.

— Chama-se Magda - disse o namorado. - Ela vai ficar bem, não vai? - É diabética?

- O que é que isso interessa? Por amor de Deus.

— Diga-me o que estavam a tomar - disse num tom autoritário.

— Estávamos apenas a embebedar-nos - disse o namorado.

— Tequila.

Ele não tinha mais do que dezassete anos. Idade suficiente para ter ouvido falar no mito de que um duche faz recuperar de uma overdose de heroína.

— Deixe-me explicar-lhe uma coisa. O meu amigo e eu queremos ajudar a Magda, queremos salvar-lhe a vida. Mas se me disser que ela tem álcool no sangue quando afinal se trata de uma droga, o que quer que seja que lhe dermos pode causar um efeito inverso e agravar ainda mais o seu estado. Percebeu? Nessa altura, mesmo à porta dos balneários, o Paulie tinha conseguido libertar a Magda da camisola. Havia marcas em vários locais dos seus braços.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 200

— Se foi tequila, então devem ter andado a injectá-la. Coma alcoólico? Tirei o Narcan do saco de primeiros socorros e dei o equipamento de microsondas de espectrofotometria ao Paulie.

— Então, hum - disse o rapaz - não vão contar aos polícias, pois não? Num movimento rápido, agarrei-o pelos colarinhos e encostei-o à parede.

— Você é assim tão estúpido? - É que os meus pais matam-me.

— Você não parecia muito preocupado por se matar a si próprio. Ou a ela. - Virei a cabeça dele na direcção da rapariga, que nessa altura estava a vomitar o chão todo. - Acha que a vida é algo que pode deitar fora como se fosse lixo? Acha que se entrar em overdose tem sempre uma segunda oportunidade? Estava a berrar alto na sua cara. Senti uma mão em cima do ombro - Paulie.

— Acalma-te, Capitão - disse ele em voz baixa. Lentamente apercebi-me de que o miúdo estava a tremer à minha frente e que

ele não tinha de facto nada a ver com a razão por que eu estava a gritar. Afastei-me para arrefecer a cabeça. O Paulie terminou de tratar a rapariga e regressou para junto de mim.

— Sabe, se for demasiado para si, nós podemos substituí-lo propôs ele. - O chefe vai conceder-lhe o tempo de folga que quiser.

— Preciso de trabalhar. - Por cima do seu ombro conseguia ver a rapariga a recuperar as cores; o rapaz a soluçar com as mãos no rosto ao seu lado. Olhei directamente para o Paulie. - Quando não estou aqui - expliquei -, tenho de estar lá.

Não importa quantas vezes nos dirigimos para as Urgências, isso nunca se torna numa rotina. O Brian carrega a nossa filha nos braços, com o sangue a escorrer-lhe pelo rosto. A enfermeira que faz a triagem faz sinal para entrarmos, conduz as outras crianças para as cadeiras de plástico onde podem ficar à espera. Um médico interno entra no cubículo, todo atarefado.

— O que aconteceu? - Ela caiu por cima do guiador da bicicleta - disse eu. - Caiu no cimento. Não parece haver nenhum sinal de concussão, mas há um alto no couro cabeludo, na zona onde começa o cabelo, de cerca de quatro centímetros.

O médico deita-a suavemente em cima da mesa, calça as luvas fazendo-as estalar, e olha para a testa dela.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 201

— É médica ou enfermeira? Tento sorrir.

— Estou apenas habituada a estas coisas.

São precisos oitenta e dois pontos para coser o golpe. Mais tarde, com um enorme penso de gaze branca na cabeça, e uma grande dose de Tylenol pediátrico a circular nas veias dela, saímos para a sala de espera, de mão dada.

O Jesse pergunta-lhe quantos pontos levou. O Brian diz-lhe que ela foi tão corajosa como um bombeiro. A Kate olha para o novo penso da Anna.

— Gosto mais de quando posso ficar sentada aqui fora - diz ela.

Começa quando a Kate grita na casa de banho. Subo as escadas a correr e destranco a porta para encontrar a minha filha de nove anos de pé em frente a uma sanita salpicada de sangue. O sangue também lhe escorre pelas pernas abaixo, e ensopou-lhe as

cuecas. Este é o cartão de apresentação da LPA - hemorragia com todo o tipo de máscaras e disfarces. A Kate já teve hemorragia rectal antes, mas era muito pequena; não se lembra.

— Está tudo bem - digo eu calmamente.

Vou buscar um pano molhado com água morna para a limpar, e arranjo um penso higiênico para a roupa interior. Observo-a a tentar posicionar o chumaço do penso entre as pernas. Este é o momento que eu devia partilhar com ela quando lhe aparecesse o período; será que ela vive o suficiente para isso? - Mãe - diz a Kate. - Voltou.

— Recaída clínica. - O Dr. Chance tira os óculos e pressiona os cantos dos olhos com os polegares. - Acho que um transplante de medula é o caminho a seguir.

Na minha mente surge a memória de um saco de boxe insuflável com o Bozo que eu tinha quando era da idade da Anna; como estava cheio de areia no fundo, sempre que o socava ele voltava a erguer-se.

— Mas há alguns meses - diz o Brian -, disse-nos que eram perigosos.

— E são. Cinquenta por cento dos pacientes que o recebem ficam curados. A outra metade não sobrevive à quimioterapia e à radioterapia que antecedem o transplante.

Alguns morrem devido às complicações que surgem depois da realização do transplante.

O Brian olha para mim, e depois dá voz ao medo que se encrespa entre nós.

— Então porque havemos sequer de colocar a Kate em risco? - Porque se não o fizermos - explica o Dr. Chance -, ela morrerá.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 202

Da primeira vez que telefono para a companhia de seguros, desligam-me o telefone por engano. Da segunda vez, eu espero a ouvir Muzak durante vinte e dois minutos antes de ser atendida por uma operadora do serviço de atendimento aos clientes.

— Pode dar-me o número da sua apólice? Eu dou-lhe um que todos os empregados municipais possuem, e o número da segurança social do Brian.

— Em que posso ajudá-la? - Falei com um colega seu há uma semana - explico. -

A minha filha tem leucemia, e necessita de um transplante de medula óssea. No hospital explicaram-me que a nossa companhia de seguros necessitava de dar cobertura.

Um transplante de medula óssea custa no mínimo 100.000 dólares. Será desnecessário referir que não temos assim tanto dinheiro disponível. Mas lá porque um médico recomendou o transplante, isso não significa que a nossa companhia de seguros concorde.

— Esse tipo de intervenção necessita de uma revisão especial...

— Sim, eu sei. Foi aí que ficámos a semana passada. Estou a telefonar porque ainda não me disseram nada.

Ela deixa-me à espera, para poder procurar o meu processo. Ouço um ligeiro clique, e depois a voz sumida de uma gravação. Se desejar efectuar uma chamada..

— Merda! - Desligo o telefone ruidosamente. A Anna, atenta, enfia a cabeça na porta.

— Disseste uma palavra feia.

— Eu sei. - Levanto o auscultador e carrego no botão para remarcar o número.

Abro caminho através do menu. Por fim, consigo contactar com alguém de carne e osso. -

Desligaram-me o telefone mesmo agora. Novamente.

Esta operadora leva mais cinco minutos para anotar todos os mesmos números e a história que eu já tinha contado aos seus predecessores.

— Na realidade, nós já fizemos a revisão do caso da sua filha diz a mulher. -

Infelizmente, nesta altura, achamos que essa intervenção não vai ao encontro dos interesses dela.

Sinto o calor a subir-me ao rosto.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 203

— E morrer vai? Para a preparar para a colheita de medula óssea, tenho de dar à Anna injeções contínuas de factor do crescimento, tal como já tinha uma vez dado à Kate após o seu

transplante inicial de sangue do cordão umbilical. O objectivo é sobreequipar a medula da Anna, para quando for altura de retirar células, haver quantidade suficiente para a Kate.

Também explicámos isso à Anna, mas o que ela sabe é que duas vezes por dia, a mãe tem de lhe dar uma injeção.

Nós usamos creme EMLA, um anestésico tópico. O creme deve fazer com que não sinta a picada da agulha, mas ela grita na mesma. Interrogo-me se doerá tanto como ter a nossa filha de seis anos a olhar-nos nos olhos e a dizer-nos que nos odeia.

— Sr. a Fitzgerald - diz o supervisor do serviço de atendimento aos clientes da companhia de seguros -, nós temos em conta de onde vem. A sério.

— Não sei porquê, mas muito dificilmente acreditaria nisso digo eu. - Não sei porquê, mas duvido que tenha uma filha entre a vida e a morte, e que o seu conselho consultivo não esteja apenas a considerar o custo total de um transplante. - Prometi a mim própria que não perderia o controlo, e depois de apenas trinta segundos ao telefone com a companhia de seguros, já cedi.

— A AmeriLife pagará noventa por cento do que é considerado razoável e habitual relativamente a uma infusão de linfócitos de um dador. No entanto, se mesmo assim decidir fazer um transplante de medula, nós estamos prontos a cobrir dez por cento dos custos.

Respiro fundo.

— Os médicos do vosso conselho que recomendaram isto. . qual é a especialidade deles? - Eu não. .

— Não é leucemia promielocítica aguda, pois não? Porque mesmo um oncologista que se tenha formado com as piores notas da turma nalguma faculdade de medicina para carnicheiros de Guam, provavelmente seria capaz de lhe dizer que uma ILD não vai resultar enquanto cura. Que daqui a três meses, teremos novamente esta mesma discussão. Para além disso, se perguntar a um médico que tenha o mínimo de conhecimento da dimensão da doença da minha filha, ele dir-lhe-á que, ao repetir um tratamento que já foi *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 204

experimentado, é muito pouco provável que se obtenham resultados num paciente com LPA, porque este desenvolve

resistências. O que significa que a AmeriLife está basicamente a aceitar deitar dinheiro pela sanita abaixo, mas não aceita gastá-lo na única coisa que poderá realmente ter hipóteses de salvar a vida da minha filha.

Há uma bolha de silêncio grávida do outro lado da linha.

— Sr. a Fitzgerald - sugere o supervisor -, entendo que se seguir este protocolo, a companhia de seguros não terá quaisquer problemas em pagar o transplante.

— Tirando o facto de a minha filha poder já não estar viva para o receber. Não estamos a falar de um carro, em que primeiro podemos experimentar uma peça em segunda mão e se esta não resultar, mandar vir uma nova. Estamos a falar de um ser humano. Um ser humano. Será que vocês, seus autômatos, percebem sequer o que isso significa? Desta vez, já estou à espera do clique quando me desligam o telefone.

A Zanne aparece na noite antes de termos de ir para o hospital para dar início ao regime preparatório para o transplante da Kate. Ela deixa o Jesse ajudá-la a montar o seu escritório portátil, atende um telefonema da Austrália, e depois entra na cozinha para que o Brian e eu a possamos informar das rotinas diárias.

— A Anna tem ginástica às terças - digo-lhe. - Às três horas. E estou à espera que o camião de transporte de combustível venha esta semana.

— O lixo é recolhido às quartas-feiras - acrescenta o Brian.

— Não leves o Jesse à escola. Aparentemente isso é um anátema para os alunos do sexto ano.

Ela acena com a cabeça, ouve, toma notas e depois diz que tem algumas perguntas.

— O peixe. .

— É alimentado duas vezes por dia. O Jesse pode fazer isso, se lhe lembrares.

— Há alguma hora oficial de deitar? - pergunta a Zanne.

— Sim - respondo. - Queres que eu te diga a verdadeira, ou aquela que podes utilizar se quiseres ter uma hora extra como brinde especial? - A Anna deita-se às oito horas - diz o Brian. - E o Jesse às dez. Mais alguma coisa? - Sim. - A Zanne mete a mão no bolso e tira um cheque de 100.000 dólares em nosso nome.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 205

— Suzanne - digo eu, estupefacta. - Nós não podemos aceitar isso.

— Eu sei quanto custa. Vocês não podem cobrir a despesa. Eu posso. Deixem-me fazê-lo.

O Brian agarra no cheque e devolve-lho.

— Obrigado - diz ele. - Mas de facto temos financiamento para o transplante.

Isto para mim é uma novidade.

— Temos? - Os rapazes lá no quartel fizeram um apelo a nível nacional, e receberam algumas doações de outros bombeiros. - O Brian olha para mim. - Só soube hoje.

— A sério? - Sinto um peso a sair de cima de mim. Ele encolhe os ombros.

— São meus irmãos - explica.

— Está aqui se precisarem dele - responde ela.

Mas nós não precisamos. Pelo menos, podemos fazer isto.

— Kate! - chamo na manhã seguinte. - São horas de ir embora! A Anna está enrolada ao colo da Zanne no sofá. Tira o polegar da boca mas não diz adeus.

— Kate! - grito eu de novo. - Nós vamos embora! O Jesse ri afectadamente por cima do seu comando Nintendo.

— Como se realmente se fossem embora sem ela.

— Ela não sabe disso. Kate! - Suspirando, subo as escadas em direcção ao seu quarto.

A porta está fechada. Batendo suavemente, abro-a e, encontro a Kate a acabar de fazer a cama. A colcha está tão bem esticada que se podia fazer rolar uma moeda de dez cêntimos a meio; as almofadas foram ajeitadas e centradas. Os animais de peluche, por esta altura relíquias, estão em cima do parapeito da janela por ordem, do mais alto para o mais baixo. Até os sapatos foram cuidadosamente arrumados no roupeiro, e a desarrumação em cima da secretária desapareceu.

— Ora. - Nem sequer lhe tinha pedido para arrumar. - Parece que me enganei no quarto.

Ela volta-se.

— É para o caso de eu não voltar - diz ela.
A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 206

Quando fui mãe pela primeira vez costumava ficar deitada na cama à noite a imaginar a mais horrível sucessão de tragédias: uma picada de alforreca. provar uma baga venenosa, o sorriso de um estranho perigoso, um mergulho de cabeça para dentro de uma piscina pouco profunda. Há tantas maneiras de uma criança se magoar que parece impossível que uma pessoa sozinha consiga mantê-la em segurança. À medida que os meus filhos iam crescendo, os perigos pouco mudavam: inalar cola, brincar com fósforos, pequenos comprimidos cor-de-rosa vendidos por detrás dos lugares baratos no campo de basebol no liceu. Podemos ficar toda a noite acordados e mesmo assim não conseguir contar todas as formas de perder as pessoas que amamos.

Parece-me, agora que isto é mais do que uma mera hipótese, que os pais reagem de duas maneiras quando lhes dizem que o filho tem uma doença fatal. Ou nos dissolvemos numa poça, ou somos atingidos pelo golpe na face e nos forçamos a levantar outra vez o rosto para receber mais. Nisto, provavelmente somos muito parecidos com os doentes.

A Kate está semiconsciente na cama, com os tubos do cateter venoso central a sair do peito como uma fonte. A quimioterapia fê-la vomitar trinta e duas vezes, e fez surgir feridas na sua boca e uma mucosite tão má que faz com que ela pareça um doente com fibrose quística a falar.

Ela volta-se para mim e tenta falar, mas em vez disso tosse expectoração.

— Afogar - diz ela sufocada.

Erguendo o tubo de sucção que ela agarra nas mãos, limpo-lhe a boca e a garganta.

— Eu faço isso enquanto descansas - prometo, e foi assim que eu comecei a respirar por ela.

Uma enfermaria de oncologia é um campo de batalha, e existem sem sombra de dúvida hierarquias de comando. Os doentes estão a fazer o circuito de serviço. Os médicos surgem e desaparecem como heróis conquistadores, mas precisam de ler as fichas clínicas

dos nossos filhos para se lembrarem onde ficaram na visita anterior. As enfermeiras é que são os sargentos experientes - os que estão presentes quando a nossa filha treme com uma febre tão alta que necessita de ser banhada em gelo, que nos ensinam a limpar um *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 207

cateter venoso central, que sugerem que cozinhas de que piso ainda têm chupa-chupas para roubar, que nos dizem que lavandarias sabem como remover manchas de sangue e de quimioterapia da roupa. As enfermeiras sabem o nome da morsa de peluche da nossa filha e ensinam-na a fazer flores de lenços de papel para enrolar à volta do seu suporte intravenoso. Os médicos podem estar a planear estratégias para os jogos de guerra, mas são as enfermeiras que tornam o conflito suportável.

Nós acabamos por conhecê-las como elas nos conhecem, porque elas preenchem o lugar dos amigos que já tivemos na nossa vida anterior, a que tínhamos antes do diagnóstico. Por exemplo, a filha da Donna está a estudar para ser veterinária. Ludmilla, do turno da noite, tem fotografias múltiplas da ilha Sanibel presas como talismãs ao seu estetoscópio, porque é lá que quer viver depois de se reformar. O Willie, o enfermeiro, tem um fraquinho por chocolate e a mulher está grávida de trigêmeos.

Numa noite, durante a indução da Kate, quando eu já estava acordada há tanto tempo que o meu corpo se tinha esquecido de como conciliar o sono, ligo a televisão enquanto ela dorme. Tiro o som, para que o barulho não a incomode. Robin Leach está a percorrer as mansões de indivíduos Ricos e Famosos. Há bidês com banho de ouro e contas de teca esculpidas manualmente e uma piscina em forma de borboleta. Há garagens para dez carros e campos de tênis de argila vermelha, e onze pavões à solta. É

um mundo que nem sequer consigo abarcar mentalmente - uma vida que eu nunca imaginaria para mim.

Tal como esta costumava ser.

Nem sequer me consigo realmente lembrar de como era ouvir a história de uma mãe com cancro da mama ou de um bebê que nasceu com problemas cardíacos congênitos, ou qualquer outro problema médico, e sentir-me ceder por dentro: meio solidária, meio

aliviada por a minha própria família estar em segurança. NÓS tornámo-nos nessa história, para o resto das pessoas.

Não me apercebo de que estou a chorar até a Donna se ajoelhar à minha frente e me tirar o comando da televisão da mão.

— Sara - diz a enfermeira -, quer que lhe traga alguma coisa? Abano a cabeça, envergonhada por me ter ido abaixo, e ainda mais envergonhada por ter sido apanhada.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 208

— Estou bem - insisto.

— Pois, e eu sou a Hilary Clinton - diz ela. Agarra a minha mão e puxa-me para cima, arrastando-me em direcção à porta.

— A Kate...

— . . não vai sequer dar pela sua falta - termina a Donna. Na pequena kitchnette onde há café a fazer vinte e quatro horas por dia, ela prepara uma chávena para cada uma de nós.

— Desculpe - digo eu.

— Porquê? Por não ser feita de pedra? Abano a cabeça.

— É que isto nunca mais acaba. - Donna acena com a cabeça, e visto que compreende totalmente, dou por mim a falar. E a falar. E quando acabei de contar todos os meus segredos, respiro fundo e apercebo-me de que estive a falar durante uma hora seguida.

— Oh meu Deus - digo. - Não acredito que a fiz perder tanto tempo.

— Não foi uma perda - responde a Donna. - E para além disso, o meu turno terminou há meia hora.

As minhas faces ardem.

— Tem de ir-se embora. Tenho a certeza de que tem outro sítio em que preferia sem dúvida estar.

Mas em vez de sair, Donna toma-me nos seus braços amplos.

— Querida - diz ela -, não temos todos? A porta da suíte de cirurgia ambulatória abre-se para uma pequena sala cheia de instrumentos brilhantes - parece uma boca com um aparelho. Os médicos e as enfermeiras que a Anna conhece têm máscaras e batas, sendo apenas reconhecíveis pelos olhos. Ela puxa-me a roupa até eu me ajoelhar ao seu lado.

— E se eu mudar de idéias? - diz ela. Coloco as mãos nos seus ombros.

— Não tens de fazer isto se não quiseses, mas eu sei que a Kate está a contar contigo. E eu e o pai.

Ela acena uma vêz com a cabeça, e depois mete a mão na minha.

— Não me largues - diz ela.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 209

Uma enfermeira orienta-a na direcção correcta, para a mesa.

— Espera só para veres o que temos para ti, Anna. - Estende um cobertor aquecido por cima dela.

O anestesista passa uma compressa tingida de vermelho à volta de uma máscara de oxigênio.

— Já alguma vez adormeceste num campo de morangos? Eles abrem caminho pelo corpo da Anna, aplicando eléctrodos com gel que serão ligados a monitores para seguir o seu ritmo cardíaco e a sua respiração. Fazem isto enquanto ela está deitada de costas, embora eu saiba que a vão virar para retirar a medula dos seus ilíacos.

O anestesista mostra à Anna o mecanismo em acordeão do seu equipamento.

— Consegues rebentar aquele balão? - pergunta ele, e coloca a máscara sobre o rosto da Anna.

Durante este tempo todo, ela não larga a minha mão. Por fim, o seu aperto afrouxa. Ela luta no último minuto, com o corpo já adormecido mas a inclinar-se para a frente nos ombros. Uma enfermeira segura na Anna; e a outra segura-me a mim.

— Trata-se apenas da forma como os medicamentos afectam o corpo - explica ela.

- Pode dar-lhe um beijo agora.

É o que faço, através da minha máscara. Também sussurro um obrigada. Saio pela porta giratória e tiro a touca e os sapatos de papel. Observo através do vidro da porta a Anna a ser virada de lado e uma agulha inacreditavelmente longa a ser erguida de uma bandeja esterilizada.

Em seguida vou lá para cima esperar para junto da Kate.

O Brian espreita para dentro do quarto da Kate.

— Sara - diz ele, exausto -, a Anna está a perguntar por ti. Mas eu não posso estar em dois sítios ao mesmo tempo. Seguro na pequena bacia de emése cor-de-rosa perto da boca da Kate enquanto ela vomita outra vez. Ao meu lado, a Donna ajuda a recostar novamente a Kate nas almofadas.

— Estou um bocado ocupada neste momento - digo eu.

— A Anna está a perguntar por ti - repete o Brian, só isso. A Donna olha para ele e depois para mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 210

— Nós tratamos disto até regressar - promete, e passado um momento, aceno com a cabeça.

A Anna está no andar da pediatria, que não tem as salas hermeticamente fechadas necessárias para o isolamento de protecção. Ouço-a chorar mesmo antes de entrar no quarto.

— Mamã - diz ela a soluçar. - Dói.

Sento-me num dos lados da cama e envolvo-a nos meus braços.

— Eu sei, querida.

— Podes ficar aqui? Abano a cabeça.

— A Kate está doente. Tenho de voltar para lá. A Anna afasta-se.

— Mas eu estou no hospital - diz ela. - Eu estou no hospital! Por cima da sua cabeça, olho para o Brian.

— O que é que estão a dar-lhe para as dores? - Muito pouco. A enfermeira disse que não gostam de medicar excessivamente as crianças.

— Isso é ridículo. - Quando me levanto, a Anna choraminga e agarra-me. - Já volto, querida.

Abordo a primeira enfermeira que consigo encontrar. Ao contrário do pessoal de oncologia, estes enfermeiros diplomados não são conhecidos.

— Dêmos-lhe Tylenol há uma hora - explica a mulher. - Eu sei que ela está um pouco desconfortável..

— Roxicet. Tylenol com codeína. Naproxeno. E se não estiver nas recomendações do médico, telefone para perguntar se pode ser incluído.

A enfermeira fica irritada.

— com todo o respeito, Sr. a Fitzgerald, eu faço isto todos os dias. .

— Também eu.

Quando regresso ao quarto da Anna, trago uma dose pediátrica de Roxicet, que ou lhe vai aliviar as dores ou pô-la a dormir para que deixe de senti-las. Entro e encontro as grandes mãos do Brian a tentar fechar desajeitadamente o fecho liliputiano de um fio, ao pendurá-lo ao pescoço da Anna.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 211

— Achei que merecias ter o teu próprio presente, visto que ias dar um à tua irmã -

diz ele.

É claro que a Anna deveria ser honrada por doar a sua medula óssea. É claro que merece reconhecimento. Mas a idéia de premiar alguém pelo seu sofrimento, sinceramente, nunca me entrou na cabeça. Nós todos já fazíamos isso há tanto tempo.

Os dois olham para cima quando eu entro pela porta.

— Olha para o que o papá me deu! - diz a Anna.

Eu estendo o copo de plástico com os medicamentos, um segundo presente muito mal escolhido.

Pouco depois das dez horas, o Brian traz a Anna para o quarto da Kate. Ela move-se lentamente, como uma mulher idosa, apoiando-se no Brian. As enfermeiras ajudam-na a colocar uma máscara e a vestir uma bata, luvas e botas, para poder entrar - uma infracção compassiva do protocolo, visto que as crianças não podem habitualmente visitar a zona de isolamento protectivo.

O Dr. Chance está ao lado do suporte intravenoso, a segurar no saco de medula.

Volto a Anna para que ela consiga vê-lo.

— Aquilo - digo-lhe - foi o que nos deste. A Anna faz uma careta.

— É nojento. Podem ficar com ele.

— Soa-me a conspiração - diz o Dr. Chance, e a preciosa medula cor de rubi começa a entrar no cateter venoso central da Kate.

Coloco a Anna em cima da cama. Há espaço suficiente para ambas, uma ao lado da outra.

— Doeu-te? - pergunta a Kate.

— Mais ou menos. - A Anna aponta para o sangue a escorrer através dos tubos de plástico para dentro da abertura no peito da Kate. - E isso? - Nem por isso. - Ela senta-se um pouco. - Olha, Anna? - Sim? - Ainda bem que veio de ti. - A Kate agarra na mão da Anna e coloca-a mesmo abaixo do cateter venoso central, um sítio que fica precariamente perto do seu coração.

Vinte e um dias após o transplante de medula óssea, a contagem de glóbulos brancos da Kate começa a aumentar, uma prova do sucesso do transplante. Para *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 212

comemorar, o Brian insiste em levar-me a jantar fora. Ele contrata uma enfermeira privada para a Kate, reserva uma mesa no XO Café, e ainda me traz um vestido preto que tirou do meu roupeiro. Esquece-se dos sapatos de salto alto, portanto acabo por levar as minhas velhas socas com o vestido.

O restaurante está quase cheio. Logo que nos sentamos, o empregado de mesa vem perguntar se queremos vinho. O Brian manda vir um Cabernet Sauvignon.

— Sabes ao menos se é branco ou tinto? - Acho que nunca vi o Brian a beber outra coisa que não fosse cerveja.

— Sei que tem álcool, e sei que estamos a comemorar. - Ele ergue o copo depois de o empregado de mesa o ter enchido.

— À nossa família - brinda. Fazemos tilintar os copos e bebemos.

— O que vais pedir? - pergunto.

— O que queres que eu peça? - O filé. Assim posso prová-lo se pedir o linguado. -

Fecho a minha ementa. -Já sabes quais foram os resultados da última CCCS? O Brian olha para baixo, para a mesa.

— Estava mais ou menos à espera que pudéssemos vir aqui para nos afastarmos de tudo isso. Sabes. Para conversar apenas.

— Eu gostava muito de conversar - admito. Mas quando olho para o Brian, a informação que me vem aos lábios é sobre a Kate, e não sobre nós. Não me lembro de lhe perguntar como foi o seu dia -

ele tirou umas férias de três semanas do quartel. Nós estamos ligados pela doença e através da doença.

Voltamos a ficar em silêncio. Olho em volta para o XO Café e reparo que as conversas ocorrem sobretudo nas mesas em que as pessoas são jovens e modernas. Os casais mais velhos, os que exibem alianças de casamento que cintilam juntamente com os seus talheres, comem sem o tempero da conversa. Será porque se sentem tão à vontade, que já sabem o que o outro está a pensar? Ou será porque a partir de certo ponto, simplesmente já não há nada a dizer? Quando o empregado chega para anotar o nosso pedido, ambos nos voltamos ansiosos, aliviados por haver alguém que nos impeça de admitir que nos tornamos estranhos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 213

Saímos do hospital com uma criança diferente da que levámos para lá. A Kate movimenta-se cuidadosamente, verificando as gavetas da mesa-de-cabeceira à procura de alguma coisa que tivesse lá deixado. Perdeu tanto peso que as calças de ganga que lhe levei já não lhe servem; temos de usar dois lenços atados para fazer de cinto.

O Brian já saiu à nossa frente para ir buscar o carro. Ponho a última Tiger Beat e o último CD dentro do saco cilíndrico da Kate. Ela ajeita um boné de lã sobre a sua cabeça macia e sem cabelos, e ata um lenço ao pescoço, firmemente. Coloca uma máscara e luvas; agora que nos aventuramos a sair do hospital, é ela que vai necessitar de protecção.

Saímos do quarto ao som dos aplausos dos enfermeiros que acabámos por vir a conhecer tão bem.

— Faças o que fizeres, não voltes para nos ver, está bem? -
graceja o Willie.

Uma por uma, aproximam-se para dizer adeus. Quando já todos se foram embora, sorrio para a Kate.

— Estás pronta? A Kate acena com a cabeça, mas não avança. Fica parada, rígida, perfeitamente consciente de que mal ponha um pé lá fora, tudo mudará.

— Mãe? Dou-lhe a mão.

— Vamos as duas - prometo, e lado a lado, damos o primeiro passo.

O correio está cheio de contas do hospital. Soubemos que a companhia de seguros não contacta a tesouraria do hospital, e vice-versa, mas nenhum deles acha que as despesas estão correctas - o que os leva a cobrar-nos as intervenções que não deveríamos ser nós a financiar, na esperança de sermos suficientemente estúpidos para as pagar. Gerir o aspecto monetário dos cuidados da Kate é um trabalho a tempo inteiro que nem o Brian nem eu podemos realizar.

Folheio um folheto de uma mercearia, uma revista AAA e um anúncio de taxas de longa distância antes de abrir uma carta do fundo de garantia mútua. Não é algo a que eu preste verdadeiramente atenção; o Brian é que costuma gerir as operações financeiras que requeiram algo mais do que o simples equilíbrio de um livro de cheques. Para além disso, os três fundos estão destinados à educação das crianças. Nós não somos o tipo de família que tenha poupanças suficientes para jogar na bolsa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 214

Cara Sr.a Fitzgerald, Vimos por este meio confirmar a recente liquidação do fundo 323456, Brian D. Fitzgerald com a custódia de Katherine S. Fitzgerald, com a quantia de 8

369,56 dólares. Esta descapitalização encerra efectivamente a conta.

No universo dos erros bancários, este é um dos grandes. Já tivemos um saldo negativo de uns cêntimos devido a alguns cheques, mas pelo menos nunca perdi oito mil dólares. Saio da cozinha e dirijo-me ao quintal, onde o Brian está a enrolar uma segunda mangueira de jardim.

— Bem, ou alguém do fundo de garantia mútua fez asneira digo eu, entregando-lhe a carta -, ou já não é um segredo que sustentas uma segunda mulher.

Ele demora demasiado tempo a lê-la, o mesmo tempo que eu demoro para me aperceber de que não se trata afinal de um erro. O Brian limpa a testa com a parte de trás de um pulso.

— Eu levantei o dinheiro - diz ele.

— Sem me dizeres? - Não consigo imaginar o Brian a fazer uma coisa destas. Já houve alturas, no passado, em que tirámos dinheiro das contas dos nossos filhos, mas apenas no caso de termos um mês tão apertado que não conseguíssemos equilibrar as despesas da mercearia e o empréstimo da casa, ou porque precisávamos de pagar a entrada de um carro novo visto que o velho tinha ido para a sucata. Ficávamos deitados na cama acordados a sentir a culpa a pressionar-nos como uma segunda colcha, a prometer um ao outro que voltaríamos a repor esse dinheiro o mais cedo que fosse humanamente possível.

— Os rapazes lá no quartel tentaram angariar algum dinheiro, como eu te disse.

Eles conseguiram reunir dez mil dólares. com mais este dinheiro, o hospital está a tentar arranjar um plano de pagamento para nós.

— Mas disseste...

— Eu sei o que disse, Sara. Abano a cabeça, estupefacta.

— Tu mentiste-me? -Não. .

— A Zanne ofereceu. .

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 215

— Eu não vou permitir que a tua irmã tome conta da Kate - diz o Brian. - Eu é que devo tomar conta da Kate. - A mangueira cai ao chão, deita água e salpica-nos os pés. -

Sara, ela não vai viver o tempo suficiente para usar esse dinheiro para ir para a faculdade.

O sol está forte; o aspersor gira na relva, produzindo arco-íris. Está um dia demasiado bonito para palavras como estas. Eu dou meia volta e corro para dentro de casa. Tranco-me na casa de banho.

Passado um momento, o Brian bate à porta com força.

— Sara? Sara, desculpa.

Finjo que não consigo ouvi-lo. Finjo que não ouvi nada do que ele disse.

Em casa, todos nós usamos máscaras para que a Kate não tenha de usar. Dou por mim a examinar-lhe as unhas enquanto ela lava os dentes ou se serve de cereais, para ver se as saliências escuras provocadas pela quimioterapia já desapareceram - um sinal

indiscutível do sucesso do transplante de medula óssea. Duas vezes por dia dou à Kate injeções de factor de crescimento na coxa, necessárias até que a sua contagem de neutrófilos ultrapasse os mil. Nessa altura, a medula estará a multiplicar-se por si própria.

Ela ainda não pode regressar à escola, portanto as lições são enviadas para casa. Já me acompanhou para ir buscar a Anna ao jardim infantil uma ou duas vezes, mas recusa-se a sair do carro. Ela vai ao hospital para fazer a sua CCCS de rotina, mas se eu sugiro uma visita ao clube de vídeo ou ao Dunkin' Donuts depois, ela implora para não irmos.

Num sábado de manhã, a porta do quarto das raparigas está entreaberta; bato suavemente.

— Querem ir ao centro comercial? A Kate encolhe-se.

— Agora não.

Encosto-me à ombreira da porta.

— Faz-te bem sair de casa.

— Eu não quero. - Embora eu tenha a certeza de que ela nem sequer se apercebe do que está a fazer, passa a mão pela cabeça antes de a enfiar no bolso de trás.

— Kate - começo a dizer.

— Não digas nada. Não me digas que ninguém vai ficar a olhar para mim, porque vai. Não me digas que não tem importância, porque tem. E não me digas que estou bem *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 216

assim porque é mentira. Os seus olhos, sem pestanas, enchem-se de lágrimas. - Eu sou uma aberração, Mãe. Olha para mim.

Eu olho, e vejo o sítio de onde caíram as suas sobrancelhas, e a curvatura da sua testa interminável, e as pequenas depressões e altos que costumavam estar cobertos pelo cabelo.

— Bem - digo eu calmamente. - Nós resolvemos o assunto. Sem dizer nem mais uma palavra, saio do seu quarto, sabendo que a Kate me seguirá. Passo pela Anna, que deixa o seu livro de colorir para ir atrás da irmã. vou à cave buscar uma máquina de cortar cabelo eléctrica velha que descobrimos quando comprámos a casa e ligo-a à corrente.

Depois corto um pedaço de cabelo mesmo a meio do couro cabeludo.

— Mãe! - diz a Kate numa voz sufocada.

— O que foi? - Uma cascata de ondas castanhas cai em cima do ombro da Anna; ela apanha-a delicadamente. - É apenas cabelo.

Com outra passagem da máquina, a Kate começa a sorrir. Aponta para um sítio onde não passei, onde um pequeno tufo de cabelo se ergue como uma floresta. Sento-me numa grade de garrafas de leite virada ao contrário e deixo-a rapar o outro lado da cabeça. A Anna sobe para o meu colo. - A seguir sou eu - suplica ela.

Passada uma hora, passeamos pelo centro comercial de mãos dadas, um trio de raparigas carecas. Ficamos lá durante horas. Para onde quer que vamos, há cabeças que se voltam e vozes que sussurram. Nós somos lindas, as três.

FIM-DE-SEMANA

Não há fogo sem algum fumo.

— JOHN HEYWOOD, Proverbes

Jesse

Não neguem - já passaram por um tractor para remover terras ou por uma escavadora encostada à berma da estrada, à noite, e se interrogaram por que razão as equipas de manutenção das estradas terão deixado o equipamento ali onde qualquer pessoa, quero dizer eu, poderia roubá-lo. O meu primeiro roubo de um camião ocorreu há *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 217

anos; coloquei um camião de transporte de cimento em ponto morto numa descida e observei-o a ir em direcção ao reboque principal de uma empresa de construção. Neste momento, há um camião de carga basculante a um quilómetro e meio da minha casa; já o vi adormecido como um elefante bebê ao lado de um monte de barreiras de cimento na 1-195. Não é o meu veículo preferido, mas quem não tem nada não se pode dar ao luxo de escolher; no rescaldo do meu pequeno percalço com a lei, o meu pai ficou com o meu carro sob custódia, e guardou-o no quartel dos bombeiros.

Conduzir um camião de carga basculante afinal é bastante diferente de conduzir o meu carro. Em primeiro lugar, ocupamos a porcaria da estrada inteira. Em segundo lugar, maneja-se como um tanque, ou pelo menos como eu acho que um tanque se maneja, se não tivesse de me alistar num exército cheio de imbecis inflexíveis, doidos pelo poder, para conduzir um. Em terceiro lugar - e menos agradável - as pessoas vêem-nos chegar.

Quando me dirijo ao viaduto onde o Dan Duracell tem a sua casa de cartão, ele acobarda-se por detrás da fileira de bidões de cento e vinte e cinco litros.

— Olá - digo eu, saltando da cabina do camião. - Sou só eu.

Mesmo assim, o Dan demora um minuto para conseguir espreitar por entre as mãos, para se assegurar de que estou a dizer a verdade.

— Gostas da minha equipagem? - pergunto.

Ele levanta-se com cuidado e toca num dos lados listados do camião. Depois ri.

— O teu Jeep tem andado a tomar esteróides, rapaz. Carrego a parte de trás da cabina com os materiais de que necessito. Não seria fixe se encostasse a parte de trás do camião a uma janela, despejasse várias garrafas da minha Arsonists Special¹, e arrancasse com o local em chamas? O Dan está ao lado da porta do condutor. Lava-me, escreve ele em cima da poeira.

— Olha - digo eu, e por razão nenhuma em especial excepto devido a nunca o ter feito antes, pergunto-lhe se ele quer vir comigo.

— A sério? - A sério. Mas há uma regra. Não podes contar nada do que vires nem do que nós fizemos a ninguém.

Ele finge trancar os lábios e deitar fora a chave. Passados cinco minutos, estamos a caminho de uma velha barraca que costumava ser a casa dos barcos de uma das *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 218

faculdades. O Dan mexe nos controlos, erguendo e baixando a cama do camião enquanto andamos. Eu digo para comigo que o convidei para ser mais emocionante mais uma pessoa a saber faz com que as coisas se tornem mais emocionantes. Mas na verdade é porque há algumas noites em que só queremos saber que há mais alguém no mundo para além de nós.

Quando eu tinha onze anos, ofereceram-me um skate. Nunca tinha pedido um; foi um presente para redimir as culpas. Ao longo dos anos, eu recebi um número apreciável destes artigos dignos de nota, em geral em simultâneo com um dos episódios da Kate. Os meus pais cobriam-na com todo o tipo de merdas fixas de cada vez que tinham de lhe fazer alguma coisa; e visto que a Anna também estava normalmente envolvida, também recebia alguns presentes assombrosos, e então passada uma semana os meus pais sentiam-se mal com a desigualdade e compravam-me algum brinquedo para se assegurarem de que eu não me sentiria posto de parte.

De qualquer modo, nem sequer consigo começar a descrever-vos como era magnífico aquele skate. Tinha uma caveira no fundo que brilhava no escuro, e dos dentes escorria sangue verde. As rodas eram amarelo néon e a superfície áspera, quando a pisávamos com os tênis, fazia um som que parecia uma estrela do rock a aclarar a garganta. Eu andava com ele para cima e para

baixo, à entrada de casa, à volta dos passeios, a aprender a levantar as rodas da frente, a fazer rotações no ar e a dar saltos.

Havia uma regra: eu não deveria levá-lo para a estrada, porque os carros poderiam surgir a qualquer momento; os miúdos poderiam ser atropelados de um momento para o outro.

Bem, não preciso de vos dizer que os miúdos de onze anos que crescem ao abandono e as regras domésticas são como azeite e água. No final da primeira semana com este skate achava que era melhor deslizar por cima de lâminas de barbear para dentro de álcool do que andar mais uma vez para cima e para baixo no passeio com os miúdos pequenos nos seus triciclos.

Implorei ao meu pai que me levasse para o parque de estacionamento do Kmart, ou para o campo de basquetebol da escola, ou para outro sítio qualquer, a sério, onde eu pudesse andar um bocadinho. Ele prometeu-me que na sexta-feira, depois de a Kate fazer uma aspiração de medula óssea de rotina, poderíamos ir todos para a escola. Eu poderia *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 219

levar o meu skate, a Anna podia levar a sua bicicleta, e se lhe apetecesse, a Kate poderia andar de patins.

Meu Deus, eu estava ansioso por isso. Untava as rodas e polia o fundo do skate e praticava uma dupla hélice na rampa que eu tinha feito na entrada com uma tábua de madeira velha e um tronco grande. No minuto em que vi o carro - era a minha mãe e a Kate que vinham do hematologista - corri para o alpendre para não perdermos tempo.

Afinal, a minha mãe também estava cheia de pressa. Porque a porta da carrinha se abriu e a Kate estava cheia de sangue.

— Vai chamar o teu pai - mandou a minha mãe, segurando um monte de lenços de papel junto ao rosto da Kate.

Não é que ela já não tivesse tido hemorragias nasais antes. E a minha mãe estava sempre a dizer-me, quando eu me assustava com isso, que a hemorragia parecia muito pior do que na realidade era. Mas eu fui chamar o meu pai, e os dois apressaram-se a levar a Kate para a casa de banho e tentaram impedi-la de chorar, porque isso só dificultava tudo.

— Pai - disse eu. - Quando é que vamos? Mas ele estava ocupado a juntar papel higiênico, colocando-o debaixo do nariz da Kate.

— Pai? - repeti.

O meu pai olhou directamente para mim, mas não respondeu. E os seus olhos estavam desorientados e olhavam através de mim como se eu fosse feito de fumo.

Foi a primeira vez em que pensei que talvez fosse.

A particularidade da chama é que é insidiosa - esgueira-se, lambe, olha por cima do ombro e ri. E foda-se, é linda. Como um pôr do Sol a devorar tudo o que se encontra no seu caminho. Pela primeira vez, há alguém a admirar o meu trabalho. Ao meu lado, o Dan faz um pequeno som com o fundo da garganta - em sinal de respeito, sem dúvida.

Mas quando olho para ele, orgulhoso, vejo que ele tem a cabeça enfiada na gola sebenta do seu casaco da tropa. Tem lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

— Dan, meu, o que se passa? - é certo, o tipo é doido, mas mesmo assim. Ponho a minha mão no seu ombro e, pela sua reacção, seríamos levados a pensar que tinha lá aterrado um escorpião.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 220

— Tens medo do fogo, Danny? Não tens de ter. Estamos suficientemente longe.

Estamos em segurança - mostro-lhe o que espero ser um sorriso de encorajamento. E se ele se passar e começar a gritar, chamando a atenção de algum polícia que ande por aí? -

Aquela cabana - diz o Dan.

— Sim. Ninguém vai sentir falta dela.

— É onde vive o rato.

— Agora já não - respondo.

— Mas o rato. .

— Os animais sabem encontrar o seu caminho para fugir de um incêndio. É como te digo. O rato vai ficar fixe. Acalma-te.

— Então e os jornais? Ele tem um com o assassinio do Presidente Kennedy. .

Passa-me pela cabeça que o mais provável é o rato não se tratar de um roedor, mas de outro tipo sem-abrigo. Um que esteja a utilizar esta cabana como refúgio.

— Dan, estás a dizer que vive lá alguém? Ele olha para as chamas que se erguem no topo e os seus olhos enchem-se de lágrimas. E depois repete as minhas próprias palavras.

— Agora já não - diz ele.

Tal como disse, eu tinha onze anos, portanto até hoje não consigo dizer como fui da nossa casa em Upper Darby para a Baixa de Providence. Acho que devo ter levado algumas horas; acho que acreditava que, com a minha nova capa de super-herói que me tornava invisível, talvez conseguisse desaparecer e reaparecer num sítio completamente diferente.

Testei-me a mim próprio. Percorri a zona comercial, e isso é certo, as pessoas passavam por mim, com os olhos postos nas rachas do passeio ou a olhar em frente como mortos-vivos corporativos. Passei por uma longa parede de vidro espelhado no lado de um edifício, onde me podia ver. Mas fizesse as caretas que fizesse, ficasse lá o tempo que ficasse, nenhuma das pessoas à minha volta tinha nada para dizer.

Nesse dia, acabei no meio de um cruzamento, mesmo quando mudou o semáforo, com táxis a buzinares, e um carro a guinar para a esquerda, e um par de polícias a correr *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 221

para impedir que eu fosse morto. Na esquadra da polícia, quando o meu pai me foi buscar, perguntou-me em que raio é que estava eu a pensar.

Na realidade, eu não estava a pensar. Estava apenas a tentar chegar a um lugar em que reparassem em mim.

Primeiro tiro a camisa e mergulho-a numa poça à beira da estrada; depois enrolo-a à volta da minha cabeça e do meu rosto. O fumo já está a erguer-se em vagas, nuvens negras zangadas. No vazio dos meus ouvidos há o som de sirenes. Mas eu tinha feito uma promessa ao Dan.

O que me atinge primeiro é o calor, uma parede bastante mais sólida do que parece. A estrutura da cabana é visível, uma

radiografia cor de laranja. Lá dentro, não consigo ver um palmo à minha frente.

— Rato - grito, lamentando já o fumo que me deixa de garganta a arder e rouco. -

Rato! Não há resposta. Mas a cabana não é assim tão grande. Ponho-me de gatas e começo a abrir caminho à minha volta às apalpadelas.

Só tenho um momento mesmo mau, quando pouso acidentalmente a minha mão em algo que era feito de metal antes de se tornar um ferro de marcar em brasa. A minha pele cola-se a ele, e empola imediatamente. Na altura em que caio para cima de um pé calçado com uma bota, já estou a soluçar, certo de que nunca sairei dali. Percorro o Rato às apalpadelas, iço o seu corpo flácido para cima do ombro, e cambaleio pelo caminho de onde vim.

Por uma pequena piada de Deus, conseguimos sair dali. Nesta altura, os veículos de combate a incêndios já estão a chegar, enchendo as suas mangueiras. Talvez o meu pai até esteja aqui. Eu permaneço debaixo da cortina de fumo; deito o Rato no chão. com o coração aos saltos, corro na direcção oposta; deixando o resto deste salvamento para aqueles que querem de facto ser heróis.

Anna

Já alguma vez pensaram em como viemos todos aqui parar? À Terra, quero dizer.

Esqueçam a cantiga do Adão e da Eva, que eu sei que é um monte de tretas. O meu pai gosta do mito dos índios Pawnee, que dizem que as divindades das estrelas povoaram o *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 222

mundo: a Estrela da Tarde e a Estrela da Manhã ligaram-se e deram origem à primeira mulher. O primeiro rapaz veio do Sol e da Lua. Os seres humanos cavalgavam o dorso de um tornado.

O Sr. Hume, o meu professor de Ciências, ensinou-nos que havia esta sopa primordial cheia de gases naturais, e de lama, e de compostos carbônicos que de alguma forma solidificou formando organismos unicelulares chamados coanoflagelados. . que mais parece ser uma doença sexualmente transmissível do que um estágio da cadeia evolutiva, na minha opinião. Mas mesmo que cheguemos a esse ponto, de uma ameba, para um macaco, para uma pessoa racional é um grande salto.

O que é realmente espantoso acerca de tudo isto é que, independentemente daquilo em que se acredite, foi preciso muito para se partir de um ponto em que não havia nada até se chegar a um ponto em que todos os neurônios certos se acendem e disparam para que possamos tomar decisões acertadas.

E ainda mais espantoso, embora se tenha tornado uma segunda natureza, é o facto de conseguirmos mesmo assim estragar tudo.

No sábado de manhã, estou no hospital com a Kate e a minha mãe, e todas nós fazemos o melhor que podemos para fingir que daqui a dois dias o meu julgamento não irá começar. Poder-se-ia pensar que é difícil mas, de facto, é muito mais fácil do que a alternativa. A minha família é famosa por nos mentir por omissão: se não falarmos no assunto, então - presto! - já não há processo legal, já não há insuficiência renal, não há preocupação nenhuma.

Estou a assistir ao Happy Days no canal TVLand. Aqueles Cunninghams não são assim tão diferentes de nós. Eles parecem preocupar-se apenas em saber se a banda do Richie vai ser contratada para actuar no estabelecimento do Al, ou se o Fonzie vai ganhar o concurso de beijos, quando até eu sei que nos anos 50 a loanie devia estar a ter simulações de ataques aéreos na escola e a Marion andava provavelmente a tomar Valium, e o Howard estaria a passar-se por causa dos ataques dos comunas. Talvez, se passarmos a vida a fingir que estamos num cenário de cinema, nem sequer tenhamos de admitir que as paredes são feitas de papel, e que a comida é de plástico, e que as palavras que nos saem da boca não são verdadeiramente nossas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 223

A Kate está a tentar fazer as palavras-cruzadas.

— Qual é a palavra de quatro letras para vaso? - pergunta. Hoje é um bom dia.

com isto quero dizer que hoje lhe apetece gritar comigo por lhe tirar dois dos seus CDs sem pedir (por amor de Deus, ela estava praticamente em coma; como se ela pudesse dar-me autorização); ela sente-se capaz de tentar resolver estas palavras-cruzadas.

— Tonel - sugiro. - Jarra.

— Quatro letras.

— Nave - sugere a minha mãe. Talvez se estejam a referir a esse tipo.

— Sangue - diz o Dr. Chance, entrando no quarto.

— Essa tem seis letras - responde a Kate, num tom muito mais agradável do que aquele com que se dirigiu a mim, devo acrescentar.

Todos nós gostamos do Dr. Chance; por esta altura, ele bem que poderia ser o sexto membro da nossa família.

— Dá-me um número - ele está a referir-se à escala da dor. Cinco? - Três.

O Dr. Chance senta-se na beira da sua cama.

— Pode ser um cinco daqui a uma hora - avisa ele. - Pode ser um nove.

O rosto da minha mãe fica da cor da cal.

— Mas a Kate está a sentir-se óptima neste momento! - incita ela.

— Eu sei. Mas os momentos de lucidez vão ser cada vez mais breves e com intervalos maiores - explica o Dr. Chance. - Isto não é a LPA. Isto é insuficiência renal.

— Mas depois de um transplante... - diz a minha mãe.

Todo o ar que está dentro do quarto transforma-se numa esponja, juro. Seríamos capazes de ouvir o bater de asas de um colibri, de tão silencioso que fica. Eu queria esquivar-me para fora do quarto como uma névoa; não quero que a culpa seja minha.

O Dr. Chance é o único que tem coragem suficiente para olhar para mim.

— Pelo que sei, Sara, a disponibilidade de um órgão está a ser discutida.

— Mas. .

— Mãe - interrompe a Kate. Ela volta-se para o Dr. Chance. De quanto tempo é que estamos a falar? - Talvez uma semana.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 224

— Uau - diz ela suavemente. - Uau - ela toca na borda do jornal, esfrega o polegar sobre o ponto na borda. - Vai doer? - Não - promete o Dr. Chance. - Eu encarrego-me disso. A Kate pousa o jornal no colo e toca no braço dele.

— Obrigada. Pela verdade, quero dizer.

Quando o Dr. Chance olha para cima, os seus olhos estão orlados de vermelho.

— Não me agradeças - ele levanta-se tão pesadamente que penso que deve ser feito de pedra, e sai do quarto sem dizer mais nenhuma palavra.

A minha mãe dobra-se sobre si própria, é a única maneira de explicar. Como um papel, quando o colocamos mesmo no meio da lareira, e, em vez de se queimar, parece pura e simplesmente desaparecer.

A Kate olha para mim, e depois para todos os tubos que a prendem à cama. Então eu levanto-me e dirijo-me à minha mãe. Coloco uma mão em cima do seu ombro.

— Mãe - digo eu. - Pára.

Ela levanta a cabeça e olha para mim com olhos atormentados.

— Não, Anna. Pára tu.

Demoro um bocado, mas afasto-me.

— Anna - murmuro.

A minha mãe volta-se.

— O quê? - Uma palavra de quatro letras para vaso - digo eu, e saio do quarto da Kate.

Posteriormente, nessa tarde, estou a andar às voltas na cadeira giratória do escritório do meu pai no quartel dos bombeiros, com a Julia sentada à minha frente. Em cima da secretária está meia dúzia de fotografias da minha família. Há uma da Kate quando era bebê, com um chapéu tricotado que parece um morango. Outra com o Jesse e eu, a sorrirmos tanto quanto a anchova que seguramos nas mãos. Eu costumava pensar nas fotografias falsas que vêm nas molduras que compramos nas lojas - senhoras de cabelos castanhos suaves e sorrisos exibicionistas, bebês com cabeças semelhantes a toranjas ao colo dos seus irmãos - pessoas que na vida real são provavelmente estranhos, juntos por um caçador de talentos para formarem uma família falsa.

Talvez não seja assim tão diferente das fotografias verdadeiras, afinal.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 225

Agarro numa fotografia da minha mãe e do meu pai mais bronzeados e jovens do que eu alguma vez me lembro de os ver.

— Tem algum namorado? - pergunto à Julia.

— Não! - diz ela, rápido demais. Quando olho para cima, ela parece encolher-se. -

E tu? - Há um rapaz, o Kyle McFee, de quem eu pensava que gostava, mas agora não tenho a certeza - agarro numa caneta e começo a desmontá-la toda, puxando cá para fora o pequeno tubo estreito de tinta azul. Seria tão fixe se tivéssemos uma destas coisas implantada dentro de nós, como um choco; poderíamos apontar com o dedo e deixar a nossa marca no que quiséssemos.

— O que aconteceu? - Fui com ele ao cinema, um encontro romântico, e quando o filme acabou e nós nos levantámos ele tinha..

- fico de um vermelho escarlate. - Bem, você sabe - faço um gesto indicando as proximidades do meu colo em geral.

— Ah - diz a Julia.

— Ele perguntou-me se eu tinha escolhido marcenaria na escola.

— por amor de Deus, marcenaria? - e eu ia dizer-lhe que não e pronto, fico a olhar mesmo para ali - pouso a caneta decapitada em cima do mata-borrão do meu pai. -

Quando o vejo por aí na cidade, só consigo pensar nisso - fico a olhar para ela, com um pensamento a vir-me à cabeça. - Será que sou tarada? - Não, tens treze anos. E para que não te esqueças, o Kyle também. Ele não conseguiria evitar que isso acontecesse, tal como tu não consegues evitar pensar nisso quando o vês. O meu irmão Anthony costumava dizer que havia apenas duas alturas do dia em que um rapaz podia ficar excitado: durante o dia, e durante a noite.

— O seu irmão costumava falar consigo sobre essas coisas? Ela ri.

— É verdade. Porquê, o Jesse não? Bufo.

— Se eu fizesse uma pergunta sobre sexo ao Jesse, ele ia rir-se tanto que partiria uma costela, e depois dava-me uma pilha de Playboys e dizia-me para fazer uma pesquisa.

— Então e os teus pais? Abano a cabeça. O meu pai está fora de questão - porque é meu pai. A minha mãe anda demasiado perturbada. E a Kate está no mesmo barco à deriva que eu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 226

— Você e a sua irmã já alguma vez lutaram pelo mesmo rapaz? - Na realidade, não gostamos do mesmo gênero.

— Qual é o seu gênero? Ela pensa sobre isso.

— Não sei. Alto. De cabelos escuros. Que esteja a respirar.

— Acha o Campbell giro? A Julia quase cai da cadeira.

— O quê? - Bem, quero dizer, para um homem mais velho.

— Consigo perceber que algumas mulheres. . o possam achar atraente - diz ela.

— Ele parece um personagem das novelas que a Kate gosta de ver - percorro a ranhura na madeira da secretária com a unha do polegar. - É estranho. Que eu cresça, e beije alguém, e me case.

E a Kate não.

Julia inclina-se para a frente.

— O que vai acontecer se a tua irmã morrer, Anna? Uma das fotografias que estão em cima da secretária é minha e da Kate. Nós somos pequenas - talvez com cinco e dois anos. É antes da sua primeira recaída, mas depois de o seu cabelo já ter crescido novamente. Estamos numa praia, com fatos de banho iguais, a brincar com as formas.

Poderíamos dobrar esta fotografia ao meio e pensar que se tratava de uma imagem reflectida - a Kate era pequena demais para a idade e eu era alta; o cabelo da Kate é de uma cor diferente, mas tem o mesmo risco natural e o mesmo revirado nas pontas; as mãos da Kate estão colocadas sobre as minhas. Até agora, acho que nunca tinha reparado que somos tão parecidas.

O telefone toca mesmo antes das dez horas nessa noite, e para minha surpresa é o meu nome que é chamado no quartel dos bombeiros. Atendo o telefone na cozinha, que já foi limpa e arrumada nessa noite.

— Estou? - Anna - diz a minha mãe.

Imediatamente presumo que ela esteja a telefonar por causa da Kate. Ela não tem muito mais coisas para me dizer, tendo em conta a forma como as coisas ficaram anteriormente no hospital.

— Está tudo bem? - A Kate está a dormir.

— Isso é bom - respondo eu, e depois interrogo-me se será mesmo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 227

— Telefonei por duas razões. A primeira é para te dizer que tenho muita pena do que aconteceu esta manhã.

Eu sinto-me muito pequena.

— Eu também - admito. Nesse momento, lembro-me de como ela costumava aconchegar-me à noite. Primeiro ia à cama da Kate, e inclinava-se, e anunciava que ia beijar a Anna. E depois dirigia-se à minha cama e dizia que tinha vindo dar um abraço à Kate. De todas as vezes, desatávamos a rir. Ela desligava a luz, e por bastante tempo após se ter ido embora, o quarto ficava a cheirar ao

creme que aplicava na pele para ficar macia como o interior de uma fronha de flanela.

— A segunda razão por que telefonei - diz a minha mãe - foi só para te dizer boa noite.

— Só isso? Na sua voz. consigo ouvir um sorriso.

— Não chega? - Claro - digo-lhe, embora não seja assim.

Porque não consigo adormecer, saio da minha cama no quartel dos bombeiros e passo pelo meu pai, que está a rressonar. Roubo o Livro Guinness dos Recordes Mundiais da casa de banho dos homens e deito-me em cima do telhado do quartel para ler ao luar.

Um bebê de dezoito meses chamado Alejandro caiu de uma altura de vinte metros da janela do apartamento dos seus pais em Múrcia, Espanha, e tornou-se na criança que sobreviveu à maior queda. Roy Sullivan, da Virgínia, foi sete vezes atingido por relâmpagos e sobreviveu, para se suicidar após ter sido rejeitado por uma amante. Foi encontrado um gato no meio dos escombros oitenta dias após um terramoto na Formosa que matou 2000

peessoas, e recuperou totalmente. Dou por mim a ler e a reler a secção designada "Sobreviventes e Salvadores", somando listas na minha cabeça. Paciente de LPA que sobreviveu mais tempo, deveria estar lá escrito. Irmã mais extática.

O meu pai encontra-me quando já pus o livro de lado e comecei a procurar Vega.

— Esta noite não se vê grande coisa, num? - pergunta ele, sentando-se ao meu lado. É uma noite coberta com nuvens; até a Lua parece coberta de algodão.

— Não - digo eu. - Está tudo esbatido.

— Já experimentaste o telescópio? Observo-o a mexer no telescópio durante um bocado, e depois decide que não vale a pena esta noite. De repente lembro-me de ter *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 228

cerca de sete anos, ir ao lado dele no carro, e perguntar-lhe como é que os adultos sabiam o caminho para ir aos sítios. Afinal, eu nunca o tinha visto pegar num mapa.

— Acho que nos habituamos a virar nos mesmos sítios - disse ele, mas eu não fiquei satisfeita.

— Então e da primeira vez que vão a algum lado? - Bem - disse ele -, perguntamos a alguém.

Mas o que eu quero saber é quem sabia mesmo da primeira vez? E se ninguém tivesse estado no sítio para onde vamos? - Pai? - pergunto -, é verdade que podemos usar as estrelas como se fossem um mapa? - Sim, se perceberes de navegação celestial.

— É difícil? - estou a pensar que talvez devesse aprender. Para ter um plano de apoio, para todas aquelas vezes em que tenho a sensação de que estou a andar em círculos.

— É precisa muita matemática complicada - tens de medir a altitude de uma estrela, determinar a sua posição utilizando um almanaque náutico, determinar qual é a altitude que achas correcta e em que direcção deve estar a estrela baseando-te em onde pensas estar, e comparar a altitude que mediste com a que calculaste. Depois traças isto num mapa, como uma linha de posição. Tens de cruzar várias linhas de posição, e é para aí que vais - o meu pai olha para a minha cara e sorri.

— Exactamente - ri-se ele. - Nunca saias de casa sem o teu GPS.

Mas eu aposto que conseguiria fazer isso; não é assim tão confuso. Dirigimo-nos para aquele sítio onde se cruzam todas aquelas posições diferentes, e esperamos que corra tudo bem.

Se existisse uma religião do Annaísmo, e eu tivesse de explicar como tinham os seres humanos chegado à Terra, seria assim: no início, não existia absolutamente nada, excepto a Lua e o Sol. E a Lua queria surgir durante o dia, mas havia algo muito mais brilhante que parecia preencher todas aquelas horas. A Lua ficou esfomeada, cada vez mais magra, até que se tornou apenas uma fatia de si própria, e as suas pontas eram afiadas como uma faca. Por acaso, porque é assim que a maior parte das coisas acontece, ela abriu um buraco na noite e de lá saíram milhões de estrelas, como uma fonte de lágrimas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 229

Horrorizada, a Lua tentou engoli-las. E por vezes isso resultava, porque ficava mais gorda e mais redonda. Mas na maior parte das vezes, não resultava, porque havia demasiadas estrelas. As estrelas

continuavam a surgir, até fazerem o céu tão brilhante que o Sol ficou com inveja. Ele convidou as estrelas para o seu lado do mundo, onde havia sempre luz. O que ele não lhes disse, porém, foi que durante o dia, elas nunca seriam vistas. Portanto aquelas que eram estúpidas saltaram do céu para o chão, e congelaram debaixo do peso da sua própria insensatez.

A Lua fez o melhor que podia. Esculpiu cada um destes blocos de remorso transformando-os num homem ou numa mulher. Passou o resto do tempo a observar para que não caíssem mais estrelas. Ela passou o resto dos seus dias agarrada ao que lhe sobrou.

Brian

Pouco antes das sete da manhã de domingo, um polvo entra no quartel. Bem, na realidade é uma mulher vestida de polvo, mas quando vemos algo assim, estas distinções pouco interessam. Ela tem lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto e segura um cão pequinês nos seus múltiplos braços.

— Tem de me ajudar - diz ela, e é nessa altura que me lembro: é a Sr. a Zegna, cuja casa foi destruída por um incêndio na cozinha há alguns dias.

Ela puxa os seus tentáculos.

— Esta é a única roupa que tenho. Um fato do Dia das Bruxas. Tem estado a apodrecer num cacifo da U-Store-It em Taunton, juntamente com a minha colecção de álbuns de Peter Paul and Mary.

Eu faço-a sentar gentilmente numa cadeira em frente à minha secretária.

— Sr. a Zegna, eu sei que a sua casa está inabitável...

— Inabitável? Está arrasada! - Eu posso pô-la em contacto com um asilo. E, se quiser, posso falar com a sua companhia de seguros para acelerar as coisas.

Ela levanta um braço para limpar os olhos, e outros oito, puxados por cordéis, erguem-se em uníssono.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 230

— Não tenho seguro de habitação. Não acho que deva viver a minha vida à espera do pior.

Fico a olhar para ela durante um tempo. Tento lembrar-me de como é ser surpreendido pela simples possibilidade de tragédia.

Quando chego ao hospital, a Kate está deitada de costas, firmemente agarrada a um urso de peluche que tem desde os sete anos. Está ligada a um daqueles doseadores de morfina controlados pelo paciente, e o seu polegar carrega no botão de vez em quando, embora ela esteja a dormir profundamente.

Uma das cadeiras que estão no quarto transforma-se numa pequena cama com um colchão fino como uma wafer; é aqui que a Sara está enrolada.

— Olá - diz ela, afastando o cabelo dos olhos. - Onde está a Anna? - Ainda a dormir como só uma criança consegue. Como foi a noite da Kate? - Não foi má. Ela teve um pouco de dores entre as duas e as quatro.

Eu sento-me na beira da sua cama.

— Teve um grande significado para a Anna teres telefonado ontem à noite.

Quando olho para os olhos da Sara, vejo o Jesse - têm a mesma cor, as mesmas feições. Interrogo-me se a Sara quando olha para mim vê a Kate. Interrogo-me se isso a magoará.

É difícil de acreditar que uma vez esta mulher e eu nos tivéssemos sentado num carro e tivéssemos percorrido toda a Route 66, sem ter nunca ficado sem nada para dizer.

Agora as nossas conversas são uma economia de factos, cheias de pormenores importantes e informações de conhecedor.

— Lembras-te daquela vidente? - pergunto. Quando ela olha para mim com um olhar vazio, continuo a falar. - Nós estávamos no meio do Nevada, e o Chevy ficou sem gasolina.. e tu não querias que eu te deixasse no carro enquanto eu ia à procura de uma estação de serviço? Daqui a dez dias, quando ainda estiveres a andar em círculos, vão encontrar-me, com os abutres a devorar-me as entranhas, tinha dito a Sara, e tinha começado a caminhar ao meu lado. Andámos seis quilômetros e meio até à barraca por onde tínhamos passado, uma bomba de gasolina. Era gerida por um velhote e pela sua irmã, que se apresentava como vidente. Vamos experimentar, implorou a Sara, mas uma *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 231

leitura custava cinco dólares e eu só tinha dez. Então metemos metade da gasolina, e perguntámos à vidente quando é que se vai acabar da próxima vez, disse a Sara e, como sempre, convenceu-me.

A Madame Agnes era daquele tipo de cega que assusta as crianças, com olhos cheios de cataratas que pareciam um céu azul

vazio. Colocou as suas mãos nodosas no rosto da Sara para ler os seus ossos, e disse que via três bebês e uma vida longa, mas não muito boa. O que quer isso dizer? perguntou a Sara, irritada, e a Madame Agnes explicou que as sinas eram como o barro, e poderiam ser moldadas em qualquer altura. Mas nós apenas conseguíamos refazer o nosso futuro, e não o dos outros, e para algumas pessoas isso simplesmente não era suficientemente bom.

Ela colocou as suas mãos sobre o meu rosto e disse apenas uma coisa: Salve-se a si próprio.

Ela disse-nos que ficaríamos sem gasolina de novo mesmo na fronteira com o Colorado, e ficámos.

Agora, no quarto de hospital, a Sara olha para mim com um olhar vazio.

— Quando é que fomos ao Nevada? - pergunta ela. Depois abana a cabeça. -

Precisamos de conversar. Se a Anna prosseguir de facto com esta audiência na segunda-feira, então eu preciso de rever o nosso testemunho.

— Na realidade - olho para as minhas mãos -, eu vou falar a favor da Anna.

— O quê? Com um olhar rápido por cima do ombro para me certificar de que a Kate ainda está a dormir, faço o melhor que posso para explicar.

— Sara, acredita, pensei muito sobre este assunto. E se a Anna decidiu deixar de ser a dadora da Kate, nós temos de respeitar isso.

— Se testemunhares a favor da Anna, o juiz vai dizer que pelo menos um dos seus pais é capaz de apoiar esta petição, e vai deliberar em seu favor.

— Eu sei disso - digo eu. - Por que outra razão haveria eu de o fazer? Ficamos a olhar um para o outro, sem palavras, sem querer admitir o que está ao fundo de cada uma destas estradas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 232

— Sara - pergunto por fim -, o que queres tu de mim? - Quero olhar para ti e lembrar-me de como costumava ser diz ela com a voz embargada. - Quero voltar atrás, Brian. Quero que me leves para lá.

Mas ela não é a mulher que eu conheci, a mulher que viajava pelo campo a contar as tocas das marmotas, que lia alto nos classificadores as mensagens dos cowboys solitários à procura de mulheres e me dizia, no recanto mais escuro da noite, que me amaria até a Lua desaparecer do céu.

Para ser justo, eu não sou o mesmo homem. O que ficava a ouvir. O que acreditava nela.

Sara

2001 O Brian e eu estamos sentados no sofá, a partilhar as secções do jornal, quando a Anna entra na sala.

— Se eu cortar a relva, sei lá, até casar, podem dar-me já 614,96 dólares? -

pergunta ela.

— Porquê? - dizemos em uníssono.

Ela esfrega a sapatilha na carpete.

— Preciso de algum dinheiro.

O Brian dobra a secção nacional do jornal. - Não sabia que os jeans Gap tinham ficado assim tão caros.

— Eu já sabia que ia ser assim - diz ela. pronta para se ir embora zangada.

— Espera - chego-me para a frente, ponho os cotovelos nos joelhos. - O que queres comprar? - Que diferença faz? - Anna - responde o Brian -, nós não vamos gastar seiscentos dólares sem saber para que são.

Ela pondera sobre isto durante um minuto.

— É para comprar uma coisa no eBay.

A minha filha de dez anos navega no eBay? - Está bem - suspira ela. - São caneleiras de guarda-redes. Olho para o Brian, mas ele também não parece compreender.

— Para jogar hóquei? - diz ele.

— Pois, dab.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 233

— Anna, tu não jogas hóquei - faço notar e, quando ela cora, apercebo-me de que talvez não seja bem assim.

O Brian pressiona-a para dar uma explicação.

— Há alguns meses, a correia da minha bicicleta soltou-se em frente a um campo de hóquei. Um grupo de rapazes estava a treinar, mas o guarda-redes deles estava com mononucleose, e o treinador disse que me dava cinco dólares para ficar na baliza e defender os ataques. Usei o equipamento do miúdo que estava

doente, e o que é certo. . é que não fui assim tão má. E gostei daquilo.

Portanto fui sempre voltando - a Anna sorri timidamente. - O treinador pediu-me que entrasse a sério na equipa, antes do torneio. Sou a primeira rapariga a entrar, desde sempre. Mas tenho de ter o meu próprio equipamento.

— Que custa 614 dólares? - noventa e seis cêntimos. Mas isso são apenas as protecções para as pernas. Também preciso de um protector para o peito, um captor, uma luva e uma máscara - ela olha para nós na expectativa.

— Temos de discutir o assunto - digo-lhe.

A Anna resmunga algo entre dentes que se parece com Logo vi, e sai da sala.

— Sabias que ela andava a jogar hóquei? - pergunta-me o Brian, e eu abano a cabeça. Interrogo-me sobre o que mais a minha filha terá andado a esconder de nós.

Estamos prestes a sair de casa para assistir a um jogo de hóquei da Anna pela primeira vez quando a Kate anuncia que não vai. Por favor, Mãe - suplica ela. - com este aspecto não.

Ela tem uma erupção cutânea de um vermelho-vivo nas faces, nas palmas das mãos, nas plantas dos pés e no peito, e uma cara de lua cheia, graças aos esteróides que tem tomado para a tratar. A sua pele está áspera e espessa.

Este é o cartão de visita da doença do enxerto contra o hospedeiro, que a Kate desenvolveu logo após o seu transplante de medula óssea. Durante os últimos quatro anos, tem surgido e desaparecido, mostrando-se quando menos se espera. A medula óssea é um órgão, como um coração ou um fígado, e o corpo pode rejeitá-la. Mas por vezes, em vez disso, a medula transplantada começa a rejeitar o corpo em que foi colocada.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 234

A boa notícia é que, caso isso aconteça, todas as células cancerígenas também estão a ser atacadas - algo a que o Dr. Chance chama de doença do enxerto contra a leucemia. A má notícia é a sintomatologia: a diarreia crónica, a icterícia, a perda de mobilidade das articulações. As cicatrizes e a esclerose onde quer

que haja tecido conjuntivo. Eu estou tão habituada a isto que já não me perturba mas, quando a doença do enxerto contra o hospedeiro surge assim tão intensamente, deixo que a Kate fique em casa sem ir à escola. Ela tem treze anos, e o aspecto é extremamente importante. Eu respeito a sua vaidade, porque ela tem tão pouca.

Mas não posso deixá-la sozinha em casa, e nós prometemos à Anna que iríamos vê-la jogar.

— Isto é mesmo importante para a tua irmã.

Em resposta, a Kate atira-se para o sofá e põe uma almofada sobre o rosto.

Sem dizer mais uma palavra eu dirijo-me ao armário do vestíbulo e tiro uma variedade de artigos das gavetas. Dou as luvas à Kate, e depois coloco o chapéu na sua cabeça e enrolo o lenço à volta do seu nariz e da sua boca, para que apenas os olhos sejam visíveis.

— Vai estar frio no campo de hóquei - digo eu, numa voz que não deixa espaço para mais nada excepto o consentimento.

Mal reconheço a Anna, acolchoada, e apertada, e atada dentro do equipamento que acabámos por pedir emprestado ao sobrinho do treinador. Não conseguimos, por exemplo, distinguir que ela é a única rapariga em cima do gelo. Não conseguimos distinguir que ela é dois anos mais nova do que todos os outros jogadores que ali estão.

Interrogo-me se a Anna conseguirá ouvir os aplausos através do capacete, ou se estará tão concentrada no que se aproxima dela que bloqueia tudo o resto, focando-se no rasto do disco e nas pancadas dos sticks.

O Jesse e o Brian estão sentados na borda das suas cadeiras; e até a Kate - tão relutante em vir - está a entrar no espírito do jogo. O guarda-redes da equipa adversária, comparado com a Anna, move-se em câmara lenta. A acção é eléctrica, com o jogo a movimentar-se da baliza oposta para a da Anna. O central passa para o avançado da direita, que patina quebrando o gelo, com o som das lâminas dos patins a sobrepor-se ao *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 235

rugido da multidão que aplaude. A Anna avança, certa de para onde se dirige o disco um instante antes de ele chegar, com os

joelhos dobrados para dentro e os cotovelos dobrados para fora.

— Inacreditável - diz-me o Brian depois do segundo tempo. Ela tem um talento natural para ser guarda-redes.

Isso também eu lhe poderia ter dito. A Anna salva, sempre.

Nessa noite, a Kate acorda com o sangue a jorrar do nariz, do recto, e das órbitas.

Eu nunca tinha visto tanto sangue, e mesmo enquanto tento estancar o fluxo interrogo-me que quantidade agüentará ela perder. Quando chegamos ao hospital, ela está desorientada e agitada, ficando por fim inconsciente. O pessoal médico enche-a de plasma, de sangue e de plaquetas para repor o sangue perdido, que parece sair de dentro dela a igual velocidade. Administram-lhe soro para evitar o choque hipovolémico, e entubam-na.

Fazem-lhe TACs ao cérebro e aos pulmões para ver até onde se espalhou a hemorragia.

Apesar de todas as vezes que temos de correr para as Urgências a meio da noite, de todas as vezes que a Kate teve recaídas com sintomas repentinos, o Brian e eu sabemos que nunca foi tão mau. Uma hemorragia nasal é uma coisa; a falência do organismo é outra. Já por duas vezes teve arritmias cardíacas. A hemorragia impede o cérebro, o coração, o fígado, os pulmões e os rins de receber o fluxo de que necessitam para funcionar.

O Dr. Chance leva-nos para uma pequena sala na Unidade de Cuidados Intensivos ao fundo do piso de pediatria. Está pintada com malmequeres sorridentes. Numa das paredes está uma tabela de crescimento, uma minhoca métrica de um metro e vinte. -

Quanto Posso Crescer? O Brian e eu sentamo-nos muito quietos, como se fôssemos recompensados pelo bom comportamento.

— Arsênico? - repete o Brian. - Veneno? - É uma terapia muito recente - explica o Dr. Chance. - Administra-se por via intravenosa, durante vinte e cinco a sessenta dias. Até à data, ainda não realizámos nenhuma cura. Não quer dizer que isso não possa acontecer no futuro, mas de momento, nem sequer temos gráficos de sobrevivência de cinco anos - por *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 236

ser tão recente o medicamento. Por assim dizer, a Kate já esgotou o sangue do cordão umbilical, o transplante alogeneico, a radioterapia, a quimioterapia e o ATR. Ela viveu mais dez anos do que qualquer um de nós estava à espera.

Dou por mim já a acenar com a cabeça.

— Faça-a - digo eu, e o Brian olha para baixo, para as suas botas.

— Podemos tentar. Mas muito provavelmente, a hemorragia será mais forte do que o arsênico - diz-nos o Dr. Chance.

Olho para a tabela de crescimento na parede. Será que disse à Kate que a amava antes de a deitar ontem à noite? Não consigo lembrar-me. Não consigo lembrar-me de maneira nenhuma.

Pouco depois das duas da manhã, perco o Brian. Ele esgueira-se enquanto adormeço ao lado da cama da Kate e passa-se mais de uma hora sem que volte. Pergunto por ele na secretária das enfermeiras; procuro na cantina e na casa de banho dos homens, ambos estão vazios. Por fim, localizo-o ao fundo do corredor, num átrio cujo nome foi atribuído em memória de uma pobre criança morta, uma sala de luz, e ar, e plantas de plástico das quais um paciente neutropénico poderia desfrutar. Ele está sentado num horrível sofá de veludo castanho, a escrever furiosamente com um lápis azul num pedaço de papel.

— Olá - digo eu suavemente, lembrando-me de como os miúdos coloriam juntos no chão da cozinha, com os lápis espalhados entre eles como flores campestres. - Troco um amarelo pelo teu azul.

O Brian olha para cima, sobressaltado.

— A. .

— A Kate está bem. bom, está na mesma - a Steph, a enfermeira, já lhe deu a primeira dose de arsênico. Também lhe fez duas transfusões sangüíneas, para compensar o sangue que ela está a perder.

— Talvez devêssemos levar a Kate para casa - diz o Brian.

— Bem, é claro que. .

— Eu queria dizer agora - ele junta as mãos em pirâmide. Acho que ela iria querer morrer na sua própria cama.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 237

Essa palavra, entre nós, explode como uma granada.

— Ela não vai..

— Vai sim - ele olha para mim, com o rosto esculpido pela dor.

— Ela está a morrer, Sara. Ela vai morrer, seja esta noite, seja amanhã, ou talvez daqui a um ano se tivermos mesmo muita sorte. Ouviste o que o Dr. Chance disse. O

arsênico não é uma cura. Apenas adia o que vem a seguir.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Mas eu amo-a - digo eu, porque essa é uma razão suficiente.

— Eu também. Demasiado para continuar a fazer isto - o papel onde estive a escrever cair-lhe das mãos e aterra aos meus pés; antes que consiga agarrá-lo eu apanho-o. Está cheio de manchas de lágrimas, de palavras riscadas. Ela adorava o cheiro da Primavera, leio. Ela conseguia ganhar a todos a jogar às cartas. Ela conseguia dançar mesmo sem música. Há notas ao lado, também. Cor favorita: cor-de-rosa. Altura do dia favorita: crepúsculo. Costumava ler Where the Wild Things Are, vezes sem conta, e ainda o sabe de cor.

Todos os pêlos da parte de trás do meu pescoço ficam eriçados.

— Isto é. . um panegírico? Por esta altura, o Brian também está a chorar.

— Se não o fizer agora, não serei capaz de o fazer quando for altura.

Abano a cabeça.

— Não é altura.

Telefone à minha irmã às três e meia da manhã.

— Acordei-te - digo eu, apercebendo-me no momento em que a Zanne atende o telefone que para ela, para qualquer pessoa normal, estamos a meio da noite.

— É a Kate? Aceno com a cabeça, embora ela não consiga ouvir isso. - Zanne? -

Sim? Fecho os olhos, sinto as lágrimas correr pela cara abaixo.

— Sara, o que se passa? Queres que vá para aí? É difícil falar através da enorme pressão acumulada na minha garganta; a verdade expande-se até ser capaz de nos sufocar. Quando éramos crianças, o quarto da Zanne e o meu partilhavam um corredor, e nós

costumávamos discutir por causa de deixar a luz acesa durante a noite. Eu queria que *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 238

estivesse ligada; ela não. Põe uma almofada em cima da cabeça, costumava eu dizer-lhe.

Tu podes fazer com que fique escuro, mas eu não posso fazer com que fique iluminado.

— Sim - digo eu, agora a soluçar abertamente. - Por favor.

Contra todas as expectativas, a Kate sobrevive durante dez dias devido às transfusões intensivas e à terapia do arsênico. No décimo primeiro dia da sua hospitalização, entra em coma. Decido manter uma vigília à sua cabeceira até ela acordar.

E faço-o durante precisamente quarenta e cinco minutos, até receber um telefonema do director da escola do Jesse.

Aparentemente, o sódio é armazenado no laboratório de ciências em pequenos recipientes de óleo, devido à sua volatilidade em contacto com o ar. Aparentemente, também reage com a água, libertando hidrogénio e calor. Aparentemente, o meu filho que anda no nono ano foi suficientemente inteligente para se aperceber disto e, por isso, roubou uma amostra, atirou-a pela sanita abaixo e fez explodir a fossa séptica da escola.

Após ter sido suspenso por três semanas pelo director, um homem que tem a decência de me perguntar pela Kate, enquanto basicamente me diz que o meu filho mais velho está destinado à Prisão Estatal, o Jesse e eu dirigimo-nos para o hospital.

— Escusado será dizer que estás de castigo.

— Como queiras.

— Até teres quarenta anos.

O Jesse afunda-se no banco e, se for possível, as suas sobrelhas juntam-se ainda mais. Interrogo-me quando, precisamente, desisti dele. Interrogo-me porquê, quando a história do Jesse não é nem por sombras tão desanimadora como a da sua irmã.

— O director é um imbecil.

— Sabes uma coisa, Jess? O mundo está cheio deles. Tu vais sempre enfrentar alguém. Algo.

Ele olha para mim.

— Tu eras capaz de partir de uma conversa sobre os malditos Red Sox e não sei como voltar a falar da Kate.

Viramos para o parque de estacionamento do hospital, mas eu não me mexo para fechar o carro. A chuva bate violentamente no pára-brisas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 239

— Todos nós temos muito jeito para fazer isso. Ou fizeste explodir a fossa séptica por outra razão qualquer? - Tu não sabes como é ser o rapaz que tem uma irmã a morrer com cancro.

— Faço uma idéia. Visto que eu sou a mãe da rapariga que está a morrer com cancro. Tens toda a razão, é mesmo horrível. E às vezes também me apetece fazer explodir alguma coisa, só para me livrar daquela sensação de que vou explodir a qualquer minuto -

olho para baixo e reparo numa equimose do tamanho de uma moeda de cinquenta cêntimos, mesmo na dobra do seu braço. Há uma igual do outro lado. Está a dizer, acho eu, que o meu pensamento se fixa imediatamente na heroína, em vez de na leucemia, como faria no caso das suas irmãs. - O que é isso? Ele dobra o braço.

— Nada.

— O que é? - Não tens nada a ver com isso.

— Tenho sim - puxo o seu antebraço. - Foi uma agulha? Ele levanta a cabeça, de olhos chamejantes.

— Sim, mãe. Eu pico-me de três em três dias. Só que não ando no cavalo, tiram-me sangue aqui no terceiro andar - ele fica a olhar para mim. - Não te interrogaste sobre quem mais estaria a fornecer plaquetas à Kate? Ele sai do carro antes que eu o consiga deter, deixando-me a olhar para o pára-brisas, onde já nada é nítido.

Duas semanas após a Kate ter sido internada no hospital, as enfermeiras convencem-me a tirar um dia de folga. vou para casa e tomo um duche na minha própria casa de banho, em vez de o tomar na do pessoal médico. Pago contas atrasadas. A Zanne, que ainda está em nossa casa, faz-me uma chávena de café; já está feito e pronto quando eu desço as escadas com o cabelo molhado e penteado.

— Telefonou alguém? - Se com alguém te queres referir ao hospital, então não -

ela vira a página do livro de receitas que está a ler. - Isto é mesmo uma treta - diz a Zanne.

- Não há alegria em cozinhar.

A porta de entrada abre-se e fecha-se com um estrondo. A Anna chega à cozinha a correr e pára bruscamente quando me vê.

— O que estás tu aqui a fazer? - Eu moro aqui - digo eu. A Zanne aclara a garganta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 240

— Ao contrário do que parece.

Mas a Anna não a ouve, ou não quer ouvir. Tem um sorriso tão grande como um desfiladeiro no rosto, e exhibe um bilhete à minha frente.

— Foi enviado ao Treinador Urlicht. Lê-o, lê-o! Cara Anna Fitzgerald, Parabéns por ter sido aceite no Campo de Férias Feminino Hóquei Golo. Este ano realizar-se-á em Minneapolis, de 3 a 17 de Julho. Por favor, preencha a documentação anexa, junte um Atestado Médico e envie para 4/30/01. Vemo-nos no gelo! Treinadora Sarah Teuting Acabo de ler a carta.

— Tu deixaste a Kate ir para aquele campo de repouso quando ela tinha a minha idade, aquele para miúdos com leucemia - diz a Anna. - Fazes alguma idéia de quem é Sarah Teuting? É guarda-redes da Team USA, e eu não vou ter só oportunidade de a conhecer, ela também vai corrigir o que faço mal. O treinador arranjou-me uma bolsa completa, portanto nem sequer tens de pagar um cêntimo. Metem-me num avião, e arranjam-me um dormitório para ficar e tudo, e nunca ninguém tem uma hipótese destas...

— Querida - digo eu cautelosamente -, não podes ir.

Ela abana a cabeça, como se estivesse a tentar encaixar as minhas palavras.

— Mas nem sequer é agora. É só para o próximo Verão. E a Kate já pode estar morta nessa altura.

É a primeira vez que me consigo lembrar de a Anna ter dado alguma indicação de que consegue ver um fim para esta cronologia,

um momento em que ela estará finalmente livre de qualquer obrigação para com a irmã. Até esse momento, ir para o Minnesota não é uma escolha. Não porque eu tenha medo do que possa acontecer à Anna lá, mas porque tenho medo do que possa acontecer à Kate enquanto a irmã estiver fora. Se a Kate sobreviver a esta última recaída, quem sabe daí a quanto tempo surgirá outra crise? E

quando isso acontecer, vamos precisar da Anna - do seu sangue, das suas células estaminais, dos seus tecidos - aqui.

Os factos estão suspensos entre nós como uma cortina translúcida. A Zanne levanta-se e coloca um braço à volta da Anna.

— Sabes uma coisa, pequenina? Talvez devêssemos falar disto com a tua mãe noutra altura. .

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 241

— Não - a Anna recusa-se a sair. - Eu quero saber porque é que não posso ir.

Passo uma mão pelo rosto.

— Anna, não me obrigues a fazer isto.

— Fazer o quê, Mãe? - pergunta ela acaloradamente. - Eu não te obrigo a fazer nada.

Amachuca a carta e sai da cozinha a correr. A Zanne sorri debilmente para mim.

— Bem-vinda a casa - diz ela.

Lá fora, a Anna agarra num stick de hóquei e começa a atirar contra a parede da garagem. Ela continua a fazer isto durante quase uma hora, ritmadamente, até que me esqueço de que ela está lá fora e começo a pensar que um lar talvez tenha a sua própria pulsação.

Dezassete dias após a Kate ter sido internada no hospital, desenvolve uma infecção. O seu corpo fica febril. Fazem culturas do sangue, da urina, das fezes e da expectoração para isolar o organismo - mas administram-lhe um antibiótico de largo espectro imediatamente na esperança de que o que quer que seja que a esteja a pôr doente reaja.

A Steph, a nossa enfermeira preferida, fica até tarde algumas noites para que eu não tenha de enfrentar isto sozinha. Ela traz-me

revistas People rapinadas das salas de espera das cirurgias, e tem conversas unilaterais animadas com a minha filha inconsciente.

Ela é um modelo de determinação e optimismo à superfície, mas já vi os seus olhos turvarem-se de lágrimas enquanto dá um banho de esponja à Kate, nos momentos em que pensa que eu não estou a ver.

Certa manhã, o Dr. Chance entra para verificar como está a Kate. Enrola o estetoscópio à volta do pescoço e senta-se numa cadeira à minha frente.

— Eu queria ser convidado para o casamento dela.

— E vai ser - insisto, mas ele abana a cabeça.

O meu coração bate um pouco mais rápido.

— Uma taça para ponche, é isso que pode dar-lhe. Uma moldura para pôr fotografias. Pode propor um brinde.

— Sara - diz o Dr. Chance -, precisa de se despedir.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 242

O Jesse passa quinze minutos fechado dentro do quarto da Kate, e sai a olhar para tudo como uma bomba prestes a explodir. Corre pelos corredores da Unidade de Cuidados Intensivos do piso da pediatria.

— Eu vou lá - diz o Brian e dirige-se para o fundo do corredor atrás do Jesse.

A Anna senta-se encostada à parede. Ela também está zangada.

— Eu não vou fazer isto. Eu agacho-me junto dela.

— Não há nada que eu menos queira obrigar-te a fazer, acredita-me. Mas se não o fizeres, Anna, então um dia vais desejar tê-lo feito.

Beligerante, a Anna dirige-se ao quarto da Kate, senta-se numa cadeira. O peito da Kate sobe e desce, devido ao ventilador. Toda a raiva sai de dentro da Anna quando ela se aproxima para tocar na face da irmã.

— Ela consegue ouvir-me? - É claro - respondo eu, mais a mim própria do que a ela.

— Eu não vou para o Minnesota - sussurra a Anna. - Eu nunca irei a lado nenhum -

ela aproxima-se mais. - Acorda, Kate.

Ambas sustentamos a respiração, mas não acontece nada.

Nunca cheguei a perceber porque se diz perder um filho. Nenhum pai é assim tão descuidado. Todos nós sabemos exactamente onde os nossos filhos e filhas estão; só que nem sempre queremos que eles estejam onde estão.

O Brian, a Kate e eu somos um circuito. Nós estamos sentados um de cada lado da cama de mãos dadas, e com a outra mão na dela.

— Tinhas razão - digo-lhe eu. - Devíamos tê-la levado para casa. O Brian abana a cabeça.

— Se não tivéssemos tentado o arsênico, passaríamos o resto das nossas vidas a perguntar porque não o fizemos - ele afasta o cabelo pálido que rodeia o rosto da Kate. -

Ela é tão boa menina. Fez sempre o que lhe pediste.

Aceno com a cabeça, incapaz de falar.

— É por isso que ela está a aguentar-se, sabes. Ela quer a tua permissão para se ir embora.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 243

Ele inclina-se para a Kate, a chorar tanto que não consegue respirar. Ponho a mão sobre a sua cabeça. Não somos os primeiros pais a perder um filho. Mas somos os primeiros pais a perder um filho nosso. E isso faz toda a diferença.

Quando o Brian adormece, dobrado aos pés da cama, tomo a mão cheia de cicatrizes da Kate entre as minhas. Percorro a forma oval das suas unhas e lembro-me da primeira vez que as pintei, quando o Brian não podia acreditar que eu fizesse isso a uma bebé de um ano. Agora, passados doze anos, viro a sua palma para cima e desejo saber lê-

la, ou, melhor ainda, saber editar essa linha da vida.

Puxo a minha cadeira mais para junto da cama de hospital, - Lembras-te do Verão em que te inscrevemos no campo de férias? E da noite antes de partires, quando disseste que tinhas mudado de idéias e que querias ficar em casa? Eu disseste que arranjasses um lugar do lado esquerdo do autocarro, para quando arrancasse poderes olhar para trás e veres-me ali, à tua espera - coloco a mão dela sobre a minha face, com força suficiente para deixar marca. -

Arranja esse mesmo lugar no Céu. Um em que possas ver-me, a olhar para ti.

E Enterro o meu rosto nos cobertores e digo a esta minha filha o quanto a amo.

Aperto a sua mão uma última vez. Para sentir a mínima pulsação, o mais fraco aperto, o mais ligeiro cerrar dos dedos da Kate, enquanto agarra com as unhas o caminho de regresso a este mundo.

Anna

Eis a minha pergunta: Que idade temos quando estamos no Céu? Quero dizer, se estamos a falar do Céu, devemos estar no nosso auge de beleza, e duvido que toda a gente que morre de velhice ande de um lado para o outro desdentada e careca. Isso também abre caminho para um reino adicional de perguntas. Se nos enforcarmos, será que andamos por aí todos azuis com um aspecto nojento, de língua de fora? Se formos mortos numa guerra, será que passamos a eternidade sem a perna que explodiu devido a uma mina? Acho que talvez possamos escolher. Preenchemos o formulário que nos pergunta se queremos ver as estrelas ou as nuvens, se queremos frango, ou peixe, ou maná para o jantar, com que idade gostaríamos de ser vistos pelo resto das pessoas. Eu, *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 244

por exemplo, talvez escolhesse dezassete anos, na esperança de que por essa altura já me tenham crescido as mamas, e mesmo que seja uma centenária engelhada quando morrer, no Céu seria jovem e bonita.

Uma vez, num jantar de festa, ouvi o meu pai dizer que mesmo que fosse velho, velho, velho, dentro do seu coração teria vinte e um anos. Portanto talvez exista um lugar na nossa vida que gastamos como um sulco, ou, melhor ainda, como o lugar mais macio no sofá. E, independentemente do que nos aconteça, voltamos sempre lá.

O problema, suponho eu, é que todos nós somos diferentes. O que acontecerá no Céu quando todas estas pessoas estão a tentar encontrar-se umas às outras após terem passado tantos anos separadas? Digamos que morremos e começamos a procurar o nosso marido, que morreu há cinco anos. E se o imaginamos aos setenta, mas ele preferiu os dezasseis e anda por aí mais ligeiro do que nunca? E se formos a Kate, e morrermos aos dezasseis anos, mas no Céu escolhermos ter trinta e cinco, uma idade que nunca chegámos a ter aqui na Terra? Como é que alguém seria capaz de nos encontrar? O

Campbell telefona para o quartel para falar com o meu pai, enquanto estamos a almoçar, e diz que a advogada da outra parte quer falar sobre o caso. O que é uma maneira verdadeiramente estúpida de colocar a questão, uma vez que todos sabemos que ele está a falar da minha mãe. Ele diz que temos de nos encontrar às três horas no seu escritório, independentemente de hoje ser domingo.

Sento-me no chão com a cabeça do Juiz no colo. O Campbell está tão ocupado que nem sequer me diz que não o faça. A minha mãe chega mesmo às três em ponto e (visto que a Kerri, a secretária, não trabalha hoje) entra sozinha. Ela fez um esforço especial para apanhar o cabelo atrás num bonito rolo. Colocou um pouco de maquilhagem. Mas, ao contrário de Campbell, que usa este escritório como um sobretudo que pode vestir e despir, a minha mãe parece completamente deslocada num escritório de advogados. É

difícil de acreditar que a minha mãe costumasse ter esta profissão. Acho que ela costumava ser outra pessoa, anteriormente. Acho que todos nós éramos.

— Olá - diz ela suavemente.

— Sr. a Fitzgerald - repete Campbell. Gelo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 245

Os olhos da minha mãe deslocam-se do meu pai, sentado na mesa de conferências, para mim, no chão.

— Olá - diz ela outra vez. Avança, como se fosse abraçar-me, mas detém-se.

— Convocou esta reunião, colega - diz Campbell sem demora. A minha mãe senta-se.

— Eu sei. Eu estava.. bem, eu espero que consigamos esclarecer este assunto.

Quero que tomemos uma decisão, juntos.

Campbell tamborila com os dedos na mesa.

— Está a propor-nos um acordo? Ele faz com que isso soe de uma forma tão profissional. A minha mãe olha para ele pestanejando.

— Sim, acho que estou - ela vira a cadeira para mim, como se apenas nós as duas estivéssemos na sala. - Anna, eu sei o quanto fizeste pela Kate. Também sei que ela já não tem muitas hipóteses. . mas talvez tenha esta.

— A minha cliente não necessita de ser coagida..

— Não faz mal, Campbell - digo eu. - Deixe-a falar.

— Se o cancro regressar, se este transplante de rim não resultar, se as coisas não acabarem da forma que todos nós desejamos para a Kate - bem, eu nunca mais te pedirei que voltes a ajudar a tua irmã... mas, Anna, fazes esta última coisa? Por esta altura ela parece muito pequena, até mais pequena do que eu, como se eu fosse a mãe e ela a filha.

Interrogo-me sobre como terá ocorrido esta ilusão de óptica, visto que nenhuma de nós saiu do mesmo sítio.

Olho para o meu pai, mas ele está petrificado, e parece estar a fazer todos os possíveis para seguir o veio da madeira da mesa de reuniões em vez de participar.

— Está a sugerir que, se a minha cliente doar um rim voluntariamente, então será exonerada de qualquer outro procedimento médico que possa vir a ser necessário no futuro para prolongar a vida da Kate? - esclarece Campbell.

A minha mãe respira fundo.

— Sim.

— Precisamos de discutir este assunto, como é óbvio. Quando eu tinha sete anos, o Jesse esforçou-se bastante para se assegurar de que eu não seria suficientemente *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 246

estúpida para acreditar no Pai Natal. É o pai e a mãe, explicou ele, e eu recusei sempre as suas idéias. Decidi testar a sua teoria. Portanto, nesse Natal, escrevi ao Pai Natal e pedi-lhe um hamster, que era o que eu mais queria no mundo. Coloquei pessoalmente a carta na caixa do correio da secretaria da escola. E resolutamente não disse nada aos meus pais, embora lhes desse algumas pistas sobre brinquedos que esperava receber nesse ano.

Na manhã do dia de Natal, recebi o trenó, e o jogo de computador, e o abafa tingido, que eu tinha mencionado à minha

mãe, mas não recebi o tal hamster porque ela não sabia nada sobre ele. Nesse ano aprendi duas coisas: que nem o Pai Natal nem os meus pais eram como eu queria que fossem.

Talvez o Campbell pense que se trata de uma questão legal, mas, na verdade, trata-se da minha mãe. Eu levanto-me do chão e vôo para os seus braços, que se parecem um pouco com aquele lugar na vida que eu referi anteriormente, tão familiar que deslizamos mesmo para o sítio que se adapta ao nosso corpo. Faz-me doer a garganta, e todas aquelas lágrimas que eu engoli saem do seu esconderijo.

— Oh, Anna - grita ela nos meus cabelos. - Graças a Deus. Graças a Deus.

Abraço-a com o dobro da força do costume, tentando agarrar este momento da mesma forma que gosto de pintar a luz oblíqua do Verão na parede de trás do meu cérebro, um mural que possa admirar durante o Inverno. Eu coloco os meus lábios mesmo ao pé da sua orelha e, mesmo enquanto falo, arrependo-me de estar a fazê-lo.

— Não posso.

O corpo da minha mãe fica rígido. Ela afasta-se de mim, fica a olhar para o meu rosto. Depois põe um sorriso nos lábios, quebrado em vários sítios. Toca-me no alto da cabeça. E pronto. Ela levanta-se, endireita o casaco, e sai do escritório.

Campbell também se levanta da cadeira. Agacha-se à minha frente, no local onde estava a minha mãe. De olhos nos olhos, ele parece mais sério do que alguma vez tinha visto.

— Anna - diz ele. - É mesmo isto que quer? Abro a boca. E encontro uma resposta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 247

Julia

— Achas que eu gosto do Campbell por ele ser um imbecil pergunto à minha irmã -, ou apesar disso? Do sofá, a Izzy manda-me calar. Ela está a assistir a O Nosso Amor de Ontem, um filme que já viu vinte mil vezes. Está na sua lista de Filmes Que Não Podemos Deixar de Ver, que também inclui Um Sonho de Mulher, Ghost - O Espírito do Amor e Dança Comigo.

— Se me fazes perder o fim, Julia, mato-te.

— "Até à vista, Katie" - cito-lhe eu. - "Até à vista, Hubbell." Ela atira-me uma almofada do sofá e limpa os olhos enquanto a banda sonora aumenta de som.

— A Barbra Streisand - diz a Izzy - é o máximo.

— Pensei que isso era um estereótipo de homens gay - olho por cima da mesa cheia de papéis que estive a estudar para me preparar para a audiência de amanhã. Esta é a decisão que eu vou comunicar ao juiz, baseando-me nos interesses da Anna Fitzgerald. O

problema é que não importa que eu esteja do seu lado ou contra ela. De qualquer forma, vou arruinar a sua vida.

— Pensei que estávamos a falar do Campbell - diz a Izzy.

— Não, eu estava a falar do Campbell. Tu estavas a delirar massajo as têmporas. -

Pensei que talvez fosses compreensiva.

— com o Campbell Alexander? Eu não sou compreensiva. Sou apática.

— Tens razão. É esse o teu tipo de patia.

— Olha, Julia. Talvez seja hereditário - diz a Izzy. Ela levanta-se e começa a massajar os músculos do meu pescoço. - Talvez tenhas um gene que atraia autênticos mentecaptos.

— Então tu também o tens.

— Bem - ri ela -, é essa a questão a resolver.

— Eu quero odiá-lo, sabes. Para que fique esclarecido.

Por cima do meu ombro, a Izzy agarra no copo de cola que estou a beber e acaba-a.

— O que aconteceu ao facto de isto ser estritamente profissional? - E é. Só que existe um grupo de oposição minoritário muito ruidoso dentro da minha cabeça que deseja o contrário.

A Izzy volta a sentar-se no sofá.

— O problema, sabes, é que nunca te esqueces do primeiro. E mesmo que o teu cérebro seja suficientemente inteligente, o teu corpo tem o QI de uma mosca da fruta.

— com ele é tão fácil, Iz. É como se começássemos onde tínhamos ficado. Já sei tudo o que necessito sobre ele e ele já sabe tudo o que necessita sobre mim - olho para ela. - Podes apaixonar-te por alguém por seres preguiçosa? - Porque não lhe dás uma queca para poderes tirá-lo da cabeça? - Porque - digo eu - assim que acabar, será mais um bocado do passado do qual não me poderei livrar.

— Posso arranjar-te um dos meus amigos - sugere a Izzy.

— Todos eles têm vaginas.

— Estás a ver? Andas a olhar para as coisas erradas, Julia. Devias sentir-te atraída por alguém devido ao que tem por dentro, e não pela embalagem em que se apresenta. O

Campbell Alexander pode ser lindo, mas é como maçapão a cobrir uma sardinha.

— Achas que ele é lindo? A Izzy revira os olhos.

— Tu - diz ela - estás condenada.

Quando a campainha da porta toca, a Izzy vai espreitar pelo buraco.

— Falando no Diabo.

— É o Campbell? - sussurro. - Diz-lhe que não estou. A Izzy abre a porta apenas alguns centímetros.

— A Julia diz que não está.

— vou matar-te - digo entre dentes, e apareço atrás dela. Empurrando-a para o lado, abro a corrente e deixo o Campbell e o seu cão entrarem.

— A recepção aqui está a ficar cada vez mais calorosa e afectuosa - diz ele.

Cruzo os braços.

— O que queres? Estou a trabalhar.

— Ainda bem. A Sara Fitzgerald acabou de nos propor um acordo. Vem jantar fora comigo e eu conto-te tudo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 249

— Não vou jantar fora contigo - digo eu.

— Por acaso, vais - ele encolhe os ombros. - Eu conheço-te, e acabarás por ceder porque desejas saber o que a mãe da Anna disse, mais intensamente do que não estar comigo. Não podemos ir directos ao assunto? A Izzy começa a rir.

— Ele defacto conhece-te, Julia.

— Se não vens de livre vontade - acrescenta o Campbell -, eu não tenho problemas em recorrer à força bruta. Embora seja consideravelmente mais difícil para ti cortares o teu filet mignon de mãos atadas.

Volto-me para a minha irmã.

— Faz qualquer coisa. Por favor. Ela diz-me adeus.

— Até à vista, Katie.

— Até à vista Hubbell - responde o Campbell. - Grande filme. A Izzy olha para ele, ponderando.

— Talvez haja esperança - diz ela.

Regra número um - digo-lhe eu -, falamos sobre o julgamento, e sobre nada mais do que o julgamento.

— Juro por Deus - promete o Campbell. - E posso apenas dizer que estás linda? -

Vês, já quebraste a regra.

Ele vira para um parque de estacionamento ao pé da água e desliga o motor.

Depois sai do carro e dá a volta até ao meu lado para me ajudar a sair, mas eu não vejo nada que se assemelhe a um restaurante. Estamos numa marina cheia de barcos à vela e iates, com os seus conveses cor de mel a bronzear-se ao sol do fim de tarde.

— Descalça os teus tênis - diz o Campbell.

— Não.

— Por amor de Deus, Julia. Não estamos na época vitoriana; não te vou assediar só por ver o teu tornozelo. Descalça-os lá, está bem? - Porquê? - Porque neste momento tens uma enorme vara

espetada no cu e esta é a única maneira decente que me ocorre para te fazer relaxar - ele descalça os seus próprios sapatos de vela e afunda os pés na relva que cresce à beira do parque de estacionamento. Ahhh - diz ele, e abre os braços um para *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 250

cada lado. - Vá lá, Jóia. Carpe diem. O Verão está quase a acabar; é melhor aproveitares enquanto podes.

— Então e o acordo. .

— O que a Sara disse vai manter-se igual quer andes descalça quer não.

Ainda não sei se ele aceitou este caso por ser um caçador da glória, por querer a conferência de imprensa, ou simplesmente por querer ajudar a Anna. Eu quero acreditar na última hipótese, de tão idiota que sou. O Campbell espera pacientemente, com o cão ao lado. Por fim, desato os tênis e tiro as meias. Ponho os pés em cima da faixa de relva.

A época de Verão, penso eu, é uma inconsciência colectiva. Todos nós nos lembramos das notas que compõem a canção do homem dos gelados; todos nós sabemos qual é a sensação de queimar as coxas num escorrega de um parque infantil que aqueceu como uma faca ao fogo; todos nós nos deitámos de costas com os olhos fechados e o coração a bater na superfície das nossas pálpebras, desejando que esse dia se prolongasse só mais um bocadinho do que o anterior, quando na realidade vai no sentido oposto. O

Campbell senta-se na relva.

— Qual é a regra número dois? - Que sou eu quem estabelece todas as regras -

digo eu. Quando ele sorri para mim, estou perdida.

Na noite passada, o Sete, o empregado de bar, meteu-me um Martini na mão que o esperava e perguntou-me do que me escondia.

Bebi um gole antes de responder, e relembrei a mim própria por que razão detestava Martinis - são álcool puro, é esse o objectivo, é óbvio, mas também é a isso que sabem, o que é sempre um pouco desolador.

— Não estou a esconder-me - disse-lhe. - Estou aqui, não estou? Era cedo para um bar, ainda eram horas de jantar. Parei lá quando voltava do quartel dos bombeiros, onde tinha estado com a Anna. Dois tipos estavam a trocar carícias numa mesa isolada ao canto, um homem sozinho estava sentado do outro lado do bar.

— Podemos mudar de canal? - ele fez um sinal indicando a televisão, que estava a transmitir o telejornal. - O Jennings é muito mais atraente do que o Brokaw.

O Sete carregou no comando, e depois voltou-se de novo para mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 251

— Não estás a esconder-te, mas estás num bar gay à hora de jantar. Não estás a esconder-te, mas usas esse fato como se fosse uma armadura.

— Bem, eu ia mesmo aceitar conselhos sobre moda de um tipo com um piercing na língua.

O Sete ergueu uma sobrancelha.

— Mais um Martini, e eu era capaz de te convencer a fazer uma visita ao meu amigo Johnston para Fazeres um também. Podemos tirar a tinta cor-de-rosa do cabelo de uma rapariga, mas ela nunca deixará de ter aquelas raízes.

Bebo mais um gole de Martini.

— Tu não me conheces.

Do outro lado do bar, o outro cliente ergueu o rosto para contemplar o Peter Jennings e sorriu.

— Talvez - disse o Sete -, mas tu também não.

Afinal o jantar foi pão com queijo - bem, uma baguette e Gruyère - a bordo de um barco à vela de nove metros. Campbell dobra as calças para cima como um náufrago, prepara o cordame, içá a âncora e põe a vela ao vento até estarmos tão longe da costa de Providence que esta se torna apenas uma linha de cor, um longínquo colar de pedras preciosas.

Passado um tempo, quando se torna evidente que qualquer informação que o Campbell esteja disposto a fornecer não será comunicada antes da sobremesa, cedo.

Deito-me de costas com o braço dobrado por cima do cão adormecido. Observo a vela, agora solta, a bater como a grande asa branca de um pelicano. O Campbell aparece vindo de debaixo do convés, onde estive à procura de um saca-rolhas, a segurar em dois copos de vinho tinto. Senta-se do outro lado do Juiz e toca-lhe a parte de trás das orelhas.

— Já alguma vez pensaste em ser um animal?

— Figurativamente? Ou literalmente?

— Retoricamente - diz ele. - Se não tivesses esse invólucro humano.

Penso nisto por um bocado.

— É alguma rasteira? Por exemplo, se eu disser baleia assassina, vais dizer-me que isso significa que sou um peixe carnívoro, implacável e insensível? - São mamíferos - diz o *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 252

Campbell. - E não. Trata-se apenas de um simples questionário para meter conversa educadamente.

Volto a cabeça.

— O que serias? - Eu perguntei primeiro.

Bem, um pássaro está fora de questão; tenho demasiado medo das alturas. Acho que não tenho a atitude certa para ser um gato. E sou demasiado solitária para estar numa matilha, como um lobo ou um cão. Penso em dizer algo como um társio apenas para me exhibir mas depois ele vai perguntar-me que raio é isso e eu não consigo lembrar-me se é um roedor ou um lagarto.

— Um ganso - decido. Campbell desata a rir.

— A Mãe Ganso? Ou o Ganso Tanso? É porque acasalam para toda a vida, mas eu preferia atirar-me borda fora do que dizer-lhe isso.

— E tu? Mas ele não me responde directamente.

— Quando fiz à Ânnia a mesma pergunta, ela disse-me que seria uma Fénix.

A imagem da criatura mítica a erguer-se das cinzas brilha na minha mente.

— Elas não existem.

Campbell acaricia a cabeça do cão.

— Ela disse que depende de haver ou não alguém que consiga vê-las - então olha para mim. - Como é que a vês, Julia? O vinho que tenho estado a beber fica subitamente azedo. Será que tudo isto - o charme, o piquenique, velejar ao pôr do Sol - foi planeado para que eu ficasse do seu lado no julgamento de amanhã? O que quer que seja que eu recomende enquanto tutora ad litem vai pesar bastante na decisão do juiz DeSalvo, e o Campbell sabe disso.

Até este momento, não me tinha apercebido de que alguém pudesse despedaçar-nos o coração duas vezes, exactamente nos mesmos sítios sensíveis.

— Não vou dizer-te qual é a minha decisão - digo eu asperamente. - Podes esperar para a ouvires quando me chamares como testemunha - agarro-me ao cabo da âncora e tento içá-la. - Agora queria voltar, por favor.

O Campbell tira-o da minha mão.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 253

— Já me disseste que achas que doar um rim à irmã não vai ao encontro dos interesses da Anna.

— Também te disse que ela é incapaz de tomar essa decisão sozinha.

— O pai tirou-a de casa. Ele pode ser o apoio moral dela.

— E quanto tempo é que isso vai durar? E da próxima vez? estou furiosa comigo mesma por me deixar levar. Por aceitar jantar fora, por acreditar que o Campbell pudesse querer estar comigo, em vez de me usar. Tudo - desde os seus elogios à minha aparência até ao vinho servido no convés - foi friamente planeado para o ajudar a ganhar este caso.

— A Sara Fitzgerald propôs um acordo - diz o Campbell. - Ela disse que, se a Ana doar um rim, não voltará a pedir-lhe que faça mais nada pela irmã. A Anna recusou.

— Sabes, eu poderia fazer com que o juiz te pusesse na cadeia por causa disto. É

totalmente contra a ética tentares seduzir-me para que eu mude de opinião.

— Seduzir-te? Eu apenas coloquei as minhas cartas na mesa. Facilitei o teu trabalho.

— Oh, é claro. Desculpa - digo eu sarcasticamente. - Não se trata de ti. Não se trata de eu ter de escrever um relatório que penda claramente a favor da petição da tua cliente. Se fosses um animal, Campbell, sabes qual serias? Um sapo. Não, pensando melhor, serias um parasita na barriga de um sapo. Algo que tire o que necessita sem dar absolutamente nada em troca.

Uma veia pulsa, azul, na sua têmpora.

— Já acabaste? - Na verdade, ainda não. Será que da tua boca sairá alguma vez algo sincero? - Não te menti.

— Não? Para que serve o cão, Campbell? - Jesus Cristo, és capaz de te calar? - diz o Campbell, e puxa-me para os seus braços e beija-me.

A sua boca movimenta-se como uma história silenciosa; ele sabe a sal e a vinho.

Não há um momento de reaprendizagem, de ajuste de padrões dos últimos quinze anos; os nossos corpos lembram-se de aonde devem ir. Ele lambe o meu nome ao longo da minha garganta. Aproxima-se tanto de mim que qualquer dor que houvesse à superfície entre nós se espalha, tornando-se numa ligação em vez de uma fronteira.

Quando nos separamos para respirar de novo, Campbell fica a olhar para mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 254

— Mesmo assim, tenho razão - sussurro.

É a coisa mais natural do mundo quando o Campbell puxa a minha velha camisola para cima, tirando-a pela cabeça, e tenta abrir o fecho do meu soutien. Quando se ajoelha à minha frente, com a cabeça por cima do meu coração, quando sinto a água embalar o casco do barco, penso que talvez este seja o nosso lugar. Talvez existam mundos inteiros onde não haja barreiras, onde os sentimentos nos conduzam como uma maré.

SEGUNDA-FEIRA

Vede como uma faúlha pode incendiar uma grande floresta!

— CARTA DE SÃO TIAGO 3,5

Campbell

Dormimos na minúscula cabina, encostados ao seu desnível. Aposentos acanhados, mas isso não parece ser importante: durante toda a noite, ela encaixa-se em mim. Ressona, só um bocadinho. O seu dente da frente é torto. As suas pestanas são tão compridas como a minha unha do polegar.

São estas minúcias que provam, mais do que qualquer outra coisa, a diferença que existe entre nós agora, passados quinze anos. Quando temos dezassete anos, não pensamos em que apartamento é que queremos dormir. Quando temos dezassete anos, nem sequer vemos o rosa-pérولا do seu soutien, a renda em V entre as suas pernas.

Quando temos dezassete anos, o importante é o agora, e não o depois.

O que eu ameí na Julia - pronto, agora já disse - foi o facto de ela não precisar de ninguém. No Wheeler, mesmo quando ela se destacava, com o seu cabelo cor-de-rosa, e o seu casaco militar acolchoado e botas da tropa, fazia-o sem desculpas. Foi uma grande ironia que o próprio facto de manter uma relação com ela diminuísse o seu poder de atracção, que, no momento em que ela retribuiu o meu amor e começou a depender de mim tanto quanto eu dependia dela, deixou de ser um espírito verdadeiramente independente.

Nem no quinto dos infernos havia de ser eu a tirar-lhe essa qualidade.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 255

Depois da Julia, não houve assim tantas mulheres. Nenhuma cujo nome eu me desse ao trabalho de recordar, de qualquer modo. Era demasiado complicado manter a fachada; em vez disso, escolhi o caminho pedregoso dos cobardes, o dos encontros de uma só noite. Por necessidade - médica e emocional - tornei-me bastante hábil em escapulir-me.

Mas houve meia dúzia de ocasiões na noite passada em que tive oportunidade de ir embora. Enquanto a Julia dormia, até ponderei a melhor maneira de o fazer: um bilhete preso na almofada, uma mensagem rabiscada no convés com o batom cor de cereja dela.

E, no entanto, o impulso de fazer isto não era de forma nenhuma tão forte como a necessidade de esperar só mais um minuto, mais uma hora.

Do local onde está enrolado, preso à mesa da cozinha, o Juiz ergue a cabeça. Gane baixinho, e eu compreendo-o perfeitamente. Libertando-me da luxuriante floresta dos cabelos da Julia, saio ela cama. da estende-se para o sítio quente que eu deixei.

Juro que isso me deixa de novo excitado.

Mas em vez de fazer o que me apetece - ou seja, telefonar a dizer que estou doente com alguma estirpe latente de varíola e obrigar o secretário do tribunal a marcar uma nova audiência para poder passar o dia na cama -, visto as calças e subo ao convés.

Quero certificar-me de que chego ao tribunal antes da Anna, e preciso de tomar um duche e de mudar de roupa. Deixo as chaves do meu carro à Julia - até minha casa é uma curta caminhada. Só quando o Juiz e eu estamos a caminho de casa é que me apercebo de que, ao contrário das outras manhãs estremunhadas em que abandonei uma mulher, não deixei para trás algum símbolo encantador da minha presença à Julia, algo que amortecesse o golpe do abandono ao acordar.

Interrogo-me se terá sido um lapso. Ou se estive este tempo todo à espera que ela regressasse para poder crescer.

Quando o Juiz e eu chegamos ao edifício Garrahy para comparecer à audiência, temos de abrir caminho por entre os jornalistas que se juntaram para o Evento Principal.

Eles metem microfones à minha frente e pisam as patas do Juiz inadvertidamente. Quando a Anna pensar em atravessar este corredor humano, vai desatar a fugir.

Ao entrar pela porta da frente, faço um sinal ao Vern.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 256

— Pode mandar alguns seguranças para aqui? - peço-lhe. - Eles vão comer as testemunhas vivas.

Depois vejo Sara Fitzgerald, já à espera. Ela veste um fato que o mais provável é já não sair do saco de plástico da lavandaria há uma década, e o seu cabelo está austeramente puxado e preso com um gancho. Não traz uma pasta mas uma mochila.

— bom dia - digo pausadamente.

A porta abre-se de par em par e Brian entra, olhando para Sara e depois para mim.

— Onde está a Anna? Sara avança.

— Ela não veio contigo? - Ela já tinha saído quando regressei de uma missão às cinco da manhã. Deixou um bilhete a dizer que se encontraria aqui comigo - olha para a porta, e para os chacais do outro lado. Aposto que se foi embora.

Ouve-se de novo o som de algo que estava selado a ser aberto, e então a Julia entra no tribunal numa onda de gritos e perguntas. Alisa o cabelo para trás, tenta orientar-se, e depois olha para mim e fica de novo desorientada.

— Eu vou à procura dela - digo eu. Sara fica irritada.

— Não, eu vou.

A Julia olha para cada um de nós.

— À procura de quem? - A Anna ausentou-se temporariamente - explico.

— Ausentou-se? - diz a Julia. - Ou seja, desapareceu? - Nada disso - isto também não é mentira. Para a Anna ter desaparecido, teria de ter aparecido antes.

Apercebo-me de que até sei para onde vou - ao mesmo tempo que Sara também percebe. Nesse momento, ela deixa-me assumir o controlo. A Julia agarra no meu braço enquanto me dirijo para a porta. Enfia-me as chaves do meu carro na mão.

— Agora percebes porque é que isto não vai resultar? Volto-me para ela.

— Julia, ouve. Também quero conversar sobre o que está a acontecer entre nós.

Mas esta não é a altura certa.

— Eu referia-me à Anna. Campbell, ela estava a falar por falar. Nem sequer conseguiu comparecer à sua própria audiência. O que achas disso? - Que toda a gente pode ter medo - respondo por fim, num aviso justo para todos nós.

Os estores do quarto de hospital estão corridos, mas isso não me impede de ver a palidez angelical do rosto da Kate Fitzgerald, com uma rede de veias azuis a marcar o caminho da medicação de último recurso que circula debaixo da sua pele. A Anna está enrolada aos pés da cama.

Por minha ordem, o Juiz fica à porta à espera.

— Anna, são horas de irmos embora.

Quando a porta do quarto de hospital se abre, espero que entre Sara Fitzgerald ou um médico com um carrinho de transporte de equipamento. Em vez disso, para minha surpresa, aparece o Jesse.

— Olá - diz ele, como se fôssemos velhos amigos.

Como é que veio até aqui? Quase lhe pergunto, mas apercebo-me de que não quero ouvir a resposta.

— Vamos directamente para o tribunal. Quer uma boleia? - pergunto secamente.

— Não, obrigado. Pensei que como toda a gente vai lá estar, era melhor vir para aqui. - Os seus olhos não se desviam da Kate. - Ela está com um aspecto horrível.

— De que estavas tu à espera - responde a Anna, agora acordada. - Ela está a morrer.

Mais uma vez, dou por mim a observar a minha cliente. Eu devia saber melhor do que ninguém que as motivações nunca são o que parecem, mas mesmo assim não consigo percebê-la.

— Temos de ir embora.

No carro, a Anna vai à frente, enquanto o Juiz ocupa o banco de trás. Ela começa a falar-me de uma disparatada decisão judicial que tinha encontrado na Internet, em que um homem do Montana, em 1876, foi legalmente interdito de utilizar a água de um rio que tinha origem nas terras do seu irmão, embora isso significasse que todas as suas colheitas iriam secar.

— O que está a fazer? - pergunta ela, quando eu deliberadamente não viro para o tribunal.

Em vez disso encosto perto de um parque. Uma rapariga com um belo traseiro passa a correr, segurando a trela de um desses cães que mais parecem gatos.

— Vamos chegar atrasados - diz a Anna passado um bocado. - Já estamos atrasados. Ouça, Anna. O que se passa? Ela olha para mim com um daqueles olhares de adolescente patenteados, como para dizer que seria impossível que ela e eu descendêssemos da mesma cadeia evolutiva.

— Vamos para o tribunal.

— Não é isso que eu estou a perguntar. Quero saber por que razão vamos para o tribunal.

— Bem, Campbell, acho que deve ter faltado ao primeiro dia de aulas na faculdade de direito, mas é isso que acontece quando alguém instaura um processo legal.

Continuo a olhar para ela, recusando-me a ser suplantado.

— Anna, porque é que vamos para o tribunal? Ela não pestaneja.

— Porque é que tem um cão de serviço? Tamborilo com os dedos no volante e olho para o parque lá fora. Agora uma mãe empurra um carrinho de bebê, no mesmo local onde estava a corredora, sem prestar atenção ao bebê que está a fazer tudo o que pode para sair de lá. O som abafado dos pássaros a levantar vôo irrompe de uma árvore.

— Não falo sobre isto com ninguém - digo eu.

— Eu não sou propriamente ninguém. Respiro fundo.

— Há muito tempo fiquei doente e acabei por desenvolver uma otite. Mas, por qualquer razão, o medicamento não resultou e eu fiquei com o nervo danificado. Sou totalmente surdo do ouvido esquerdo. O que de modo geral não faz diferença, mas há alguns assuntos relacionados com o meu estilo de vida com os quais não conseguia lidar.

Tais como ouvir um carro a aproximar-se, sabe, mas não ser capaz de perceber de onde vem. Ou ter alguém atrás de mim na mercearia que quer passar pelo corredor, mas não a ouvir pedir que me desvie. Fui treinado com o Juiz para que nessas circunstâncias, ele possa ser os meus ouvidos. - Hesito. - Não gosto que as pessoas sintam pena de mim. Daí o grande segredo.

A Anna fica a olhar para mim cautelosamente.

— Eu fui ao seu escritório porque, só por uma vez, queria que o assunto fosse eu e não a Kate.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 259

Mas esta confissão egoísta sai enviesada; simplesmente não bate certo. Este processo nunca tratou de a Anna querer que a irmã morresse, mas simplesmente de ela querer ter hipótese de viver.

— Está a mentir.

A Anna cruza os braços.

— Bem, você mentiu primeiro. Ouve perfeitamente bem.

— E você é uma fedelha. - Desato a rir. - Faz-me lembrar eu próprio.

— E isso supostamente é uma coisa boa? - diz a Anna, mas está a sorrir.

O parque começa a ficar mais movimentado. Um grupo escolar inteiro percorre o trilho, crianças pequenas todas juntas como cães de trenó huskies, a arrastar dois professores atrás. Alguém passa por nós de bicicleta, vestindo as cores dos U. S. Postal Service.

— Vamos lá. Eu pago-lhe o pequeno-almoço.

— Mas estamos atrasados. Encolho os ombros.

— Quem está a cronometrar? O juiz DeSalvo não está satisfeito; o passeio da Anna pelo campo nesta manhã fez-nos perder uma hora e meia. Ele olha para mim quando o Juiz e eu nos apressamos a entrar nos seus aposentos para a conferência antes do julgamento.

— Meritíssimo, peço desculpa. Tivemos uma emergência veterinária.

Eu sinto, mais do que vejo, Sara a ficar de boca aberta.

— Não foi isso que a advogada da outra parte indicou - diz o juiz. Olho para DeSalvo directamente nos olhos.

— Bem, foi o que aconteceu. A Anna foi suficientemente generosa para me ajudar, mantendo o cão calmo enquanto o pedaço de vidro estava a ser removido da sua pata.

O juiz está duvidoso. Mas existem leis contra a discriminação aos deficientes, e eu estou a tirar o máximo partido delas; a última coisa que quero é que ele culpe a Anna por este atraso.

— Haverá alguma maneira de resolver esta petição sem se realizar uma audiência?

- pergunta ele.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 260

— Receio que não. - A Anna poderá não estar disposta a partilhar os seus segredos, o que me resta apenas respeitar, mas ela sabe que quer prosseguir.

O juiz aceita a minha resposta.

— Dr. a Fitzgerald, presumo que ainda esteja a representar-se a si própria? - Sim, Meritíssimo - diz ela.

— Então está certo. - O juiz DeSalvo olha para cada um de nós.

— Isto é o Tribunal de Família, senhores. No Tribunal de Família, e sobretudo em audiências como esta, eu pessoalmente tento suavizar as regras das provas porque não desejo uma audiência contenciosa. Sou capaz de filtrar o que é admissível e o que não é, e se houver algo verdadeiramente objectável, darei ouvidos à objecção, mas preferia que esta audiência decorresse com rapidez, sem nos preocuparmos com a forma. - Olha directamente para mim. - Quero que isto seja o mais suave possível para todos os envolvidos.

Dirigimo-nos para a sala de audiências - mais pequena do que as dos tribunais criminais, mas mesmo assim intimidante. Viro para a sala de espera para apanhar a Anna pelo caminho. Quando entramos pela porta, ela fica paralisada. Olha para as vastas paredes cobertas de painéis, as filas de cadeiras, o imponente lugar do juiz.

— Campbell - sussurra ela -, eu não vou ter de ficar ali de pé a falar, pois não? Na realidade, o mais provável é que o juiz queira ouvir o que ela tem para dizer. Mesmo que a Julia esteja a favor da sua petição, mesmo que Brian diga que irá ajudar a Ana, o juiz DeSalvo pode querer que ela dê o seu testemunho. Mas dizer-lhe isto neste momento apenas irá atrapalhá-la - e isso não é maneira de se dar início a uma audiência.

Penso sobre a conversa no carro, quando a Anna me chamou mentiroso. Há duas razões para não se dizer a verdade - porque a mentira nos dá o que queremos, ou porque a mentira impedirá que

alguém se magoe. É por estas duas razões que eu dou esta resposta à Anna.

— Bem - digo eu -, duvido.

— Sr. Dr. Juiz - começo -, sei que não é prática comum, mas há algo que gostaria de dizer antes de começarem a ser chamadas as testemunhas.

O juiz DeSalvo suspira.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 261

— Não foi exactamente este tipo de cerimônias que eu pedi que não fizessem? -

Meritíssimo, eu não pediria se não achasse que era importante.

— Seja breve - concede o juiz.

Eu levanto-me e dirijo-me ao lugar do juiz.

— Meritíssimo, durante toda a sua vida. Anna Fitzgerald recebeu tratamentos médicos em benefício da sua irmã, e não no seu.

Ninguém põe em dúvida o amor de Sara Fitzgerald por todos os seus filhos, ou as decisões que ela tomou por esta filha.

Volto-me, e vejo a Julia a observar-me cuidadosamente. E de repente lembro-me daquele trabalho de ética de há tantos anos, e sei o que tenho a dizer.

— Deve lembrar-se do caso recente dos bombeiros de Worcester, Massachusetts.

que morreram num incêndio originado por uma mulher sem abrigo. Ela sabia que o fogo tinha sido ateado e abandonou o edifício, mas nunca chegou a telefonar para o 112

porque pensou que podia meter-se em sarilhos. Seis homens morreram nessa noite, e no entanto, o Estado não pôde considerar a mulher como culpada, porque na América -

mesmo que as consequências sejam trágicas - não somos responsáveis pela segurança de outra pessoa. Não somos obrigados a ajudar alguém que esteja em perigo. Nem que tenhamos sido nós a atear o fogo. Nem se passarmos por um acidente de automóvel. Nem se formos um dador totalmente compatível.

Olho novamente para a Julia.

— Estamos aqui hoje porque existe uma diferença no nosso sistema de justiça entre o que é legal e o que é moral. Por vezes é fácil distingui-los. Mas, de vez em quando, sobretudo quando há contacto, o certo parece por vezes errado, e o errado parece por vezes certo. - Regresso ao meu lugar, mas fico de pé. - Estamos aqui hoje - termino -, para que este Tribunal nos ajude a ter uma visão um pouco mais clara.

A minha primeira testemunha é a advogada da outra parte. Observo Sara a dirigir-se à barra das testemunhas, como um marinheiro em terra firme. Ela consegue sentar-se e fazer o juramento sem nunca desviar o olhar da Anna.

— Meritíssimo, gostaria de ter permissão para tratar a Sr. a Fitzgerald como testemunha hostil.

O juiz franze o sobrolho.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 262

— Dr. Alexander, espero sinceramente que tanto o senhor como a Sr. a Fitzgerald consigam ser civilizados aqui.

— Claro, Meritíssimo. - Dirijo-me a Sara. - Pode dizer-nos o seu nome? Ela levanta o queixo com decisão.

— Sara Crofton Fitzgerald.

— É mãe da menor Anna Fitzgerald? - Sim. E também da Kate e do Jesse.

— É ou não verdade que foi diagnosticada leucemia promielocítica aguda à sua filha Kate aos dois anos de idade? - É verdade.

— Nessa altura a senhora e o seu marido decidiram conceber uma criança programada geneticamente para ser dadora de órgãos para a Kate, para que ela pudesse ser curada? O rosto de Sara endurece.

— Não seriam essas as palavras que eu utilizaria, mas sim, foi essa a história da concepção da Anna. Planeávamos utilizar o sangue do cordão umbilical da Anna para fazer um transplante.

— Por que não tentaram encontrar um dador não familiar? - É muito mais perigoso. O risco de mortalidade teria sido muito mais elevado se utilizássemos alguém que não tivesse relação de parentesco com a Kate.

— Então que idade tinha a Anna quando doou um órgão ou tecido à sua irmã? - A Kate recebeu o transplante um mês depois de a Anna ter nascido.

Abano a cabeça.

— Não perguntei quando a Kate o tinha recebido; perguntei quando a Anna o tinha doado. O sangue do cordão umbilical foi retirado à Anna momentos após o nascimento, não foi? - Sim - diz Sara -, mas a Ana nem sequer se apercebeu.

— Que idade tinha a Ana quando voltou a doar uma parte do seu corpo a Kate?

Sara retrai-se, tal como eu esperava.

— Tinha cinco anos quando doou linfócitos.

— O que é que isso envolve? - Retirar sangue dos braços.

— A Anna concordou em deixar que lhe espetassem uma agulha no braço? - Ela tinha cinco anos - responde Sara.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 263

— Perguntou-lhe se lhe podia espetar uma agulha no braço? - Pedi-lhe para ajudar a irmã.

— É ou não verdade que alguém teve de segurar na Anna para poderem espetar-lhe a agulha no braço? Sara olha para a Anna, fecha os olhos.

— Sim.

— Chama a isso participação voluntária, Sr. a Fitzgerald? - Pelo canto dos olhos consigo ver as sobrancelhas do juiz DeSalvo a juntarem-se. - Da primeira vez que retirou linfócitos à Anna, verificaram-se alguns efeitos secundários? - Ela ficou com algumas equimoses. Alguma sensibilidade.

— Passado quanto tempo é que lhe retirou de novo sangue? - Um mês.

— Dessa vez também tiveram de a segurar? - Sim, mas. .

— Quais foram então os efeitos secundários? - Os mesmos. - Sara abana a cabeça.

- Não compreende. Não se trata do facto de eu não ver o que estava a acontecer à Anna, de cada vez que ela era submetida a uma intervenção. Não importa qual dos nossos filhos vemos nessa situação - de cada uma das vezes, ficamos destroçados.

— E no entanto, Sr. a Fitzgerald, conseguiu superar esse sentimento - digo -, porque retirou sangue à Anna uma terceira vez.

— Foram precisas essas vezes para obter os linfócitos necessários - diz Sara. - Não é um procedimento exacto.

— Que idade tinha a Anna da vez seguinte que teve de ser submetida a tratamento médico para o bem estar da irmã? - Quando a Kate tinha nove anos e apanhou uma infecção grave e. .

— Mais uma vez, não foi isso que perguntei. Queria saber o que aconteceu à Anna quando tinha seis anos.

— Doou granulócitos para combater a infecção da Kate. É um processo muito semelhante à doação de linfócitos.

— Mais uma picada de agulha? - Exactamente.

— Perguntou-lhe se ela estava disposta a doar os granulócitos? Sara não responde.

— Sr. a Fitzgerald? - apressa-a o juiz. Ela volta-se para a filha, em apologia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 264

— Anna, tu sabes que nunca fizemos estas coisas para te magoar. Isto magoa-nos a todos. Se ficaste com equimoses por fora, nós ficámos com elas por dentro.

— Sr. a Fitzgerald - coloco-me entre ela e a Anna. - Perguntou-lhe? - Por favor, não faça isto - diz Sara. - Todos nós sabemos da história. Eu estipulo o que quer que seja que está a tentar fazer para me crucificar. Preferia acabar rapidamente com esta parte.

— Porque é difícil ouvir isto a ser exposto novamente, não é? Eu sei que estou quase a pisar o risco, mas atrás de mim está a Anna, e eu quero que ela saiba que há alguém que está disposto a ir em frente por ela. - Assim tudo somado, já não parece tão inócuo, pois não? - Dr. Alexander, qual é o objectivo disto? - interrompe o juiz DeSalvo. -

Eu estou ciente do número de intervenções a que a Anna foi submetida.

— Porque temos a história clínica da Kate, Meritíssimo, mas não a da Anna.

O juiz DeSalvo olha para um e para o outro.

— Seja breve, Doutor. Volto-me para Sara.

— Medula óssea - diz ela asperamente, antes que eu pudesse fazer a pergunta. -

Ela levou uma anestesia geral por ser tão jovem, e espetaram-lhe agulhas nas fossas ilíacas para extrair medula.

— Foi só uma picada de agulha, tal como nas outras intervenções? - Não - diz Sara em voz baixa. - Foram cerca de quinze.

— No osso? - Sim.

— Quais foram os efeitos secundários na Anna dessa vez? - Ela teve algumas dores, e deram-lhe analgésicos.

— Portanto desta vez, a Anna teve de ficar internada de um dia para o outro. . e precisou ela própria de medicação? Sara demora um minuto para se recompor.

— Disseram-me que a doação de medula não é considerada uma intervenção particularmente invasiva para o dador. Talvez eu estivesse mesmo à espera de ouvir essas palavras; talvez precisasse de as ouvir naquela altura. E talvez não estivesse a pensar na Anna tanto quanto devia, por estar tão focada na Kate. Mas não tenho nenhuma dúvida de que - como toda a gente na nossa família - a Anna só queria que a irmã se curasse.

— Bem, é claro - respondo -. para que deixasse de lhe espetar agulhas.

— Basta, Dr. Alexander - interpõe o juiz DeSalvo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 265

— Espere - interrompe Sara. - Gostaria de dizer uma coisa. Ela volta-se para mim. -

Pensa que pode materializar tudo em palavras, preto no branco, como se fosse assim tão fácil. Mas o senhor representa apenas uma das minhas filhas, Dr. Alexander, e só neste tribunal. Eu represento as duas de forma igual, em todo o lado, em qualquer local. Eu amo-as às duas de forma igual, em todo o lado, em qualquer local.

— Mas admitiu que sempre teve em conta a saúde da Kate, e não a da Anna, ao fazer estas escolhas - faço notar. - Portanto como pode afirmar que as ama às duas de forma igual? Como pode dizer que não favoreceu uma das suas filhas nas suas decisões? -

Não está a pedir-me que faça exactamente isso? - pergunta Sara. - Só que desta vez, favorecendo a outra filha?

Anna

Enquanto somos crianças temos a nossa própria linguagem, e ao contrário do francês ou do espanhol, ou de qualquer outra língua que começamos a aprender na escola, com esta já nascemos, e depois podemos eventualmente perder. Toda a gente com menos de sete anos é fluente na língua dos ses; convivam com alguém com menos de noventa centímetros e verão. E se uma tarântula gigante saísse daquele buraco por cima da nossa cabeça e nos picasse no pescoço? E se o único antídoto para o veneno estivesse trancado num cofre no cume de uma montanha? E se sobrevivêssemos à picada, mas só conseguíssemos mexer as pálpebras e pestanejar o alfabeto? Realmente não interessa até onde vamos; a questão é que existe um mundo de possibilidades. Os miúdos pensam com os cérebros completamente abertos; o processo de nos tornarmos adultos, já descobri, consiste apenas numa lenta costura para os fechar.

Durante o primeiro intervalo, o Campbell leva-me para uma sala de conferências para termos privacidade e compra-me uma Cola que não está fresca.

— Então - diz ele. - O que pensas até agora? Estar numa sala de audiências é esquisito. É como se me tivesse transformado num fantasma - consigo observar o que está a acontecer, mas mesmo que me apeteça falar ninguém conseguiria ouvir-me. Juntem a isso a situação bizarra de eu ter de ouvir toda a gente a falar sobre a minha vida, como se *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 266

não me conseguissem ver aqui sentada, e tivessem aterrado no meu surreal cantinho da Terra.

O Campbell abre a sua 7Up e senta-se à minha frente. Deita um pouco num copo de papel para o Juiz, e depois bebe longamente.

— Comentários? - diz ele. - Perguntas? Sinceros elogios ao meu hábil litígio?

Encolho os ombros.

— Não é como eu estava à espera.

— O que quer dizer? - Achei que quando começasse, eu saberia de certeza que estava a fazer o que devia. Mas quando a minha mãe estava lá em cima, e você estava a fazer-lhe todas aquelas perguntas... - Olho para ele. - Aquela parte de isto não ser simples. Ela tem razão.

E se fosse eu que estivesse doente? E se tivessem pedido à Kate para fazer aquilo que eu fiz? E se um dia destes, a medula, ou o sangue, ou o que quer que fosse, resultasse mesmo, e fosse o fim disto tudo? E se eu conseguisse olhar para tudo isto um dia e sentir-me bem devido àquilo que fiz, em vez de me sentir culpada? E se o juiz não achar que eu tenho razão? E se ele achar que tenho? Não consigo responder a nenhuma destas perguntas, e é assim que sei que esteja preparada ou não, estou a crescer.

— Anna. - O Campbell levanta-se e dirige-se ao meu lado da mesa. - Agora não é altura para começar a mudar de idéias.

— Eu não estou a mudar de idéias. - Faço a lata girar entre as palmas das minhas mãos. - Acho que o que quero dizer é que mesmo que ganhemos, acabamos por não ganhar.

Quando eu tinha doze anos comecei a tomar conta dos gêmeos que vivem ao fundo da rua. Eles só têm seis anos, e não gostam do escuro, portanto normalmente acabo por me sentar no meio deles num banco com a forma maciça de uma pata de elefante, com unhas e tudo. Nunca deixo de me admirar da rapidez com que um miúdo consegue desligar o botão da energia - eles estão a trepar pelas cortinas e zás, cinco minutos depois estão a dormir. Será que eu fui alguma vez assim? Não me lembro, e isso faz-me sentir velha.

De vez em quando, um dos gêmeos adormece antes do outro.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 267

— Anna - dirá o seu irmão -, quantos anos faltam para eu poder conduzir? - Dez - digo-lhe eu.

— Quantos anos faltam para poderes conduzir? - Três.

Depois a conversa alastra como os fios de uma teia de aranha que tipo de carro vou comprar; o que serei quando crescer; se é horrível ter trabalhos de casa para fazer todas as noites na escola

secundária? é uma grande aventura ficar acordado até um pouco mais tarde. Por vezes cedo, mas na maior parte das vezes obrigo-o a ir dormir. Sinto um vazio na barriga, sabendo que podia dizer-lhe o que se vai passar, mas sabendo também que isso ia parecer um aviso.

A segunda testemunha que o Campbell chama é o Dr. Bergen, o presidente do Comitê de Ética Médica do Hospital de Providence. Ele tem cabelo grisalho e um rosto enrugado como uma batata assada. Também é mais baixo do que seria de esperar, tendo em conta que é preciso pouco menos de um milênio para recitar as suas credenciais.

— Dr. Bergen - inicia o Campbell -, o que é um comitê de ética? - É um grupo diversificado de médicos, enfermeiros diplomados, clérigos e cientistas, que são nomeados para examinar casos individuais a fim de protegerem os direitos dos doentes. Na bioética ocidental, há seis princípios que tentamos seguir. - Ele conta-os pelos dedos. - Autonomia, ou a idéia de que um doente maior de dezoito anos tem o direito de recusar tratamento; veracidade, o que é basicamente consentimento informado; fidelidade, ou seja, um prestador de cuidados de saúde deve cumprir os seus deveres; beneficência, ou fazer o que vai ao encontro dos interesses do doente; não maleficência. quando já não é possível fazer-se o bem, não se deve prejudicar.. como realizar uma cirurgia complicada num doente terminal de 102 anos de idade; e por fim, justiça - que nenhum doente seja discriminado ao receber tratamento.

— Quais são as funções de um comitê de ética? - Em geral, somos chamados para convocar uma reunião quando existe alguma discrepância relativamente aos cuidados prestados a um paciente. Por exemplo, se um médico achar que deve tomar medidas extraordinárias para servir os interesses do paciente, e a família não achar - ou vice-versa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 268

— Portanto não examina todos os casos que passam pelo hospital? - Não. Só quando se verificam queixas, ou se o médico pedir uma consulta. Examinamos a situação e fazemos as recomendações.

— Não são decisões? - Não - diz o Dr. Bergen.
— E se o paciente queixoso for menor? - pergunta o Campbell.
— O consentimento não é necessário até aos treze anos de idade. Confiamos nos pais para tomarem decisões informadas pelos seus filhos até essa altura.

— E se eles não forem capazes? Ele pestaneja.
— Quer dizer, se não estiverem fisicamente presentes? - Não. Quero dizer se existir outro assunto que lhes diz respeito, que de alguma forma os impeça de decidir de acordo com os interesses da criança? A minha mãe levanta-se.

— Objecção - diz ela. - Ele está a especular.

— Deferida - responde o juiz DeSalvo.

Sem perder tempo, Campbell volta-se de novo para a sua testemunha.

— Os pais controlam as decisões relativas aos cuidados de saúde dos filhos até aos dezoito anos de idade? Bem, eu era capaz de responder a isso. Os pais controlam tudo, a menos que sejamos como o Jesse e façamos o suficiente para os perturbar, de forma que prefiram ignorar-nos do que fingir que existimos realmente.

— Legalmente sim - diz o Dr. Bergen. - Contudo, logo que a criança atinja a adolescência, embora não possa dar o seu consentimento formal, terá de concordar em submeter-se a qualquer intervenção hospitalar - mesmo que os pais já tenham dado autorização.

Esta regra, na minha opinião, é como a lei contra atravessar as ruas sem prestar atenção ao trânsito. Toda a gente sabe que não se deve fazer, mas isso não nos impede realmente.

O Dr. Bergen ainda está a falar.

— Na circunstância rara de desacordo entre um pai e um doente adolescente, o comitê de ética pondera vários factores: se a intervenção vai ao encontro dos interesses do doente, o quadro risco/benefício, a idade e maturidade do adolescente, e o argumento que ele ou ela apresentarem.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 269

— O Comitê de Ética do Hospital de Providence reuniu-se alguma vez devido ao caso dos cuidados prestados a Kate

Fitzgerald? - pergunta o Campbell.

— Em duas ocasiões - diz o Dr. Bergen. - A primeira envolvia a autorização para que ela tentasse fazer um transplante de células estaminais sangüíneas periféricas em 2002, quando o seu transplante de medula óssea e várias outras opções falharam. A segunda, mais recentemente, envolvia o facto de ir ou não ao encontro dos seus interesses receber um rim de um dador.

— Qual foi o resultado, Dr. Bergen? - Recomendámos que a Kate recebesse um transplante de células estaminais sangüíneas periféricas. Quanto ao rim, o nosso grupo estava dividido relativamente a essa decisão.

— É capaz de explicar? - Alguns de nós sentiram que, nesta altura, o estado de saúde da doente já se tinha deteriorado a tal ponto que uma cirurgia complicada e invasiva de transplante seria mais prejudicial do que benéfica. Outros acreditavam que sem um transplante, ela morreria na mesma, e portanto os benefícios suplantavam os riscos.

— Se a sua equipa se encontrava dividida, então a quem cabe a decisão sobre o que irá acontecer em última análise? - No caso da Kate, visto que ainda é menor, a decisão cabe aos pais.

— De ambas as vezes que o seu comité se reuniu devido ao tratamento médico da Kate, foram discutidos os riscos e os benefícios para o dador? - Não era esse o assunto em debate...

— Então e o consentimento da dadora, Anna Fitzgerald? O Dr. Bergen olha directamente para mim, solidário, o que se revelou ser pior do que se pensasse que eu sou uma pessoa horrível visto ter apresentado esta petição, antes do mais. Abana a cabeça.

— Nem preciso de referir que nenhum hospital do país irá retirar um rim de uma criança que não o queira doar.

— Portanto, teoricamente, se a Anna estava a refutar esta decisão, o caso muito provavelmente iria parar em cima da sua secretária? - Bem...

— O caso da Anna foi parar em cima da sua secretária, Doutor? - Não.

Campbell aproxima-se dele.

— Pode explicar-nos porquê? - Porque ela não é uma doente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 270

— A sério? - Ele tira um molho de papéis de dentro da pasta, e entrega-os ao juiz, e depois ao Dr. Bergen. - Estes são os ficheiros clínicos do Hospital de Providence referentes a Anna Fitzgerald ao longo dos últimos treze anos. Porque deveriam existir ficheiros referentes a ela, visto que não era uma doente? O Dr. Bergen folheia-os.

— Ela foi submetida a vários procedimentos invasivos - admite ele. Força, Campbell, penso. Não sou de acreditar em cavaleiros que salvam donzelas em apuros, mas aposto que é um pouco como isto.

— Não lhe parece estranho que em treze anos, dada a espessura destes ficheiros e, antes do mais, dado o facto de eles existirem, o Comitê de Ética nunca se tivesse reunido para discutir o que estava a ser feito à Anna.

— Estávamos convencidos de que a doação era da sua vontade.

— Está a dizer-me que se a Anna tivesse dito antes que não queria doar linfócitos, ou granulócitos, ou sangue do cordão umbilical, ou mesmo andar com um estojo de epinefrina na sua mochila - o Comitê de Ética teria agido de forma diferente? - Eu sei para onde quer levar este assunto, Dr. Alexander - diz o psiquiatra friamente. - O problema é que este tipo de situação clínica nunca tinha existido antes. Não há nenhum precedente.

Estamos a tentar encontrar o caminho o melhor que podemos.

— Não faz parte das vossas funções enquanto Comitê de Ética examinar situações que nunca se verificaram antes? - Bem. Sim.

— Dr. Bergen, na sua opinião enquanto perito, será eticamente correcto que tivessem pedido a Anna Fitzgerald para doar partes do seu próprio corpo repetidamente durante treze anos? - Objecção! - grita a minha mãe. O juiz acaricia o queixo.

— Eu quero ouvir isto.

O Dr. Bergen olha de novo para mim.

— Muito sinceramente, mesmo antes de saber que a Anna não queria participar nisto, votei contra a doação de um rim à sua irmã. Acho que a Kate não iria sobreviver a um transplante, e portanto a Anna seria submetida a uma operação grave sem razão absolutamente nenhuma. Até esta altura, porém, penso que o risco

das intervenções foi pequeno, comparado com o benefício para a família como um todo, e apoio as escolhas que os Fitzgerald fizeram pela Anna.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 271

Campbell finge ponderar sobre isto.

— Dr. Bergen, que tipo de carro conduz? - Um Porsche.

— Aposto que gosta.

— Sim - diz ele prudentemente.

— E se eu lhe dissesse para desistir do seu Porsche antes de sair da sala de audiências, visto que essa acção iria salvar a vida do juiz DeSalvo? - Isso é ridículo. O

senhor.. Campbell inclina-se para a frente.

— E se não tivesse escolha? E se, hoje, os psiquiatras tivessem de fazer o que quer que fosse que os advogados decidissem ser do interesse dos outros? Ele revira os olhos.

— Apesar do grande drama a que se refere, Dr. Alexander, existem os direitos básicos dos dadores, salvaguardas na medicina, para que o bem maior não cilindre os pioneiros que ajudaram a criá-lo. Os Estados Unidos têm uma história longa e atroz de abusos do consentimento informado, que originaram as leis relacionadas com a Investigação com Cobaias Humanas. Impede que as pessoas sejam usadas como ratos de laboratório.

— Então conte-nos - diz o Campbell - como é que a Anna Fitzgerald passou através das malhas da lei? Quando eu tinha apenas sete meses, houve uma festa no quarteirão do nosso bairro. Foi tão mau como estão a pensar: formas de gelatina e torres de cubos de queijo, e pessoas a dançar na rua ao som da música que saía da aparelhagem que costumava estar na sala de alguém. Eu, é claro, não me lembro de nada disto - fui enfiada num daqueles andarilhos que se faziam para os bebês antes de os bebês começarem a virá-los e a partir as cabeças.

De qualquer forma, segundo parece, eu estava no meu andarilho, a andar de um lado para o outro entre as mesas e a observar os outros miúdos, quando me desequilibrei.

O nosso quarteirão situa-se num declive, e de repente as rodas moviam-se depressa demais para que eu pudesse pará-las. Passei

a grande velocidade por entre os adultos, por debaixo da barricada que os polícias tinham colocado ao fundo da estrada para cortar o trânsito, e continuei em direcção a uma via principal cheia de carros.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 272

Mas a Kate apareceu sem mais nem menos e foi a correr atrás de mim. Conseguiu agarrar na parte de trás da minha camisola mesmo antes de eu ser atropelada por um Toyota.

De vez em quando, alguém do quartirão menciona este assunto. Eu lembro-me dele como a vez em que ela me salvou, em vez do oposto.

A minha mãe tem a sua primeira oportunidade de actuar como advogada.

— Dr. Bergen - diz ela -, há quanto tempo sabe da história da minha família? - Já estou no Hospital de Providence há dez anos.

— Nestes dez anos, quando lhe foi apresentado algum aspecto do tratamento da Kate, o que fez? - Tracei um plano de acção que foi recomendado - diz ele. Ou uma alternativa, se possível.

— Quando o fez, mencionou em algum ponto do seu relatório que a Anna não deveria participar nele? - Não.

— Afirmou alguma vez que isto magoaria consideravelmente a Anna? - Não.

— Ou que a colocaria a ela própria em risco clínico grave? - Não.

Talvez afinal não seja o Campbell que se transforme no meu cavaleiro andante.

Talvez seja a minha mãe.

— Dr. Bergen - pergunta ela -, tem filhos? O médico olha para cima.

— Tenho um filho. com treze anos.

— Alguma vez olhou para estes casos que são apresentados ao Comitê de Ética Médica e se colocou no lugar de um doente? Ou melhor ainda, no lugar de um pai? - Já - admite ele.

— Se estivesse no meu lugar - diz a minha mãe -, e o Comitê de Ética Médica lhe entregasse um pedaço de papel a sugerir um plano de acção que iria salvar a vida do seu filho, será que o questionaria..

ou será que se agarraria à hipótese? Ele não responde. Não precisa de responder.

O juiz DeSalvo anuncia outro intervalo depois disto. Campbell diz algo sobre levantar-me para esticar as pernas. Portanto começo a ir atrás dele em direcção à saída, passando mesmo pela minha mãe. Enquanto passo por ela, sinto a sua mão na minha cintura, puxando a minha T-shirt, que estava levantada nas costas. Ela detesta as raparigas *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 273

esparguete, as que vão para a escola de top e calças descaídas, como se fossem dançarinas num vídeo da Britney Spears em vez de irem para a aula de matemática. Quase que consigo ouvir a sua voz: Por favor, diz-me que isso encolheu ao lavar.

Ela parece aperceber-se a meio de que talvez não devesse estar a fazer isto. Eu paro, e o Campbell pára também, e o rosto dela fica vermelho escarlate.

— Desculpa - diz ela.

Coloco a minha mão sobre a dela e enfio a camisola para dentro das calças de ganga, onde deveria estar. Olho para o Campbell.

— Encontramo-nos lá fora? Ele está a olhar para mim de tal forma que faz surgir as palavras Má Idéia na minha cabeça, mas acena e dirige-se ao corredor. Então a minha mãe e eu ficamos quase a sós na sala de audiências. Inclino-me para a frente e beijo-a na face.

— Saíste-te mesmo muito bem ali em cima - digo-lhe, porque não sei como dizer o que realmente queria: que as pessoas que amamos conseguem surpreender-nos a cada dia. Que talvez o que somos não esteja tão relacionado com o que fazemos, mas mais com o que somos capazes de fazer quando menos esperamos.

Sara

2002 A Kate conhece o Taylor Ambrose quando estão sentados um ao lado do outro, ligados aos seus suportes intravenosos.

— Porque estás aqui? - pergunta ela, e eu olho imediatamente por cima do meu livro, porque ao longo de todos os anos em que a Kate tem recebido tratamento ambulatorio não me lembro de ela ter iniciado uma conversa.

O rapaz com quem ela está a falar não é muito mais velho do que ela, talvez dezasseis anos, enquanto ela tem catorze. Ele tem olhos castanhos que bailam e um boné dos Bruins na sua cabeça calva.

— Por causa dos cocktails gratuitos - responde ele, e as covinhas nas suas faces afundam-se.

A Kate sorri.

— Happy hour - diz ela, e olha para o saco de plaquetas que estão a entrar dentro dela.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 274

— Eu sou o Taylor. - Ele estende a mão. - LMA.

— Kate. LPA.

Ele assobia, e ergue as sobrancelhas.

— Ooh - diz ele. - Uma raridade.

A Kate abana os seus cabelos curtos.

— Não somos todos? Observo isto, fascinada. Que flirt é este? Que está a acontecer à minha menina? - Plaquetas? - diz ele, escrutinando a etiqueta do saco que está no seu suporte intravenoso. - Estás em remissão? - Hoje, pelo menos. - A Kate olha para o seu suporte, para o saco preto denunciador que cobre o Cytoxan. - Quimioterapia?

- Pois. Hoje, pelo menos. Então, Kate - diz o Taylor. Ele tem aquele aspecto de cachorro esguio de um rapaz de dezasseis anos, com joelhos nodosos e dedos e malares fortes, cujo crescimento ele ainda não acompanhou. Quando cruza os braços, os músculos

evidenciam-se. Apercebo-me de que ele está a fazer isso de propósito, e baixo a cabeça para esconder um sorriso.

— O que fazes quando não estás no Hospital de Providence? Ela pensa, e depois um sorriso vagaroso ilumina-a do interior para o exterior.

— Espero que alguma coisa me faça voltar. Isto faz o Taylor rir à gargalhada.

— Talvez algum dia possamos esperar juntos - diz ele, e estende-lhe o invólucro de uma compressa. - Dás-me o teu número de telefone? A Kate escreve o número enquanto o suporte intravenoso do Taylor começa a apitar. A enfermeira entra e retira o tubo.

— Já estás despachado, Taylor - diz ela. - Onde está a tua boleia? - Lá em baixo à espera. Estou pronto. - Ele levanta-se da cadeira almofadada devagar, quase debilmente, o primeiro sinal de que não se tratou de uma conversa banal. Mete o pedaço de papel com o nosso número de telefone no bolso.

— Bem, eu telefono-te, Kate.

Quando ele se vai embora, a Kate expira num final dramático. Ela volta a cabeça para o seguir.

— Oh, meu Deus - diz ela ofegante. - Ele é lindo. A enfermeira, verificando o seu fluxo, sorri.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 275

— Não me digas nada, querida. Quem me dera ter menos trinta anos.

A Kate volta-se para mim, radiante.

— Achas que ele vai telefonar? - Talvez - digo eu.

— Aonde achas que iremos? Penso no Brian, que sempre disse que a Kate podia sair com rapazes. . quando tivesse quarenta anos.

— Uma coisa de cada vez - sugiro eu. Mas por dentro, estou a cantar.

O arsênico, que acabou por fazer com que ela entrasse em remissão, fez a sua magia esgotando a Kate. Taylor Ambrose, um medicamento de outro gênero completamente diferente, faz a sua magia animando-a. Torna-se num hábito: quando o telefone toca às sete da tarde, a Kate sai da mesa de jantar a voar e esconde-se

dentro do armário com o telefone portátil. Nós levantamos os pratos, ficamos algum tempo na sala de estar e preparamo-nos para ir para a cama, a ouvir pouco mais do que risadinhas e sussurros, e depois a Kate emerge do seu casulo, corada e radiante, com o primeiro amor a pulsar como um colibri na garganta. Cada vez que isto acontece, não consigo deixar de observar. Não é por a Kate ser tão bonita, embora seja; é que eu nunca me permiti acreditar que a veria já crescida.

Sigo-a para a casa de banho uma noite, depois de uma daquelas maratonas telefônicas. A Kate admira-se ao espelho, a fazer beicinho e a erguer as sobrancelhas numa pose sedutora. A sua mão levanta-se para chegar aos cabelos curtos - depois da quimioterapia, nunca mais voltaram a crescer ondulados, apenas em tufo lisos e espessos que ela normalmente trata com espuma para parecerem despenteados. Ela põe a palma da mão para cima, como se ainda esperasse queda de cabelo.

— O que achas que ele vê quando olha para mim? - pergunta a Kate.

Vou para trás dela. Ela não é o filho que mais se parece comigo - é o Jesse - e no entanto, quando ficamos lado a lado, há semelhanças inegáveis. Não se trata da forma da boca, mas da sua posição, a determinação pura que nos brilha nos olhos.

— Acho que vê uma rapariga que sabe o que ele tem passado - respondo honestamente.

— Fui à Internet e pesquisei LMA - diz ela. - A leucemia dele tem uma taxa de cura bastante elevada. - Volta-se para mim. Quando nos preocupamos mais com o facto de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 276

uma pessoa sobreviver do que connosco próprios... é isso que é o amor? É difícil, de repente, tirar uma resposta do túnel da minha garganta.

— Exactamente.

A Kate abre a torneira e lava o rosto com uma espuma de limpeza. Dou-lhe uma toalha e, enquanto se ergue dessa nuvem diz: - Vai acontecer alguma coisa má.

De sobreaviso, examino-a à procura de pistas.

— O que aconteceu? - Nada. Mas é assim que funciona. Se existe uma coisa tão boa como o facto de ter o Taylor na minha vida, eu vou pagar por isso.

— Isso é a coisa mais estúpida que eu já ouvi - digo eu por hábito, e no entanto há alguma verdade nisto. Qualquer um que acredite que as pessoas, têm controlo sobre o que a vida lhes oferece, só necessita de passar um dia no lugar de uma criança com leucemia. Ou no da sua mãe.

— Talvez estejas finalmente a ter uma hipótese - digo eu. Passados três dias, durante uma CCCS de rotina, o hematologista diz-me que a Kate está outra vez a gerar promielócitos, o primeiro deslize na encosta íngreme da recaída.

Nunca escutei às portas, pelo menos intencionalmente, até à noite em que a Kate regressa do seu primeiro encontro com o Taylor, para irem ao cinema. Ela entra no quarto em bicos de pés e senta-se na cama da Anna.

— Estás acordada? - pergunta. A Anna vira-se e geme: - Agora estou. - O sono desaparece, como um xaile caindo ao chão. - Como foi? - Uau - diz a Kate, e depois ri. -

Uau.

— Quanto? Assim tanto que meta amígdalas? - És tão nojenta - sussurra a Kate, embora haja um sorriso por detrás. - Mas ele beija mesmo bem. - Ela balança a frase como um isco.

— Estás a brincar! - A voz da Anna vibra. - Então como foi? - Como voar -

responde a Kate. - Aposto que a sensação é exactamente a mesma.

— Não percebo o que é que isso tem a ver com uma pessoa a dar-te beijos cheios de baba por todo o lado.

— Credo, Anna, não é como se ele te cuspiasse em cima.

— A que é que sabe o Taylor? - A pipocas. - Ela ri-se. - E a rapaz.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 277

— Como é que sabias o que devias fazer? - Não sabia. Simplesmente aconteceu.

Como quando jogas hóquei.

Finalmente, isto faz sentido para a Anna.

— Bem - diz ela -, eu sinto-me mesmo muito bem quando estou a fazer isso.

— Não fazes idéia - suspira a Kate. Há um movimento; imagino-a a despir-se.

Interrogo-me se o Taylor estará a imaginar o mesmo, algures.

A almofada é ajeitada, a cobertura é puxada para trás, os lençóis fazem barulho quando a Kate entra na cama e se vira de lado.

— Anna? - Humm? - Ele tem cicatrizes nas palmas das mãos, da doença do enxerto contra o hospedeiro - murmura a Kate. - Eu conseguia senti-las quando estávamos de mãos dadas.

— Foi nojento? - Não - diz ela. - Foi como se fôssemos um par.

De início, não consigo convencer a Kate a submeter-se a um transplante de células estaminais sangüíneas periféricas. Ela recusa-se porque não quer ser hospitalizada para fazer a quimioterapia, não quer ter de ficar em isolamento inverso durante as próximas seis semanas enquanto poderia estar a sair com o Taylor Ambrose.

— É a tua vida - faço-lhe notar, e ela olha para mim como se eu fosse louca.

— Exactamente - diz ela.

Por fim, chegamos a um acordo. A equipa de oncologia aceita que a Kate comece a sua quimioterapia em regime ambulatorio, para se preparar para receber um transplante da Anna. Em casa, ela aceita usar uma máscara. A primeira indicação de que as suas contagens estão a descer, será hospitalizada. Eles não ficaram satisfeitos; preocupam-se com o facto de isso poder afectar a intervenção, mas tal como eu também compreendem que a Kate chegou a uma idade em que pode exercer a sua vontade.

Afinal, esta ansiedade devido à separação era injustificada, visto que o Taylor aparece na primeira consulta da Kate enquanto doente ambulatoria.

— O que estás aqui a fazer? - Não consigo ficar longe daqui - graceja ele. - Olá, Sr.

a Fitzgerald. Senta-se ao lado da Kate, na cadeira vazia a seguir à dela. - Meu Deus, sabe mesmo bem estar aqui sem uma ligação intravenosa.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 278

— Diz isso mais alto - resmunga a Kate entre dentes. Taylor põe a mão no seu braço.

— Já estás muito adiantada? - Comecei agora mesmo.

Ele levanta-se e senta-se no largo braço da cadeira da Kate, agarra na bacia de emése que estava no colo dela.

— Aposto cem dólares em como não consegues chegar às três horas sem vomitar.

A Kate olha para o relógio. São 2h50.

— Está bem.

— O que comeste ao almoço? - pergunta ele com um sorriso malvado. - Ou será que devo adivinhar baseando-me nas cores? - És nojento - diz a Kate, mas o seu sorriso é tão grande como o mar. O Taylor coloca a mão no seu ombro. Ela inclina-se para ele.

Da primeira vez que o Brian me tocou, salvou-me a vida. Tinha havido uma chuvada catalítica em Providence, um vento de nordeste que aumentou as marés e submergiu por completo o parque de estacionamento do tribunal. Nessa altura eu era amanuense, e fomos todos evacuados. O departamento do Brian comandava as operações; dirigi-me aos degraus de pedra do edifício e vi carros a flutuar, malas abandonadas e até um cão a nadar, aterrorizado. Enquanto tinha estado a reunir instruções para entregar aos advogados, o mundo que eu conhecia tinha ficado submerso.

— Precisa de ajuda? - perguntou o Brian, vestido com o seu equipamento completo, e estendeu os braços. Enquanto nadava para me colocar em terreno mais elevado, a chuva caía no meu rosto e tombava nas minhas costas. Interroguei-me sobre como era possível - num dilúvio - que eu me sentisse como se estivesse a ser queimada viva.

— Qual foi o máximo de tempo que aguentaste sem vomitar? pergunta a Kate ao Taylor.

— Dois dias.

— Estás a brincar.

A enfermeira olha por cima dos seus papéis.

— É verdade - confirma ela. - Vi com os meus próprios olhos. O Taylor sorri para ela.

— Eu disse, sou um mestre nisto. - Ele olha para o relógio: 2h57.

— Não tens outro sítio para ir? - pergunta a Kate.

— Estás a tentar escapar-te desta aposta? - Estou a tentar poupar-te. Embora. . -

Antes de conseguir acabar, fica verde. Tanto a enfermeira como eu levantamo-nos das nossas cadeiras, mas o Taylor chega primeiro junto da Kate. Ele segura a bacia do vômito debaixo do seu queixo e quando ela começa com vômitos, ele passa com a mão em círculos lentos na parte de cima das suas costas.

— Pronto - acalma-a ele, junto da têmpora. A enfermeira e eu trocamos olhares.

— Parece que ela está em boas mãos - diz a enfermeira, e vai-se embora para tratar de outro doente.

Quando a Kate acaba, o Taylor põe a bacia de lado e limpa-Lhe a boca com um lenço de papel. Ela olha para ele, de olhos brilhantes e afogueada, com o nariz ainda a pingar.

— Desculpa - diz ela entre dentes.

— Porquê? - diz o Taylor. - Amanhã poderei ser eu. Interrogo-me se todas as mães se sentirão assim quando se apercebem de que as filhas estão a crescer - como se fosse impossível acreditar que a roupa dela que eu um dia dobrei fosse do tamanho da roupa de boneca; como se ainda conseguisse vê-la a dançar em piruetas preguiçosas ao longo da beira da caixa de areia. Não terá sido ontem que a mão dela era tão pequena como o ouriço-do-mar que encontrou na praia? Aquela mesma mão. que está a segurar na de um rapaz, não estava ainda agora a segurar na minha, puxando-a para que eu parasse e visse a teia de aranha, a vagem de asclépias, de cada uma dos milhares de vezes que ela queria que eu me detivesse? O tempo é uma ilusão de óptica - nunca é tão sólido nem tão forte como nós pensamos. Seria de presumir, dada a situação, que eu previsse isto. Mas ao observar a Kate a observar este rapaz, vejo que tenho mil coisas a aprender.

— Eu sou um par muito divertido - murmura a Kate. O Taylor sorri para ela.

— Batatas fritas - diz ele. - Ao almoço.

A Kate bate-lhe no ombro. - És nojento.

Ele ergue uma sobancelha.

— Perdeste a aposta, sabes.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 280

— Parece que deixei o meu fundo de investimento em casa. O Taylor finge examiná-la.

— Está bem, eu sei o que me podes dar em troca.

— Favores sexuais? - diz a Kate, esquecendo-se de que eu estou aqui.

— Bolas, isso não sei - ri o Taylor. - Não devíamos perguntar à tua mãe? Ela fica vermelha como um tomate. -Ups.

— Continua assim - aviso eu -, e o teu próximo encontro será durante uma aspiração de medula óssea.

— Sabes que o hospital organiza um baile, não sabes?

Subitamente, o Taylor fica nervoso; o seu joelho move-se para cima e para baixo. - É para os miúdos que estão doentes. Há lá médicos e enfermeiras, por precaução, e realiza-se numa das salas de conferências do hospital, mas de resto é como um baile normal da escola. Sabes, banda duvidosa, smokings feios, ponche apimentado com plaquetas. - Ele engole. - Estou só a brincar, quanto à última parte. Bem, eu fui no ano passado, sozinho, e foi bastante aborrecido, mas achei que como tu és uma doente e eu sou um doente, talvez este ano pudéssemos, sei lá, ir juntos.

A Kate, com um autodomínio que eu nunca supus que ela possuísse, pondera o convite.

— Quando é? - Sábado.

— Por acaso, não tenho planos para esticar o pernil nesse dia. Ela olha para mim. -

Adorava.

— Fixe - diz o Taylor, sorrindo. - Muito fixe. - E levanta-se para ir buscar outra bacia, tendo cuidado com o tubo intravenoso da Kate, que serpenteia entre eles.

Interrogo-me se o coração dela estará a bater mais rápido, se isso afectará a medicação. Se ela irá ficar enjoada mais cedo em vez de mais tarde.

O Taylor instala a Kate na curva do seu braço. Juntos, esperam pelo que se seguirá.

— É muito comprido - digo eu, enquanto a Kate segura num vestido amarelo pálido à frente dela. Do sítio onde está sentada, no chão da loja, a Anna também dá a sua opinião: - las parecer uma banana.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 281

Estamos à procura de um vestido de baile há horas. A Kate só tem dois dias para se preparar para este baile, e tornou-se uma obsessão: o que irá vestir, como fará a maquilhagem, se a banda tocará alguma coisa minimamente decente. O seu cabelo, é claro, não é uma preocupação; depois da quimioterapia ela perdeu-o todo. Detesta perucas - diz que lhe dão a sensação de ter bichos na cabeça - mas está demasiado consciente da sua imagem para se aventurar a ir assim. Hoje, enrolou um lenço batik à volta da cabeça, como uma rainha africana altiva e pálida.

A realidade deste evento não correspondia aos sonhos da Kate. Os vestidos que as raparigas normais usam nos bailes de finalistas mostram o diafragma ou os ombros, sítios onde a pele da Kate se encontra picada e espessa devido às cicatrizes. São justos em todos os sítios em que não deviam ser. São feitos para exibirem um corpo saudável e robusto, e não para esconder um que não é.

A empregada da loja, que anda à nossa volta como um colibri, tira o vestido à Kate.

— É de facto bastante modesto - insiste ela. - Realmente tapa uma boa parte do peito.

— Será que tapa isto? - diz a Kate bruscamente, desabotoando os botões da sua blusa de camponesa para mostrar o recentemente colocado cateter Hickman, a sair do meio do peito.

A empregada da loja sobressalta-se antes de se lembrar de que deve conter-se.

— Oh - diz ela debilmente.

— Kate! - repreendo. Ela abana a cabeça.

— Vamos embora daqui.

Assim que saímos para a rua em frente à loja, eu começo a ralhar-lhe.

— Lá por estares zangada, não precisas de descarregar a tua raiva no resto do mundo.

— Bem, ela é uma cabra - responde a Kate. - Viste a maneira como olhou para o meu lenço? - Talvez só gostasse do padrão - digo secamente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 282

— Pois, e talvez eu acorde amanhã de manhã e não esteja doente. - As suas palavras caem como seixos entre nós, rachando o passeio. - Não vou encontrar nenhum estúpido vestido. Nem sequer sei porque disse logo ao Taylor que ia.

— Não achas que todas as outras raparigas que vão a esse baile estão no mesmo barco? A tentar arranjar vestidos que tapem tubos, e equimoses, e arames, e sacos de colostomia, e sabe Deus mais o quê? - Não me interessa as outras pessoas - diz a Kate. -

Eu queria estar bonita. Mesmo bonita, sabes, por uma noite.

— O Taylor já te acha linda.

— Bem, eu não! - grita a Kate. - Eu não, mãe, e talvez eu queira estar, só uma vez.

Está um dia de calor, daqueles em que o chão debaixo dos nossos pés parece respirar. O sol bate na minha cabeça, na parte de trás do meu pescoço. O que hei-de eu dizer face a isto? Eu nunca fui a Kate. Rezei e implorei e desejei estar doente em seu lugar, através de algum diabólico acordo fáustico, mas não foi isso que aconteceu.

— Havemos de costurar alguma coisa - sugiro eu. - Podes desenhá-lo.

— Tu não sabes costurar - suspira a Kate.

— Aprendo.

— Num dia? - Ela abana a cabeça. - Não podes resolver sempre os problemas, mãe. Como é que eu sei isto e tu não? Ela deixa-me no passeio e vai-se embora furiosa. A Anna corre atrás dela, passa o seu braço pelo cotovelo da Kate, e arrasta-a para a entrada de um estabelecimento a alguns metros da loja, enquanto eu me apresso para as apanhar.

É um cabeleireiro, cheio de cabeleireiros a mascar pastilha elástica. A Kate debate-se para se libertar da Anna, mas a Anna

consegue ser forte quando quer.

— Hei - diz a Anna, chamando a atenção da recepcionista. Trabalha aqui? -

Quando sou forçada a isso.

— Vocês fazem penteados para bailes de finalistas? - Claro - diz a cabeleireira. -

Talvez com o cabelo apanhado? - Pois. Para a minha irmã. - A Anna olha para a Kate, que parou de se debater. Um sorriso cintila lentamente no seu rosto, como um pirilampo dentro de um frasco de doce.

— É isso. Para mim, - diz a Kate maliciosamente, e desenrola o lenço da sua cabeça calva.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 283

Toda a gente que está dentro do salão pára de falar. A Kate fica majestosamente direita.

— Estávamos a pensar em tranças presas à cabeça - continua a Anna.

— Uma permanente - acrescenta a Kate. A Anna dá risadinhas.

— Talvez um bonito puxo.

A cabeleireira engole, apanhada entre a surpresa, a pena e o politicamente correcto.

— Bem, hum, talvez possamos fazer qualquer coisa. - Ela aclara a garganta. - Há sempre as extensões, sabe.

— Extensões - repete a Anna, e a Kate desata a rir.

A cabeleireira começa a olhar para trás das raparigas, para o tecto.

— Isto é alguma coisa para os Apanhados? Perante isto, as minhas filhas caem nos braços uma da outra, histéricas. Riem até perder o fôlego. Riem até chorar.

Como acompanhante no Baile de Finalistas do Hospital de Providence, eu sou responsável pelo ponche. Tal como todos os outros alimentos fornecidos aos celebrantes, é neutropénico. As enfermeiras - fadas madrinhas por esta noite - transformaram uma sala de conferências num salão de baile fantástico, completado por flâmulas, uma bola de discoteca e iluminação especial.

A Kate é uma trepadeira enrolada à volta do Taylor. Eles balançam ao som de uma música completamente diferente daquela que está a tocar. A Kate usa a sua máscara azul obrigatória. O Taylor deu-lhe um bouquet de flores de seda, porque as flores verdadeiras podem transmitir doenças que os pacientes imunocomprometidos não poderiam combater. Acabei por não ter de fazer um vestido; encontrei um na Internet, no Bluefly.

com um tecido dourado, cortado em V por causa do cateter da Kate. Mas por cima disto ela usa uma camisa transparente de manga comprida, que envolve a cintura e cintila quando ela se move de um lado para o outro, para que quando se repare no estranho tubo triplo a sair do seu esterno, se fique na dúvida se não seria apenas um efeito da luz.

Tirámos milhares de fotografias antes de sair de casa. Quando a Kate e o Taylor se escaparam para ficarem à minha espera no carro, fui guardar a máquina fotográfica e encontrei o Brian na cozinha de costas voltadas para mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 284

— Então - disse eu. - Vais dizer-nos adeus? Atirar arroz? Foi só quando se voltou para mim que eu me apercebi de que tinha vindo para aqui para chorar.

— Não esperava assistir a isto - disse ele. - Não pensei que havia de ficar com isto na memória.

Eu encostei-me a ele, com os nossos corpos tão apertados um contra o outro que era como tivéssemos sido esculpidos da mesma pedra lisa.

— Espera por nós - sussurrei, e depois fui-me embora. Agora, sirvo uma taça de ponche a um rapaz cujo cabelo está a começar a cair em pequenos tufo. Espalha-se na lapela do seu smoking.

— Obrigado - diz ele, e eu vejo que ele tem uns olhos lindíssimos, escuros e calmos como os de uma pantera. Desvio o olhar e reparo que a Kate e o Taylor desapareceram.

E se ela estiver doente? E se ele estiver doente? Tinha prometido a mim mesma que não seria superprotectora, mas há aqui demasiadas crianças para que o pessoal do hospital consiga vigiá-las a todas. Peço a outro pai para tomar conta do meu ponche

e depois verifico a casa de banho das senhoras. Verifico o armário de abastecimentos.

Percorro galerias desertas e corredores escuros, e vou até à capela.

Por fim, ouço a voz da Kate através de uma porta entreaberta. Ela e o Taylor estão de pé sob um luar que parece um holofote de palco, de mãos dadas. O pátio que encontraram é um dos sítios favoritos dos médicos internos durante o dia; muitos médicos que de outra forma não conseguiriam ver a luz do Sol vêm almoçar aqui fora.

Estou quase a perguntar se estão bem quando a Kate fala.

— Tens medo de morrer? O Taylor abana a cabeça.

— Nem por isso. Às vezes, porém, penso no meu funeral. Se as pessoas dirão bem de mim, sabes. Se alguém chorará. - Ele hesita.

— Se virá alguém.

— Eu vou - promete a Kate.

O Taylor inclina a cabeça em direcção à da Kate, e ela aproxima-se balançando, e eu apercebo-me de que foi por isto que eu os segui. Eu sabia que era isto que ia encontrar, e tal como o Brian, queria mais uma imagem da minha filha, uma imagem que *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 285

pudesse segurar cuidadosamente entre os dedos como um seixo de vidro. O Taylor levanta as pontas da sua máscara higiénica azul e eu sei que devia impedi-lo, sei que tenho de o fazer mas não faço. Quero que ela tenha pelo menos isto.

Quando eles se beijam, é lindo: aquelas cabeças de alabastro inclinadas uma para a outra, lisas como estátuas - uma ilusão de óptica, uma imagem reflectida no espelho que se dobra para dentro de si própria.

Quando a Kate vai para o hospital para receber o seu transplante de células estaminais, está destroçada emocionalmente. Está muito menos preocupada com o líquido que corre para dentro do seu cateter do que com o facto de o Taylor não lhe telefonar há três dias, e de também não ter atendido os telefonemas dela.

— Tiveram alguma discussão? - pergunto eu, e ela abana a cabeça. - Ele disse que ia a algum sítio? Talvez fosse uma

emergência - digo eu. - Talvez isto não tenha nada a haver contigo afinal.

— Talvez tenha - argumenta a Kate.

— Então, a melhor vingança é ficares suficientemente saudável para lhe dizeres francamente o que pensas - faço notar. - Ele vai voltar para ti imediatamente.

No corredor, dirijo-me à Steph, uma enfermeira que acabou de iniciar o seu turno e que já conhece a Kate há anos. A verdade é que estou tão surpreendida com a falta de comunicação do Taylor como a Kate. Ele sabia que ela vinha para aqui.

— O Taylor Ambrose? - pergunto eu à Steph. - Esteve aqui hoje? Ela olha para mim e pestaneja.

— Um rapaz alto, adorável. Desligou o telefone à minha filha gracejo.

— Oh, Sara.. pensei que alguém já lhe tinha dito - diz a Steph.

— Ele morreu esta manhã.

Não digo nada à Kate, durante um mês. Até o Dr. Chance dizer que a Kate está suficientemente bem para sair do hospital, até a Kate se ter já convencido de que estava muito melhor sem ele. Não consigo começar a descrever as palavras que utilizo; nenhuma é suficientemente grande para suportar o peso que se esconde por detrás delas. Refiro como fui a casa do Taylor e falei com a mãe dele; como ela sucumbiu nos meus braços e disse que queria telefonar-me, mas que havia uma parte dela que tinha tantos ciúmes que *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 286

Lhe abafou a voz. Ela contou-me que o Taylor, que tinha voltado do baile de finalistas nas nuvens, tinha entrado no seu quarto a meio da noite, com uma febre de 40,5 graus. Talvez fosse viral, talvez fosse micótico, mas tinha ficado com dificuldades respiratórias e teve uma paragem cardíaca e depois de estarem trinta minutos a tentar reanimá-lo, os médicos deixaram-no ir.

Não digo à Kate outra coisa que a Jenna Ambrose me disse que depois entrou e ficou a olhar para o filho, que já não era seu filho. Que tinha ficado sentada durante cinco horas inteiras, certa de que ele ia acordar. Que ainda agora, ouve barulhos lá em cima e pensa que é o Taylor a movimentar-se no seu quarto, e que a fracção de

segundo que lhe é oferecida antes de se recordar da verdade é a única razão que a faz levantar-se todas as manhãs.

— Kate - digo eu - tenho tanta pena. O rosto da Kate franze-se.

— Mas eu amava-o - responde ela, como se isso devesse ser o suficiente.

— Eu sei.

— E tu não me disseste.

— Não podia. Muito menos quando pensei que pudesse fazer com que tu própria deixasses de lutar.

Ela fecha os olhos e volta-se de lado na almofada, chorando tanto que os monitores a que ainda permanece ligada começam a apitar e a chamar o pessoal de enfermagem.

Aproximo-me dela.

— Kate, querida, eu fiz o que era melhor para ti. Ela recusa-se a olhar na minha direcção.

— Não fales comigo - murmura ela. - És boa nisso.

A Kate deixa de me falar durante sete dias e onze horas. Saímos do hospital para ir para casa; fazemos o nosso isolamento inverso; repetimos os mesmos gestos porque já o fizemos antes. À noite, fico deitada na cama ao lado do Brian e interrogo-me como conseguirá ele dormir. Fico a olhar para o tecto e penso que perdi a minha filha antes mesmo de ela morrer.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 287

Então, um dia, passo pelo seu quarto e encontro-a sentada no chão com fotografias por todo o lado. Tal como eu esperava são as dela e do Taylor que tirámos antes do baile de finalistas - a Kate vestida na perfeição com aquela máscara cirúrgica denunciadora a cobrir-lhe a boca. O Taylor tinha lá desenhado um sorriso com batom, para as fotografias, como ele tinha dito.

Isso tinha feito a Kate rir. Parece impossível que este rapaz, que tinha uma presença tão sólida quando o flash disparava há apenas algumas semanas, simplesmente já não esteja aqui; uma súbita angústia percorre-me, e imediatamente, no seu rasto, há uma única palavra: prática.

Mas também há outras fotografias, de quando a Kate era mais nova. Uma da Kate e da Anna na praia, agachadas junto de um

caranguejo eremita. Uma da Kate vestida de Mr. Peanut, para o Dia das Bruxas. Uma da Kate cheia de queijo creme na cara, segurando as duas metades de uma rosca como se fossem óculos.

Noutro monte estão as suas fotografias de bebê - todas tiradas quando ela tinha três anos, ou menos. com cílios separados e a sorrir, iluminada por trás por um sol de olhos escuros e oblíquos, sem ter consciência do que ia acontecer.

— Não me lembro de ser. ela - diz a Kate pausadamente, e estas primeiras palavras fazem uma ponte de vidro, que se desloca debaixo dos meus pés quando entro no quarto.

Ponho a minha mão ao lado da dela, na beira de uma fotografia. Dobrada num dos cantos, mostra a Kate quando era pequena a ser atirada ao ar pelo Brian, com os cabelos a voar atrás dela, de braços e pernas abertos como uma estrela-do-mar, com a certeza absoluta de que quando caísse outra vez no chão, a aterragem seria segura, certa de que não merecia menos do que isso.

— Ela era linda, - acrescenta a Kate, e com o mindinho acaricia a face brilhante e rosada da rapariga que nenhum de nós chegou a conhecer.

Jesse

No Verão dos meus catorze anos os meus pais mandaram-me para um campo de trabalho numa quinta. Era um daqueles com acção e aventuras para miúdos *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 288

problemáticos, sabem, em que nos levantamos às quatro da manhã para ordenhar e, realmente, em que tipo de sarilhos é que nos podemos meter? (A resposta, caso estejam interessados: arranjar erva junto dos empregados da quinta. Ficar pedrado. Virar vacas ao contrário.) De qualquer forma, um dia fui designado para a Patrulha Moisés, pelo menos era o que chamávamos ao pobre desgraçado que tomava conta de um rebanho de ovelhas. Tinha de ir atrás de umas cem ovelhas para um pasto que não tinha uma maldita árvore que desse sequer um bocado de sombra.

Dizer que a ovelha é o sacana do animal mais estúpido da Terra é um eufemismo.

Ficam presas nas vedações. Perdem-se em cercados de pouco mais de um metro quadrado. Esquecem-se de onde devem procurar a comida, embora esteja no mesmo sítio durante mil dias seguidos. E também não são as queridas fofinhas que imaginamos antes de adormecer. Tresandam. Balem. São chatas como o raio.

De qualquer forma, no dia em que fiquei com as ovelhas, tinha gamado um exemplar do Trópico de Câncer e estava a dobrar as páginas que se assemelhavam mais à boa pornografia, quando ouvi alguém a gritar. Reparem, eu tinha a certeza absoluta de que não tinha sido um animal, porque nunca tinha ouvido nada assim na minha vida. Corri na direcção do som, certo de que ia encontrar alguém que tivesse caído de um cavalo com a perna torcida como um biscoito salgado, ou algum parolo que tivesse descarregado o revólver acidentalmente nas suas próprias tripas. Mas, deitada perto de uma enseada, com um rebanho inteiro a assistir, estava uma ovelha a parir.

Eu não era veterinário nem nada, mas sabia o suficiente para perceber que quando qualquer criatura viva faz um chinfrim destes, as coisas não estão a correr de acordo com os planos. É claro, esta pobre ovelha tinha dois pequenos cascos a pender das suas partes privadas. Deitou-se de lado, arfando. Revirou um olho negro e mortiço na minha direcção, e depois desistiu.

Bem, nada ia morrer na minha patrulha, nem que fosse por saber que os Nazis que dirigiam o campo me obrigariam a enterrar o maldito animal. Então empurrei as outras ovelhas, afastando-as do caminho. Ajoelhei-me e agarrei nas patas nodosas e escorregadias e puxei enquanto a ovelha berrava como qualquer mãe cujo filho lhe está a ser arrancado.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 289

O cordeiro saiu cá para fora, com os membros dobrados como as lâminas de um canivete suíço. Por cima da sua cabeça havia um saco prateado que parecia o interior da bochecha quando passamos por lá a língua. Não estava á respirar.

O que era certo é que eu não ia pôr a minha boca numa ovelha para lhe fazer respiração artificial, mas usei as minhas unhas para rasgar o saco de pele, e para o arrancar do pescoço do cordeiro. E afinal, era só o que precisava. Um minuto depois ele desdobrou as patas semelhantes a molas de roupa e começou a balir pela mãe.

Nasceram, acho eu, vinte cordeiros durante aquele Verão. De cada vez que passava pelo cercado eu conseguia distinguir o meu no meio de um grupo. Ele era igual a todos os outros, mas movimentava-se com um bocadinho mais de energia; ele parecia ter sempre o sol a brilhar no pêlo. E se, por acaso, o apanhássemos suficientemente calmo para nos olhar nos olhos, as pupilas tinham ficado de um branco leitoso, um sinal seguro de que tinha estado no outro mundo o tempo suficiente para se lembrar do que estava a perder.

Conto-vos isto porque quando a Kate por fim se mexe naquela cama de hospital, e abre os olhos, eu sei que também já tem um pé no outro mundo.

— Oh, meu Deus - diz a Kate debilmente, quando me vê. Afinal acabei por ir para o Inferno.

Inclino-me para a frente na minha cadeira e cruzo os braços.

— Então, mana, tu sabes que não sou assim tão fácil de matar.

— Levantando-me, beijo-a na testa, deixando os lábios ficar por mais um segundo.

Como é que as mães conseguem ver a febre daquela maneira? Eu só consigo ver a perda iminente. - Como estás? Ela sorri para mim, mas é como se visse uma banda desenhada, depois de ter visto o original pendurado no Louvre.

— Borracho - diz ela. - A que devo a honra da tua presença? Ao facto de não ficares por cá muito mais tempo, penso, mas não lhe digo isto.

— Estava aqui perto. E para além disso, há uma enfermeira mesmo boa neste turno.

Isto faz a Kate rir à gargalhada.

— Meu Deus, Jess. vou sentir a tua falta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 290

Ela diz isto com uma facilidade que nos surpreende a ambos. Sento-me na beira da cama e percorro as pequenas pregas do cobertor térmico.

— Sabes. . - começo uma conversa de incentivo, mas ela põe a mão no meu braço.

— Não faças isso. - E então os seus olhos animam-se, só por um momento. -

Talvez eu reencarne.

— Como Maria Antonieta, por exemplo? - Não, tem de ser no futuro. Achas que isso é disparatado? - Não - admito. - Acho que provavelmente estamos sempre a caminhar em círculos.

— Então sob que forma vais regressar? - Cadáver. - Ela retrai-se, alguma coisa apita e eu entro em pânico. - Queres que vá chamar alguém? - Não, está descansado -

responde a Kate, e tenho a certeza de que não era sua intenção, mas faz-me sentir como se tivesse engolido um relâmpago.

De repente lembro-me de um velho jogo que costumava fazer quando tinha nove ou dez anos, e me deixavam andar de bicicleta até escurecer. Costumava fazer pequenas apostas comigo próprio enquanto observava o Sol a ficar cada vez mais baixo no horizonte:

se eu sustivesse a respiração durante vinte segundos, a noite não cairia. Se eu não pestanejassem. Se eu estivesse tão quieto que uma mosca me pousasse na face. Agora, dou por mim a fazer o mesmo, a negociar manter a Kate aqui, embora não seja assim que as coisas funcionam.

— Tens medo? - Deixo escapar a verdade. - De morrer? A Kate vira-se para mim, com um sorriso a deslizar no rosto.

— Eu depois digo-te. - E então fecha os olhos. - vou descansar só um segundo -

consegue dizer, e adormece outra vez.

Não é justo, mas a Kate sabe. Não é necessário ter uma vida longa para percebermos que o que merecíamos, raramente temos. Levanto-me, com aquele relâmpago a queimar-me o interior da garganta, o que me impossibilita de engolir, portanto fica tudo encurralado como um rio numa barragem. Apresso-me a sair do quarto da Kate e a chegar ao fundo do corredor, suficientemente longe para não a incomodar, e depois levanto o punho e abro um buraco na espessa parede branca com um soco, e mesmo assim não é o suficiente.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 291

Brian

Eis a receita para fazer explodir algo: uma taça de Pyrex; cloreto de potássio -

vendido nas lojas de produtos naturais, como substituto do sal. Um hidrómetro. Lixívia.

Deitem a lixívia no Pyrex, coloquem-na ao lume no fogão. Entretanto, pesem o vosso cloreto de potássio e adicionem-no à lixívia. Verifiquem com o hidrómetro e fervam até obterem uma leitura de 1,3. Arrefeçam a mistura à temperatura ambiente, e filtrem os cristais que se formam. São estes que devem ser guardados.

É difícil ser aquele que está sempre à espera. Quero dizer, há sempre o que contar sobre o herói que parte para a batalha, mas quando chegamos ao fundo da questão, deparamo-nos com uma história inteira de quem ficou para trás.

Encontro-me naquela que deve ser a sala de audiências mais feia da Costa Leste, sentado numa cadeira à espera da minha vez, quando de repente o meu pager dá sinal.

Olho para o número, resmungo, e tento decidir o que devo fazer. Vou ser testemunha mais tarde, mas o departamento precisa de mim neste momento.

É preciso alguma conversa, mas obtenho a autorização do juiz para me ausentar das instalações. Saio pela porta principal, e sou imediatamente atacado por perguntas, câmaras e luzes. A única coisa que consigo fazer é evitar bater nestes abutres, que querem despedaçar os ossos embranquecidos da minha família.

Quando não consegui encontrar a Anna na manhã da audiência, dirigi-me para casa. Procurei em todos os seus lugares favoritos - a cozinha, o quarto, a rede das traseiras - mas ela não estava lá. Em último recurso subi as escadas da garagem até ao apartamento que o Jesse utiliza.

Ele também não estava em casa, embora por esta altura isso não seja de modo nenhum surpreendente. Houve uma altura em que o Jesse me desiludia regularmente; acabei por dizer a mim próprio para não esperar nada dele, e em resultado, tornou-se mais

fácil para mim aceitar as coisas. Bati à porta e gritei pela Anna, pelo Jesse, mas ninguém respondeu. Embora no meu chaveiro tivesse uma chave deste apartamento, acabei por decidir não entrar. Descendo as escadas, derrubei o caixote vermelho das reciclagens que eu próprio despejo todas as terças-feiras, visto que o Jesse, Deus o livre, não consegue lembrar-se de o arrastar até ao passeio, uma embalagem de dez garrafas de cerveja, verde *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 292

brilhante, rebolou cá para fora. Uma embalagem vazia de detergente para a roupa, um frasco de azeitonas, um pacote de quatro litros de sumo de laranja.

Volto a meter tudo lá dentro, excepto o pacote de sumo de laranja, que já disse ao Jesse que não é reciclável e que ele continua a meter no caixote todas as malditas semanas.

A diferença entre estes incêndios e os outros é que agora a parada subiu alguns pontos. Em vez de um armazém abandonado ou de uma barraca à beira de água, é uma escola primária. Sendo Verão, não se encontrava ninguém nas instalações quando o fogo foi ateado. Mas não tenho dúvidas de que não foi devido a causas naturais.

Quando chego ao local, os veículos de combate a incêndios estão a ser carregados depois do salvamento e da inspecção. O Paulie dirige-se a mim de imediato.

— Como está a Kate? - Está bem - digo-lhe, e faço um gesto em direcção aos destroços. - O que encontraram? - Conseguiu destruir quase toda a parte norte das instalações diz o Paulie. - Queres fazer uma verificação? - Sim.

O fogo teve início na sala dos professores; os padrões de carbonização apontam como uma seta para a origem. Ainda é visível um pedaço de enchimento sintético que não ficou completamente queimado, quem quer que tivesse planeado isto foi suficientemente esperto para atear o fogo no meio de um monte de almofadas de sofá e maços de papel.

Ainda consigo sentir o cheiro do combustível; desta vez foi simplesmente gasolina.

Pedaços de vidro do cocktail Molotov que explodiu estão espalhados nas cinzas.

Vagueio pelo local mais afastado do edifício, espreito através de uma janela partida. Os rapazes devem ter ventilado o incêndio aqui.

— Acha que vamos apanhar este cabrãozinho, Capitão? - pergunta o Caesar, entrando na sala. Ainda equipado, com uma mancha na face esquerda, ele olha para os detritos na linha do fogo. Então dobra-se, e com a sua luva grossa, apanha uma beata.

— Inacreditável. A secretária da secretaria derreteu numa poça, mas um maldito cigarro sobrevive.

Tiro-lhe a beata da mão e volto-a na minha palma.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 293

— Isso foi porque não estava aqui quando o fogo foi ateado. Alguém fumou um bom cigarro enquanto observava isto, e depois foi-se embora. - Inclino-o para o lado, onde a parte amarela se junta ao filtro, e leio o nome da marca.

O Paulie enfia a cabeça pela janela partida, à procura do Caesar.

— Vamos embora. Entra na camioneta. - E depois volta-se para mim. - Olha, para que saibas, não fomos nós que partimos esta.

— Não ia obrigar-vos a pagá-la, Paulie.

— Não, quero dizer, nós abrimos um buraco no telhado. Isto já estava partido quando aqui chegámos. - Ele e o Caesar vão-se embora, e alguns momentos depois ouço o barulho forte do veículo de combate a incêndios a afastar-se.

Podia ser uma bola de baseball perdida, ou um Frisbee. Mas, mesmo no Verão, os porteiros vigiam o património público. Uma janela partida é um dano demasiado importante para ser ignorado; teria sido colada com fita ou tapada com tábuas.

A não ser que o mesmo tipo que ateou o fogo soubesse por onde haveria de fazer entrar o oxigênio, para que as chamas se espalhassem através do túnel de vento criado pelo vácuo.

Olho para o cigarro na minha mão, e esmago-o.

São necessários 56 gramas destes cristais que foram reservados. Misturem-nos com água destilada. Aqueçam até ferver e arrefeçam de novo, guardando os cristais, puro clorato de potássio. Triturem-no até obter a consistência de pó-de-arroz, e

aqueçam suavemente para secar. Derretam cinco partes de vaselina com cinco partes de cera.

Dissolvam em gasolina e vertam este líquido em 90 partes de cristais de clorato de potássio numa taça de plástico. Misturem. Deixem evaporar a gasolina.

Moldem num cubo e mergulhem em cera para o tornar à prova de água. Este explosivo necessita de um detona dor, ou pelo menos de um de grau A3.

Quando o Jesse abre a porta do seu apartamento, eu estou à espera no sofá.

— O que estás aqui a fazer? - pergunta ele.

— O que estás tu aqui a fazer? - Eu vivo aqui - diz o Jesse. - Lembras-te? - Vives?

Ou estás a utilizá-lo como esconderijo? Ele tira um cigarro de um maço que está no bolso da frente e acende-o. Merits.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 294

— Não sei de que raio estás a falar. Por que não estás no tribunal? - Por que tens ácido muriático debaixo do lava-loiça? - pergunto eu. - Tendo em conta que não temos piscina? - O quê? Será que isto é como a Inquisição? - resmunga ele. Utilizei-o quando estava a trabalhar com aqueles ladrilhos no Verão passado; pode limpar-se a argamassa com isso. Para te dizer a verdade, nem sequer sabia que ainda o tinha.

— Então provavelmente também não sabes, Jess, que quando o pões dentro de uma garrafa com um pedaço de folha de alumínio e um trapo enfiado no gargalo, explode bastante bem.

Ele fica muito quieto.

— Estás a acusar-me de alguma coisa? Porque se estiveres, diz logo, seu sacana.

Eu levanto-me do sofá.

— Está bem. Quero saber se rachaste as garrafas antes de fazer os cocktails, para que se partissem mais facilmente. Quero saber se te apercebeste de como aquele homem sem abrigo esteve prestes a morrer quando incendiaste aquele armazém só por gozo. -

Pondo a mão atrás de mim, tiro a embalagem vazia de Clorox do seu caixote das reciclagens. - Quero saber por que raio está isto no

teu lixo, quando não és tu que lavas a tua roupa e sabe Deus que não fazes limpezas, e no entanto há uma escola primária a dez quilómetros daqui que foi destruída por um explosivo feito de lixívia e líquido para os travões? - Agora estou a agarrá-lo pelos ombros, e embora o Jesse conseguisse libertar-se se tentasse mesmo, ele deixa-me abaná-lo até a sua cabeça cair para trás. - Caramba, Jesse! Ele olha para mim, com o rosto inexpressivo.

— Já acabaste? Eu liberto-o e ele afasta-se, com os dentes à mostra.

— Diz-me que estou errado - desafio eu.

— Eu digo-te mais do que isso - grita ele. - Quero dizer, compreendo perfeitamente que tenhas passado a vida a acreditar que tudo o que está errado no universo tem alguma coisa a ver comigo, mas vou dar-te uma novidade, pai, desta vez estás completamente enganado.

Lentamente, tiro algo de dentro do meu bolso e coloco-a na mão do Jesse. A beata de Merit aloja-se na concha da sua mão.

— Então não devias ter deixado o teu cartão de visita.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 295

Há uma altura, quando um incêndio de estrutura está a arder desconsoladamente em que temos simplesmente de nos distanciar e deixar que ele se consuma a si próprio.

Portanto afastamo-nos para um local seguro, para uma colina que não esteja na direcção do vento, e observamos o edifício a devorar-se vivo.

A mão do Jesse ergue-se, trêmula, e o cigarro rebola para o chão aos nossos pés.

Ele cobre o rosto com as mãos, pressiona os cantos dos olhos com os polegares.

— Eu não consegui salvá-la. - As palavras são arrancadas do seu âmago. Ele curva os ombros, regredindo para o corpo de um rapaz.

— A quem... a quem é que contaste? Ele está a perguntar, apercebo-me, se a polícia virá atrás dele. Se eu falei sobre isto com a Sara.

Ele está a pedir para ser castigado.

Portanto faço o que sei que o destruirá: envolvo o Jesse nos meus braços enquanto ele soluça. As suas costas são mais largas do que as minhas. Ele é meia cabeça mais alto do que eu. Não me lembro de o ver passar daquele rapaz de cinco anos, que não era geneticamente compatível, para o homem que agora é, e acho que é esse o problema.

Como é que alguém pode começar por pensar que é incapaz de salvar, e acabar por pensar que deve destruir? E será que devemos culpá-lo, ou será que devemos culpar os pais que deviam ter-lhe dito para não o fazer? Irei assegurar-me de que a piromania do meu filho termine aqui e agora, mas não direi nada aos polícias nem ao chefe do departamento sobre isto. Talvez seja nepotismo, talvez seja estupidez. Talvez seja por o Jesse não ser assim tão diferente de mim. ao escolher o fogo como seu instrumento, necessitando de saber que conseguia dominar pelo menos uma coisa incontrollável.

O Jesse está a respirar com um ritmo constante contra mim, como costumava fazer quando era tão pequeno, quando eu costumava transportá-lo escadas acima depois de ter adormecido ao meu colo. Ele costumava bombardear-me com perguntas: Para que serve uma mangueira de cinco centímetros, e de dois centímetros e meio? Porque é que lavam os veículos de combate a incêndios? O ajudante pode alguma vez conduzir? Apercebo-me de que não consigo lembrar-me exactamente de quando ele deixou de fazer perguntas.

Mas lembro-me de me sentir como se me faltasse alguma coisa, como se a perda da adoração de uma criança por nós pudesse doer como um membro que já se perdeu.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 296

Campbell

Os médicos têm este problema quando são intimados: informam-nos, com todas as sílabas de cada palavra, que nenhum momento deste testemunho irá compensar o facto de que enquanto estiverem sentados na barra das testemunhas sob coação, há doentes que estão à espera, pessoas que estão a morrer. Sinceramente, isso chateia-me. E antes que me aperceba, não consigo evitar, peço um intervalo para ir à casa de banho, inclino-me para atar de novo o meu sapato, enquanto ponho em ordem os meus pensamentos e recheio as minhas frases com pausas cheias de significado - o que quer que seja preciso para os fazer esperar só mais alguns segundos.

O Dr. Chance não é uma excepção a esta regra. Desde o início que ele está ansioso por se ir embora. Olha para o relógio tantas vezes que seria de pensar que estava prestes a perder o comboio. A diferença desta vez é que Sara Fitzgerald está tão ansiosa quanto ele para o tirar desta sala de audiências. Porque a doente que está à espera, a pessoa que está a morrer, é a Kate.

Mas ao meu lado, o corpo da Anna liberta calor. Levanto-me, continuo o meu interrogatório. Lentamente.

— Dr. Chance, algum dos tratamentos que envolveram doações do corpo da Anna tinha resultado garantido? - Não há nada relativo ao cancro que tenha um resultado garantido, Dr. Alexander.

— Isso foi explicado aos Fitzgerald? - Explicamos cuidadosamente os riscos de cada procedimento, porque uma vez que iniciamos os tratamentos, comprometemos outros sistemas do organismo. O que acabamos por fazer com sucesso num tratamento pode voltar para nos atormentar da próxima vez. - Ele sorri para Sara. - Dito isto, a Kate é uma jovem extraordinária. Não se esperava que vivesse para além dos cinco anos, e aqui está ela com dezasseis anos.

— Graças à irmã - faço notar.

O Dr. Chance acena com a cabeça.

— Não há muitos pacientes que possuam a resistência física e a sorte de ter à sua disposição um dador perfeitamente compatível.
Levanto-me, de mãos nos bolsos.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 297

— Pode dizer perante o Tribunal como é que os Fitzgerald foram consultar a equipa de diagnóstico genético pré-implantação do Hospital de Providence para conceber a Anna? - Depois de o seu filho ter sido examinado, e de se ter chegado à conclusão de que era um dador incompatível para a Kate, eu falei aos Fitzgerald numa outra família com a qual trabalhei. Eles fizeram exames a todos os irmãos do doente, e nenhum deles reunia as condições necessárias, mas então a mãe ficou grávida durante o tratamento e aquela criança, por acaso, revelou-se um dador perfeitamente compatível.

— Disse aos Fitzgerald para conceberem uma criança geneticamente programada para servir de dadora para a Kate? - É claro que não - diz o Dr. Chance, ofendido. - Apenas expliquei que mesmo que nenhuma das crianças existentes fosse compatível, isso não significaria que uma futura criança não fosse.

— Explicou aos Fitzgerald que esta criança, programada para ser perfeitamente compatível a nível genético, teria de estar disponível para todos os tratamentos da Kate ao longo de toda a sua vida? - Discutíamos apenas um único tratamento utilizando o sangue do cordão umbilical, na altura - explica o Dr. Chance. - As doações subsequentes surgiram porque a Kate não reagiu à primeira. E porque ofereciam resultados mais promissores.

— Portanto se os cientistas amanhã descobrissem um procedimento que curasse o cancro da Kate, caso cortassem a cabeça à Anna e a dessem à sua irmã, recomendá-lo-ia? -

É óbvio que não. Nunca recomendaria um tratamento que colocasse em risco a vida de outra criança.

— Não é isso que tem feito ao longo dos últimos treze anos? O seu rosto contrai-se.

— Nenhum dos tratamentos causou à Anna danos significativos a longo prazo.

Tiro um papel da minha pasta e entrego-o ao juiz, e depois ao Dr. Chance.

— Pode ler a parte que está assinalada? Ele põe os óculos e aclara a garganta.

— Compreendo que a anestesia envolva riscos potenciais. Estes riscos podem incluir, mas não se limitam a: reacções adversas aos medicamentos, dores de garganta, lesões nos dentes e em tratamentos dentários, lesões nas cordas vocais, problemas respiratórios, dores ligeiras e desconforto, perda de sensibilidade, dores de cabeça, infecção, percepção durante a anestesia geral, icterícia, hemorragia, lesões do sistema *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 298

nervoso, coágulos sangüíneos, ataque cardíaco, lesões cerebrais e até perda de funções orgânicas ou da vida.

— Está familiarizado com este formulário, Doutor? - Sim. É um formulário padronizado de consentimento para intervenções cirúrgicas.

— Pode dizer-nos quem era a paciente que o recebeu? - Anna Fitzgerald.

— E quem assinou o formulário de consentimento? - Sara Fitzgerald.

Balanço-me para trás sobre os calcanhares.

— Dr. Chance, a anestesia engloba um risco de perda de faculdades ou de vida.

Esses são efeitos a longo prazo bastante graves.

— É precisamente por isso que temos um formulário de consentimento. É para nos protegermos de pessoas como o senhor diz ele. - Mas em termos realistas, o risco é extremamente pequeno. E o procedimento de doação de medula óssea é bastante simples.

— Por que razão foi a Anna anestesiada para se submeter a uma intervenção tão simples? - É menos traumático para uma criança, e é menos provável que se mexam.

— Após a intervenção, a Anna teve algumas dores? - Talvez um pouco - diz o Dr.

Chance.

— Não se lembra? -Já foi há muito tempo. Tenho a certeza de que por esta altura até a Anna já se esqueceu delas.

— Acha? - Volto-me para a Anna. - Vamos perguntar-lhe? O juiz DeSalvo cruza os braços.

— Falando em risco - continuo suavemente. - Pode falar-nos na pesquisa que tem sido feita acerca dos efeitos a longo prazo das injeções de factor de crescimento, que ela já tomou por duas vezes, antes de ser feita a colheita para o transplante? - Teoricamente, não devia haver seqüelas a longo prazo.

— Teoricamente - repito. - Porquê teoricamente? - Porque a pesquisa foi feita em animais de laboratório admite o Dr. Chance. - Os efeitos nos seres humanos estão ainda a ser averiguados.

— Que animador.

Ele encolhe os ombros.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 299

— Os médicos não têm o costume de receitar medicamentos com o potencial de destruir o organismo.

— Já ouviu falar da Talidomida, Doutor? - pergunto eu.

— Claro que sim. Na realidade, recentemente, foi reabilitada para a investigação relativa ao cancro.

— E já foi um medicamento muito importante - faço notar. com efeitos catastróficos. Falando nisso. . esta doação de rim - há algum risco associado a esta intervenção? - Não mais do que para a maioria das cirurgias - diz o Dr. Chance.

— A Anna poderá morrer devido a complicações após esta cirurgia? - É

extremamente improvável, Dr. Alexander.

— Muito bem, consideremos que a intervenção da Anna é extremamente bem sucedida. Como é que o facto de ter um só rim afectaria a sua vida? - Na verdade, não afectaria - diz o médico. - É perfeito. Entrego-lhe um panfleto proveniente do departamento de nefrologia do seu próprio hospital.

— Pode ler a secção sublinhada? Ele põe de novo os óculos.

— Aumento do risco de hipertensão. Possibilidade de complicações durante a gravidez. - O Dr. Chance olha para cima. - Os dadores são aconselhados a absterem-se de praticar desportos de contacto para eliminar o risco de lesão do seu rim remanescente. Cruzo as mãos atrás das costas.

— Sabia que a Anna joga hóquei nos seus tempos livres? Ele volta-se para ela.

— Não, não sabia.

— Ela é guarda-redes. Há já quatro anos. - Deixo a informação assentar. - Mas visto que esta doação é hipotética, concentremo-nos naquelas que já ocorreram. As injeções de factor de crescimento, a ILD, as células estaminais, as doações de linfócitos, a medula óssea - todos estes tratamentos a que a Anna se submeteu - na sua opinião especializada, Doutor, afirmaria que a Anna não sofreu danos clínicos significativos devido a estes procedimentos? - Significativos? - Ele hesita. - Não, não sofreu.

— Obteve algum benefício significativo deles? O Dr. Chance olha para mim durante bastante tempo.

— É claro - diz ele. - Está a salvar a irmã.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 300

A Anna e eu estamos a almoçar lá em cima no tribunal, quando a Julia chega.

— É uma festa privada? A Anna faz sinal para ela entrar, e a Julia senta-se sem me enviar sequer um olhar.

— Como estás? - pergunta ela.

— Estou bem - responde a Anna. - Só quero que isto acabe.

A Julia abre um pacote de molho para a salada e deita-o por cima do almoço que trouxe.

— E vai acabar, sem dares por isso.

Ela olha para mim enquanto diz isto, por um instante.

Basta isso para me lembrar do cheiro da sua pele, e do sítio por debaixo do seio onde tem um sinal com a forma de uma Lua em quarto crescente.

De repente a Anna levanta-se.

— vou levar o Juiz a dar um passeio - anuncia.

— Nem penses nisso, ainda há jornalistas lá fora.

— Então vou passeá-lo no corredor.

— Não podes. Ele tem de ser passeado por mim; faz parte do seu treino.

— Então vou fazer chichi - diz a Anna. - Ainda tenho autorização para fazer isso sozinha, certo? Ela sai da sala de conferências,

deixando lá a Julia e eu e tudo aquilo que não devia ter acontecido mas aconteceu.

— Ela deixou-nos sozinhos de propósito - apercebo-me. A Julia acena com a cabeça.

— É uma miúda esperta. Consegue perceber muito bem as pessoas. - Então ela pousa o garfo de plástico. - O teu carro está cheio de pêlo de cão.

— Eu sei. Estou sempre a pedir ao Juiz para o apanhar num rabo-de-cavalo mas ele nunca me dá ouvidos.

— Porque é que não me acordaste? Sorrio.

— Porque estávamos ancorados numa zona para não-acordados. No entanto, a Julia nem sequer esboça um sorriso.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 301

— A noite passada foi uma piada para ti, Campbell? Aquele velho adágio vem-me à cabeça: Se quiseses ver Deus rir, faz um plano. E como sou um cobarde, agarro o cão pela coleira.

— Preciso de passeá-lo antes de nos chamarem de novo para o tribunal.

A voz da Julia acompanha-me até à porta.

— Não me respondeste.

— Tu não queres que te responda - digo. Não me volto para trás. Dessa forma não tenho de ver o seu rosto.

Quando o juiz DeSalvo nos dispensa nesse dia, às três horas devido a uma consulta semanal de quiroprática, acompanho a Anna até à sala de espera à procura do pai dela - mas Brian não está lá. Sara olha em volta, surpreendida.

— Talvez o tenham chamado por causa de um incêndio - diz ela. - Anna, eu vou. .

Mas eu coloco a mão no ombro da Anna.

— Eu levo-a ao quartel dos bombeiros.

Dentro do carro, ela fica calada. Viro para o parque de estacionamento do quartel e deixo o motor a trabalhar.

— Olhe - digo-lhe -, pode não se ter apercebido, mas tivemos um ótimo primeiro dia.

— Seja.

Ela sai do carro sem mais palavras e o Juiz salta para o lugar da frente que ficou vazio. Começo a inverter a marcha, mas então contra o meu bom senso desligo o motor.

Deixando o Juiz dentro do carro, sigo-a em direcção às traseiras do edifício.

Ela está de pé como uma estátua, com o rosto virado para o céu. O que devo eu fazer, dizer? Nunca fui pai; mal consigo cuidar de mim próprio.

Afinal, a Anna começa a falar primeiro.

— Já alguma vez fez uma coisa que sabia que não era correcta, embora sentisse que era? Penso na Julia.

— Sim.

— Às vezes odeio-me a mim própria - murmura a Anna.

— Às vezes - digo-lhe eu -, eu também me odeio a mim próprio.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 302

Isto surpreende-a. Ela olha para mim, e depois de novo para o céu.

— Elas estão lá em cima. As estrelas. Mesmo quando não conseguimos vê-las.

Eu ponho as mãos nos bolsos.

— Eu costumava pedir um desejo a uma estrela todas as noites.

— Para quê? - Para ter cromos de basebol raros na minha colecção. Para ter um Golden Retriever. Para ter professoras jovens e sensuais.

— O meu pai disse-me que um grupo de astrónomos descobriu um novo local onde as estrelas estão a nascer. Só que vai demorar Dois mil e quinhentos anos até as vermos. - Ela volta-se para mim. - Dá-se bem com os seus pais? Penso em mentir-lhe, mas depois abano a cabeça.

— Costumava pensar que seria tal qual como eles quando crescesse, mas não sou.

E também, a dada altura, deixei de querer ser como eles, de qualquer modo.

O sol banha a pele dela de um branco leitoso, ilumina-lhe os contornos da garganta.

— Estou a ver - diz a Anna. - Também era invisível.

TERÇA-FEIRA

Uma pequena fogueira depressa se apaga com os pés; Mas, sendo tolerada, os rios são incapazes de a extinguir.

— WILLIAM SHAKESPEARE, Henrique V

Campbell

Brian Fitzgerald é o meu trunfo. Logo que o juiz se aperceba de que um dos pais da Anna concorda com a sua decisão de deixar de ser dadora para a irmã, a concessão da emancipação não ficará assim tão longe. Se Brian fizer o que eu necessito que faça -

nomeadamente, dizer ao juiz DeSalvo que sabe que a Anna também tem direitos, e que está disposto a apoiá-la -, então o que quer que seja que a Julia lhe diga será discutível. E, melhor ainda, o testemunho da Anna seria apenas uma formalidade.

Brian aparece acompanhado pela Anna de manhã cedo, vestindo a sua farda de capitão. Colo um sorriso no rosto e levanto-me, dirigindo-me a eles com o Juiz.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 303

— bom dia - digo. - Estão preparados? Brian olha para a Anna. E depois olha para mim. Há uma pergunta a aflorar-lhe os lábios, mas ele parece estar a fazer os possíveis por não a fazer.

— Olhe - digo à Anna, num turbilhão de idéias. - Quer fazer-me um favor? O Juiz precisava de correr um bocadinho descendo e subindo as escadas, senão vai ficar inquieto no tribunal.

— Ontem disse-me que não podia passeá-lo.

— Bem, hoje pode.

A Anna abana a cabeça.

— Não vou a lado nenhum. Assim que me for embora vai começar a falar sobre mim.

Então volto-me novamente para Brian.

— Está tudo bem? Nesse momento, Sara Fitzgerald entra no edifício. Dirige-se apressadamente para a sala de audiências e, ao ver Brian comigo, detém-se. Depois desvia-se lentamente do marido e prossegue em direcção ao interior do edifício.

Os olhos de Brian Fitzgerald seguem a mulher, mesmo depois de as portas se fecharem atrás dela.

— Estamos óptimos - diz ele, uma resposta que não me era dirigida.

— Sr. Fitzgerald, houve alturas em que discordou da sua mulher acerca de a Anna ser submetida a tratamentos médicos em benefício da Kate? - Sim. Os médicos disseram que apenas precisávamos de sangue do cordão umbilical para a Kate. Tirariam uma parte do cordão umbilical que é habitualmente deitada fora após o nascimento: não se tratava de uma coisa que fizesse falta ao bebê, e certamente não iria magoá-la - o seu olhar cruza-se com o da Anna, e ele sorri-lhe.

— E também resultou durante algum tempo. A Kate entrou em remissão. Mas, em 1996, teve uma nova recaída. Os médicos queriam que a Anna doasse alguns linfócitos.

Não se tratava de uma cura, mas iria manter a Kate viva durante algum tempo.

Tento fazê-lo desenvolver esta idéia.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 304

— O senhor e a sua mulher não partilhavam a mesma opinião sobre este tratamento? - Eu não tinha a certeza de que fosse uma idéia assim tão boa. Desta vez a Anna iria aperceber-se do que estava a acontecer, e não iria gostar.

— O que disse a sua mulher que o fez mudar de opinião? - Que, se não tirássemos sangue à Anna desta vez, de qualquer modo, em breve iríamos precisar de medula óssea.

— O que achou disso? Brian abana a cabeça, obviamente desconfortável.

— Não sabemos como é - diz ele calmamente - até que um filho nosso esteja a morrer. Damos por nós a dizer coisas e a fazer coisas que não queríamos fazer nem dizer. E

pensamos que temos escolha, mas depois aproximamo-nos um pouco mais, e vemos que tínhamos feito tudo mal - ele olha para a Anna, que está tão quieta ao meu lado que acho que se esqueceu de respirar. - Eu não queria fazer isso à Anna. Mas não podia perder a Kate.

— Tiveram de usar a medula óssea da Anna, em determinada altura? - Sim.

— Sr. Fitzgerald, enquanto técnico de emergências médicas certificado, efectuaria algum procedimento num paciente que não

apresentasse problemas físicos? - É claro que não.

— Então porque é que o senhor, enquanto pai da Anna, achou que este procedimento invasivo, que comportava riscos para a própria Ana e nenhum benefício físico, ia ao encontro dos seus interesses? - Porque - diz Brian - eu não podia deixar que a Kate morresse.

— Houve mais alguns pontos em que o senhor e a sua mulher discordassem sobre o uso de partes do corpo da Anna para efectuar o tratamento à vossa outra filha? - Há alguns anos, a Kate foi hospitalizada e . . tendo perdido tanto sangue ninguém pensava que ela sobrevivesse. Pensei que talvez fosse altura de a deixar partir. Mas a Sara não.

— O que aconteceu? - Os médicos deram-lhe arsênico, e resultou, fazendo a Kate entrar em remissão durante um ano.

— Está a afirmar que houve um tratamento que salvou a Kate, que não envolveu o uso do corpo da Anna? Brian abana a cabeça.

— Estou a afirmar. . estou a afirmar que tinha a certeza de que a Kate ia morrer.

Mas a Sara não desistiu da Kate e continuou a lutar - ele olha para a sua mulher. - E agora, *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult
305

os rins da Kate estão a ceder. Não quero vê-la sofrer. Mas, ao mesmo tempo, não quero cometer o mesmo erro duas vezes. Não quero convencer-me de que está tudo acabado quando não é necessário que assim seja.

Brian transformou-se numa avalanche emocional, a dirigir-se para a estufa que eu estive meticulosamente a fabricar. Preciso de refreá-lo.

— Sr. Fitzgerald, sabia que a sua filha ia instaurar um processo legal contra si e a sua mulher? - Não.

— Quando o fez, falou com ela sobre esse assunto? - Sim.

— Baseando-se nessa conversa, Sr. Fitzgerald, o que fez o senhor? - Saí de casa com a Anna.

— Porquê? - Na altura achei que a Anna tinha o direito de ponderar esta decisão, o que vivendo em nossa casa era uma coisa que ela não poderia fazer.

— Depois de ter saído de casa com a Anna, depois de ter falado bastante com ela sobre a razão de ter instaurado este processo legal - concorda com o pedido da sua mulher para que a Anna continue a ser dadora da Kate? A resposta que ensaiámos é não; este é o ponto crucial do meu caso. Brian inclina-se para a frente para responder.

— Sim, concordo - diz ele.

— Sr. Fitzgerald, em sua opinião. . - começo a dizer, e depois apercebo-me do que ele acabou de fazer. - Desculpe? - Ainda desejo que a Anna doe um rim - admite Brian.

Olhando para esta testemunha que me lixou completamente, procuro restabelecer o meu equilíbrio. Se o Brian não apoiar a decisão da Anna de deixar de ser dadora, então o juiz vai ter muito mais dificuldade em deliberar a favor da emancipação.

Ao mesmo tempo, estou notoriamente consciente do mais pequeno som saído da Anna, o silencioso despedaçar da alma que ocorre quando nos apercebemos de que o que parecia ser um arco-íris era de facto apenas um efeito da luz.

— Sr. Fitzgerald, está disposto a que a Anna seja submetida a uma cirurgia complicada, perdendo um órgão, em benefício da Kate? É uma coisa curiosa, observar um homem forte a desfazer-se em pedaços.

— Pode dizer-me qual é a resposta correcta neste caso? - pergunta Brian, com voz áspera. - Porque não sei onde procurá-la. Eu sei o que está certo. Eu sei o que é justo. Mas *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 306

nenhuma destas coisas pode ser aplicada aqui. Posso sentar-me, e posso pensar sobre isto, e posso dizer-lhe o que deveria ser feito, o que era conveniente fazer-se. Até posso dizer-lhe que tem de haver uma solução melhor. Mas já se passaram treze anos, Dr. Alexander, e ainda não a encontrei.

Ele afunda-se lentamente para a frente, demasiado grande para aquele espaço tão pequeno, até a sua testa se apoiar na fresca barra de madeira que rodeia a barra das testemunhas.

O juiz DeSalvo anuncia um intervalo de dez minutos antes de Sara começar o seu interrogatório, para que a testemunha possa

dispor de alguns momentos a sós. A Anna e eu dirigimo-nos para o piso inferior, para as máquinas de venda automática, onde podemos gastar um dólar em chá agüado e sopa ainda mais agüada. Ela senta-se com os calcanhares apoiados nas traves do banco e, quando lhe dou a sua chávena de chocolate quente, ela pousa-a na mesa sem beber.

— Nunca tinha visto o meu pai chorar - diz ela. - A minha mãe estava sempre a perder o controlo por causa da Kate. Mas o pai - bem, quando se ia abaixo, assegurava-se de que nós não o veríamos.

— Anna..

— Acha que fui eu que lhe fiz aquilo? - diz ela, voltando-se para mim. - Acha que não lhe devia ter pedido para vir aqui hoje? - O juiz ter-lhe-ia pedido que testemunhasse mesmo que você não o fizesse. - Abano a cabeça. - Anna, vai ter de fazê-lo também.

Ela olha para mim, desconfiada.

— Fazer o quê? - Testemunhar.

Anna olha para mim pestanejando.

— Está a brincar? - Pensei que o juiz deliberasse claramente em seu favor se visse que o seu pai estava pronto a apoiar as suas escolhas. Mas, infelizmente, não foi isso que aconteceu. E não faço idéia do que a Julia irá dizer - mas, mesmo que ela fique do seu lado, o juiz DeSalvo terá de ser persuadido de que você tem maturidade suficiente para tomar essas decisões por si própria, independentemente dos seus pais.

— Quer dizer que tenho de ir lá para cima? Como testemunha? Sempre soube que a determinada altura, a Anna teria de ir para a barra das testemunhas. Num caso sobre a *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 307

emancipação de um menor, é lógico que um juiz queira ouvir as declarações do próprio menor. A Anna pode estar nervosa por testemunhar, mas eu acho que, subconscientemente, é o que ela deseja verdadeiramente fazer. Por que outra razão haveria ela de dar-se ao trabalho de instaurar um processo legal se não fosse para se assegurar de que pudesse finalmente dizer aquilo que pensa? -

Disseme ontem que eu não teria de testemunhar - diz a Anna, ficando agitada.

— Enganei-me.

— Contratei-o para que dissesse a toda a gente o que eu quero.

— Não é assim que as coisas funcionam - digo eu. - Foi você que deu início a este processo legal. Queria ser mais do que a pessoa em que a sua família a transformou ao longo dos últimos treze anos. E isso significa que terá de afastar a cortina e mostrar-nos quem ela é.

— Metade dos adultos deste planeta não faz idéia de quem é, mas pode tomar decisões por si própria todos os dias - argumenta a Anna.

— Não tem treze anos. Olhe - digo eu, abordando o que acredito ser o ponto essencial deste assunto. - Eu sei que, no passado, levantar-se e dizer o que pensa não a levou a lado nenhum. Mas eu prometo-lhe que, desta vez, quando falar, todos vão prestar atenção.

No entanto, isto tem o efeito oposto ao que eu pretendia. A Anna cruza os braços.

— Não vou lá para cima de maneira nenhuma - diz ela.

— Anna, ser testemunha não é assim tão complicado. .

— É complicado, Campbell. É mesmo muito complicado. E eu não vou fazer isso.

— Se não testemunhar, vamos perder - explico.

— Então arranje uma outra maneira de ganhar. Você é que é o advogado.

Não vou morder o anzol. Tamborilo com os dedos na mesa para arranjar paciência.

— Quer dizer-me porque está tão veementemente contra isso? Ela olha para cima.

— Não.

— Não, não vai fazê-lo? Ou não, não vai dizer-me? - Há algumas coisas das quais simplesmente não gosto de falar - o rosto dela endurece. - Pensei que você, mais do que qualquer outra pessoa, seria capaz de entender isso.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 308

Ela sabe exactamente em que pontos deve tocar.

— Pense bem no assunto - sugiro com firmeza.

— Não vou mudar de idéias.

Levanto-me e deito a minha chávena de café cheia para o lixo.

— Muito bem - digo-lhe. - Mas não esteja à espera que eu consiga mudar a sua vida.

Sara

Hoje Há uma coisa curiosa que ocorre com a passagem do tempo: uma calcificação da personalidade. Por exemplo, se a luz iluminar o rosto do Brian no ângulo correcto, ainda consigo ver o tom de azul-pálido dos seus olhos que sempre me fez lembrar um oceano onde eu ainda teria de nadar. Debaixo das finas linhas do seu sorriso, há a fenda do queixo - a primeira característica que eu procurei nos rostos dos meus filhos recém-nascidos. Há a sua determinação, a sua vontade tranqüila, e uma constante paz consigo próprio que eu sempre desejei que passasse para mim. Estes são os elementos básicos que me fizeram apaixonar-me pelo meu marido; se há alturas em que não o reconheço agora, talvez isso não seja um retrocesso. A mudança nem sempre é para pior; a concha que se forma à volta de um grão de areia parece, a algumas pessoas, uma irritação e, a outras, uma pérola.

Os olhos do Brian precipitam-se da Anna, que está a tirar uma crosta do polegar, para mim. Ele observa-me como um rato observa um falcão. Há algo nisto que me magoa; é realmente isso que pensa de mim? Será que é assim que todos pensam? Quem me dera que não houvesse uma sala de audiências entre nós. Quem me dera poder ir ter com ele.

Olha, diria eu, este não é o rumo que eu pensei que as nossas vidas tomariam; e talvez não consigamos escapar deste beco sem saída. Mas não há outra pessoa no mundo com quem eu gostasse mais de me perder.

Olha, diria eu, talvez eu não tivesse razão.

— Dr.a Fitzgerald - pergunta o juiz DeSalvo -, tem alguma pergunta para fazer à testemunha? Este é, apercebo-me, um bom termo para designar um cônjuge. O que mais *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 309

fazem um marido ou uma mulher senão testemunhar os erros de apreciação um do outro?

Levanto-me lentamente da minha cadeira.

— Olá, Brian - digo eu, e a minha voz não é de modo nenhum tão firme quanto eu esperava.

— Sara - responde ele.

A seguir a esta troca de palavras, não faço a mínima idéia do que hei-de dizer.

Uma recordação assola-me. Queríamos sair de casa, mas não conseguíamos decidir para onde havíamos de ir. Então entrámos dentro do carro e arrancámos, e de meia em meia hora deixávamos os miúdos escolher uma saída, ou dizer-nos que virássemos à esquerda ou à direita. Acabámos em Seal Cove, no Maine, e depois paramos, porque a direcção que o Jesse escolheu faria com que caíssemos no Atlântico. Alugámos uma cabana sem aquecimento nem electricidade - e os nossos três filhos tinham medo do escuro.

Não me apercebo de que estive a falar em voz alta até o Brian responder.

— Eu sei - diz ele. - Pusemos tantas velas naquele chão que pensei que íamos de certeza pegar fogo à cabana. Choveu durante cinco dias.

— E no sexto dia, quando o tempo abriu, os patos bravos incomodavam tanto que nem sequer conseguíamos estar lá fora.

— E depois o Jesse apanhou uma trepadeira venenosa e os seus olhos ficaram tão inchados que não os conseguia abrir..

— Desculpem-me - interrompe Campbell Alexander.

— Deferido - diz o juiz DeSalvo. - Aonde é que isto nos leva, Doutora? Nós não tínhamos ido a lado nenhum, e o lugar aonde chegámos era horrível, e mesmo assim não trocava aquela semana por nada neste mundo. Quando não sabemos para onde vamos, descobrimos locais que nunca ninguém se lembraria de explorar.

— Quando a Kate não estava doente - diz o Brian devagar, cuidadosamente -, divertíamos-nos muito.

— Não achas que a Anna iria sentir saudades disso se a Kate já não estivesse connosco? Campbell levantou-se da cadeira, tal como eu esperava.

— Objecção! O juiz ergue a mão, e faz sinal para o Brian responder.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 310

— Todos nós vamos - diz ele.

E nesse momento, acontece uma coisa verdadeiramente estranha. O Brian e eu, de frente um para o outro e em pólos opostos, deslocamo-nos subitamente como por vezes acontece com os ímanes; e, em vez de nos repelirmos um ao outro, de repente parecemos estar do mesmo lado. Somos jovens e os nossos corações batem em simultâneo pela primeira vez; somos velhos e interrogamo-nos como é que percorremos esta enorme distância num período de tempo tão curto. Estamos a assistir ao fogo-de-artifício na televisão numa dúzia de vésperas de Ano Novo, com três crianças adormecidas metidas no meio de nós na nossa cama, tão apertadas que eu consigo sentir o orgulho do Brian embora não nos estejamos a tocar.

De repente deixa de ter importância o facto de ele ter saído de casa com a Anna, de ele ter questionado algumas decisões relativamente à Kate. Ele fez aquilo que achou que estava certo, tal como eu, e não posso culpá-lo por isso. A vida por vezes fica tão atolada em pormenores que nos esquecemos de que estamos a vivê-la. Há sempre mais algum compromisso a honrar, mais uma conta a pagar, mais um sintoma a surgir, mais um dia rotineiro a ser riscado na parede de madeira. Sincronizámos os nossos relógios, estudámos as nossas agendas, existimos em minutos, e esquecemo-nos completamente de nos afastarmos para ver o que realizámos.

Se perdermos a Kate hoje, ela terá estado connosco durante dezasseis anos. e ninguém poderá tirar-nos isso. E, daqui a muito tempo, quando se tornar difícil relembrar a imagem do seu rosto a rir, ou a sensação da sua mão na minha, ou o tom exacto da sua voz, eu terei o Brian para dizer: Não te lembras? Era assim.

A voz do juiz interrompe o meu devaneio.

— Dr. a Fitzgerald, já terminou? Nunca tive necessidade de interrogar o Brian; sempre soube as suas respostas. Esqueci-me foi das perguntas.

— Quase - volto-me para o meu marido. - Brian? - pergunto. Quando voltas para casa? No interior do edifício do tribunal existe uma fileira enorme de máquinas de venda automática, e nenhuma delas tem nada que apeteça comer. Depois de o juiz DeSalvo ter

anunciado um intervalo, vagueio aqui em baixo, e observo os Starbursts, e as Pringles, e os Cheetos aprisionados nas suas celas em espiral.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 311

— As Oreos são a melhor escolha - diz o Brian atrás de mim. Volto-me a tempo de o ver pôr setenta e cinco cêntimos dentro da máquina. - Simples. Clássicas - carrega em dois botões e as bolachas iniciam o seu mergulho suicida em direcção ao fundo da máquina.

Ele conduz-me à mesa, manchada e marcada por pessoas que gravaram as suas iniciais eternas e escreveram os seus mais profundos pensamentos no tampo.

— Não sabia o que havia de te dizer na barra das testemunhas - admito, e depois hesito. - Brian? Achas que fomos bons pais? estou a pensar no Jesse, de quem desisti há tanto tempo. Na Kate que eu não consegui curar. Na Anna.

— Não sei - diz o Brian. - Alguém será? Ele entrega-me o pacote de Oreos.

Quando abro a boca para lhe dizer que não tenho fome, o Brian enfia uma bolacha lá dentro. É saborosa e áspera na minha língua; e, de repente, sinto-me esfomeada. O Brian sacode as migalhas dos meus lábios como se eu fosse feita de porcelana delicada. Eu deixo-o. Acho que nunca provei nada assim tão doce.

O Brian e a Anna voltam para casa nessa noite. Ambos a aconchegamos na cama à noite; ambos a beijamos. O Brian vai tomar um duche. Daqui a pouco tempo irei para o hospital, mas neste momento estou sentada em frente à Anna, na cama da Kate.

— Vais dar-me um sermão? - pergunta ela.

— Não da maneira que achas - passo com o dedo na beira de uma das almofadas da Kate. - Não és uma pessoa má por quereses ser tu própria.

— Eu nunca.. Levanto a mão.

— O que eu quero dizer é que esses pensamentos são humanos. E lá por seres diferente daquilo que toda a gente imaginava, isso não significa que tivesses falhado de alguma maneira. Uma miúda que é habitualmente gozada, numa escola

pode mudar-se para uma escola diferente e ser a rapariga mais popular por ninguém ter outras expectativas em relação a ela. Ou uma pessoa que vá para a faculdade de medicina devido ao facto de a sua família ter muitos médicos pode descobrir que afinal o que quer realmente é ser artista - respiro fundo e abano a cabeça. - Percebes o que eu quero dizer?

- Nem por isso. Isso faz-me sorrir.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 312

— Acho que o que quero dizer é que fazes lembrar-me alguém. A Anna ergue-se sobre um cotovelo.

— Quem? - Eu - digo.

Quando estamos com o nosso companheiro há tantos anos, ele transforma-se no mapa dentro do porta-luvas que usámos até rasgar e ficar dobrado nos cantos, no caminho que conhecemos tão bem que poderíamos traçá-lo de cor, e precisamente por esta razão levamo-lo sempre connosco quando viajamos. E, no entanto, quando menos esperamos, um dia abrimos os olhos e vemos que há uma estrada transversal desconhecida, um ponto que não existia anteriormente, e temos de parar e pensar sobre o facto de este ponto de referência talvez não ser uma novidade, mas sim algo que não vimos desde o início.

O Brian está deitado na cama ao meu lado. Ele não diz nada, limita-se a pôr a mão na curva do meu pescoço. Depois beija-me, num beijo longo e agriçoce. Disto eu estava à espera, mas do que se segue não - ele morde-me o lábio com tanta força que sinto o sabor de sangue.

— Au - digo eu, tentando rir-me um pouco, e aligeirar isto. Mas ele não se ri, nem pede desculpas. Inclina-se para a frente, lambe-o.

Isso faz-me saltar por dentro. Este é o Brian, e este não é o Brian, e ambas as coisas são notáveis. Eu passo a minha própria língua pelo sangue, metálico e escorregadio.

Abro-me como uma orquídea, faço do meu corpo um berço, e sinto a sua respiração percorrer a minha garganta, os meus seios. Ele pousa a cabeça na minha barriga por um momento, e tal como essa mordida foi inesperada, há agora uma angústia do familiar -

isso era o que ele costumava fazer todas as noites, um ritual, quando eu estava grávida.

Depois ele movimentava-se de novo. Ele ergue-se sobre mim, um segundo Sol, e enche-me de luz e calor. Nós somos um estudo de contrastes - do robusto para o suave, do louro para o moreno, do frenético para o tranqüilo - e, no entanto, há alguma coisa na forma como encaixamos que faz com que me aperceba de que nenhum de nós estaria completo sem o outro. Somos uma faixa de Móbius, dois corpos contínuos, um enleio impossível.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 313

— Vamos perdê-la - sussurro, e nem sequer eu própria sei se estou a falar da Kate ou da Anna.

O Brian beija-me.

— Pára - diz ele.

Depois disso, não falamos mais. É o mais seguro.

QUARTA-FEIRA

Porém, dessas chamadas,

Nenhuma luz, mas sim escuridão se vê.

— JOHN MILTON, Paraíso Perdido

Julia

A Izzy está sentada na sala quando eu regresso da minha corrida da manhã.

— Estás bem? - pergunta ela.

— Estou - desato os meus tênis, limpo o suor da testa. - Porquê? - Porque as pessoas normais não vão correr às 4h30 da manhã.

— Bem, tinha alguma energia para gastar.

Vou à cozinha, mas a máquina de café Braun que eu programei para ter o meu café com sabor a avelã pronto neste preciso momento não cumpriu as suas funções.

Verifico a ficha da Eva, e carrego em alguns dos seus botões, mas todos os leds estão apagados.

— Raios - digo eu, puxando o fio da tomada na parede. - Isto não é suficientemente velho para estar avariado.

A Izzy vem para junto de mim e mexe na máquina.

— Ainda está dentro da garantia? - Não sei. Não me interessa. O que sei é que quando pagamos por alguma coisa que deve dar-nos uma chávena de café merecemos ter uma maldita chávena de café - pouso o jarro de vidro vazio com tanta força que se parte no lava-loiça. Depois deixo-me deslizar pelos armários abaixo e começo a chorar.

A Izzy ajoelha-se perto de mim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 314

— O que é que ele fez? - Exactamente a mesma coisa, Iz - digo eu a soluçar. - Sou tão estúpida.

Ela põe os braços à minha volta.

— Óleo a ferver? - sugere ela. - Botulismo? Castração? Escolhe tu. Isso faz-me sorrir um pouco.

— E tu fazias mesmo.

— Só porque tu também eras capaz de fazer isso por mim. Encosto-me ao ombro da minha irmã.

— Achei que um relâmpago não devia atingir duas vezes o mesmo local.

— É claro que atinge - diz-me a Izzy. - Mas só se fores suficientemente lerda para não te afastares.

A primeira pessoa que veio cumprimentar-me no tribunal na manhã seguinte não era mesmo uma pessoa, mas sim o Juiz, o cão. Ele surge furtivamente ao virar da esquina com as orelhas para trás sem dúvida fugindo do som do seu dono a levantar a voz.

— Olá - digo eu, acalmando-o, mas o Juiz não quer nada disso. Ele agarra-se ao botão do casaco do meu tailleur - o Campbell vai pagar a conta da lavandaria, juro - e começa a arrastar-me em direcção à barafunda.

Consigo ouvir o Campbell antes de virar a esquina.

— Desperdicei tempo e energia, e sabe que mais, isso não foi o pior. Desperdicei a minha própria boa opinião sobre um cliente.

— Pois bem, não foi o único que julgou mal - replica a Anna.

— Contratei-o porque achei que tinha fibra.

Ela passa por mim empurrando-me.

— Imbecil - resmunga ela entre dentes.

Nesse momento, recordo-me da forma como me senti quando acordei sozinha no barco: desiludida. À deriva. Zangada comigo própria por me ter metido nesta situação.

Por que raio não estava eu zangada com o Campbell? O Juiz salta para cima do Campbell, arranhando-lhe o peito com as patas.

— Para baixo! - manda ele, e depois volta-se e vê-me. - Não devias ter ouvido tudo aquilo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 315

— Aposto que não.

Ele senta-se pesadamente numa cadeira na sala de conferências e passa a mão pelo rosto.

— Ela recusa-se a ir para a barra das testemunhas.

— Bem, por amor de Deus, Campbell. Ela não é capaz de confrontar a mãe na sua própria sala de estar, quanto mais num interrogatório. De que estavas à espera? Ele olha para mim com um olhar penetrante.

— O que vais dizer ao DeSalvo? - Estás a perguntar por causa da Anna, ou porque tens medo de perder este julgamento? -

Obrigado, mas abdiquei da minha consciência por altura da Quaresma.

— Não te questionas por que razão uma rapariga de treze anos te anda a deixar nervoso? Ele faz uma careta.

— Porque é que não deixas de te intrometer, Julia, e arruinas o meu caso como estavas a planear fazer ao princípio? - Este caso não é teu, é da Anna. Embora eu consiga sem dúvida perceber porque pensas o contrário.

— O que queres dizer com isso? - Vocês são cobardes. Têm ambos uma tendência infernal para fugir de vocês próprios - digo eu. - Eu sei que consequência a Anna receia. E

tu? - Não sei a que te referes.

— Não? Onde se meteu o humorista? Ou será demasiado difícil brincar com algo tão próximo da verdade? Tu afastas-te cada vez que alguém se aproxima de ti. Não há problema se a Anna for apenas uma cliente, mas, no momento em que ela se transforma em alguém com quem te preocupas, estás metido em sarilhos. E eu, bom, uma queca rápida está bem, mas estabelecer um laço emocional, isso está fora de questão. A única relação que tens é com o teu cão, e até isso é um enorme segredo de Estado.

— Estás a passar dos limites, Julia..

— Não, na verdade, sou provavelmente a única pessoa capaz de te dizer que és um imbecil. Mas não há problema, certo? Porque se toda a gente achar que és um imbecil, ninguém se dará ao trabalho de se aproximar demasiado - olho para ele demoradamente.

- É uma desilusão verificar que alguém consegue descobrir o que pensamos, não é, Campbell? Ele levanta-se, de rosto empedernido.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 316

— Tenho um caso para defender em julgamento.

— Faz isso - digo eu. - Mas certifica-te de separar a justiça da cliente que necessita dela. De outra forma, Deus te livre, podes de facto descobrir que tens um coração.

Vou-me embora antes que me envergonhe ainda mais, e ouço a voz do Campbell chamar-me. -Julia. Não é verdade.

Fecho os olhos, e contra o meu bom senso volto-me. Ele hesita.

— O cão. Eu. .

Mas o que quer que seja que ele está prestes a admitir é interrompido devido ao Vern aparecer à porta.

— O juiz DeSalvo está de mau humor - interrompe ele. - Estão atrasados, e já não há café com leite nas máquinas automáticas.

O meu olhar cruza-se com o do Campbell. Espero que ele acabe a frase.

E o instante parece nunca ter existido, antes que me consiga sequer lembrar.

Campbell

Está a tornar-se cada vez mais difícil ser um canalha.

No momento em que entro na sala de audiências, as minhas mãos estão trêmulas.

Em parte, é óbvio, é o mesmo de sempre. Mas em parte deve-se ao facto de a minha cliente ser tão interveniente como um calhau ao meu lado; e de a mulher por quem perdi a cabeça ser aquela que estou prestes a colocar na barra das testemunhas. Olho uma vez para a Julia quando o juiz entra; ela faz questão de desviar o olhar.

A minha caneta cai da mesa.

— Anna. pode apanhá-la? - Não sei. Seria uma perda de tempo e energia, não seria? - diz ela, e a maldita caneta fica no chão.

— Está preparado para chamar a sua próxima testemunha, Dr. Alexander? -

pergunta o juiz DeSalvo, mas mesmo antes que eu consiga dizer o nome da Julia, Sara Fitzgerald pede para se aproximar do lugar do juiz.

Preparo-me para mais uma complicação, e é certo, a advogada da outra parte não me desilude.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 317

— A psiquiatra que pedi para ser chamada como testemunha tem uma consulta no hospital esta tarde. O Tribunal concordaria em tomar o testemunho dela fora da ordem estabelecida? - Dr. Alexander? Encolho os ombros. Trata-se apenas de uma suspensão da execução para mim, vendo bem. Portanto sento-me ao lado da Anna e observo uma mulher pequena e morena com o cabelo apanhado num rolo torcido dez graus demasiado apertado para o seu rosto a dirigir-se para a barra das testemunhas.

— Por favor indique o seu nome e a sua morada para que fiquem registados -

começa por dizer Sara.

— Dr. a Beata Neaux - diz a psiquiatra. - 1250 Orrick Way, Woonsocket.

Dr. a No. Olho em volta para a sala de audiências, mas aparentemente sou o único apreciador do James Bond. Tiro um bloco de notas e escrevo um bilhete à Anna: Se ela se casasse com o Dr. Chance, seria a Dr.a Neaux-Chance.

Um sorriso estremece ao canto da boca da Anna. Ela apanha a caneta que tinha caído e escreve: Se ela se divorciasse e depois se casasse com o Sr. Buster, seria a Dr.a Neaux-Chance-Buster.

Começamos ambos a rir, e o juiz DeSalvo pigarreia e olha para nós.

— Desculpe, Meritíssimo - digo eu.

A Anna passa-me um outro bilhete: Ainda estou zangada consigo.

Sara aproxima-se da sua testemunha.

— Pode dizer-nos. Doutora, qual é a sua especialidade? - Sou pedopsiquiatra.

— Como é que travou conhecimento com os meus filhos? A Dr. a Neaux olha para a Anna.

— Há cerca de sete anos, trouxe-me o seu filho, Jesse, devido a alguns problemas comportamentais. Desde essa altura travei conhecimento com todas as crianças, em várias ocasiões, para discutir diversos assuntos que surgiram.

— Doutora, telefonei-lhe na semana passada e pedi-lhe que preparasse um relatório com a sua opinião especializada sobre os danos psicológicos que a Anna poderá vir a sofrer caso a irmã morra.

— Sim. Na realidade, fiz uma pequena investigação. Ocorreu um caso semelhante em Maryland em que pediram a uma rapariga que fosse dadora da sua irmã gêmea. O

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 318

psiquiatra que examinou as gêmeas descobriu que estas se identificavam tanto uma com a outra que, caso se verificassem os resultados positivos esperados, isso traria um enorme benefício à dadora - ela olha para a Anna. - Na minha opinião, verifica-se aqui um conjunto de circunstâncias muito semelhante. A Anna e a Kate são muito próximas uma da outra, e não apenas a nível genético. Elas vivem juntas. Passaram literalmente todas as suas vidas

juntas. Se a Anna doar um rim para salvar a vida da irmã, trata-se de uma oferta extraordinária - e não apenas para a Kate. Porque a própria Anna continuará a fazer parte da família intacta através da qual se define pessoalmente, em vez de fazer parte de uma família que perdeu um dos seus membros.

Isto é um monte tão grande de psicopalavreado da treta que eu mal consigo ver para poder nadar através dele, mas, para minha surpresa, o juiz parece estar a levar isto muito a sério. A Julia também tem a cabeça inclinada e uma pequena ruga entre as sobrancelhas. Será que sou a única pessoa na sala com um cérebro funcional? - Para além disso - continua a Dr. a Neaux -, existem vários estudos que indicam que as crianças que são dadoras têm uma auto-estima mais elevada, e se sentem mais importantes no seio da estrutura familiar. Consideram-se super-heróis, porque são capazes de fazer uma coisa que mais ninguém é.

Esta é a descrição mais absurda da Anna Fitzgerald que eu já ouvi.

— Acha que a Anna é capaz de tomar as suas próprias decisões clínicas? - É claro que não. Grande surpresa.

— Qualquer que seja a decisão que ela tome, vai ter repercussões em toda esta família - diz a Dr. a Neaux. - Ela vai estar a pensar nisso ao tomar a decisão e, portanto, nunca será uma decisão isenta. Para além do mais, ela tem apenas treze anos. Ao nível do desenvolvimento, o seu cérebro ainda não é capaz de abarcar um futuro tão longínquo, portanto qualquer decisão que ela tome vai basear-se no seu futuro imediato, em vez de se basear no futuro a longo prazo.

— Dr.a Neaux - interrompe o juiz -, o que recomendaria neste caso? - A Anna necessita da orientação de alguém com mais experiência de vida.. de alguém que tenha em mente os seus interesses. Estou satisfeita por trabalhar com a família, mas os pais precisam de ser pais aqui - porque as crianças não podem ser.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 319

Quando Sara coloca a testemunha à minha disposição, eu atiro a matar.

— Está a pedir-nos que acreditemos que doar um rim vai trazer à Anna toda esta fabulosa vivacidade psicológica? - Exactamente - diz a Dr. a Neaux.

— Não será lógico, então, que se ela doar esse mesmo rim e a sua irmã morrer na operação a Anna irá sofrer um trauma psicológico significativo? - Acredito que os seus pais a ajudarão a ponderar sobre isso.

— Então é o facto de a Anna dizer que já não quer ser dadora - faço notar. - Isso não será importante? - É claro que sim. Mas, tal como já disse, o presente estado de espírito da Anna é motivado pelas consequências a curto prazo. Ela não entende como essa decisão se irá manifestar realmente.

— E quem sabe? - pergunto eu. - À Sr. a Fitzgerald pode não ter treze anos, mas vive o dia a dia à espera de uma fatalidade relativamente à saúde da Kate, não acha? De má vontade, a psiquiatra acena com a cabeça.

— Pode dizer-se que ela define a sua própria capacidade de ser uma boa mãe mantendo a Kate saudável. Na realidade, se as suas acções mantêm a Kate viva, ela própria beneficia psicologicamente.

— Claro.

— A Sr.a Fitzgerald estaria muito melhor numa família que incluísse a Kate. Bem, eu diria mesmo que as decisões que ela toma na sua vida não são de modo nenhum isentas, mas antes influenciadas pelos assuntos relacionados com os cuidados de saúde da Kate.

— Provavelmente.

— Então através do seu próprio raciocínio - termino -, não será verdade que Sara Fitzgerald aparenta ser, sente-se e comporta-se como uma dadora da Kate? - bom...

— Só que ela não oferece a sua própria medula óssea e o seu próprio sangue.

Apenas os da Anna.

— Dr. Alexander - avisa o juiz.

— E se Sara se encaixa no perfil psicológico de um dador familiar que não consegue tomar decisões isentas, então por que razão será ela mais capaz de tomar esta *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 320

decisão do que a Anna? Pelo canto do olho, consigo ver o rosto estupefacto de Sara.

Consigo ouvir o juiz bater com o seu martelo.

— Tem razão, Dr.a Neaux, os pais precisam de ser pais - digo eu. - Mas por vezes isso não é o suficiente.

Julia

O juiz DeSalvo anuncia um intervalo de dez minutos. Pouso a minha mochila, tecida na Guatemala, e começo a lavar as mãos quando a porta de uma das casas de banho se abre. A Anna sai, hesitando só por um instante. Depois abre a torneira ao meu lado.

— Olá - digo eu.

A Anna vai secar as mãos debaixo do secador. O ar não sai, o sensor não detecta a palma da mão dela por qualquer razão. Ela sacode os dedos por debaixo da máquina novamente, e depois fica a olhar para eles, como se tentasse certificar-se de que não é invisível. Bate no metal.

Quando me inclino e sacudo a minha mão por debaixo dele, o ar quente é exalado para a palma da minha mão. Partilhamos este pequeno calor, como vagabundas à volta de um fogo que arde dentro de um bidão.

— O Campbell disse-me que não querias testemunhar.

— Não queria falar sobre isso - responde a Anna.

— Bem, por vezes, para termos o que mais queremos, temos de fazer o que menos queremos.

Ela encosta-se à parede da casa de banho e cruza os braços.

— Quem morreu e a transformou em Confúcio? - a Anna vira-se, e depois baixa-se para me apanhar a mochila. - Gosto dela. Tem tantas cores.

Agarro nela e ponho-a ao ombro.

— Vi mulheres idosas tecê-las quando estive na América do Sul. São precisos vinte carreteis de fio para tecer este padrão.

— A verdade é assim - diz a Anna, ou pelo menos é o que penso que ela disse, mas por essa altura já se tinha ido embora.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 321

Estou a observar as mãos do Campbell. Elas gesticulam muito enquanto fala; quase parece usá-las para pontuar tudo aquilo que diz. Mas também estão um pouco trêmulas, e eu atribuo isto ao facto de não saber o que eu vou dizer.

— Enquanto tutora ad litem - pergunta ele -, quais são as suas recomendações neste caso? Respiro fundo e olho para a Anna.

— O que eu aqui vejo é uma jovem mulher que passou a vida a sentir uma enorme responsabilidade pelo bem-estar da sua irmã. Na realidade, ela sabe que veio a este mundo para assumir essa responsabilidade - olho para Sara, sentada à sua mesa. - Acho que esta família, ao conceber a Anna, tinha as melhores intenções. Queriam salvar a filha mais velha; acreditavam que a Anna seria um bem-vindo acréscimo da família - não apenas devido ao que iria fornecer geneticamente, mas também porque queriam amá-la e vê-la crescer bem.

Depois volto-me para o Campbell.

— Percebo perfeitamente também como, nesta família, se tornou crítico fazer tudo o que era humanamente possível para salvar a Kate. Quando amamos alguém, fazemos tudo o que podemos para manter essa pessoa perto de nós.

Quando era pequena, costumava acordar a meio da noite lembrando-me dos meus sonhos mais loucos - que estava a voar; que estava trancada numa fábrica de chocolate; que era rainha de uma ilha das Caraíbas. Acordava com o cheiro de frangipana no cabelo, ou com nuvens presas na bainha da minha camisa de noite até me aperceber de que estava noutro sítio diferente. E, mesmo que tentasse com toda a determinação, poderia adormecer de novo mas não conseguia colocar-me outra vez na trama daquele sonho que estava a ter.

Uma vez, durante a noite que o Campbell e eu passámos juntos, acordei nos seus braços e vi que ele ainda estava a dormir. Percorri a geografia do seu rosto: desde a falésia do seu malar ao turbilhão da sua orelha, às rugas de expressão sulcadas ao lado da sua boca. Então fechei os olhos e pela primeira vez na vida caí directamente de novo no sonho, precisamente no mesmo sítio onde tinha ficado.

— Infelizmente - digo perante o Tribunal -, também há um ponto em que temos de nos afastar e admitir que é altura de a deixar partir.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 322

Durante um mês depois de o Campbell me deixar, não saí da cama excepto quando me obrigavam a ir à missa ou a sentar-me à mesa para jantar. Deixei de lavar a cabeça. Tinha olheiras debaixo dos olhos. A Izzy e eu, à primeira vista, parecíamos completamente diferentes.

Um dia em que arranjei coragem para sair da cama de livre vontade, fui ao Wheeler e passei à volta da casa dos barcos, escondendo-me cuidadosamente até encontrar um rapaz da equipa de vela - um aluno dos cursos de Verão - que estava a levar um dos barcos a remos do colégio. Tinha cabelos louros, em vez de pretos como o Campbell. Era baixo e entroncado, e não alto e esguio. Eu fingi que precisava de uma boleia para casa.

Passada uma hora já tínhamos dado uma queca no banco de trás do seu Honda.

Fi-lo porque, se houvesse outra pessoa, então já não sentiria o cheiro do Campbell na minha pele e o seu sabor na parte de dentro dos meus lábios. Fi-lo porque estava a sentir-me tão oca por dentro que tinha medo de começar a flutuar, como um balão de hélio a erguer-se tão alto que já não conseguimos ver a mais pequena mancha de cor.

Senti este rapaz cujo nome não me dei ao trabalho de recordar grunhir e mover-se dentro de mim, de tão vazia e longe que estava. E, de repente, percebi o que acontecia a todos aqueles balões perdidos: eram os amores que nos escapavam das mãos cerradas; os olhos vazios que se erguiam todas as noites no céu.

— Quando me designaram para esta função, há duas semanas - digo ao juiz -, e comecei a estudar a dinâmica desta família, pareceu-me que a emancipação médica ia ao encontro dos interesses da Anna. Mas depois apercebi-me de que estava a fazer juízos de valor da mesma forma que todos nesta família fazem - baseados apenas em efeitos fisiológicos, em vez de psicológicos. A parte mais fácil a ter em conta nesta decisão é averiguar o que é clinicamente correcto para a Anna. Resultado final: não é do seu interesse doar órgãos e sangue, que não trará nenhum benefício à própria Anna, mas prolongará a vida da sua irmã.

Vejo os olhos do Campbell faiscarem; esta mudança de opinião surpreendeu-o.

— Porém, é mais difícil encontrar uma solução - porque, embora possa não ir ao encontro dos interesses da Anna ser dadora da sua irmã, a sua própria família é incapaz de *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 323

tomar decisões informadas sobre isso. Se a doença da Kate é um comboio imparável prestes a descarrilar, então todos reagem de crise em crise, sem descobrirem a melhor maneira de o levar para a estação. E utilizando a mesma analogia, a pressão exercida pelos pais é uma mudança de linha - a Anna não é suficientemente forte, mental ou fisicamente, para tomar as suas próprias decisões, sabendo quais são os desejos deles.

O cão do Campbell levanta-se e começa a ganir. Distraída, volto-me na direcção do barulho. O Campbell empurra o focinho do Juiz, nunca tirando os olhos de mim.

— Não acho que haja alguém na família Fitzgerald capaz de tomar decisões imparciais sobre os cuidados de saúde da Anna admito. - Nem os pais, nem a própria Anna.

O juiz DeSalvo franze a testa olhando para mim.

— Então, Sr. a Romano - pergunta ele -, o que recomenda perante este tribunal?

Campbell

Ela não vai vetar a petição.

Este é o meu incrível primeiro pensamento - que o meu caso afinal não irá por água abaixo, mesmo após o testemunho da Julia. O meu segundo pensamento é que a Julia está tão dividida em relação a este caso e ao que ele fez à Anna quanto eu, só que ela expôs o facto para toda a gente ver.

O Juiz escolheu este momento para ser um chato colossal. Crava os dentes no meu casaco e começa a puxar, mas diabos me levem se me vou embora antes de a Julia terminar.

— Sr. a Romano - pergunta DeSalvo -, o que recomenda perante este tribunal? -

Não sei - diz ela suavemente. - Lamento. Foi a primeira vez, desde que desempenho as funções de tutora ad litem, que não fui capaz de apresentar uma recomendação, e sei que isso é inaceitável. Mas de um lado, tenho o caso de Brian e Sara Fitzgerald, que ao longo das vidas das filhas só têm feito escolhas por amor. Colocando as coisas desta forma, certamente que não parecem ser escolhas erradas - mesmo que já não sejam as decisões certas para ambas as filhas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 324

Ela volta-se para a Anna, e ao meu lado consigo sentir que esta se endireita um pouco, que se sente mais orgulhosa.

— Do outro lado, tenho a Anna, que após treze anos está a afirmar-se a si própria, mesmo que isso signifique perder a irmã que ama. - A Julia abana a cabeça. - É uma escolha salomónica, Meritíssimo. Mas não está a pedir-me que divida um bebê ao meio.

Está a pedir-me que divida uma família.

Quando sinto um puxão no meu outro braço começo a enxotar de novo o cão, mas depois apercebo-me de que desta vez é a Anna.

— Está bem - sussurra ela.

O juiz DeSalvo libera a Julia do banco das testemunhas.

— Está bem o quê? - sussurro em resposta.

— Está bem, eu falo - diz a Anna.

Fico a olhar para ela incrédulo. O Juiz agora está a ganhar, e a bater com o focinho na minha coxa, mas não posso arriscar fazer um intervalo. Basta isso para que a Anna mude de opinião numa fracção de segundo.

— Tem a certeza? Mas ela não me responde. Levanta-se, atraindo todas as atenções na sala de audiências para ela.

— Juiz DeSalvo? - a Anna respira fundo. - Gostava de dizer uma coisa.

Anna

Vou falar-vos sobre a primeira vez que tive de fazer uma apresentação oral numa aula: estava na terceira classe, e devia falar sobre o canguru. São bastante interessantes, sabem. Quero dizer, não só apenas os podemos encontrar na Austrália, como também pertencem a um tipo de cadeia evolutiva mutante - têm os olhos de um veado e as inúteis patas de um T-rex. Mas o mais fascinante neles é a bolsa, claro. O bebê, quando nasce, é quase do tamanho de um micróbio e consegue rastejar para a bolsa e aconchegar-se lá dentro, tudo isto enquanto a mãe inconsciente salta de um lado para o outro no Outback.

E a bolsa não é como a representam nos desenhos animados dos sábados de manhã - é cor-de-rosa e enrugada como o interior do nosso lábio, e está cheia de canais maternos importantes. Aposto que não sabiam que os cangurus não se limitam a transportar uma *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 325

cria de cada vez. De vez em quando, há um irmão em miniatura, minúsculo, imóvel e preso no fundo enquanto o mais velho arranha com as patas enormes para se instalar confortavelmente.

Como podem ver, eu sabia, sem dúvida, a matéria. Mas quando se aproximou a minha vez, enquanto o Stephen Scarpinio estava a mostrar um modelo de um lémur em papier-machê, eu soube que ia vomitar. Fui falar com a Sr. a Cuthbert, e disse-lhe que se ficasse lá para fazer aquela apresentação, ninguém ia ficar satisfeito.

— Anna - disse ela - se te convenceres a ti própria de que te sentes bem, vais sentir-te.

Portanto quando o Stephen terminou, eu levantei-me. Respirei fundo.

— Os cangurus - disse eu - são marsupiais que vivem apenas na Austrália.

E depois projectei vomitado para cima de quatro miúdos que tiveram o azar de estar sentados na fila da frente.

Para o resto do ano, chamaram-me CanguGrego. De vez em quando um dos miúdos andava de avião nas férias, e eu encontrava no meu cacifo um saco para vômito pregado na parte da frente da minha camisola de lã, a fingir de bolsa marsupial. Eu era a maior vergonha da escola até o Darren Hong ter ido recolher a bandeira no ginásio e acidentalmente ter puxado a saia da Oriana Bertheim para baixo.

Estou a contar isto para explicar a minha aversão a falar em público.

Mas agora, na barra das testemunhas, há ainda mais com que me preocupar. Não é que eu esteja nervosa, como o Campbell pensa. Também não tenho medo de bloquear.

Tenho medo de falar demais.

Olho para a sala de audiências e vejo a minha mãe, sentada na sua mesa de advogada, que me sorri só um bocadinho. E de repente nem acredito que alguma vez tenha pensado que podia levar isto avante. Chego à beira da minha cadeira, pronta para pedir desculpas por ter feito toda a gente perder tempo e fugir - e vejo que o Campbell está com um aspecto absolutamente pavoroso. Está a suar, e as suas pupilas estão tão grandes que parecem moedas de vinte e cinco cêntimos firmemente cravadas no seu rosto.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 326

— Anna - pergunta o Campbell -, quer um copo de água? Olho para ele e penso, E

você? O que eu quero é ir para casa. Quero fugir para um lugar onde ninguém saiba o meu nome e fingir que sou filha adoptiva de um milionário, a herdeira do trono de um reino onde se fabrica pasta de dentes, uma estrela de rock japonesa.

O Campbell volta-se para o juiz.

— Posso conferenciar um pouco com a minha cliente? - Faça o favor - diz o juiz DeSalvo.

Então o Campbell dirige-se à barra das testemunhas e aproxima-se tanto que só eu consigo ouvi-lo.

— Quando era miúdo tinha um amigo chamado Joseph Balz sussurra ele. -

Imagine se a Dr.a Neaux tivesse casado com ele. Ele recua um pouco, quando eu ainda estou a sorrir, e a pensar que talvez, só talvez, consiga ficar mais dois ou três minutos aqui.

O cão do Campbell está a ficar descontrolado - ele é que precisa de água ou qualquer outra coisa, ao que parece. E não sou a única a reparar nisso.

— Dr. Alexander - diz o juiz DeSalvo -, por favor controle o seu animal.

— Não, Juiz.

— Desculpe? O Campbell fica vermelho como um tomate.

— Estava a falar com o cão, Meritíssimo, tal como me pediu. E depois volta-se para mim: - Anna, por que razão quis apresentar esta petição? Uma mentira, como sabem, tem um sabor muito particular. Pastoso e amargo, que nunca bate certo, como quando metemos um bocado de chocolate requintado na boca à espera de um recheio de caramelo e em vez disso sentimos o trasto do limão.

— Ela pediu - digo eu. As primeiras palavras que se transformarão numa avalanche.

— Quem pediu o quê? - A minha mãe - digo, fitando os sapatos do Campbell. -

Um rim. - Olho para a minha saia, puxo um fio. Talvez revele tudo.

Há cerca de dois meses, diagnosticaram à Kate insuficiência renal. Ela cansava-se facilmente, perdeu peso, retinha líquidos e vomitava muito. As culpas foram atribuídas a várias coisas diferentes: anomalias genéticas, factor de estimulação de colónias de macrófagos e granulócitos - injeções de factor de crescimento que a Kate tomou para *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 327

aumentar a produção de medula óssea, desgaste devido a outros tratamentos. Puseram-na a fazer diálise para retirar as toxinas que andavam a circular na sua corrente sanguínea.

E depois a diálise deixou de funcionar.

Numa noite, a minha mãe entrou no nosso quarto quando a Kate e eu não estávamos a fazer nada de especial. Estava acompanhada pelo meu pai, o que significava que íamos ter uma discussão muito maior do que do que quem-deixou-a-torneira-do-lava-loiça-aberta.

— Eu estive a ler algumas coisas na Internet - disse a minha mãe. - Os transplantes de órgãos comuns não têm uma recuperação tão difícil como os transplantes de medula óssea.

A Kate olhou para mim e colocou um novo CD. Ambas sabíamos que rumo estava a conversa a tomar.

— Não podemos propriamente ir buscar um rim ao Kmart.

— Eu sei. Afinal, só é necessário ter um par de proteínas HLA compatíveis para ser dador de um rim - e não as seis. Telefonei ao Dr. Chance para perguntar se eu seria compatível contigo, e ele disse que em casos normais, provavelmente seria.

A Kate ouviu a palavra certa.

— Casos normais? - Dos quais não fazes parte. O Dr. Chance acha que rejeitarias um órgão de um grupo geral de dadores, apenas porque o teu corpo tem passado por tanta coisa. - A minha mãe olhou para baixo, para a carpete. - Ele não recomenda esta intervenção a não ser que o rim seja proveniente da Anna. O meu pai abanou a cabeça.

— É uma cirurgia invasiva - disse ele devagar. - Para as duas. Comecei a pensar nisto. Será que teria de ficar no hospital? Será que teria dores? Será que as pessoas podem viver só com um rim? E se eu acabasse por ter insuficiência renal quando tivesse, digamos, setenta anos? Onde iria eu buscar o meu rim sobresselente? Antes que conseguisse fazer alguma destas perguntas, a Kate falou.

— Não vou fazer isso outra vez, está bem? Estou farta. Dos hospitais, da quimioterapia, da radiação e de todas estas malditas coisas. Deixem-me em paz, está bem?

O rosto da minha mãe ficou branco.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 328

— Está bem, Kate. Vá lá, suicida-te! Ela colocou novamente os auscultadores, pôs a música tão alta que eu conseguia ouvir.

— Não é suicídio - disse ela -, se estivermos já a morrer.

— Já disse a alguém que não queria ser dadora? - pergunta-me o Campbell, quando o seu cão começa a andar à volta como um helicóptero na sala de audiências.

— Dr. Alexander - diz o juiz DeSalvo - vou chamar um beleguim para retirar o seu. .

animal de estimação.

É verdade, o cão está completamente descontrolado. Está a ladrar e aos saltos com as patas dianteiras em cima do Campbell e a girar em círculos apertados. O Campbell ignora ambos os juizes.

— Anna, decidiu sozinha instaurar este processo legal? Eu sei por que razão ele está a perguntar; ele quer que toda a gente saiba que sou capaz de tomar decisões difíceis. E até tenho a minha mentira, a palpar como a cobra que é, presa entre os dentes.

Mas o que eu tencionava dizer não é exactamente aquilo que sai.

— Fui mais ou menos convencida por uma pessoa.

Isto, é óbvio, é uma novidade para os meus pais, cujos olhos sinto a atacarem-me.

É uma novidade para a Julia, que chega de facto a libertar um pequeno som. E é uma novidade para o Campbell, que passa uma mão pelo rosto em sinal de derrota. É

precisamente por isto que é melhor ficarmos em silêncio; há menos hipóteses de Arruinarmos a nossa vida e a do resto das pessoas.

— Anna - diz o Campbell -, quem é que a convenceu? Eu sou pequena nesta cadeira, neste estado, neste planeta solitário. Junto as mãos, agarrando entre elas a única emoção que consegui impedir que se escapasse: o arrependimento.

— A Kate.

Toda a sala de audiências fica em silêncio. Antes que consiga dizer mais alguma coisa, o relâmpago de que tinha estado à espera atinge a sala. Encolho-me assustada, mas afinal o estrondo que eu ouvi não foi causado pela terra a abrir-se para me engolir inteira.

Foi o Campbell, que caiu ao chão, enquanto o seu cão permanece perto dele com uma expressão muito humana que diz Eu avisei-te.

Brian

Se viajarmos pelo espaço durante três anos e regressarmos, terão passado quatrocentos anos na Terra. Sou apenas um astrônomo de poltrona, mas tenho a sensação estranha de que regressei de uma viagem a um mundo em que nada faz sentido. Pensei que tinha estado a ouvir o Jesse, mas afinal não ouvi nada do que ele disse. Eu ouvi a Anna atentamente e, no entanto, parece faltar qualquer coisa. Tento juntar as poucas coisas que ela disse, reconsiderando-as e tentando compreendê-las da mesma forma que os Gregos descobriram cinco pontos no céu e decidiram que pareciam o corpo de uma mulher.

Então ocorre-me: estou a procurar no sítio errado. Os Aborígenes da Austrália, por exemplo, procuram entre as constelações dos Gregos e dos Romanos, no céu negro como tinta, e descobrem uma ema escondida debaixo do Cruzeiro do Sul, onde não existem estrelas. Há tantas histórias para serem contadas nos locais escuros como nas zonas brilhantes.

Ou pelo menos é nisto que de facto estou a pensar, quando o advogado da minha filha cai no chão com um ataque epilético.

Vias respiratórias, respiração, circulação. Vias respiratórias, o ponto mais importante numa pessoa que está a sofrer um ataque epilético. Salto por cima da cancela da galeria e tenho de tirar o cão do caminho à força; ele ficou a guardar o corpo de Campbell Alexander que se contorcia. O advogado entra na fase tônica com um grito, quando o ar é forçado a sair devido à contracção dos seus músculos respiratórios. Ele jaz rígido no chão. Depois inicia-se a fase clónica e os seus músculos contraem-se ao acaso, repetidamente. Viro-o de lado, caso vomite, e começo a procurar algo para enfiar entre os seus maxilares para que não morda a própria língua, quando acontece a coisa mais extraordinária - o cão derruba a pasta de Alexander e tira de lá algo semelhante a um osso de borracha mas que na realidade é um bloco de morder e deixa-o cair na minha mão. À

distância, apercebo-me de que o juiz está a isolar a sala de audiências. Grito ao Vern para chamar uma ambulância. A Julia vem imediatamente para o meu lado.

— Ele está bem? - Ele vai ficar óptimo. É um ataque. Ela parece estar à beira das lágrimas.

— Não pode fazer alguma coisa? - Só esperar - digo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 330

Ela tenta agarrar Campbell, mas eu afasto-lhe a mão.

— Não compreendo porque é que isto aconteceu.

Não tenho a certeza de que o próprio Campbell saiba. Mas sei, porém, que algumas coisas ocorrem sem que existam antecedentes directos.

Há dois mil anos o céu nocturno era completamente diferente, e portanto quando nos debruçamos sobre o assunto, as concepções gregas dos signos astrológicos relacionadas com as datas de nascimento estão grosseiramente incorrectas para a época actual. É designada Linha de Procissão: nessa altura o Sol não se punha em Touro, mas em Gêmeos. Um aniversário a 24 de Setembro não queria dizer que se era Balança, mas sim Virgem. E havia uma décima terceira constelação no zodíaco, Ofioco o Portador da Serpente, que se erguia entre Sagitário e Escorpião, apenas durante quatro dias.

A razão por que não funciona? O eixo da Terra sofre mutações. A vida não é nem de longe tão estável como desejaríamos.

Campbell Alexander vomita no tapete da sala de audiências, e depois tosse até recuperar a consciência nos aposentos do juiz.

— Tenha calma - digo eu, ajudando-o a sentar-se. - Teve um dos grandes.

Ele levanta a cabeça.

— O que aconteceu? Amnésia, antes e depois do acontecimento, é bastante comum.

— Perdeu a consciência. Pareceu-me ser epilepsia.

Ele olha para o tubo de soro que eu e o Caesar colocámos.

— Não preciso disso.

— É claro que precisa - digo eu. - Se não tomar medicamentos para combater os ataques, estará de novo no chão em menos de

nada.

Contrariado, encosta-se ao sofá e fica a olhar para o tecto.

— Foi muito mau? - Bastante - admito.

Ele faz festas na cabeça do Juiz - o cão foi inseparável.

— Lindo menino. Desculpa não te ter dado ouvidos. - Depois olha para as suas calças molhadas e mal cheirosas: outro efeito comum da epilepsia. - Merda.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 331

— Pois. - Dou-lhe um par sobresselente de uma das minhas fardas, que tinha pedido para trazerem. - Precisa de ajuda? Ele sacode-me e tenta, com uma mão, tirar as calças. Sem dizer uma palavra aproximo-me e desaperto-lhe a braguilha, ajudo-o a trocar de roupa. Faço isto sem pensar, da mesma forma que levantaria a camisola de uma mulher que precisasse de uma reanimação cardio-respiratória; mas mesmo assim, sei que isso está a consumi-lo.

— Obrigado - diz, tendo o cuidado de ser ele próprio a fechar a braguilha.

Sentamo-nos por um segundo.

— O juiz sabe? - Quando não respondo, Campbell afunda o rosto nas mãos. - Meu Deus. Em frente a toda a gente? - Há quanto tempo anda a esconder isto? - Desde o início.

Tinha dezoito anos. Envolvime num acidente de automóvel, e começou depois disso.

— Traumatismo craniano? Ele acena com a cabeça.

— Foi o que disseram.

Junto as minhas mãos entre os joelhos.

— A Anna ficou bastante assustada. Campbell esfrega a testa.

— Ela estava.. a testemunhar. - Sim - digo eu. - Sim. Ele olha para mim.

— Tenho de voltar lá para dentro.

— Ainda não. - Ao ouvir o som da voz de Julia, ambos nos voltamos. Ela está à porta, a olhar para Campbell como se nunca o tivesse visto antes, e eu suponho justamente que não, pelo menos assim.

— Eu, num, vou ver se os rapazes já entregaram o relatório murmuro, e depois deixo-os.

As coisas nem sempre são o que parecem. Algumas estrelas, por exemplo, parecem picadas de alfinete brilhantes, mas quando as observamos ao microscópio descobrimos que estamos a ver um aglomerado globular - um milhão de estrelas, para nós, parece-nos uma só entidade. De forma menos radical existem triplas, como Alfa Centauro, que observada de perto se revela uma estrela dupla com uma anã vermelha muito próxima.

Há uma tribo indígena na África que conta que a vida veio da segunda estrela de Alfa Centauro, aquela que ninguém consegue ver sem um telescópio de alta resolução.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 332

Pensando bem, os Gregos, os Aborígenes e os índios das planícies viviam todos eles em continentes diferentes e todos eles, independentemente, olharam para o mesmo nó de sete elementos nas Plêiades e acharam que se tratava de sete raparigas a fugir de algo que ameaçava fazer-lhes mal.

Tirem as conclusões que quiserem.

Campbell

A única coisa comparável à fase a seguir a um ataque epiléptico é acordar no passeio com uma ressaca provocada pela maior de todas as festas universitárias e ser imediatamente atropelado por um camião. Pensando melhor, talvez a epilepsia seja pior.

Estou coberto pela minha própria imundície, a soro e medicamentos e rebentando pelas costuras, quando a Julia se dirige a mim.

— É um cão para detectar ataques - digo eu.

— A sério? - A Julia estende a mão para o Juiz cheirar. Aponta para o sofá ao meu lado. - Posso sentar-me? - Não é contagioso, se é a isso que te referes.

— Não era. - A Julia aproxima-se o suficiente para eu sentir o calor do seu ombro, a centímetros do meu. - Porque não me disseste, Campbell? - Credo, Julia, nem sequer disse aos meus pais. - Tento olhar por cima do ombro dela, para o corredor. - Onde está a Anna? - Há quanto tempo é que isto acontece? Tento levantar-me, e consigo erguer-me um centímetro antes de perder as forças.

— Tenho de voltar lá para dentro.

— Campbell. Suspiro.

— Há um bocado.

— Um bocado, tipo uma semana? Abanando a cabeça, digo: - Um bocado, tipo dois dias antes da nossa formatura no Wheeler. - Olho para ela. - No dia em que te levei para casa, tudo o que queria era estar contigo. Quando os meus pais me disseram que tinha de ir àquele estúpido jantar no clube, segui-os no meu próprio carro, para poder escapulir-me rapidamente - planeava ir de novo até tua casa, naquela noite. Mas a caminho do jantar, tive um acidente de automóvel. Escapei com algumas equimoses, e nessa noite, tive o primeiro ataque. Trinta TACs depois, os médicos ainda não eram A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 333

capazes de me dizer realmente porquê, mas deixaram bastante claro que teria de viver com isto para sempre. - Respiro fundo. - O que me fez compreender que mais ninguém devia ter de o fazer.

— O quê? - Que queres que te diga, Julia. Eu não era suficientemente bom para ti.

Tu merecias melhor do que um tipo que é uma aberração e que pode cair para o chão a espumar da boca a qualquer minuto.

A Julia fica completamente imóvel.

— Podias ter-me deixado decidir.

— Que diferença teria isso feito? Como se tu realmente tivesses tido uma grande satisfação em proteger-me como o Juiz faz quando isto acontece; a limpar o que eu sujo, vivendo o fim da minha vida.

— Abano a cabeça. - Eras tão incrivelmente independente. Um espírito livre. Não queria ser eu a tirar-te isso.

Bem, se eu tivesse podido escolher, talvez não tivesse passado os últimos quinze anos a pensar que havia algo de errado comigo.

— Contigo? - começo a rir. - Olha para ti. És um espanto. És mais inteligente do que eu. Tens uma carreira promissora, preocupas-te com a família e provavelmente até consegues equilibrar as contas do teu livro de cheques.

— E estou sozinha, Campbell - acrescenta a Julia. - Por que achas que tive de aprender a agir de forma tão independente? Também me zango muito facilmente, e roubo os cobertores, e o meu segundo dedo do pé é mais comprido do que o grande. O meu cabelo tem o seu próprio código postal. E para além disso, fico comprovadamente doida quando tenho SPM. Não amamos uma pessoa por ela ser perfeita - diz ela. - Amamo-la apesar de ela não o ser.

Não sei como reagir a isto; é como se nos dissessem ao fim de trinta e cinco anos que o céu, que eu tenho visto azul vivo, é na realidade mais para o verde.

— E outra coisa: desta vez, não és tu que me vais deixar. Eu é que te vou deixar a ti.

Se possível, isso ainda me faz sentir pior. Tento fingir que não me magoa, mas não tenho forças.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 334

— Então vai-te embora.

A Julia instala-se ao pé de mim.

— E vou - diz ela. - Daqui a cinqüenta ou sessenta anos.

Anna

Bato à porta da casa de banho dos homens, e depois entro lá dentro. Numa das paredes está um urinol mesmo comprido e nojento. Na outra, a lavar as mãos num lavatório, está o Campbell. Ele veste um par de calças da farda do meu pai. Tem um aspecto diferente agora, como se todas as linhas rectas que foram utilizadas para desenhar o seu rosto tivessem sido esborratadas.

— A Julia disse que queria que eu viesse aqui - digo eu.

— Sim, queria falar consigo a sós, e todas as salas de conferências são lá em cima.

O seu pai disse que eu ainda não estou em condições de lidar com nada. - Ele limpa as mãos a uma toalha. Lamento o que aconteceu.

Bem, nem sequer sei se existe alguma resposta decente para isso. Mordo o lábio inferior.

— É por isso que eu não podia fazer festas ao cão? - Como é que o Juiz sabe o que deve fazer? Campbell encolhe os ombros.

— Supostamente está relacionado com o odor dos impulsos eléctricos que um animal consegue sentir antes de um ser humano. Mas eu acho que é por nos conhecermos tão bem. - Ele faz festas no pescoço do Juiz. - Ele leva-me para um local seguro antes que aconteça. Normalmente sei com cerca de vinte minutos de antecedência.

— Hum. - De repente sinto-me tímida. Já estive com a Kate quando ela estava mesmo, mesmo doente, mas isto é diferente. Não esperava isto do Campbell. - Foi por isso que aceitou o meu caso? - Para poder ter um ataque em público? Acredite que não.

— Não é isso. - Desvio o olhar dele. - Porque sabe como é não ter nenhum controlo sobre o próprio corpo.

— Talvez - diz o Campbell pensativamente. - Mas as minhas maçanetas das portas precisavam desesperadamente de ser polidas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 335

Se ele está a tentar fazer com que eu me sinta melhor, está a falhar miseravelmente.

— Eu disse-lhe que pôr-me a testemunhar não era das melhores idéias.

Ele coloca as mãos nos meus ombros.

— Anna, vá lá. Se eu consigo voltar lá para dentro depois daquele espectáculo, de certeza absoluta que a Anna consegue sentar-se naquele lugar desconfortável para responder a mais algumas perguntas.

Como é que eu posso refutar essa lógica? Então sigo o Campbell de volta à sala de audiências, onde nada está igual ao que era há apenas uma hora. com toda a gente a observá-lo como se fosse uma bomba-relógio, o Campbell dirige-se ao lugar do juiz e volta-se para o tribunal em geral.

— Lamento muito o que aconteceu, Meritíssimo, - diz ele. Fazemos qualquer coisa por um intervalo de dez minutos, não é? Como é que ele pode dizer piadas sobre uma coisa como esta? E depois apercebo-me: é o que a Kate faz, também. Talvez quando Deus nos dá uma deficiência, se assegure de que temos doses extra de humor para limar as arestas.

— Porque não tira o resto do dia, Doutor? - propõe o juiz DeSalvo.

— Não, estou bem agora. E acho que é importante chegar ao fundo da questão. -

Ele vira-se para a dactilógrafa do tribunal. Será que podia, hum, reavivar-me a memória?

Ela lê a transcrição, e o Campbell acena com a cabeça, mas reage como se estivesse a ouvir as minhas palavras, regurgitadas, pela primeira vez.

— Está bem, Anna, estava a dizer que a Kate lhe pediu para instaurar este processo legal para obter emancipação médica? De novo, contorço-me.

— Não exactamente.

— Pode explicar? - Ela não me pediu para instaurar o processo legal.

— Então o que foi que ela lhe pediu? Roubo um olhar à minha mãe. Ela sabe; ela tem de saber. Não me obriguem a dizê-lo em voz

alta.

— Anna - insiste o Campbell -, que lhe pediu ela? Abano a cabeça, de lábios apertados, e o juiz DeSalvo inclina-se para a frente: - Anna, terá de responder a esta pergunta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 336

— Está bem. - A verdade irrompe de mim; como um rio furioso, agora que a barragem foi destruída. - Ela pediu-me para a matar.

A primeira coisa que estava errada foi que a Kate tinha trancado a porta do nosso quarto, quando não havia propriamente uma fechadura, o que significava que ela ou tinha empurrado a mobília ou tinha entalado uma moeda na porta.

— Kate - gritei, batendo à porta, porque estava suada e nojenta de vir dos treinos de hóquei e queria tomar um duche e mudar de roupa. - Kate, isto não é justo.

Acho que fiz bastante barulho, porque ela abriu a porta. E essa foi a segunda coisa: havia qualquer coisa de errado no quarto. Olhei em volta, mas parecia estar tudo no sítio -

e o mais importante de tudo, nenhuma das minhas coisas fora remexida - e no entanto, a Kate ainda parecia estar mergulhada em mistério.

— Qual é o teu problema? - perguntei, e depois fui à casa de banho, liguei o chuveiro e cheirei - um odor doce e quase irado, o mesmo cheiro a bebida que eu associava ao apartamento do Jesse. Comecei a abrir os armários, a procurar entre as toalhas para tentar encontrar a prova, sem querer fazer nenhum trocadilho, e havia mesmo uma garrafa de whiskey meio vazia escondida atrás das caixas de tampões.

— Olha só. . - disse eu, exibindo-a e voltando para o quarto, a pensar que tinha um óptimo instrumento de chantagem para usar em meu proveito durante uns tempos, e então vi a Kate com os comprimidos na mão.

— O que estás a fazer? A Kate virou-se para o outro lado.

— Deixa-me em paz, Anna.

— Estás doida? - Não - disse a Kate. - Estou apenas farta de estar à espera de uma coisa que vai acontecer de qualquer maneira.

Acho que já lixei a vida de toda a gente o tempo suficiente, não achas? - Mas todos nós nos esforçámos tanto para te manter viva.

Não podes suicidar-te.

De repente a Kate começou a chorar.

— Eu sei. Não posso.

Demorei alguns momentos para perceber que isso significava que ela já tinha tentado antes.

A minha mãe levanta-se devagar.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 337

— Não é verdade - diz ela, com a voz tensa, tão fina como vidro.

- Anna, não sei porque haverias de dizer isso.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Porque haveria eu de inventar? Ela aproxima-se.

— Talvez tivesses compreendido mal. Talvez ela estivesse apenas a ter um dia mau, ou a ser dramática. - Ela sorri de forma dolorosa como quem tem na verdade vontade de chorar. - Porque se ela estivesse assim tão perturbada, ter-me-ia contado.

— Ela não podia contar-te - respondo. - Tinha demasiado medo de te matar também ao suicidar-se. - Não consigo recuperar o fôlego. Estou a afundar-me num fosso de alcatrão; estou a correr e o chão desapareceu debaixo dos meus pés. O Campbell pede ao juiz alguns minutos para que eu me recomponha, mas mesmo que o juiz DeSalvo tenha respondido, estou a chorar tanto que não ouço.

— Não quero que ela morra, mas sei que ela não quer viver assim, e sou eu que posso dar-lhe o que ela quer. - Mantenho os olhos fixos na minha mãe, mesmo que ela esteja a afastar-se de mim. - Fui sempre eu que pude dar-lhe o que ela queria.

Da vez seguinte que aconteceu foi depois de a minha mãe ter entrado no nosso quarto para falar sobre a doação de um rim.

— Não faças isso - disse a Kate, quando eles se foram embora. Olhei para ela.

— De que estás tu a falar? É claro que faço.

Nós estávamos a despir-nos, e eu reparei que tínhamos escolhido os mesmos pijamas - de cetim brilhante com cerejas estampadas. Quando nos enfiámos na cama pensei que era como

quando éramos pequenas, quando os nossos pais nos vestiam de igual por acharem engraçado.

— Achas que ia resultar? - perguntei. - Um transplante de rim? A Kate olhou para mim.

— Talvez. - Inclinou-se para a frente, com a mão no interruptor da luz. - Não faças isso - repetiu ela, e só quando a ouvi pela segunda vez é que entendi o que ela realmente estava a dizer.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 338

A minha mãe está tão perto de mim, que sinto a sua respiração, e vejo nos seus olhos todos os erros que ela já cometeu. O meu pai aparece e coloca o braço em volta dos ombros dela.

— Anda sentar-te - sussurra ele para os seus cabelos.

— Meritíssimo - diz o Campbell, pondo-se de pé. - Posso? Dirige-se para mim, com o Juiz mesmo ao seu lado. Estou tão abalada quanto ele. Penso naquele cão há uma hora. Como é que ele sabia perfeitamente do que o Campbell precisava e quando? - Anna, gosta da sua irmã? - Claro.

— E estava disposta a tomar uma decisão que poderia matá-la? Algo lampeja dentro de mim.

— Era para que ela não tivesse de passar mais por isto. Achei que era isso que ela queria.

Ele fica calado; e, naquele momento, eu percebo: ele sabe. Dentro de mim, algo cede.

— Era. . era o que eu queria também.

Estávamos na cozinha, a lavar e a enxugar a loiça.

— Tu detestas ir para o hospital - disse a Kate.

— Bem, dah. - Coloco os garfos e as colheres, já limpos, de novo na gaveta.

— Sei que eras capaz de fazer qualquer coisa para nunca mais teres de ir para lá.

Olhei para ela.

— Claro. Porque tu estarias saudável.

— Ou morta. - A Kate mergulhou as mãos na água com detergente, com cuidado para não olhar para mim. - Pensa nisso, Anna. Podias ir para os teus campos de hóquei.

Podias escolher uma universidade noutra país. Podias fazer tudo o que te apetecesse sem nunca teres de te preocupar comigo.

Ela tirou estes exemplos directamente da minha cabeça, e eu conseguia sentir-me a corar, envergonhada pelo simples facto de eles lá estarem para serem trazidos cá para fora. Se a Kate se sentia culpada por ser um fardo, então eu estava a sentir-me duas vezes mais culpada por saber que ela se sentia assim. Por saber que eu me sentia assim.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 339

Não falámos depois disso. Enxuguei tudo que ela me ia dando, e ambas tentámos fingir que não sabíamos a verdade: que para além da parte de mim que sempre quis que a Kate vivesse, existe outra parte de mim, horrível, que por vezes deseja que eu seja livre.

Pronto, eles percebem: eu sou um monstro. Instaurei este processo legal por algumas razões das quais me orgulho e por muitas das quais não me orgulho. E agora o Campbell vai perceber porque é que eu não podia ser testemunha - não por ter medo de falar em frente a toda a gente - mas por causa de todos estes sentimentos terríveis, alguns demasiado horríveis para serem ditos em voz alta. Que eu quero que a Kate se mantenha viva, mas que também quero ser eu própria, e não uma parte dela. Que eu quero ter a oportunidade de crescer, mesmo que a Kate não possa. Que a morte da Kate seria a pior coisa que me podia acontecer.. e também a melhor.

Que por vezes, quando penso sobre isto tudo, odeio-me a mim própria e desejo apenas rastejar para onde estava, para a pessoa que querem que eu seja.

Agora toda a gente na sala de audiências está a olhar para mim, e eu tenho a certeza de que a barra das testemunhas, ou a minha pele, ou ambas, estão prestes a implodir. Através desta lupa, conseguem ver o âmago miserável que existe no fundo do meu ser. Talvez se continuarem a olhar para mim, eu me desfaça em fumo azul e amargo.

Talvez desapareça sem deixar rasto.

— Anna - diz o Campbell calmamente -, o que a fez pensar que a Kate desejava morrer? - Ela disse que estava pronta.

Ele caminha na minha direcção até ficar mesmo à minha frente.

— Não é possível que essa seja a mesma razão pela qual ela lhe pediu para a ajudar? Eu olho para cima devagar, e desembrulho este presente que o Campbell acabou de me dar. E se a Kate quisesse morrer, para que eu pudesse viver? E se, depois de todos estes anos a salvar a Kate, ela estivesse apenas a tentar fazer o mesmo por mim? - Disse à Kate que ia deixar de ser dadora? - Sim - sussurro.

— Quando? - Na noite antes de o ter contratado.

— Anna, o que disse a Kate? Até agora, não tinha pensado verdadeiramente no assunto, mas o Campbell avivou-me a memória. A minha irmã tinha ficado muito calada, *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 340

tão calada que eu pensei que ela tivesse adormecido. E depois voltou-se para mim com o mundo inteiro nos olhos, e um sorriso que se desmoronava como uma falha geológica.

Eu olho para o Campbell.

— Ela disse obrigada.

Sara

Foi o juiz DeSalvo que teve a idéia de fazermos uma visita de estudo, para poder falar com a Kate. Quando chegamos todos ao hospital, ela está sentada na cama, a olhar distraidamente para o televisor que o Jesse muda de canal com o comando. Está magra, com a pele amarelada, mas está consciente.

— O homem de lata - pergunta o Jesse -, ou o espantalho? - O espantalho ia ficar sem enchimento - diz a Kate. - O Chynna do WWF, ou o Caçador de Crocodilos? O Jesse resfolega.

— O tipo dos crocodilos. Toda a gente sabe que o WWF é uma treta. - Olha para ela. - O Ghandi ou o Martin Luther King, Jr.

— Eles não assinariam a renúncia.

— Estamos a falar do Boxe das Celebridades na Fox, boneca diz o Jesse. - O que te faz pensar que se preocupariam com uma renúncia? A Kate sorri.

— Um deles ia sentar-se no ringue, e o outro recusar-se-ia a pôr a protecção na boca. - É nesta altura que eu entro no quarto.

— Olha, Mãe - pergunta ela -, quem achas que ganharia o Combate de Boxe Hipotético das Celebridades - Márcia ou Jan Brady? Nesse momento repara que não estou sozinha. Enquanto toda a gente vai entrando no quarto, os seus olhos ficam muito abertos, e puxa os cobertores mais para cima. Olha directamente para a Anna, mas a irmã recusa-se a retribuir-lhe o olhar.

— O que se passa? O juiz avança, agarra-me no braço.

— Eu sei que quer falar com ela, Sara, mas eu preciso de falar com ela. - Ele aproxima-se, estendendo a mão. - Olá, Kate. Eu sou o juiz DeSalvo. Estava a pensar que talvez pudesse falar consigo por alguns minutos? A sós, - acrescenta ele, e um por um, todos os outros deixam o quarto.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 341

Sou a última a ir embora. Observo a Kate a encostar-se para trás nas almofadas, repentinamente exausta de novo.

— Tinha um pressentimento de que viria - diz ela ao juiz.

— Porquê? - Porque - diz a Kate - tudo se resume sempre a mim.

Há cerca de cinco anos uma família comprou a casa em frente à nossa e demoliu-a, no desejo de construir uma diferente. Apenas foram necessários um bulldozer e meia dúzia de contentores para os detritos; em menos de uma manhã essa estrutura, que víamos de cada vez que saíamos de casa, ficou reduzida a um monte de escombros.

Pensamos que uma casa dura para sempre, mas na verdade, um vento forte ou uma bola de demolições podem devastá-la. A família que está lá dentro não é muito diferente.

Actualmente, já quase não consigo lembrar-me de como era a casa anterior. Saio pela porta de entrada e nunca me lembro dos longos meses em que o love vazio sobressaía, conspícuo na sua ausência, como um dente arrancado. Demorou algum tempo, mas os novos donos reconstruíram mesmo.

Quando o juiz DeSalvo sai, carrancudo e perturbado, o Campbell, o Brian e eu levantamo-nos.

— Amanhã - diz ele. - O início da sessão é às nove da manhã.

— com um gesto ao Vern para que o seguisse, ele percorre o corredor.

— Anda lá - diz Julia ao Campbell. - Estás à mercê da minha chaperonagem.

— Essa palavra não existe. - Mas em vez de a seguir, ele dirige-se a mim.

— Sara - diz ele simplesmente -, desculpe. - Ele dá-me mais um presente. - Pode levar a Anna a casa? Assim que se vão embora, a Anna volta-se para mim.

— Preciso mesmo de ver a Kate. Ponho um braço à volta dela.

— É claro.

Entramos, só a nossa família, e a Anna senta-se na beira da cama da Kate.

— Olá - murmura a Kate, abrindo os olhos.

A Anna abana a cabeça; demora um momento para encontrar as palavras certas.

— Eu tentei - diz ela por fim, com a voz presa como algodão nos espinhos, enquanto a Kate lhe segura na mão.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 342

O Jesse senta-se do outro lado. Os três no mesmo sítio; faz-me lembrar a fotografia para o cartão de Natal que costumávamos tirar em Outubro, empoleirando-os por ordem de alturas nos ramos de um ácer ou num muro de pedra, um momento fixo para que possam ser lembrados por todos.

— O Alf ou o Mr. Ed - diz o Jesse.

Os cantos da boca da Kate voltam-se para cima.

— O cavalo. No oitavo assalto.

— Boa.

Por fim o Brian inclina-se para baixo, beija a testa da Kate.

— Querida, dorme bem. - Enquanto a Anna e o Jesse saem para o corredor, ele também se despede de mim com um beijo.

— Telefona-me - sussurra.

E então, quando todos se foram embora, sento-me ao lado da minha filha. Os seus braços são tão magros que consigo ver os ossos a deslocarem-se quando ela se movimenta; os seus olhos parecem mais velhos do que os meus.

— Deves querer fazer algumas perguntas - diz a Kate.

— Talvez mais tarde - respondo, surpreendendo-me a mim própria. Subo para a cama e envolvo-a nos meus braços.

Apercebo-me de que nunca temos filhos só os recebemos. E de que às vezes não é por tanto tempo quanto queríamos ou esperávamos. Mas é de longe melhor do que nunca chegar a ter esses filhos.

— Kate - confesso - desculpa.

Ela afasta-se de mim, até conseguir olhar-me nos olhos.

— Não lamente - diz ela intensamente. - Porque eu não lamento. - Tenta sorrir, tenta com tanta força. - Foi boa, mãe, não foi? Mordo o lábio, sinto o peso das lágrimas.

— A melhor de todas - respondo.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 343

QUINTA-FEIRA

Um incêndio extingue as chamas de outro.

Uma dor é atenuada pela angústia de outra.
— WILLIAM SHAKESPEARE, Romeu e Julieta

Campbell

Está a chover.

Quando entro na sala de estar, o Juiz tem o focinho encostado contra a parede de vidro que preenche um dos lados do apartamento. Ele gane para as gotas que passam por ele aos ziguezagues.

— Não podes apanhá-las - digo eu, fazendo-lhe festas na cabeça. - Não consegues chegar ao outro lado.

Sento-me no tapete ao lado dele, sabendo que preciso de me levantar, de me vestir e de ir para o tribunal; sabendo que devia estar a rever novamente o meu argumento final e não estar aqui sentado sem fazer nada. Mas há algo de hipnótico neste tempo. Costumava sentar-me no banco da frente do Jaguar do meu pai, a observar as gotas de chuva nas suas missões suicidas como kamikazes de uma ponta do pára-brisas até à escova do limpa pára-brisas. Ele gostava de ter os limpa pára-brisas na velocidade intermitente, por isso o mundo tornava-se aquoso do meu lado do vidro durante quarteirões inteiros de cada vez. Ficava doido. Quando tu conduzires, costumava dizer o meu pai quando eu me queixava, podes fazer o que quiseres.

— Queres tomar duche primeiro? A Julia está à entrada da porta aberta do quarto, vestindo uma das minhas T-shirts. Chega-lhe ao meio da coxa. Ela encolhe os dedos dos pés afundando-os na carpete.

— Vai tu primeiro - digo-lhe eu. - Que eu posso sempre ir para a varanda.

Ela repara no tempo.

— Está horrível lá fora, não está? - Um bom dia para estar enfiado no tribunal -

respondo, mas sem grande convicção. Não quero enfrentar a decisão do juiz DeSalvo hoje, e pela primeira vez isso não tem nada a ver com o facto de perder este caso. Fiz o melhor *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 344

que podia, tendo em conta o que a Anna admitiu na barra das testemunhas. E também espero mesmo que a tenha feito sentir-se um pouco melhor sobre aquilo que fez. Ela já não parece uma miúda indecisa, isso é verdade. Ela não parece egoísta. Parece ser apenas como todos nós - a tentar descobrir quem realmente é, e o que fazer com isso.

A verdade é que, como me disse uma vez a Anna, ninguém vai ganhar. Vamos apresentar os nossos argumentos finais e ouvir a opinião do juiz e mesmo nessa altura, não estará tudo acabado.

Em vez de se dirigir de novo para a casa de banho, a Julia aproxima-se. Senta-se de pernas cruzadas ao meu lado e toca no vidro com os dedos.

— Campbell - diz ela -, não sei como hei-de dizer-te isto. Tudo dentro de mim fica imóvel.

— Depressa - sugiro.

— Detesto o teu apartamento.

Sigo o seu olhar desde a carpete cinzenta ao sofá preto, à parede espelhada e às prateleiras laçadas. Está cheio de arestas aguçadas e obras de arte caras. Possui os aparelhos electrónicos mais sofisticados, campainhas e apitos. É uma habitação de sonho, mas não é a casa de ninguém.

— Sabes - digo eu. - Eu também o detesto.

Jesse

Está a chover.

Vou lá para fora, e começo a andar. Dirijo-me para a rua e passo pela escola primária e por dois cruzamentos. Ao fim de cinco minutos já estou encharcado até aos ossos. Nessa altura começo a correr. A correr tão depressa que os meus pulmões começam a arder e as minhas pernas a doer, e, finalmente, quando já não consigo dar nem mais um passo, atiro-me de costas para o meio do campo de futebol do liceu.

Uma vez, tomei ácido durante uma trovoada como esta. Deitei-me a observar o céu a desabar. Imaginei as gotas de chuva a derreterem em cima da minha pele. Esperei que um relâmpago me atravessasse o coração como uma seta, e me fizesse sentir cem por cento vivo pela primeira vez na minha vida miserável.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 345

O relâmpago teve a sua oportunidade e não veio nesse dia. Também não vem esta manhã.

Portanto levanto-me, afasto o cabelo dos olhos e tento arranjar um plano melhor.

Anna

Está a chover.

O tipo de chuva que cai tão forte que parece a água a correr no chuveiro, mesmo depois de o termos fechado. O tipo de chuva que nos faz pensar em barragens e dilúvios repentinos, arcas. O tipo de chuva que nos diz para voltarmos para a cama, onde os lençóis ainda não perderam o calor do nosso corpo, para fingirmos que o relógio está cinco minutos adiantado.

Perguntem a qualquer miúdo que já tenha completado o quarto ano e ele é capaz de vos dizer: a água nunca pára de se movimentar. A chuva cai, e desce montanha abaixo para um rio. O rio segue o seu caminho até ao oceano. Evapora-se, como uma alma, até chegar às nuvens. E depois, como em todo o resto, começa tudo de novo.

Brian

No dia em que a Anna nasce, na véspera de Ano Novo, e demasiado quente para essa época do ano. O deveria ter sido neve, transformou-se numa chuva torrencial. As estâncias de esqui tiveram de ser encerradas no Natal, porque todas as suas pistas ficaram alagadas. Conduzindo o carro até ao hospital com a minha mulher ao meu lado em trabalho de parto, mal conseguia ver através do vidro. Houve estrelas nessa noite, devido às nuvens carregadas de chuva. E talvez por causa disso, quando a Anna veio a este mundo, eu disse à Sara: - Vamos chamar-lhe Ândrómeda. Anna, como diminutivo.

— Ândrómeda? - perguntou ela. - Como no livro de ficção científica? - Como a princesa - corrigi. Cruzei o meu olhar com o seu por cima da minúscula cabeça da nossa filha. - No céu - expliquei - ela está entre a mãe e o pai.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 346

Sara

Está a chover.

Não é um começo auspicioso, penso eu. Ordeno os meus dossiers em cima da mesa, tentando parecer mais hábil do que realmente sou. Quem é que eu andava a enganar? Não sou nenhuma advogada, não sou nenhuma profissional. Fui apenas mãe, e nem sequer nisso fiz um bom trabalho.

— Dr. a Fitzgerald? - instiga o juiz.

Respiro fundo, olho para a algaraviada incompreensível, e agarro no maço inteiro de dossiers. De pé, aclaro a garganta, e começo a ler em voz alta.

— Neste país temos uma longa tradição legal de permitir aos pais tomarem decisões pelos filhos. Faz parte do que os tribunais sempre consideraram como sendo o direito constitucional à privacidade. E tendo em conta todas as provas que foram transmitidas a este tribunal... - De repente, ouve-se um trovão, e deixo cair ao chão todas as minhas notas. Ajoelhando-me, procuro desajeitadamente apanhá-las, mas é claro que agora já não estão por ordem. Tento reordenar o que tenho à minha frente, mas nada faz sentido.

Oh, que se lixe. Também não era isso que eu precisava de dizer.

— Meritíssimo - pergunto - posso recomeçar? Quando ele acena com a cabeça, volto-lhe as costas, e dirijo-me para junto da minha filha, que está sentada ao lado de Campbell.

— Anna - digo-lhe - eu amo-te. Amava-te mesmo antes de te ter visto, e vou amar-te muito depois de já não estar aqui para o dizer. E sei que por ser mãe, devo ter uma resposta para tudo, mas não tenho. Todos os dias me questiono se estarei a agir correctamente. Questiono-me se não perderei a minha perspectiva relativamente a ser tua mãe, por estar tão ocupada a ser a mãe da Kate.

Dou alguns passos em frente.

— Eu sei que me agarro a cada vislumbre de hipótese de cura para a Kate, mas não sei agir de outra maneira. E mesmo que não concordes comigo, mesmo que a Kate não concorde comigo, eu

quero poder dizer Eu bem te disse. Daqui a dez anos, quero ver os teus filhos no teu colo e nos teus braços, porque nessa altura é que compreenderás, Eu *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 347

tenho uma irmã, portanto sei - essa relação centra-se na justiça: queremos que a nossa irmã tenha exactamente o que nós temos - a mesma quantidade de brinquedos, o mesmo número de almôndegas no esparguete, a mesma porção de amor. Mas ser mãe é completamente diferente. Queremos que a nossa filha tenha mais do que nós alguma vez tivemos. Queremos fazer uma fogueira debaixo dela e vê-la a elevar-se bem alto. É maior do que as palavras. - Toco no meu peito. - E mesmo assim consegue caber tudo bem arrumado aqui dentro. Volto-me para o juiz DeSalvo.

— Eu não queria vir ao tribunal, mas tinha de o fazer. Da forma como funciona a Lei, se um peticionário agir - mesmo que se trate do nosso próprio filho - temos de ter uma reacção. E, assim, vi-me obrigada a explicar, eloqüentemente, por que razão creio saber melhor do que a Anna o que é melhor para ela. No entanto, quando nos debruçamos sobre o assunto, explicar em que acreditamos não é assim tão fácil. Se dissermos que acreditamos que alguma coisa é verdadeira, podemos estar a referir-nos a duas coisas - que ainda estamos a ponderar as alternativas, ou que aceitamos isso como um facto. Não entendo, logicamente, como é que uma única palavra pode ter definições contraditórias mas emocionalmente, compreendo perfeitamente. Porque há alturas em que penso que estou a agir correctamente, e há outras em que me questiono a cada passo.

— Mesmo que o tribunal delibere a meu favor hoje, eu não poderia obrigar a Anna a doar um rim. Ninguém poderia. Mas será que ia suplicar-lhe? Será que desejaria fazê-lo, mesmo que me dominasse? Não sei, nem mesmo depois de falar com a Kate, e depois de ouvir a Anna. Não estou certa daquilo em que devo acreditar; nunca estive. Eu sei, incontestavelmente, duas coisas apenas: que este processo legal nunca se prendeu verdadeiramente com a doação de um rim... mas sim com o facto de se ter uma escolha. E

que nunca ninguém toma decisões totalmente sozinho, nem que um juiz lhe conceda o direito de o fazer.

Por fim, viro-me de frente para Campbell.

— Há muito tempo fui advogada. Mas já não sou. Sou mãe, e o que fiz nos últimos dezoito anos enquanto tal é mais difícil do que qualquer coisa que alguma vez tive de fazer numa sala de audiências. No início desta audiência, Dr. Alexander, referiu que *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 348

nenhum de nós tem a obrigação de penetrar num incêndio para salvar outra pessoa de um edifício em chamas. Mas tudo isso se altera quando somos pais e a pessoa que se encontra dentro desse edifício em chamas é o nosso filho. Se for esse o caso, não só toda a gente compreenderia se corrêsemos lá para dentro para irmos buscar o nosso filho -

como praticamente esperaria isso de nós.

Respiro fundo.

— Na minha vida, porém, aquele edifício estava em chamas, uma das minhas filhas estava lá dentro - e a única oportunidade de a salvar era enviar a minha outra filha, porque era ela a única que sabia o caminho. Será que eu sabia que estava a correr um risco? É claro que sim. Será que eu me apercebi de que isso poderia significar perdê-las a ambas?

Sim. Será que compreendi que talvez não fosse justo pedir-lhe que o fizesse? Sem dúvida.

Mas eu também sabia que era a única hipótese que tinha de ficar com as duas. Foi legal?

Foi moral? Foi loucura, ou disparate, ou crueldade? Não sei. Mas sei que foi certo.

Tendo terminado, sento-me na minha mesa. A chuva bate nas janelas à minha direita. Interrogo-me se alguma vez irá abrandar.

Campbell

Levanto-me, olho para as minhas notas, e, tal como Sara, deito-os para o lixo.

— Tal como a Dr. a Fitzgerald acabou de dizer, este caso não diz respeito ao facto de a Anna doar um rim. Não diz respeito ao facto de ela doar uma célula epidérmica, uma única célula sangüínea, um cordão de ADN. Diz respeito a uma rapariga que está prestes a tornar-se alguém. Uma rapariga que tem treze anos - o que é difícil, doloroso, maravilhoso e emocionante. Uma rapariga que pode não saber o que quer neste momento, e que pode não saber quem é neste momento, mas que merece ter a oportunidade de descobrir. E daqui a dez anos, na minha opinião, ela vai ser extraordinária. Dirijo-me ao lugar do juiz.

— Sabemos que pediram aos Fitzgerald para fazer o impossível: tomar decisões informadas sobre cuidados de saúde pelas suas duas filhas, que tinham interesses opostos em termos médicos. E se nós, tal como os Fitzgerald, não sabemos qual é a decisão acertada, então a pessoa a quem cabe a palavra final deverá ser a dona do corpo em *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 349

questão. . mesmo que se trate de uma rapariga de treze anos. E em última análise, este caso é acerca disto: do momento em que uma criança talvez saiba escolher melhor do que os seus pais.

Eu sei que quando a Anna tomou a decisão de instaurar este processo legal, não o fez pelas razões egoístas que se podiam esperar de uma jovem de treze anos. Ela não tomou esta decisão porque queria ser como as outras raparigas da sua idade. Ela não tomou esta decisão por estar farta de ser picada e sondada. Ela não tomou esta decisão por ter medo da dor.

Volto-me, e sorrio para ela.

— Sabem que mais? Não me surpreenderia se a Anna doasse esse rim à irmã apesar de tudo. Mas o que eu acho não interessa. Juiz DeSalvo, com todo o respeito, o que o senhor acha não interessa. O que a Sara e o Brian Fitzgerald acham não interessa. O

que a Anna acha sim interessa. - Dirijo-me de novo para a minha cadeira. - E é essa a única opinião a que deveríamos dar ouvidos.

O juiz DeSalvo anuncia um intervalo de quinze minutos para comunicar a sua decisão, e eu gasto-o a passear o cão. Contornamos o pequeno quadrado verde por detrás do edifício Garrahy, com Vern a vigiar os jornalistas que estão à espera do veredicto.

— Vá lá - digo eu, enquanto o Juiz dá a sua quarta volta sobre si mesmo, à procura do melhor local. - Ninguém está a ver.

Mas afinal isto não é completamente verdadeiro. Um miúdo, que não passava dos três ou quatro anos de idade, afasta-se da mãe e vem a correr em nossa direcção.

— Cãozinho! - grita ele. Estende as mãos em perseguição, e o Juiz aproxima-se de mim.

A mãe junta-se a nós um pouco mais tarde.

— Desculpe. O meu filho anda a atravessar uma fase canina. Podemos fazer-lhe festas? - Não - digo eu automaticamente. - Ele é um cão de serviço.

— Oh. - A mulher endireita-se, e afasta o filho. - Mas o senhor não é cego.

Sou epilético, e este é o cão que prevê os meus ataques. Penso em confessar, desta vez, pela primeira vez. Mas, pensando melhor, temos de ser capazes de nos rirmos *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 350

de nós próprios, não temos? - Sou advogado - digo eu, e sorrio-lhe. - Ele persegue ambulâncias em meu lugar.

Quando o Juiz e eu nos afastamos, eu estou a assobiar.

Quando o juiz DeSalvo regressa ao lugar traz consigo uma fotografia emoldurada da filha falecida, e é assim que fico a saber que perdi este caso.

— Uma coisa que me marcou ao longo da apresentação das provas - começa ele por dizer -, é que todos nós nesta sala de audiências nos envolvemos num debate sobre a qualidade de vida em oposição à santidade da vida. com certeza que os Fitzgerald acreditaram sempre que ter a Kate viva e fazendo parte da família era crucial - mas neste momento, a santidade da existência da Kate

ficou completamente entrelaçada com a qualidade de vida da Anna, e a minha função é averiguar se estas podem ser separadas.

Ele abana a cabeça.

— Não sei se algum de nós estará habilitado a decidir qual das duas é mais importante - muito menos eu. Eu sou pai. A minha filha Dena foi morta quando tinha doze anos por um condutor embriagado, e quando eu corri para o hospital nessa noite, teria dado tudo por mais um dia com ela. Os Fitzgerald estiveram catorze anos nessa situação, de serem solicitados a dar tudo para manter a filha viva por mais um tempo. Respeito as suas decisões. Admiro a sua coragem. Invejo-lhes o facto de terem tido essas oportunidades. Mas tal como os dois advogados fizeram notar, este caso já não é acerca do rim da Anna, é acerca de como estas decisões são tomadas e de como decidimos quem as deve tomar. Ele aclara a garganta.

— A resposta é que não existe uma boa resposta. Portanto, enquanto pais, enquanto médicos e enquanto sociedade, procuramos desajeitadamente tomar as decisões que nos deixam dormir à noite - porque a moral é mais importante do que a ética, e o amor é mais importante do que a Lei.

O juiz DeSalvo volta a sua atenção para a Anna, que se mexe desconfortavelmente na cadeira.

— A Kate não quer morrer - diz ele suavemente -, mas também não quer viver assim. E conhecendo isto, e conhecendo a Lei, há apenas uma decisão que eu posso *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 351

verdadeiramente tomar. A única pessoa que deveria ser autorizada a fazer essa escolha é precisamente aquela que está no cerne da questão.

Expiro pesadamente.

— E com isto, não me refiro à Kate, mas sim à Anna.

Ao meu lado, ela sustem a respiração.

— Um dos assuntos que foi referido nestes últimos dias prendeu-se com o facto de um jovem de treze anos ser capaz ou não de tomar decisões tão importantes e difíceis como esta. Eu argumentaria, porém, que a idade é a variável menos provável para

que haja um entendimento básico. Na verdade, alguns dos adultos que aqui estão parece que se esqueceram da regra mais simples da infância: Não se tira nada a ninguém sem pedir autorização. Anna, pode levantar-se, por favor? - pede ele.

Ela olha para mim, e eu aceno com a cabeça, levantando-me com ela.

— Neste momento - diz o juiz DeSalvo -, vou declará-la medicamente emancipada dos seus pais. Isso significa que embora continue a viver com eles, e embora eles possam dizer-lhe a que horas deve deitar-se, que programas de televisão pode ver e se tem ou não de acabar de comer os seus brócolos, relativamente a qualquer tratamento médico, terá a última palavra. - Ele volta-se para Sara. Dr. a Fitzgerald, Sr. Fitzgerald - vou pedir-lhes que se reúnam com a Ana e com o pediatra dela para discutirem os termos deste veredicto, para que o médico compreenda que precisa de falar directamente com a Anna.

E para que ela tenha uma orientação adicional, caso precise, vou pedir ao Dr. Alexander que seja seu procurador até aos dezoito anos de idade, para que possa ajudá-la a tomar algumas das decisões mais difíceis. Não estou de maneira nenhuma a sugerir que estas decisões não devam ser tomadas em conjunto com os pais - mas estou a afirmar que a decisão final deverá ser unicamente da Anna. - O juiz pousa o olhar em mim: - Dr.

Alexander, aceita esta responsabilidade? À excepção do Juiz, nunca tive de tomar conta de ninguém nem de nada antes. E agora tenho a Julia, e terei a Anna.

— É uma honra - digo, e sorrio para ela.

— Quero esses documentos assinados hoje, antes de deixarem o tribunal - ordena o juiz. - Boa sorte, Anna. Apareça de vez em quando para me dizer como vão as coisas.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 352

Ele bate com o seu martelo, e nós levantamo-nos quando ele sai da sala de audiências.

— Anna - digo eu, ao vê-la ficar imóvel e em choque ao meu lado. - Conseguiu.

A Julia junta-se a nós primeiro e inclina-se sobre a balaustrada da galeria para abraçar a Anna.

— Foste muito corajosa. - Por cima do ombro da Anna ela sorri para mim. - E tu também.

Mas então a Anna recua, e fica em frente aos pais. Estão à distância de um pé, e de um universo de tempo e conforto. Só naquele momento é que eu me apercebo de que já comecei a pensar na Anna como sendo mais velha do que a sua idade biológica, e no entanto, ela está insegura e é incapaz de estabelecer contacto visual.

— Então - diz o Brian, lançando uma ponte sobre a distância entre eles, puxando a sua filha para um abraço imperfeito. - Está tudo bem. - E depois Sara desliza para dentro desta confusão, com os braços a envolvê-los a ambos, com os ombros de todos a formar a ampla barreira de uma equipa que tem de reinventar o próprio jogo que joga.

Anna

A visibilidade é péssima. A chuva, se possível, está a cair ainda com mais força.

Tenho esta breve visão dela a bater no carro com tanta força que fax barulho, como uma lata de cola vazia, até se torna mais difícil respirar. Demoro um segundo para me aperceber de que isto não tem nada a haver com o tempo merdoso ou a claustrofobia latente, mas sim com o facto de a minha garganta ter metade da largura que costuma, com as lágrimas a endurecerem-na como uma artéria, de forma a que tudo aquilo que eu faça ou diga implica o dobro do esforço.

Já tenho a minha emancipação médica há meia hora por esta altura. O Campbell diz que a chuva é uma bênção, pois manteve os jornalistas afastados. Talvez eles me encontrem no hospital ou talvez não, mas nessa altura já estarei com a minha família e isso já não terá muita importância. Os meus pais foram-se embora antes de nós; tivemos de preencher a estúpida papelada. O Campbell ofereceu-se para me ir lá levar quando acabássemos, o que foi simpático tendo em conta que eu sei que a única coisa que ele *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 353

quer é estar com a Julia, o que eles parecem achar que é um tremendo mistério, mas não é. Imagino o que fará o Juiz, quando estão os dois juntos. Imagino se se sentirá posto de parte.

— Campbell? - pergunto sem mais nem menos. - O que acha que eu devo fazer?

Ele finge não saber do que estou a falar.

— Eu acabei de lutar bastante no tribunal pelo seu direito de escolha, portanto não vou dizer-lhe aquilo que acho.

— Ótimo - digo eu, afundando-me no assento. - Nem sequer sei quem verdadeiramente sou.

— Eu sei quem você é. É a melhor assistente de maçanetas em toda Providence Plantations. Tem uma língua afiada, escolhe as bolachinhas do Chex Mix, detesta matemática e .

Até é fixe, observar o Campbell a tentar preencher todos os espaços em branco.

— gosta de rapazes? - acaba ele, mas aquilo é uma pergunta.

— Alguns escapam - admito -, mas provavelmente vão todos crescer e ficar como você.

Ele sorri.

— Deus nos livre.

— O que vai fazer a seguir? O Campbell encolhe os ombros.

— Na verdade, talvez tenha de aceitar um caso remunerado.

— Para que possa continuar a sustentar a Julia ao nível a que ela está habituada? -

Pois - ri ele. - Algo do gênero.

Há um silêncio momentâneo, e apenas consigo ouvir o som do limpa pára-brisas.

Enfio as mãos debaixo das coxas, sentando-me em cima delas.

— Aquilo que disse no tribunal.. acha que eu vou ser extraordinária daqui a dez anos? - Ora, Anna Fitzgerald, está à procura de elogios? - Esqueça que eu disse alguma coisa. Ele olha para mim.

— Sim, acho. Acho que vai partir os corações dos rapazes, ou pintar em Montmartre, ou pilotar caças, ou percorrer regiões inexploradas. - Ele faz uma pausa. -

Talvez tudo isso.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 354

Houve uma altura em que eu, tal como a Kate, queria ser bailarina. Mas desde essa altura atravessei milhares de fases diferentes: quis ser astronauta; quis ser paleontóloga; quis pertencer ao coro da Aretha Franklin; quis ser membro do Governo, guarda-florestal do Parque Nacional de Yellowstone. Agora, dependendo do dia, por vezes quero ser microcirurgiã, poetisa ou caçadora de fantasmas.

Há apenas uma constante.

— Daqui a dez anos - digo eu -, quero ser irmã da Kate.

Brian

O meu pager começa a tocar mesmo quando a Kate inicia uma nova sessão de diálise. Um dois. carros, com um acidente de automóvel com feridos.

— Precisam de mim - digo à Sara. - Ficas bem? A ambulância dirige-se para a intersecção da Eddy com a Fountain, um cruzamento perigoso, agravado ainda por este tempo. Quando chego, os polícias já bloquearam a área. É um choque lateral: os dois veículos comprimidos um contra o outro devido à força bruta formando um aglomerado de aço retorcido. O camião safou-se melhor; o BMW, mais pequeno, encontra-se literalmente dobrado num sorriso contra a sua parte da frente. Saio do carro para a chuva, e dirijo-me ao primeiro polícia que encontro.

— Três feridos - diz ele. - Um deles já está a caminho. Encontro o Red a manobrar as ferramentas de desencarceramento; a tentar alcançar o lugar do passageiro do segundo carro para chegar até às vítimas.

— O que temos aqui? - grito eu por cima das sirenes.

— O primeiro condutor saiu pelo pára-brisas - grita ele em resposta. - O Caesar levou-a na ambulância. A segunda ambulância vem a caminho. Há duas pessoas aqui, pelo que vejo, mas ambas as portas parecem acordeões.

— Deixa-me ver se consigo rastejar por cima do camião. Começo a abrir caminho através do metal escorregadio e do vidro estilhaçado. O meu pé entra num buraco que eu não conseguia ver na caixa do camião, eu praguejo e tento libertar-me. com movimentos cuidadosos, iço-me para cima da cabina revestida do camião, movimentando-me para a frente. O condutor deve ter sido projectado através do pára-brisas, por cima do pequeno *A guardiã da minha irmã* – Jodi Picoult 355

BMW; toda a parte da frente do Ford-150 entrou pelo lado do passageiro do carro desportivo, como se este fosse feito de papel.

Tenho de rastejar para fora do que foi a janela do camião, porque o motor se encontra entre mim e a pessoa que está dentro do BMW. Mas se eu me torcer de uma certa maneira, existe um espaço minúsculo onde consigo enfiar-me, posicionando-me contra o vidro temperado, estilhaçado para formar uma teia de aranha, manchado de vermelho pelo sangue. E no momento em que o Red força a porta do lado do condutor libertando-a com os instrumentos de desencarceramento e um cão sai de lá a coxear, apercebo-me de que o rosto encostado do outro lado da janela partida é o da Anna.

— Tirem-nos de lá - grito -, tirem-nos de lá já! Não sei como consigo sair novamente deste esqueleto retorcido para empurrar o Red afastando-o do meu caminho; como liberto Campbell Alexander do seu cinto de segurança e o arrasto para o deitar na rua com a chuva a cair à sua volta; como consigo chegar lá dentro onde a minha filha se encontra imóvel e de olhos muito abertos, presa com o cinto de segurança como deveria estar e, Meu Deus, não.

O Paulie surge de repente, começa a tratar dela e antes que eu saiba o que estou a fazer bato-lhe, fazendo-o estatelar-se.

— Porra, Brian - diz ele, agarrado ao maxilar.

— É a Anna. Paulie, é a Anna.

Quando eles percebem, tentam manter-me afastado e fazer este trabalho por mim, mas é a minha filha e eu não vou permitir nada disso. Coloco-a em cima de um suporte rígido e prendo-a com as correias, deixando-os meterem-na dentro da ambulância. Puxo o queixo dela para trás, pronto para entubar, mas vejo a pequena cicatriz que ela fez quando caiu em cima do patim de gelo do Jesse, e vou-me abaixo. O Red afasta-me para o lado e fá-lo por mim. Depois verifica a pulsação.

— Está fraca - diz ele - mas está lá.

Ele introduz um tubo intravenoso enquanto eu agarro no rádio para contactar o nosso serviço de transporte de emergências.

— Treze anos, sexo feminino, AA, lesão fechada grave na cabeça..

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 356

— Quando o monitor cardíaco deixa de emitir sinal, largo o receptor e começo a fazer a reanimação cardio-respiratória. -

Tragam o desfibrilador, - ordeno, e abro a camisa da Anna, cortando as rendas do soutien que ela tanto queria mas não precisa. O Red dá-

lhe um choque, e recupera a pulsação, bradicardia com arritmia ventricular.

Colocamo-la em respiração assistida e a soro. O Paulie grita para a zona dos veículos pedindo uma ambulância e abre as portas de trás de par em par. Na maça com rodas, a Anna está imóvel. O Red agarra o meu braço, com força.

— Não penses nisso - diz ele, e agarra na parte superior da maça da Anna apressando-se a levá-la para as Urgências.

Não me deixam entrar na sala dos traumatizados. Um bando de bombeiros vai-se juntando, para dar apoio. Um deles vai ter com a Sara, que chega agitada.

— Onde está ela? O que é que aconteceu? - Um acidente de automóvel - consigo dizer. - Não sabia de quem se tratava até chegar lá.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas. Digo-lhe que ela não está a respirar sozinha? Digo-lhe que o electrocardiógrafo acusou paragem cardíaca? Digo-lhe que passei os últimos minutos a questionar cada coisa que fiz nesta missão, desde a forma como rastejei por cima do camião até ao momento em que a tirei dos destroços, certo de que as minhas emoções interferiram no que deveria ter sido feito, no que poderia ter sido feito?

Nesse momento ouço Campbell Alexander, e o som de algo a ser atirado contra uma parede.

— Bolas - diz ele. - Digam-me só se a trouxeram para aqui ou não! Ele sai de rompante pela porta de outra sala de traumatizados, com o braço engessado e as roupas ensangüentadas. O cão, coxeando, vem ao seu lado. De imediato, os olhos de Campbell fixam-se nos meus.

— Onde está a Anna? - pergunta ele.

Não respondo, sem saber que raio poderia eu dizer. E basta isso para que ele compreenda.

— Oh, meu Deus - sussurra ele. - Oh meu Deus, não.

O médico sai do quarto da Anna. Ele conhece-me; estou cá quatro noites por semana.

— Brian - diz ele com um tom sério -, ela não está a reagir aos estímulos nocivos.

O som que sai de mim é primitivo, desumano, onisciente.

— O que significa isso? - As palavras da Sara são como bicadas.

— O que está ele a dizer, Brian? - A Anna bateu com a cabeça na janela com muita força, Sr. a Fitzgerald. Causou uma lesão fatal. Um ventilador faz com que esteja a respirar neste momento, mas ela não mostra nenhuns sinais de actividade neurológica.. sofreu uma morte cerebral. Lamento diz o médico. - Sinceramente. - Ele hesita, olha para mim e depois para a Sara. - Eu sei que não é uma coisa em que queiram pensar neste momento, mas há uma hipótese muito pequena. . seriam capazes de considerar a doação de órgãos?

Há estrelas no céu nocturno que brilham mais do que as outras, e quando olhamos para elas através de um telescópio apercebemo-nos de que estamos a olhar para gêmeos. As duas estrelas giram em volta uma da outra, por vezes demorando quase cem anos para o fazer. Geram uma atracção gravitacional tão forte que não há lugar para mais nada à volta.

Podemos ver uma estrela azul, por exemplo, e só mais tarde nos apercebermos de que ela tem uma anã branca por companheira - a primeira brilha tão intensamente, que na altura em que reparamos na segunda, é de facto tarde de mais.

Na realidade é Campbell que responde ao médico.

— Eu é que tenho uma procuração da Anna - explica ele -, não são os pais. - Ele olha para mim, e depois para a Sara. - E há uma rapariga lá em cima que precisa desse rim.

Sara

Na maioria das línguas, ou em todas, há órfãos e viúvas, mas não existe nenhuma palavra para designar um pai que perde um filho.

Trazem-na novamente para junto de nós depois de terem sido retirados os órgãos para doação. Eu sou a última a entrar. No corredor, já estão o Jesse, a Zanne, o Campbell, algumas das enfermeiras que ficámos a conhecer bem e até a Julia Romano - as pessoas que precisavam de se despedir.

O Brian e eu entramos lá dentro, onde a Anna jaz pequena e imóvel na cama de hospital. Tem um tubo enfiado na garganta, uma máquina respira por ela. Nós é que devemos desligá-la. Sento-me na beira da cama e agarro na mão da Anna, ainda quente *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 358*

ao toque, ainda macia dentro da minha. Afinal, depois de todos estes anos que passei à espera de um momento como este, sinto-me completamente perdida. É como colorir o céu com um lápis de cor; não há linguagem para uma dor assim tão grande.

— Não consigo - sussurro.

O Brian vem por trás de mim.

— Querida, ela não está ali. É a máquina que mantém o seu corpo vivo. Aquilo que faz a Anna ser a Anna já desapareceu.

Eu volto-me, afundo o meu rosto no seu peito.

— Mas ela não devia morrer - soluço.

Então abraçamo-nos, e quando eu me sinto com coragem suficiente olho de novo para o invólucro que anteriormente continha a minha filha mais nova. Ele tem razão, afinal.

Não passa de uma casca. Não há energia nas linhas do seu rosto; há uma ausência frouxa nos seus músculos. Debaixo desta pele, retiraram-lhe os órgãos que irão para a Kate e para outras pessoas, sem nome, como uma segunda oportunidade.

— Está bem. - Respiro fundo. Coloco a mão sobre o peito da Anna enquanto o Brian, a tremer, desliga o ventilador. Massajo a

sua pele em pequenos círculos, como se isto facilitasse. Quando nos monitores surge uma linha recta, espero ver alguma alteração nela. E depois sinto o seu coração a parar debaixo da palma da minha mão - aquela diminuta perda de ritmo, aquela calma vazia, aquela perda absoluta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 359

Epílogo

Quando no passeio, Chamas de vida palpitantes, As pessoas
passam por mim vacilantes, Esqueço a minha perda, O vazio na
grande constelação, O sítio onde havia uma estrela.

— D. H. LAWRENCE, "Submergence"

Kate

2010

Deveria haver um estatuto de limitação da dor. Um manual que diga que não há problema em acordar a chorar, mas apenas durante um mês. Que após quarenta e dois dias deixamos de nos voltar com o coração acelerado, com a certeza de a ter ouvido a chamar. Que não haverá nenhuma multa se tivermos necessidade de arrumar a sua secretária; de tirar os seus desenhos do frigorífico-, voltar uma fotografia tirada na escola quando passamos - apenas porque nos fere de novo só por vê-la. Que não há problema em contar o tempo desde que ela faleceu, da mesma forma que antes contávamos os seus aniversários.

Durante muito tempo, depois, o meu pai afirmava ter visto a Anna no céu nocturno. Por vezes era um piscar de olhos, por vezes era o contorno do seu perfil. Ele insistia que as estrelas eram pessoas tão bem amadas que eram dispostas em constelações, para viverem para sempre. A minha mãe acreditou, durante muito tempo, que a Anna regressaria para junto dela. Começou a procurar sinais - plantas que floresciam demasiado cedo, ovos com gemas duplas, sal entornado formando letras.

E eu, bem, eu comecei a odiar-me a mim própria. Tudo isto, é claro, tinha acontecido por minha culpa. Se a Anna nunca tivesse instaurado aquele processo legal, se não tivesse ficado na sala de audiências a assinar aqueles papéis com o advogado, nunca teria estado naquele preciso cruzamento naquele preciso momento. Teria estado aqui, e seria eu que voltaria para a assombrar.

Durante muito tempo, estive doente. O transplante quase falhou, e então, inexplicavelmente, iniciei o longo e íngreme percurso ascendente. Já se passaram quase oito anos desde a minha última recaída, algo que nem sequer o Dr. Chance consegue *A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult* 360

entender. Ele pensa ser uma combinação do ATR e da terapia com arsênico - um efeito contributivo atrasado - mas eu sei que não. É que alguém tinha de ir, e a Anna foi no meu lugar.

A dor é uma coisa curiosa, quando acontece inesperadamente. É um penso rápido a ser arrancado, levando a cobertura de uma família. E as suas entranhas nunca são agradáveis, a nossa não é uma excepção. Houve as alturas em que permaneci no meu quarto dias a fio com os auscultadores postos, para não ter de ouvir a minha mãe chorar.

Houve as semanas em que o meu pai fazia turnos de vinte e quatro horas, para não ter de voltar para uma casa que parecia grande de mais para nós.

Então numa manhã, a minha mãe apercebeu-se de que tínhamos comido tudo o que havia em casa, tudo até à última passa mirrada e à última migalha de bolacha integral, e foi à mercearia. O meu pai pagou uma conta ou duas. Eu sentei-me a ver televisão e assisti a um velho episódio de I Love Lucy e comecei a rir.

De imediato, sentime como se tivesse profanado um altar. Pus a mão sobre a boca, envergonhada. O Jesse que estava sentado ao meu lado no sofá, disse: - Ela também haveria de ter achado graça.

É que, por muito que queiramos agarrar-nos à amarga e dolorosa lembrança de que alguém deixou este mundo, ainda nos encontramos nele. E o próprio acto de viver é como uma maré: de início parece não ser nada importante, e então um dia olhamos para baixo e vemos o quanto a dor consumiu.

Gostava de saber até que ponto ela nos vigia. Se sabe que durante bastante tempo, mantivemos relações próximas com o Campbell e com ajulia, e que até fomos ao casamento deles. Se compreende que já não continuamos a visitá-los porque simplesmente era demasiado doloroso, porque mesmo quando não falávamos sobre a Anna, ela ficava nos espaços entre as palavras, como o cheiro a queimado.

Interrogo-me se ela terá estado na formatura do Jesse na academia de polícia, se sabe que ele ganhou uma menção do presidente da câmara, no ano passado, pelo seu papel numa apreensão de drogas. Interrogo-me se terá sabido que o pai se

agarrou a uma garrafa depois de ela ter falecido, e que teve de lutar para encontrar o caminho de volta.

A guardiã da minha irmã – Jodi Picoult 361

Interrogo-me se ela saberá que agora ensino crianças a dançar. Que de cada vez que vejo duas meninas na barra, afazer pliés, penso em nós.

Ela ainda me surpreende. Como quando, quase um ano após a sua morte, a minha mãe chegou com um rolo de fotografias que tinha acabado de revelar da minha formatura do liceu. Sentámo-nos as duas à mesa da cozinha, ao lado uma da outra, tentando não mencionar enquanto olhávamos para todos os sorrisos duplamente rasgados, que faltava uma pessoa na fotografia.

E depois, como se a tivéssemos invocado, a última fotografia era da Anna. Tinha passado todo esse tempo desde que tínhamos usado a máquina fotográfica, pura e simplesmente. Ela estava numa toalha de praia, estendendo uma mão para o fotógrafo, tentando impedir quem quer que fosse de lhe tirar a fotografia.

A minha mãe e eu ficámos sentadas à mesa da cozinha a olhar para a Anna até o Sol se pôr, até termos memorizado tudo desde a cor do elástico do seu rabo-de-cavalo até ao padrão de franjas no seu biquíni. Até já não termos a certeza de ainda estarmos a vê-la nitidamente.

A minha mãe deixou-me ficar com aquela fotografia da Anna. Mas eu não a emoldurei; coloquei-a dentro de um envelope, fechei-o e enfiiei-o no fundo de uma gaveta de um armário. Está lá, para o caso de um dia destes começar a perdê-la.

Pode haver uma manhã em que eu acorde e o seu rosto não seja a primeira coisa que veja. Ou uma tarde ociosa de Agosto em que já não me consiga lembrar de onde se situavam as sardas do seu ombro direito. Talvez um dia destes não consiga ouvir o som da neve a cair e depois os seus passos.

Quando começo a sentir-me assim, vou à casa de banho, levanto a camisola e toco nas linhas brancas da minha cicatriz. Lembro-me de como, de início, achei que os pontos traçavam o seu nome. Penso no seu rim a trabalhar dentro de mim e no seu sangue

a correr nas minhas veias. Eu levo-a comigo, para onde quer que vá.